

D M . P A G E R

ESPOSA DE MENTIRINHA





ESPOSA DE MENTIRINHA

D. M. PAGER

Dedico esse livro a cada pessoa que fez meus dias melhores, transformando essa historia, fazendo parte e vivendo cada minuto dela. E também a minha família que achava que eu estava aprontando alguma com vários namorados imaginários sempre que fechava todas as abas, era apenas uma historia família! E a todos os meus amigos que não pouparam elogios e incentivos, obrigada a todos.

ÍNDICE

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

CAPÍTULO 1

MELISSA

É pai, você me disse que anjos da guarda existem, mas não é o que parece, porque ou eles não existem coisíssima nenhuma – realmente – ou o meu fugiu de mim – o que provavelmente é mais certo. Quer saber o porquê de eu estar tão furiosa e na chuva? Bom, eu perdi meu segundo emprego em menos de duas semanas. Eu sei, você deve estar bufando aí do céu, mas dessa vez a culpa não foi minha, foi daquele velho tarado que bateu na minha bunda, e sim, eu soquei a cara dele, e sim, eu também sei que não devia – talvez, porque agora estou sem emprego de novo. Seria bem mais inteligente ter batido nele fora do meu ambiente de trabalho, me pouparia muitas coisas agora.

Mesmo me lamentando, eu sabia que não estava nem um pouco arrependida e lá no fundo era ódio o que eu mais sentia. Bom, se não pagasse as minhas contas em menos de um mês ficaria sem a casa que era do meu pai e na rua. Porque primeiro, eu abandonei a casa em outra dimensão – estado – e não sabia o estado em que se encontrava desde então, além das cartas que recebia de dividas e que em breve seria perdida para alguém sortudo com dinheiro suficiente para pagar os impostos. E na rua – literalmente – se não pagasse os aluguéis atrasados do meu apartamento horrendo, porem confortável.

Ótimo!

O táxi passou minutos depois, paguei com o único dinheiro que tinha, era isso ou ir andando. Bati a porta quando entrei em meu apartamento alguns minutos mais tarde e segui para cozinha mesmo sabendo que tudo o que iria encontrar em meus armários e geladeira era um glorioso nada – a maior parte das vezes era alimentada pela minha melhor amiga que realmente sentia pena de mim, até eu sentia pelo amor de Deus! Segui para o quarto e cai na cama sentindo o celular vibrar em meu bolso. Eu não queria atender, mas seja lá quem fosse, era insistente o suficiente para não entender isso.

– Alô – Murmurei.

– Mel, é a America, você está bem? –Podia ouvir sua inquietação.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mexi os dedos doloridos.

– Meu pai foi um bom professor. – Sorri. – Estou bem sim.

– Sem emprego mais uma vez?

– É. – encarei o teto.

– Por que bateu no cara?

Além de ele ser um velho tarado?

– Ele me tocou. Espero pelo menos ter quebrado o nariz dele. – Respondi.

America gargalhou.

– E agora? – Ela estava rindo, mas estava nervosa.

– Minha vida acabou e vou esperar pela destruição. – Roí o resto de esmalte verde da unha.

– Melissa, você não é garota de desistir!

Sorri.

– Estou cansada.

– A preguiça te faz cansar. Vou falar com alguns conhecidos e vou te arrumar um novo emprego.

Outro?!

– Valeu garota. Eu amo você. Juro que venderia meu rim se ele prestasse no mercado negro por você.

– Eu também te amo, poupe o resto dos seus rins. Agora vou desligar antes que eu perca o meu também.

Era o fim!

....

Estava chovendo quando acordei, me arrastei até o banheiro me encarando no espelho, estava péssima. Minha cor estava entre o pálido e o amarelo como uma doente, minhas olheiras não ajudavam muito – pandas eram fofinhos, aquilo que eu tinha não era fofinho –. Meu cabelo nunca esteve em seu pior estado, a última vez que ousei realmente dar algum valor a ele, eu tinha dinheiro suficiente para isso, agora ele parecia um monte de feno. Tomei um banho rápido. Precisava arrumar um emprego antes que mais contas chegassem.

A chuva estiou quando saí. Caminhei até o ponto de ônibus sentindo meus

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pés protestarem, mas o pior – do que usar um salto que causaria minha morte – estava por vir dentro daquele ambiente que tanto odiava com cada fibra do meu ser – ônibus público. Os olhares que recebi espremida naquela lata de sardinha me deixavam mais vermelha que o normal. Os ignorei e quase saltei daquele inferno quando as portas se abriram. Eu só precisava manter a calma. Respirei fundo e comecei a fazer o que todo desempregado faz, entrei em todo lugar sorrindo e dizendo o que faria para ajudar no estabelecimento caso fosse aceita. Alguns até gostavam da minha cara, mas na hora do teste meu equilíbrio não ajudava e recebia como resposta que eles ligariam depois. Traduzindo: Nunca!

E lá vem ela de novo. A chuva. Por que o clima ruim cisma em me perseguir? *Tudo bem Melissa, respira e não desista.* Meia hora depois eu estava desistindo. Onde eu acharia um emprego? E cadê a America para me ajudar?

Algumas crianças riram quando meu maldito e imprestável guarda-chuva resolveu voar do outro lado da rua. *Eu amo crianças, eu amo crianças*, era só repetir esse mantra. Parei de brigar com o vento e soltei a porcaria deixando-o voar enquanto seguia com meus xingamentos e sapateava no lugar como um maldito tique nervoso.

Isso não pode estar acontecendo, é apenas um sonho ruim. Deus me ama, não me castigaria assim.

Mais meia hora em baixo de uma marquise e estava congelando, meu casaco não dava conta de me esquentar e meu cabelo estava encharcado. Não dava para ficar ali porque a chuva não iria parar tão cedo. Me xingando – coisa que estava se tornando comum – voltei a correr na rua e parei quando me lembrei do salto.

Parei odiosamente, em frente ao café da cidade, meu antigo emprego até ontem, enquanto acendia meu cigarro – eu precisava parar com isso. Eu não queria olhar, mas não resisti. Joana gargalhava lá de dentro, como se toda desgraça fosse pouca. Respirei fundo, ainda parada no mesmo lugar me torturando porque talvez ser masoquista estava entrando na lista das coisas que estava me transformando nas ultimas vinte e quatro horas. Ela sorriu para mim e decidi que iria acabar com ela e arrancar cada fio de cabelo ruivo e falso que ela possuía.

Sorri diabolicamente.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Joguei o que sobrou do cigarro no chão e pisei em cima, podia sentir meus músculos se contraindo e já imaginei a policia me tirando de lá assim que a acertasse. Corri para atravessar a rua, olhar para os lados literalmente não era um dos meus objetivos no momento, depois de alguns passos me vi no chão, o coração a mil e por um momento achei ter morrido. Não conseguia processar nada. Senti minha cabeça doer pela batida e ouvi passos em minha direção. Seja lá quem foi que me atropelou era bom ficar ciente de que iria morrer e eu mesma faria questão de matá-lo. Por dois motivos, primeiro; eu estava pronta para acabar com uma pessoa e ele atrapalhou; segundo; ele me atropelou e deu a chance da pessoa se esconder.

– Ei, você está bem? – Forcei a minha visão para o dono da pergunta.

– Eu acabei de ser atropelada e você faz a pergunta mais idiota do dia. – Sussurrei com as mãos nas vistas enquanto a chuva chicoteava meu rosto. – Dá para me ajudar a levantar ou *tá* difícil?

– Claro. – De maneira desajeitada ele me ajudou.

Sim, um homem, o cromossomo que diz que a mulher não sabe dirigir um maldito carro me atropelou. E Deus me ama, porque o sinal estava verde para mim.

Fiquei tonta quando me levantei. Por instinto meus olhos seguiram para a cafeteria. Todos me olhavam de lá, inclusive Joana com vários semblantes. Não foi dessa vez que eu morri, a dor na cabeça foi embora quando me lembrei de que ainda queria matá-la por fazer parte da minha demissão quando deveria ter estado do meu lado. Minha ingenuidade não me fazia enxergar que ela queria meu lugar.

– Está tudo bem? Sério, você está pálida, não quer se sentar ou ir ao hospital?

– Ele falava descontroladamente.

– Bom, sou assim mesmo e quero me sentar e não quero ir ao hospital!

– Me desculpe de verdade, você atravessou sem olhar e...

– Chega. O sinal estava verde – O parei. Ele me olhava com aquela cara que dizia : O sinal esta verde agora mas não estava quando você parecia um animal raivoso no meio da rua. – Vamos até a cafeteria para meu cérebro voltar a funcionar, acho que realmente preciso me sentar. – Cruzei os braços.

Ele me ajudou a atravessar segurando minha cintura quase me erguendo do chão, depois de me entregar meus sapatos – não precisava de tudo isso, eu

não ia cair, mas...

Acenei a Joana quando ele voltou ao carro para estacioná-lo. Era tão bom ver o pânico em seus olhos. Em poucos minutos ele estava de volta ainda sem jeito por quase me fazer de purê. O acompanhei, lá dentro estava quente e confortável. Sorri com um pensamento. Escolhemos uma mesa e ele voltou a me encarar enquanto eu tirava o excesso de água do meu cabelo.

– Tem certeza que está bem? – Seus olhos me avaliaram minuciosamente.

– Não cem por cento, mas estou. Antes de você me atropelar eu já estava uma droga. Digamos que só piorou a situação. Bom, você não se apresentou. – Agitei meu cabelo para diminuir as gotas de água.

Ele sorriu.

– Oliver Digori. – Estendeu a mão.

– Melissa Sanders. Eu acho que te conheço de algum lugar, você não é o dono daquela empresa de publicidade responsável por noventa por cento dos outdoors da cidade?

– Não acho que seja tudo isso. – Falou com uma voz morna. – Não noventa por cento, mas alguns.

– Legal. – Suspirei. – O que vamos pedir? – Eu sabia que estava sendo folgada, mas ele me atropelou. E meu estômago estava em protesto.

– O que vai querer? Eu pago. – Claro que seria ele. Se eu tivesse cinco centavos era muito.

– Uma cerveja. – Entrelacei meus dedos sobre a mesa.

– Nesse frio? – Uma ruga se formou em sua testa.

O encarei.

– Tudo bem, uma cerveja.

– JOANA – cantarolei. – Venha nos atender. – Sorri.

Vi seu olhar assustado aparecer no balcão de atendimento e seu protetor logo atrás. Aqui se faz, aqui se paga, mas eu não ia fazer nada com ela. Minha cabeça estava doendo de verdade agora.

– Relaxa, não vou te matar. Esqueceram de deixar uma faca na mesa. Eu quero uma cerveja gelada. – Sorri. Oliver me encarou por alguns segundos.

– Eu quero um café forte. – Oliver falou.

A observei se afastar em passos longos e não contive meu sorriso. Oliver ainda me observava como se procurasse alguma parte quebrada em mim.

– Tem certeza que está bem? – Perguntou.

Bufei.

– Estou sim. Eu deveria na verdade te denunciar por atropelamento e depois te pedir uma gorda indenização, mas não. – Sorri. – Não tenho dinheiro nem para comer direito, quanto mais para pagar um advogado. – José trouxe nossos pedidos.

– Cadê a sua amiguinha? – Perguntei.

– Menos, Mel.

Gargalhei.

– Problemas com dinheiro? – Oliver perguntou pegando um guardanapo.

– É, acabei de perder meu emprego, na verdade o segundo em duas semanas. Por causa daquela cobra que estava aqui. Meu pai vai perder a casa dele e eu vou ser jogada na rua se não pagar o aluguel do apartamento onde moro. – Beberiquei a cerveja. – Eu sei que você não sabe o que é ficar no vermelho, com o seu carro dá para comprar minha casa.

Oliver deu um meio sorriso. E que sorriso.

– É eu não sei o que é ficar no vermelho. Mas isso não quer dizer que não tenha problemas. No fim dinheiro não é tudo.

Me dá o seu então.

– É só o salvador da pátria. – Sorri e terminei minha cerveja em grandes goles. – Acho que já está na minha hora. – Falei quando percebi que estava divagando.

– Espera. – Pedi tocando minha mão.

– Não posso demorar, ou não chego em casa hoje.

Oliver respirou fundo.

– Tenho uma proposta a fazer. – Ele parecia ponderar na ideia. E pela sua expressão eu deveria pegar minhas coisas e ir embora.

– Proposta?

– Sente-se.

Voltei a meu lugar.

– Quer pedir mais alguma coisa? – Perguntou.

Se ele *tá* pagando, por que não? Pedi um sanduíche duplo e um refrigerante. Mais uma vez José veio me servir.

– Obrigado. – Oliver o agradeceu.

– Certo, pode começar. – Falei antes de dar uma grande mordida no meu sanduíche. Deus, eu estava com fome.

– Antes da proposta quero contar um pouquinho dessa loucura toda. – Deixou uma risada nervosa escapar.

Assenti.

– Bom. – Começou. – Eu tinha uma noiva. – Tinha? Ela morreu? Porque para deixar um cara desse só podia ter morrido. – Só que não tenho mais.

– Percebe-se, você falou "tinha".

Ele sorriu sem jeito.

– É.

– O que aconteceu?

Oliver bagunçou o cabelo.

– Acabou por falta de tempo para nós dois. Ela estava irritada por não termos tempo e terminou tudo comigo. Na verdade, terminamos juntos... Eu acho. Fui um idiota com ela, todo o tempo, coloquei nosso casamento em segundo plano...

– E você ainda a ama. – O encarei.

– Isso, e ela também, só que não admite e agora está com um idiota. – Fez uma careta.

– Ela já tem outro? – Eu queria rir disso.

– Sim, mas não o ama. Eu sei que não. Isabel é orgulhosa, ela nunca vai admitir que ainda me ama.

Ah, entendi. Ele que corre atrás, que legal.

– E onde eu entro nessa história de fim de noivado e corações apaixonados? – Perguntei bebendo meu refrigerante.

– Promete que não vai gritar e nem me achar um louco? – Gesticulou com as mãos.

Quando a esmola é demais o pobre desconfia. Mas assenti.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– A proposta seria... – Umedeceu os lábios algumas vezes e semicerrou os olhos – quer se casar comigo...?

Cuspi todo o refrigerante para fora. Casar? Com ele? O cara que quase me matou atropelada e que só conheço faz quinze minutos? Caso sim, claro.

Claro que não!

– Você é louco. – Falei largando tudo e me levantando. Oliver segurou meu braço.

– Me deixa terminar. – Pediu.

– Eu não vou me casar com você! Eu nem te conheço, cara. Você é louco!

– Por favor, me deixe terminar. Por favor. – Pediu. Estavam todos olhando. Voltei a me sentar. Eu precisava dos meus cigarros com urgência. – Eu sei que isso é loucura, mas eu prometo que será apenas por um tempo. Até eu tê-la de volta. Vamos sentar e conversar, eu sei que acabamos de nos conhecer, mas...

Que legal, eu seria só o brinquedinho dele. Relaxa. Nada sério.

– Será um casamento falso. Nada real. Ninguém precisa saber disso, só eu e você. Eu passei uma manhã inteira pensando em uma maneira de conseguir algo real e você... Você apareceu...

Balancei a cabeça em negativa.

– Por favor?

– Acha que eu tenho cara de que? – *Deus, que eu não tenha cara de qualquer uma, por favor, porque aí já vai ser demais.*

– De uma garota adorável que precisa de dinheiro para sair do vermelho. – Abriu seu meio sorriso. E ele mentiu sobre a adorável. – Eu prometo pagar bem por isso. Será por pouco tempo.

– Oliver eu não sou...

– Eu sei que você não é. Eu não pretendia fazer essa proposta, mas me simpatizei com você. Eu estou surtando a ponto de cometer uma loucura, só preciso de alguém que me ajude mesmo isso tudo soando como loucura. Acho que você foi um anjo que caiu do céu porque vinha pensando nisso o caminho todo, por toda a manhã...

– Não, eu não caí do céu, caí embaixo do seu carro e outra, você juntou minha necessidade com seu desespero.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Um ponto para mim.

– Tudo bem, foi isso. Mas como eu disse, eu te pago bem.

– Quanto? – Isso, vai lá, se mostra interessada nessa loucura.

– Podemos negociar o tamanho da sua necessidade. O que me diz?

Oh, meu Deus. Ele não estava falando sério, estava? Com certeza isso era uma piada. Ele é louco, rico e louco.

– Eu não posso. – Falei me levantando.

– Por favor, pode pensar sobre a proposta pelo menos? Eu estou me abrindo com a garota que acabei de atropelar. – Falou segurando a cabeça e encarando a mesa.

Não, eu não posso!

– Amanhã. – Me encarou. – Amanhã você pode me encontrar aqui, é tempo de você pensar e eu não insisto mais.

Não, eu não posso.

– Tudo bem, mas a resposta ainda é não.

– Vou estar esperando e... Me desculpe.

Certo, agora dê o fora Melissa!

....

Não consegui dormir. Não me toquei no que America dizia quando me ligou na mesma noite. Apenas estava calculando meu nível de idiotice com a possibilidade de ser mais trouxa do que minha natureza permitia. Eu tenho vinte e três anos e meio e não posso me casar nem de brincadeira apesar de que eu preciso pagar minhas dividas. Ele é louco, mas mais louca sou eu e estou me tornando muito pior do que ele só por cogitar aceitar isso.

Já era manhã quando sai da cama, eu não dormi nada bem. Uma parte de mim dizia: sim e a outra mais sensata e muito pouco compreendida dizia: não.

Então tomei um banho rápido e deixei meu apartamento minutos depois, senti o vento frio em meu rosto. Quando cheguei à cafeteria, ele já estava lá – tão bonito, mas tão louco e idiota.

Estávamos no outono! Mas parecia inverno, então não podia enrolar parada na porta usando qualquer desculpa.

Que loucura é essa? Eu me casar com o cara que acabei de conhecer. É pai,

isso se chama sacrifício. Ele prometeu me ajudar financeiramente e eu não estou me vendendo, juro que não. Eu vou pagar nossas dívidas, coisa que não vou conseguir trabalhando por aí, mas sim, não deixa de ser loucura.

E se ele for um louco, assassino, ou sei lá o que? E se ele me matar?

America vai querer me matar por isso!

O encarei, parecia nervoso a espera de resposta. *Vamos lá Mel, vai lá e acaba com isso logo.* Empurrei a porta e entrei. Todos resolveram me encarar, ah sim, ele é o Oliver Digori, o dono de uma das mais renomadas empresas de publicidade do país. Voltei a caminhar e me sentei, Oliver me estudava.

– Eu... Aceito. – Falei sem pensar, sem oi ou tudo bem.

Sorriu surpreso.

– Isso é... – Começou.

– Loucura. Você vai se arrepender. Quer saber dos meus defeitos? – Você vai precisar saber.

– Não, não precisa. Eu confio em você. – Ele parecia mais surpreso que eu ao dizer sim. – Antes de mais nada, não se preocupe. Você vai continuar tendo sua vida normal, moraremos na mesma casa, mas cada um de um lado. Seremos bons amigos. Eu pensei que diria não... Eu...

– Você é realmente louco. Mas tudo bem. Quando começo?

– Posso te levar para casa?

– Não.

– Podemos conversar e nos conhecer...

– Podemos fazer isso agora.

– Tenho um pouco de pressa a partir de hoje... – Fez careta. – Domingo teremos um jantar na minha casa, todos estarão lá e já vou anunciar que irei levá-la, eu não sabia que diria sim e... Podemos começar no domingo. Podemos conversar até lá.

Ótimo. Eu só tinha dois dias.

– Espero não me arrepender por isso. – Isso é por você pai.

– Eu prometo que não irá.

Selamos o acordo com um aperto de mão. Oliver parecia mais feliz agora, me contou um pouco sobre ele enquanto me levava para casa. Agora sei o

suficiente para não achá-lo um total desconhecido.

E, em dois dias ele seria meu noivo e em poucos eu começaria a ser sua esposa de mentirinha. Meu Deus, o que eu estou fazendo? Isso é loucura! E não faz sentido algum para mim.

CAPÍTULO 2

MELISSA

Dormi perfeitamente bem. Mentira! Acordei no meio da noite me xingando pela burrada que estava fazendo. Eu não podia simplesmente casar com um cara, assim. *Tudo bem Melissa, é só de mentirinha. Ah é só de mentirinha!* Mas você vai morar com ele e fazer o papel de traída. *Ótimo, e ainda ter suas contas pagas.* Estava começando a me acalmar. Fiquei na cama até tarde.

Achei um milho de pipoca da idade da pedra perdido em um canto no armário, era o que manteria meu estômago calmo. Não tinha nada que prestasse na TV e acabei dormindo mais uma vez. Acordei com a campainha tocando, mas nem precisei abrir. A correspondência foi jogada pelo vão embaixo da porta. Mais contas para pagar. Nada de anormal.

Meu sábado não foi diferente, só fiquei mais nervosa. Eu seria uma péssima atriz. Eu tinha certeza disso. Oliver era um louco, completo. Qual pessoa em sã consciência pagaria outra por uma loucura dessas? Eu não pagaria. Dinheiro é sagrado para ser desperdiçado.

Domingo! Esse chegou feito foguete. Ainda eram sete da manhã quando acordei com um ser batendo na minha porta. Enchi o pulmão para começar a xingar quando vi quem era.

– Oliver? – Estava tão nervoso assim que confundiu jantar com café da manhã?

– Bom dia. – Falou entrando com sacolas.

– O que faz aqui? – Perguntei um pouco perdida. Ainda estava tentando me acostumar com isso.

Havíamos nos falado em dois dias mais do que ousei falar com minha melhor amiga toda a minha vida.

– Trouxe o seu café e precisamos conversar.

– Desistiu dessa doideira? – Pela sua cara a resposta era não. – Como imaginei. – Falei mexendo nas sacolas. Roupa. Comida! – Isso é meu?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Sim. Desculpe tê-la acordado. – Pediu. Está perdoado. Me trouxe o café da manhã. Me servi com um enorme copo de leite e bolinhos. Até me esqueci de oferecer.

– Bom, o que quer falar?

– Vai parecer chato eu repetir o assunto, mas bom. Ela estará lá e já sabe sobre você.

– A sua ex?

– Sim. Minha mãe a convidou e isso não estava nos planos então, eu quero que faça o seu máximo, pode ser?

– O meu máximo é ser melosa e te beijar? Ótimo, isso é fácil. Já entrei nessa mesmo, não dá para voltar atrás.

– Me beijar vai ser tão ruim assim? – Perguntou se fingindo de ofendido.

Claro que não, Oliver era um homem bonito que se enquadrava na linha Outdoor da Times Square, seu cabelo perfeitamente alinhado em tons castanho claro, seus muitos metros de altura e seu olhar misterioso mataria qualquer garota inocente, estava me matando e eu nem sou inocente!

– É só estranho. Eu nem te conheço. Não acho que isso vá soar convincente.

– Por isso eu disse, faça o seu "máximo".

Certo. Você consegue Sanders.

– Você não é menor de idade, é? – Perguntou por um segundo depois de divagar.

– Vinte três anos e meio está bom para você?

Sorriu puxando uma das sacolas, é estava.

– Você não parece ter vinte e três. – Me fitou.

Eu sei.

– Aqui está seu vestido e sapatos. Minha irmã me ajudou.

– Sua irmã também sabe sobre mim? – Peguei a sacola.

– Mais ou menos.

– A verdade ou a farsa?

Oliver sorriu.

– A farsa e ela odeia Isabel, só para reforçar. – Fez uma careta. – Talvez ela esteja um pouco feliz por te conhecer.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Ah, entendi.

– E tem outra coisa que você precisa saber sobre a minha irmã.

Até parei de comer para não me engasgar com as notícias.

– Anna tem um jeito apressado de fazer as coisas. Então se na hora do jantar ela disser qualquer coisa, tente driblá-la. Sei lá, só não deixe ela perceber nossa farsa. Aquela ali é a obra do mal e acaba descobrindo tudo. Precisei ser bem convincente para dizer que já tínhamos um relacionamento em segredo.

Noticia maravilhosa.

– Pode deixar. Mais alguma coisa que eu deva saber? Aproveita porque ainda não surtei de vez.

Oliver sorriu.

– Acho que é só isso.

– É, seja o que Deus quiser.

– Então, te pego as sete.

Assenti o levando até a porta.

....

Eu queria me atirar pela janela. O que eu estava fazendo? Era o que eu mais me perguntava. Terminei de limpar a casa, as horas pareceram correr. Acordei com o celular despertando no meu ouvido.

– Tá legal, eu já acordei.

Sai da cama e cai no sofá. Estava morrendo de fome, mas não ia comer, ou o vestido não entraria. Perdi muito tempo vendo TV quando me dei conta da hora, saltei para o banheiro ligando para America no caminho.

– Legal Melissa, você é demais. – quatro toques, e caixa postal. – America sou eu. Eu preciso muito de ajuda, me ligue assim que ouvir essa mensagem. De preferência, antes das sete. Caso de vida ou morte e falo sério. – Desliguei e joguei o celular em qualquer lugar.

Não esperei a água esquentar. Comecei bem. Bem atrasada. Acabei com o sabonete do mês. Ri sozinha, que situação. Me enrolei na toalha e corri para o quarto. O celular tocou minutos depois. Onde foi que eu joguei essa porcaria?! Achei!

– America!

– Quem morreu, Mel?

– Eu vou morrer se você não me ajudar.

– O que aconteceu?

Sorri nervosa.

– Uma longa história, mas me ajuda a usar essas porcarias que você me deu.

– Essas porcarias, você quer dizer maquiagem? – Riu.

– Isso aí. – Maquiagem para mim era o básico. Eu não sei usar essas coisas, sou mulher o suficiente para admitir.

– Tá, já está pronta?

– Só falta o cabelo, mas vou deixá-lo solto.

– Jogue ele de lado, valoriza o seu rosto. – Mandou.

Fiz o que ela mandou. Legal é ter uma amiga que salva a sua vida pelo telefone. America me indicou as cores que precisava usar, até que estava ficando bom. Não iria parecer uma palhaça, que seria o caso se tivesse feito tudo sozinha.

– Me diz para que encontro vai? – Perguntou curiosa.

– Longa história, como já disse. Depois eu te ligo e conto tudo. Só posso dizer que eu não uso a cabeça com muita frequência.

Riu.

– Novidade.

– Depois dessa confirmação vou desligar. Ainda preciso treinar usar esse salto agulha.

– Jesus está voltando, é isso?

Desliguei antes que as piadas começassem. Sim, eu estava nervosa. O que eu ia dizer a família do noivo? Ah, sim, eu o conheço faz dois dias e mesmo assim, só em poucas horas.

Dez minutos...

Cinco...

Um...

Tocou. Me olhei no espelho uma última vez. Estava ótima, melhor que isso só nascendo de novo, na versão melhorada. Oliver me encarou por alguns segundos quando abri a porta e sorriu.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Está bom para você? – Perguntei me virando.

– Está perfeita.

– Estou nervosa.

Sorriu puxando minha mão depois que tranquei a porta.

– Isso passa. Apenas relaxe.

Gargalhei. Uhum, vou relaxar quando me jogar da ponte. Consegui enxergar melhor seu carro, dessa vez de frente para ele e não embaixo. Minha cara de espanto era até engraçada.

– Gostou?

– Eu devia odiar essa porcaria. Ele quase me matou e eu ainda não esqueci.

Oliver abriu a porta para mim. Quente, macio e confortável. Parecia minha cama. Oliver ligou o rádio, nem a música me fazia relaxar. Se todos da família fossem iguais a ele no quesito aparência, eu estava ferrada. Eu não saberia me portar, falaria na hora errada, riria de qualquer coisa – eu tenho esse dom. – e com certeza iria bater em alguém que risse de mim.

– Tem certeza que não quer saber meus defeitos? – O encarei.

Oliver me fitou balançando a cabeça. Tudo bem, depois não reclame. Passei os quinze minutos até a grande casa do Digori ouvindo coisas que eu deveria saber. Oliver tem dois irmãos, Anna e Harry, geralmente a família está sempre reunida, tem dois cunhados Henry e Monali, ou Mona como prefere ser chamada e seus pais Edgar e Tara, são todos ótimas pessoas.

Ótimo, isso é um time e eu precisava gravar todos esses nomes. Meu sorriso saiu nervoso. Assim que chegamos, percebi o quanto ele tinha uma boa vida. A casa dele era três da minha? Ah sim, com certeza era.

– Você mora aqui?

– Não exatamente. É a casa dos meus pais, mas já morei e às vezes costumo me hospedar.

Pelo falatório organizado a casa estava cheia. Oliver segurou minha mão e sorriu, senti um leve incômodo com o gesto e minha mão começou a formigar. Estava nervosa. Óbvio. Seguimos para os degraus que indicava nosso caminho. Oliver me olhou por dois segundos, piscou e abriu a porta. A primeira vontade que tive foi correr, a segunda, gritar. Por vários motivos.

Uma mulher baixinha correu em nossa direção. Oliver apertou minha mão,

mas logo a soltou quando ela o abraçou pelo pescoço. Parou e me observou por alguns segundos, até fazer o mesmo comigo e sorrir. Anna. Deduzi.

– Vocês chegaram! Ela é linda. – Falou como se eu fosse um cachorrinho em uma vitrine. Certo!

Oliver me olhava como um aviso de: avisei. Eu acho que estava muito vermelha. Uma mulher muito bonita se aproximou para nos cumprimentar, seguindo por uma loira e dois rapazes. Todos foram muito simpáticos, eu só precisava me acalmar porque realmente estava tremendo. Eu queria socar a cara de felicidade de Oliver Digori quando percebeu isso. Para ele era normal, ele os conhecia. Eu era a estranha ali.

– Sinta-se em casa, querida.

– Obrigada. – Tara. Isso, Tara era o nome dela. Oliver tinha uma mãe mais bonita do que eu. Porque a vida tinha que esfregar isso na minha cara também?

Oliver se afastou me deixando para trás. Assim que abriram caminho, consegui apressar o passo e alcançá-lo quando entrou na cozinha. Puxei seu braço para que me olhasse.

– Você é louco ou se faz? – Perguntei. – Como se afasta e me deixa sozinha assim? – Murmurei me segurando para não socá-lo.

Sim, eu queria uma resposta, mas não foi isso o que idiota me deu. Oliver me puxou para mais perto colando nossos lábios. Eu pensei em afastá-lo, mas seus braços me envolveram feito correntes e não tive escolhas, a não ser, aceitar ser beijada a força. Sim, era a força porque não combinamos nada. Quando nos afastamos eu enchi o pulmão para xingá-lo, mas mais uma vez ele me virou me fazendo dar de cara com uma loira que nos observava.

Legal, tínhamos plateia.

– Isabel. – Falou fingindo surpresa, seus braços me envolvendo. Falso!

Essa era Isabel?

– Oliver, me desculpe atrapalhar o momento. Só estou atrás de um pano. Sabe como é sua irmã, ela deixou champanhe cair no meu vestido.

– Anna. Quer ajuda? – Perguntou e segurei seu braço quando fez menção em se afastar. Nem sei por que fiz isso.

Oliver me encarou.

– Não precisa. Eu consigo achar. – Falou.

– É só uma ajuda. – Vai lá idiota, seca o vestido com a língua.

O soltei observando a cena. Tinha que ser muito idiota mesmo, né Digori? A loira me encarou por alguns segundos e seguiu para o armário. Oliver riu de alguma piada que não consegui ouvir e de verdade, eu não queria saber. Esperei a cena terminar e ela sair sem fazer questão de me olhar uma segunda vez. *Isso é Melissa, você não presta nem para fazer ciúmes em alguém.* Oliver sussurrou um "nos vemos depois" até se lembrar que eu existia.

– Posso fazer uma pergunta? – Perguntei me encostando na mesa.

– Claro.

– Tem certeza que quer fazer ciúmes nela?

Assentiu.

– Não parece. Você devia se ver. Parece um cachorrinho. Isso é ridículo. Amor próprio é tudo.

Dei as costas voltando à sala. Oliver me acompanhou. O jantar foi anunciado, esqueci o idiota por alguns segundos. Anna nos observava e quando ele percebia, fazia um carinho ou sorria. Eu também sorria, ou melhor, dava risada. E da cara dele. Isabel me encarou durante todo o jantar, me segurei para não ser mal-educada. Havia me esquecido que ali era coisa de classe. E eu ia baixar o nível se ela não parasse.

– E então Melissa, onde você e o Oliver se conheceram? – Perguntou. *Ah desgraçada, ninguém fez pergunta difícil até agora. Por que você foi abrir essa maldita boca?*

– Em uma livraria.

– Livraria? – Uma ruga se formou em sua testa.

Não, museu. Virei os olhos.

– Sim.

– Oliver fez uma ótima escolha dessa vez. – Anna falou tocando minha mão. Isabel bufou. – Já está mais do que na hora de subir no altar.

– Anna. – Oliver a repreendeu.

O encarei.

– Mel é incrível. Uma garota espetacular. – Segurou minha mão.

Mentiroso. Sorri.

– Pare de enrolar Oliver, fala logo. Estamos aqui para isso.

Vai lá Oliver, me pede em casamento e faz essa loira aguada se roer de raiva. Vamos. Isso estava sendo incrível.

– Para que a pressa, Anna?

– Para você não enrolar mais. Estamos todos aqui, o jantar está ótimo. Só falta anunciar. Você vem falando disso desde que anunciou que a traria.

Oliver segurou minha mão novamente e percebi uma pequena luta nesse ato. Fui a mais teatral possível.

– Bom, eu não sei por onde começar. Certo, a pouco mais de dois meses... – Dois meses?! – Pedi Melissa em noivado, logo depois marcamos o casamento. Eu não queria contar tudo assim, em cima da hora. Mas foi uma escolha nossa. E bom, quero anunciar que daqui a um mês estaremos subindo ao altar. – Sorriu. Eu também, só que de nervoso.

– Isso é perfeito. – Anna falou.

Meu olhar seguiu para o canto da mesa onde a loira me fuzilava. Até que era legal irritá-la. Abracei Oliver sendo uma atriz ainda melhor.

– Eu te amo. – Sussurrei.

– Com licença. – Isabel falou se retirando assim que o celular tocou. Era a velha farsa do celular tocando.

Só faltei acenar. Mas seria abusar demais [\[DM1\]](#).

CAPÍTULO 3

OLIVER

O que algumas pessoas chamariam de loucura, eu chamo de desespero.

Certo, não estava nos meus planos atropelar uma pessoa. Não mesmo. Mas atropelei e não foi minha culpa. Ela parecia mais preocupada em não perder seu cigarro do que no sinal e deu no que deu. Bastou um jeitinho carinhoso para ela falar comigo e eu saber que estar respirando depois de tudo já era uma sorte minha.

Ela queria matar alguém, deduzi quando a levei para cafeteria ainda pensando se não era melhor leva-la a um hospital. Ela havia sido direta quando eu tentei isso algumas vezes mesmo que apenas a olhando. Por alguns segundos percebi seu olhar de provocação a cada pessoa que ousava olhá-la. Era a minha deixa para verificar uma ultima vez se estava tudo bem, lhe dar alguma coisa se fosse preciso e ir embora.

Mas eu não fiz. Primeiro, minha cabeça estava cheia demais; segundo, por estar cheia demais o dia todo não estava pensando muito bem. Terceiro, o que eu sabia sobre ela naquele momento? Bom, estava com problemas, e esse era o motivo de sua irritação. Foi aí que a loucura entrou na história.

E eu realmente – se fosse um pouco inteligente – teria ido apenas embora.

Dias antes...

"Isabel... – Encarei as paredes do escritório assim que sua voz soou do outro lado. – Encontrei sua irmã ontem... ela me disse que voltou de viagem. – Sorri sem graça. – E...Querida saber se não quer ir jantar comigo?"

Silencio.

Mais silencio.

Interminável silencio. Era assim que ela ficava quando sabia jogar.

"Estou ocupada Oliver, e de qualquer forma vou sair com o Felix. – Suspirou. - Tenho um compromisso agora, preciso ir. Fico feliz por ainda ter meu numero. – Senti o tom humorado em sua voz..."

Soquei a mesa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

"Tudo bem, nos vemos em breve então?"

"Claro. Será legal um jantar, Felix gostará de conhecê-lo. – Zombou."

Tudo o que emiti foi um vergonhoso 'uhum' antes de desligar.

É aí que Melissa Sanders, a mulher que eu quase fiz virar purê, entra na história. Ela precisava de dinheiro e eu precisava da minha noiva de volta. Precisava mostrar que duas pessoas poderiam jogar esse jogo. Ela fazia suas viagens que estavam em nossos planos com seu novo caso, e eu a daria um novo caso também. É loucura, eu sei.

– Eu não vou me casar com você! – Melissa gritou assim que a ideia saiu da minha boca. Ela estava mais irritada que antes.

– Eu sei que isso é loucura, mas eu prometo, será apenas por um tempo. Até eu tê-la de volta.

Cogitei essa ideia com Harry, meu irmão mais novo e talvez no momento mais sensato, não quis admitir que abri sites de acompanhantes para achar alguém que se encaixasse no padrão Isabel, era difícil, mas não impossível. Harry ria da minha cara e provavelmente me mandaria ser internado com camisa de força. Ele e ninguém entenderiam que Isabel estava me fazendo vegetar, e saber que todos os planos que fiz e destruí iriam me sufocar no momento em que ela voltasse com um par de alianças.

Melissa não era boba e soube me responder todas as perguntas ao pé da letra. Suas feições eram de dúvida e raiva, eu só queria ver as dúvidas, porque depois que ela ameaçou a atendente, qualquer um teria medo. Ela pediu um tempo depois de muito cogitar.

Passei o resto do dia ansioso, pesando as loucuras que estava me enfiando, mas foi a única ideia – idiota, eu sei – que tive. Era baseado em todas as vezes que Isabel esteve ao meu lado – com ciúmes – e de todas as promessas que fizemos. Ela sempre quis ser a única e isso não é novidade para ninguém. E se fosse dessa maneira que a teria de volta, sim eu usaria essa arma baixa para voltar a tê-la.

Me casar com outra pessoa que não fosse ela era a única solução, ela voltaria e imploraria e faria todas as coisas que sempre disse que faria. Então eu precisava de um sim, precisava que isso durasse o tempo que fosse preciso para ela voltar.

E ela voltaria.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Cheguei uma hora mais cedo na cafeteria, me sentei no mesmo lugar do dia anterior e esperei. Não demorou muito para ela aparecer, havia uma parte dela que explodia calma – ironicamente. Era engraçado a fúria dela. Me fitou e parei de sorrir. Seus dedos foram para seus cabelos os bagunçando nervosamente.

Respirei fundo algumas vezes quando entrou a passos firmes e se sentou a meu lado de novo, me encarando com aqueles olhos profundos. Eu não sabia ao certo se estava regulando bem depois de ouvir um "eu aceito", mas já estava feito.

Ela me olhava como se eu fosse um louco. Mas a história já estava dada, eu prometi ajudá-la e ela prometeu que me ajudaria. Nada mais justo, certo? A deixei em casa e segui para casa dos meus pais. Eu precisava ser bem convincente e mentir como Anna – minha irmã – mentia.

– Oliver, você por aqui. Não ia para casa? – Harry tinha uma ruga rasgando sua testa ao me ver.

– Oi para você também, Harry. Cadê a Anna furacão? – Anna me xingou da escada. Mamãe logo atrás.

– Filho. – Me beijou no rosto.

– Cadê a Mona? – Me afastei.

– Ainda não chegou.

– Não vou demorar. – Queria a presença de todo, mas com a família que eu tinha, a rainha da Inglaterra saberia da novidade também antes que eu passasse da porta. – Só queria anunciar que trarei uma pessoa no domingo. – Apertei os dedos no bolso da calça.

Anna saltou na minha frente me puxando para o sofá.

– Uma pessoa?! – Ela parecia disposta a me empurrar para todas as mulheres desde que terminei meu relacionamento.

Todos presentes sabiam que até uma semana atrás eu estava péssimo e me recusando até mesmo a ir para o jantar em família.

– Não, um animal. Você não me ouviu falar que ia trazer um elefante para o jantar?

Ela me bateu.

– Ignorante. Custava ser gentil?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Eu vou trazer uma pessoa sim, Anna.

– Sua namorada?

Para todos os efeitos.

– É, Anna. – Eu não queria ver a cara dos demais. Mas teria de encarar uma hora. Mamãe parecia desconfiada, mas foi só eu abrir meu famoso sorriso, que ela se deu por convencida.

– Isso é ótimo meu filho. Mas não acha cedo demais? Até ontem você e a Isabel estavam juntos.

– Mamãe, Isabel era um carma. – Anna virou os olhos. Não podia contar com seu apoio a respeito da minha ex noiva.

– Faz oito meses que não estou mais noivo. – Encarei a parede com desdém.

– E três que estou em um relacionamento sério. Eu gosto dela. Desculpem não ter dito antes, precisava ver se era realmente isso.

– Tão rápido? – Harry perguntou. Eu odiava quando eles tentavam me decifrar.

Bufei.

– Sim. Ela é incrível, fizemos alguns planos... Vocês irão gostar dela.

– Esses planos algum diz respeito a... Se casar ou sei lá? – Anna sorriu.

– Podemos falar sobre isso no jantar?

– Eu sabia! – Gritou. – Você estava quieto demais, Oliver. Mamãe pensou que estava depressivo e a surpresa é um casamento!

Obrigado, Anna.

– Ninguém iria te julgar por isso. – Mamãe falou.

Espero. Mas o problema não eram eles, era ela. Antes que as perguntas ganhassem um rumo mais complicado de serem respondidas, peguei minhas coisas e fui para casa. Teríamos dois dias para começar a agir a partir daquele momento.

Os dois dias voaram e não era o que esperava. Eu sabia que teria de falar com Melissa mais uma vez, ela precisava saber de alguns detalhes dos Digori. Principalmente de Anna Digori. Ela parecia irritada quando me viu na manhã seguinte, mas logo mudou quando disse que as sacolas que trazia eram dela. Como ela come meu Deus!

Ignorei essa parte e lhe expliquei tudo o que deveria saber. Ela parecia não me levar muito a sério. Havia me esquecido da parte em que teríamos que nos beijar, mas isso era o de menos. Ela era bonita, não seria como beijar a garota da quinta série que usa aparelhos. Melissa prestou atenção em tudo o que eu disse, a deixei sozinha com seus pensamentos e segui para o meu apartamento. Cuidei de alguns arquivos da empresa, ouvi Anna me encher a paciência até precisar desligar o telefone. As horas correram.

Escolhi o terno que Isabel me deu no meu aniversário. Passei o melhor perfume que tinha, me sentia um adolescente. Arrumei o cabelo que nunca ficava no lugar. Estava pronto. Passei em casa antes de ir atrás de Melissa. Harry me recebeu na cozinha, conversamos aos sussurros para a miss furacão não nos ouvir. Anna não precisava estar a par de tudo ainda – talvez nunca. Harry queria saber sobre Melissa, ele não acreditava em mim e eu teria que confiar nele para contar sobre nosso segredo.

Estacionei no prédio de Melissa minutos depois, respirei fundo e subi todas as escadas até seu andar. Isso devia ter um elevador. Bati duas vezes, me preparava para a terceira vez, quando ela resolveu atender. Tá legal, ela era incrível. E estava usando maquiagem. Não mudou muita coisa, ela era bonita. Perguntou se estava bom para mim sua digamos "fantasia de boa noiva", girando no lugar. E estava mesmo.

– Estou nervosa. – Me encarou respirando fundo com as mãos na cintura.

– Não a nada do que se preocupar.

Ela riu sem humor como se eu tivesse contado uma piada.

Descemos às pressas, sim, eu estava com pressa. Ela não parecia gostar do meu carro. Era até engraçado a careta que fez. Às vezes ela me encarava e eu não sabia o que se passava em sua cabeça. Nem perguntei, com medo de que desistisse.

– Tem certeza que não quer saber meus defeitos? – Perguntou mordendo os lábios e virando o corpo em minha direção. Seu cabelo caindo em volta de seu rosto [\[DM2\]](#).

Algo me dizia que era melhor saber. Mas eu não fui adiante com isso. O resto do caminho foi em silêncio até chegarmos à casa dos meus pais. Seus olhos estavam brilhando como se estivesse na Disney. Melissa não parecia tão perigosa assim, quando se parecia uma criança. Depois do encantamento,

segurei sua mão e entramos no covil, ela estava nervosa, sua mão estava fria e suando.

Alguém segure a Anna, por favor? Não, ninguém a segurou. Minha irmã mais nova saltou em meu pescoço, Melissa era o brinquedinho novo dela. Tentei puxá-la para o lado, mas ela foi mais rápida e saltou em seu pescoço também, minha irmã não agia muito conforme a sua idade, mesmo tendo vinte anos e sendo suficientemente madura para a idade. Melissa parecia desconcertada, mas a abraçou.

Sorri quando percebi o quanto estava vermelha. Mamãe e Mona conseguiram romper a barreira Anna e abraçá-la também, Harry e Henry logo depois. Aproveitei a recepção para procurar Isabel, ela já havia chegado, vi seu carro ao lado do de Henry. Entrei na cozinha quando senti o aperto em meu braço segundos depois tendo Melissa visivelmente irritada.

Eu queria que ela soubesse que estávamos em família. E ninguém iria matá-la. Mas não consegui dizer, Isabel nos fitava e a única reação que tive foi beijá-la sem aviso prévio. Melissa queria se soltar, mas a preendi em meus braços até senti-la ceder aos poucos. Ela ia me matar, eu sabia, precisei pensar bem rápido para soltá-la. Quando nos separamos a vi ficar mais vermelha, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, a virei quase bruscamente.

Melissa me encarou abrindo e fechando a boca entrando no personagem rapidamente.

Anna havia aprontado mais uma vez segundo ela, como sempre na verdade. Melissa segurou meu braço com um pouco de força quando fiz menção em ajudá-la a procurar um pano ou qualquer coisa que atenuasse o estrago, a encarei e ela me soltou. Ela queria me ajudar ou atrapalhar? Essa era a primeira vez em meses que Isabel estava realmente perto de mim. e ela sabia o que fazia comigo. Isabel me lembrou da última vez que ela fez isso e rimos, foi o feitiço contra o feiticeiro. Melissa ainda nos encarava.

– Obrigada Oliver, nos vemos depois. – Sorriu agradecida.

Assenti com um sorriso idiota na cara. Melissa a observou sair e me encarou.

– Posso fazer uma pergunta? – Perguntou se encostando na mesa.

– Claro.

– Tem certeza que quer fazer ciúmes nela? – Arqueou as sobrancelhas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Assenti.

– Não parece. Você devia se ver. Parece um cachorrinho atrás dela. Isso é ridículo. – Falou se voltando à sala.

A acompanhei, eu ia questioná-la, mas minha mãe anunciou o jantar e ela se sentou a meu lado, abriu um falso sorriso quando a fitei. Anna nos observava em cada movimento e estava me segurando para não lhe atirar uma faca. Isabel também nos observava e vi a cara que Melissa fazia. Segurei sua mão para ver se ela olhava para mim.

Isabel passou a se interessar por como nos conhecemos, eu podia sentir a raiva em sua voz e a diversão no olhar de Melissa. Até Anna começar a mudar de assunto e apressar meu pedido. Eu não queria fazer o pedido agora, estava me preparando, mas ela tirou o dia para atacar. Segurei a mão de Melissa percebendo o olhar de Isabel em nós. Respirei fundo. Ela também, só que não era de alegria.

Melissa olhou para o canto da mesa onde Isabel a fuzilava. Eu queria rir, estávamos indo bem, ou quase. Ela me abraçou um pouco forte demais e sorriu. Quando me soltou, só faltou socar minha cara e o romantismo de minutos havia sumido. Na primeira oportunidade a arrastei para o escritório.

– O que acha que está fazendo?! – Quase gritei.

Ela cruzou os braços me encarando.

– Fala baixo comigo, o fato de você ser idiota, não quer dizer que eu seja surda. E bem, estou fazendo o meu máximo. Não é isso que você quer? – Deu uma encarada no escritório.

– Não precisa... grudar sabe? Desse jeito, não vai dar certo.

– Ah, e quem foi que me beijou mesmo? – Fingiu pensar.

Respirar. Só isso.

– Me desculpe.

– Ah claro, você não tem culpa de ser um cachorrinho. – Suspirou.

Respire, Oliver.

– Olha, estamos nervosos...

– Eu estou ótima. – Falou mexendo em alguns livros na mesa.

– Pode colaborar? – Perguntei.

Assentiu sem vontade.

– Isso é tudo para mim.

– Existe louco para tudo. Mas você está pagando, certo? Eu sei que você não quer saber dos meus defeitos, mas eu vou falar mesmo assim. Eu odeio que me encare, eu costumo querer brigar, eu falo palavrões, eu mostro o dedo. Eu não sou o tipo feminina "fofinha", eu sou uma ogra e eu quase bati na loira aguada. Então não reclame se algo der errado. Ela me dá motivos. – Respirou. – Sem me esquecer, eu odiei ela só para reforçar. Então eu desejo do fundo do meu coração que isso acabe logo. – Tocou o peito fechando os olhos teatralmente. Eu não tinha palavras. A porta se abriu e... Isabel.

– Me desculpe. – Falou. – Estou atrapalhando?

Melissa me encarou, antes que eu dissesse qualquer coisa ela respondeu.

– Está. Pode sair por favor? – Pediu apontando a porta. Isabel me encarou. Eu conhecia aquelas feições. Obrigado, Melissa.

Bateu a porta.

– Pensa bem antes de dizer qualquer coisa. – Falou me apontando o dedo.

Bufei. Ela não queria me ajudar? Não mesmo.

– Por que fez isso?

– Já olhei demais a cara dela por uma noite. Se não se importa querido noivo, me leva para casa. Depois você volta e brinca de traição.

– Está cedo, Melissa.

– Isso pouco me importa. Você está louco para se explicar para a outra lá. Anda logo. – Me puxou pela mão me levando de volta a sala. Se despediu de todos, me beijou teatralmente e o encanto se perdeu quando entramos no carro.

CAPÍTULO 4

MELISSA

– Não precisava me trazer, era só me deixar em um ponto de táxi e pagar a corrida, é claro.

– Muito esperta você. Prefiro deixá-la em casa já, para se acostumar com a minha presença.

O encarei.

– Vamos morar juntos, querida.

– Legal você me lembrar dessa parte tocante da história, Oliver. – Sorri sem humor. – Isso é realmente necessário?

– Quem vê pensa que é sacrifício. Sim, será. Vamos morar no meu apartamento. Depois do falso divórcio você decide para onde vai.

– Você é bem direto. E eu tenho casa, vou voltar de onde vim.

Sorriu.

– Temos que ser.

– Certo. Eu posso ser direta com a loira?

– Isso não! – Me encarou seus olhos claros assustados.

– Ótimo, não prometo nada noivinho. – Paramos em frente ao meu prédio. America me encarou por alguns segundos de boca aberta. – Troca esse carro.

– Mandei.

– Por quê?

– Ele está chamando atenção na minha rua. – Bati a porta atravessando a rua, ele tinha que assoviar só para aumentar a curiosidade da minha amiga. Mostrei o dedo. Podia jurar que ele tinha um sorriso idiota nos lábios.

– Sem perguntas. – A parei. – Te conto tudo lá em cima.

Meus pés estavam reclamando, chutei o salto para embaixo da cama, puxei o vestido pela cabeça deixando tudo pelo caminho. America me acompanhava, louca para saber em que idiotice eu me enfiar. E eu esperava pelos seus gritos me chamando de retardada ou idiota.

– Mel, eu já estou tonta. Me diz o que você estava fazendo com Oliver Digori

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

no carro dele? – Ela falou de maneira engraçada.

– Tire esse toque de segundas intenções dessa frase. Bom, Oliver Digori é meu noivo. – America parecia não respirar. Estalei os dedos na cara dela.

– Você? – Gargalhou.

– Qual é o problema?

– O problema é que você é uma menina muito má. Ele só pode estar louco. – Me deu as costas.

– Ele é louco. Podemos chamá-lo de cachorrinho também, ah sem esquecer o idiota. Idiota sempre.

– Agora eu não entendi nada.

Peguei um pacote de bolacha no armário. E voltei à sala me sentando a seu lado.

– Vou me casar, mas não é nada sério. Ele só vai me usar.

– Que sentido de usar Mel? – Me encarou.

– Vou ajudá-lo a fazer ciúmes na ex loira aguada dele. Ele paga as minhas dividas e eu fico feliz. Sou estranha, eu sei. Mas ele é pior. Coisa de gente rica sabe? Isso é assustador...

– Sim, começando por ele te chamar nessa loucura, ele não te conhece. Vai que vocês começam a se gostar e...

– Pode parando por aí. Oliver é treinado, ele só obedece à loira e eu não me dou bem em relacionamentos e você sabe disso melhor do que eu.

Tive que contar tudo a ela. Até os mínimos detalhes.

....

Eu estava nervosa agora que sabia que iria mesmo me casar. Eu não quero me casar! Mas eu preciso me casar. Oliver passou a frequentar mais meu apartamento, me levar para passear, sempre dava briga no final. Imagine quando estivéssemos morando juntos!

– O objetivo é fazer ciúmes ou causar um assassinato? – Perguntou.

– Me dê menos motivos para não te matar, aí eu respondo a sua pergunta.

– E por que você disse aquilo? Poderia tê-la deixado em paz.

Sorri me jogando no sofá. Infelizmente nosso dia foi preenchido com a presença de Isabel. Se ela fosse alguém visivelmente fácil de lidar, eu mesma

os juntava e dava o fora. Mas ela é sonsa e a única vontade que tenho perto de gente sonsa é socar a cara. Coisa que ele não ia me deixar fazer.

– Tem pessoas que não merecem indiretas. Merecem tiros. Ela dá muita sorte por eu ser pobre e não usar a segunda opção. Nem nos casamos e já está brincando de traição. Que feio.

– O plano era causar ciúmes.

– É o que estou fazendo. – Ela pelo menos está nos seguindo.

– Você ia jogar o carrinho de compras nela.

– Eu? Jamais faria isso. Eu estava passando na frente, é diferente. Você vê maldade em tudo o que faço!

– Por que será não é mesmo? – Me encarou. Oliver estava vermelho de raiva, era engraçado e encantador ao mesmo tempo. Mas todo encanto passa. Hora de dar tchau ao Oliver.

– Sai, já vi demais sua cara por hoje. Só estamos noivos há uma semana e meia e o vejo como se estivéssemos casados. Intimidade demais para tão pouco tempo.

– Quer jantar comigo hoje? – Segurou minhas mãos.

– Um jantar a dois ou um jantar a três? Andou vendo a agenda dela? Não, obrigada.

O joguei para fora e bati a porta. Tudo bem, eu concordei em tudo, mas seguir a loira até dentro do banheiro como se isso fosse nos tornar melhores amigas, era demais. E nem precisava de muito, ela estava roxa de ciúmes. Isso até que era legal, mas tudo tem limites. Tomei um longo banho, não comi nada e fui dormir. Estava cansada de andar, Anna não tinha pernas, tinha motores. Era legal sair com ela quando ela não me fazia conhecer todos os centímetros do shopping.

Eu não queria me apegar a eles, eu teria de voltar para casa quando o idiota conseguisse o que queria. Oliver não tinha amor próprio, era a única explicação para tanta idiotice em uma pessoa só.

Tomei um longo banho pela manhã. Coloquei um moletom velho, eu não ia sair mesmo. Passei à tarde no quarto, Oliver ligou algumas vezes, mas eu não atendi. Até ele aparecer quase derrubando a porta do meu apartamento.

– Continua e eu arranco a sua mão. – O encarei.

– Também te amo. – Apertou minha bochecha.

Menos intimidade, amigo. Por favor!

– Não nos vimos ontem?

– Sim, não posso visitar a minha noivinha? – Sorriu.

Fechei a porta e voltei ao quarto me jogando na cama. Oliver fez o mesmo. Ele queria alguma coisa, eu já conhecia a cara dele.

– O que você quer?

– Temos um jantar essa noite e antes que comece a soltar seus palavrões ou me bater. Já aviso que será um jantar da empresa.

– E você me fala agora?

Ele pegou meu celular em meio às cobertas. É claro, nenhuma chamada atendida.

– Tudo bem a culpa é minha.

– Mentira! – Se sentou me encarando.

– O que?

– Está admitindo seu erro? – Cruzou os braços.

– Vai se ferrar, Oliver.

– Vamos juntos.

O soquei.

– Você tem duas horas. – Avisou. Saí batendo o pé mostrando toda a minha vontade de sair de casa. – Sem bater os pés. – Falou como se estivesse falando com uma criança.

O encarei da porta. Aquele sorriso era de matar.

Ah desgraçado.

Tomei um banho rápido, usei o vestido preto que Anna insistiu em me dar, Oliver não estava mais quando sai do quarto. Terminei de me arrumar e vinte minutos depois ele voltou.

– Para não dizer que não te elogio. Você está linda.- Sorriu me estudando.

Ah, claro.

– Não se diz que vai fazer um elogio a uma mulher. – Avisei.

– Obrigada, Oliver. De nada.

Seguimos em silêncio até o restaurante mais badalado da cidade, o qual nunca frequentei e nem em sonhos frequentaria. Oliver sabia que eu odiava lugares chiques onde eu não podia ser feliz da minha maneira. Ele segurou minha mão, e a apertei. Fomos bem recebidos e indicados à mesa onde um grupo parecia bem animado conversando. Harry e Mona acenaram de seus lugares, ainda estava me acostumando a parecer tão familiar.

Oliver puxou uma cadeira para eu me sentar e logo uma a meu lado. Hora de fingir muito bem Sanders. Uma conversa chata começou depois da minha apresentação. Oliver me roubou um beijo sem avisar. Quando foi que avisou alguma coisa mesmo? Ah sim, nunca.

– Por que está nervosa? – Sussurrou em meu ouvido. Senti cócegas e quase comecei a rir.

– Esse não é meu mundo. Essas pessoas são estranhas para mim.

– Enquanto estiver comigo, será, e eles são legais.

Percebi um ser no canto da mesa nos observando com cara de boba quase levantando uma placa de "casal perfeito". Ela deu corda a ele, que me puxou dando outro beijo.

– Virou festa? – Sussurrei. Sorriu ignorando minha pergunta.

O resto do jantar se passou perfeitamente bem, eu consegui comer sem fazer nada voar do prato, não arrotei e nem abri a boca para falar besteiras. Eu só precisava da minha cama e uma noite tranquila de sono. Oliver percebeu meu cansaço. Se bem que não fazer nada também cansa e eu ainda carregava o peso de uma farsa, eu estava de barriga cheia e sempre que termino de comer me dá sono.

Nos despedimos de todos e seguimos em direção ao carro. Oliver me abraçou e beijou minha cabeça. Muito estranho.

– Resolveu ser carinhoso por quê? – Me situa porque estou perdida.

– Interpretando. Mas vou ser um ogro da próxima vez, pode deixar.

Coloquei meu cinto depois de jogar o salto no banco de trás.

– Falei sério. Você está me assustando hoje.

– Bom, você está sendo uma grande amiga. Achei justo ser assim também. – Me fitou. Ele estava falando sério, eu via isso.

– Ah, entendi. Está a fim de ouvir um conselho de grande amiga?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Não. – Sorriu.

Acabei dormindo no caminho. Eu não queria acordar, eu não queria subir escadas. Mas eu precisava acordar e precisava subir escadas. Oliver me fitou.

– Chegamos.

– Boa noite. – Tentei achar os saltos, mas não deu. Depois os pegava. – Até que não foi tão ruim.

– É, não foi. Agora sou Oliver Digori, o cara que tem uma bela esposa. Um grande homem. – Sorriu.

– Isso é bom?

– Em parte. Eles sabem o que estão fazendo desde que nasci, sou como um bom exemplo que vai ter um grande nome e etc.

Certo.

– Ótimo. Boa noite, Oliver. – Falei. Antes que eu pudesse sair ele me puxou para um beijo. No começo eu ia mandá-lo parar, mas deixei que continuasse. Era só não reclamar depois.

– Não estamos em público. – Sussurrei o fitando.

– Nunca se sabe. – Beijou minha testa. – Até amanhã.

Sai meio sem rumo, ele tinha que parar com isso.

Até amanhã Oliver.

....

Eu não queria acreditar que o tempo estava passando, mas sim, ele estava. Agora falta menos de um mês para o casamento e eu nem me acostumei com isso ainda. Pensei em desistir, mas eu não podia fazer isso. Não agora, não quando todos já estavam eufóricos. Eu sou muito burra mesmo. Bem burra.

– O que foi? – Oliver perguntou.

– Nada.

– Arrependida?

– Sempre.

Bufou.

– Não por você, mas pelo modo como tudo isso está indo. Sua família é legal, você é legal, seus irmãos são legais, sua ex é uma vaca. Sério que isso tudo vale a pena?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Mel. – Me encarou.

– Pensou que eu fosse elogia-la? Acorda, são dez da manhã!

– Não entendo essa sua implicância com ela.

Claro que não. Se entendesse, seria menos idiota e mais esperto.

– Se ela te amasse, ela não teria terminado. Ela não teria outro, ela estaria com você.

– Dá para parar?

– A verdade dói, mas é verdadeira. Vamos ser honestos, acha que se casando comigo ela vai voltar para você?

– Não quero saber das suas verdades. E sim, se parecermos felizes ela vai voltar, porque era esse o nosso plano e eu estraguei tudo.

Bufei. Peguei minha mochila.

– Ótimo. Tenha uma boa manhã, Oliver. Para mim, já deu por hoje.

Se ele viesse atrás de mim ele iria se arrepender. Marquei de encontrar Anna na loja de vestidos de noivas para os últimos ajustes, mas estava irritada demais, então mudei meu curso para o parque. Achei um banco vazio, acendi meu cigarro e fiquei vendo o tempo passar. Eu queria dar o fora, mas estava atolada até a cabeça nessa história e algumas atitudes de Oliver estavam sendo perigosas demais.

– Hey. – Anna? Ótimo. Ela me achou, não sei bem como, mas me achou. Veio a passos largos, arrancou o cigarro da minha mão pisando e cima. Sorriu e me beijou na bochecha. – Esqueceu de mim hoje?

– Não. Não esqueci, só não queria ir ver o vestido de novo.

– Mel, Mel, o que está acontecendo? Vocês brigaram? – A encarei com um meio sorriso. Seu irmão é um completo idiota, isso o que eu queria dizer.

– Não. Estamos perfeitamente bem. – Abri um falso sorriso.

– E essa carinha triste?

– Não é nada. – Falei me pondo de pé e a arrastando comigo, antes que as perguntas continuassem.

Encontramos Mona e Tara se encantando com alguns vestidos, mas o meu já estava escolhido. Anna ficou encarregada de fazer tudo. Era um trabalho tão lindo, para uma farsa idiota. Eu não queria enganá-los, mas fazer o que se o

dono da família não pensava em seus atos.

– Você está linda.

– Obrigada.

Minha mãe amaria me ver assim também, era um de seus sonhos. Deixei uma lágrima escapar, que droga em Melissa, vai dar uma de emocionada logo agora? Ou isso faz parte do teatro?

– Vocês serão muito felizes. – Tara acariciou meu rosto.

Ah droga!

– Edgar não vê a hora de termos um netinho, não importa menina ou menino, queremos a casa cheia.

Ah não, eu e criança é como água e óleo, não nos misturamos. Acredite. Apenas sorri. A porta se abriu e os gritos de Anna começaram. Oliver! Que legal, pela minha cara ele percebeu que eu não estava a fim de vê-lo de novo no mesmo dia.

– Sai, Oliver! Que droga, você não pode ver a noiva.

Deixei o ombro cair saindo da pose de rainha que Anna teimava que eu ficasse. Cruzei os braços, no fim, estava dando a mínima para presença dele. O que poderia dar errado em nosso casamento se ele já era um erro? Ah sim, nada.

– Eu quero falar com a Mel.

– Pode esperar lá fora?

– Não.

Anna me encarou. Tara sorriu se pondo entre os dois antes que Anna furasse os olhos dele com a agulha.

– Está linda, não está? – Perguntou.

– Esta, sim. – Continua com esse falso sorriso que eu quebro seus dentes, essa era a mensagem em meu olhar.

– Estávamos falando de família. A nossa irá crescer. – Não. Tara, não vai.

Balancei a cabeça disfarçadamente negando. Oliver apenas me olhou. Anna o empurrou para fora e ouvi um "estou te esperando aqui". Mona me ajudou mais uma vez com o vestido, coloquei a minha velha e surrada roupa de antes e sai as deixando discutir o que faltava na minha obra de arte. Estava perfeito

para mim, perfeito até demais. Uma perda de tempo. Cala boca Melissa. Oliver me acompanhou quando passei por ele. Descemos a rua seguindo a sombra das árvores. Ele queria falar, por que não abria a boca? Eu precisava bater em alguém, precisava colocar toda a minha raiva e confusão para fora.

– Está com raiva? – Perguntou.

– O que você acha?

– Que sim.

– Ótimo, respondido a sua pergunta, agora cai fora.

Ele segurou meu braço.

– Me desculpe. – Pediu.

– Pelo que Oliver? Por você ser um idiota? Por estar atrás de alguém que não dá a mínima para você? Por você ser mais adestrado que um cachorro? Ou por você enganar sua família por uma loucura mais idiota que todas que já citei? – Puxei o braço.

– Você concordou com tudo isso.

– Eu achei que fosse fácil droga! Mas não é! Sua mãe quer netos, Anna me vê como a cunhada de ouro. Estamos enganando a todos e isso não está legal. Sem falar nos seus atos, Oliver. Você devia se ver quando aquela... Quando Isabel está por perto. Você me esquece e eu me pergunto o que estou fazendo nessa história? Acho que o papel de otária realmente. – Voltei a caminhar. Ele logo atrás, ele queria mesmo levar um soco. Minha mão estava coçando para isso.

– Eu sei que venho falhado. Mas as coisas estão dando certo.

– Parabéns para você.

– Mel, me desculpe, de verdade.

Parei para encará-lo.

– Desculpado. Está bom para você agora?

– Você ainda está com raiva.

– Estou, se eu tivesse uma arma aqui, você seria um homem morto. Me dá raiva de ver a felicidade nos olhos da sua família. Você é um idiota.

– Eu prometo melhorar.

– Não diz isso para mim. Não tenho nada a ver com isso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Somos amigos, não somos?

Dei de ombros. Eu não sei responder essa pergunta.

– Hey, falei com você.

– Não sou surda e se não respondi é porque não tenho resposta para isso, eu nem sei o que estamos fazendo direito.

– Você devia ser mais legal às vezes.

Gargalhei correndo para atravessar a rua. Louca para ele me oferecer carona para casa. Ele era lento demais para perceber isso.

– Mais? Só se eu virar santa. O que está longe de acontecer.

– Eu sei que às vezes sou chato. Já amou alguém na sua vida?

Mãe e pai conta?

– Por que quer saber?

– Talvez você entenda o que eu sinto. – Sua voz era dolorida.

Não!

– Amor não se discute, certo? Vou seguir com seu plano, afinal fizemos um acordo. Só não me mande concordar com as suas opiniões. Eu não sei nada sobre você e você não sabe nada sobre mim. Então o assunto morreu.

– Eu sei sim sobre você.

– Ah sabe? Você não sabe é mentir. Sua função é ser idiota mesmo. – Sei que vai ter um futuro brilhante se continuar assim.

Fechou a cara. Meu olhar seguiu para o ser que atravessava cheia de sacolas. É nessas horas que me pergunto, por que um caminhão desgovernado não passa?

– Olha quem está vindo aí, sua dona. – Dei um tapinha em seu peito.

Ele me encarou antes de olhá-la.

– Oliver. – Falou. – Melissa. Quanto tempo! – Fingiu surpresa.

– Engula sua falsidade e morra engasgada. Até mais Oliver.

Ah ele estava furioso. E eu? Eu estava me sentindo mais leve. Só queria voltar para casa e esquecer que tudo estava acontecendo dessa maneira.

OLIVER

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Tudo bem, tudo estava indo longe demais. Mas quando foi mesmo que eu disse que isso tudo não seria complicado? Mel vivia em uma TPM interminável e isso estava me deixando louco. Se eu achava Anna irritante, não acho mais. Isabel me encarava seria.

– Ela é insuportável. – Resmungou.

– Está nervosa, coisas do casamento.

Isabel me encarou torcendo o nariz.

– Tem certeza que vai se casar com ela?

Isso é ciúmes?

– Sim.

– Nem acredito. – Desviou seu olhar.

– Por que não?

Deu de ombros. Mel sumiu quando virou a esquina. Eu devia ir atrás dela?

– Está indo para casa? – Perguntei.

– Não, estava pensando em comer alguma coisa. Quer me acompanhar?

Sorri.

– Claro.

– A outra não vai se importar?

– Não. Com certeza não.

A levei ao restaurante do centro. Passamos um bom tempo falando do passado. Ela ainda se lembrava de tudo, isso era bom. Estava bom, até Felix chegar atrapalhando tudo e me tornando invisível, provando do mesmo veneno.

– Oliver.

– Felix.

– Perdi alguma coisa? – Perguntou.

Isabel sorriu.

– Não querido, estava mesmo te esperando. Oliver estava me fazendo companhia.

Não consegui esconder a raiva, é, eu estava com raiva. Ela deu a corda e depois puxou.

– Bom, chegou a minha hora. – Falei, e quase não perceberam isso.

– Ah claro. Nos vemos depois, Oliver.

Assenti.

Passei um longo tempo dentro do carro os observando de longe. Ela ia ser minha de novo.

Mel! Ela deve estar furiosa. Liguei algumas vezes para o seu celular, mas estava desligado. Eu sabia que ela ficaria feliz se eu levasse alguma coisa. Passei na cafeteria, comprei todas as porcarias possíveis que ela comia sem nem ao menos oferecer.

Seis horas. Ela devia estar acordada. Fiquei sentado na porta dando um pouco mais de tempo. Meia hora depois ouvi barulho de coisas caindo e ela xingando o mundo. Bati na porta algumas vezes. Na quinta vez, ela abriu e ia bater à porta de novo, mas a segurei.

– O que você quer? – Perguntou ajeitando o cabelo.

Estendi a sacola.

– Está tentando me comprar com isso?

– Sempre dá certo. – Sorri.

– Não estou afim hoje Oliver, te convido a ir embora. – Tentou fechar a porta.

– Não quero.

Gargalhou.

– E quem foi que te perguntou?

– Eu deixei de ir ao trabalho hoje para ficarmos juntos, mas você estragou tudo desde que o dia começou.

– Isso foi um grande erro. Você sabe como eu sou, sabe que vamos discutir.

– Me deixa entrar e vamos consertar isso. Amigos lembra? – Ela vai socar a minha cara. Abriu caminho depois de alguns segundos.

– Não me lembro.

Coloquei as sacolas na mesa vendo um monte de panelas espalhadas no chão. Ela as jogou uma a uma de volta ao armário.

– Por que veio?

– Senti sua falta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Eu perguntei "por que veio" e não "me conte uma mentira".

Ela não colaborava.

– Precisava de companhia.

– O que não falta é companhia. A sua dona te dispensou?

A encarei.

– Não está mais aqui quem falou. – Deu de ombros juntando sua bagunça. O apartamento estava cheirando a produtos de limpeza.

– Felix chegou e atrapalhou tudo.

– Legal, mas não quero saber. – Falou carregando um pote com bolachas. Peguei as sacolas e a acompanhei.

Mel chutou a porta do quarto, procurou o controle da TV em meio às cobertas e tirou o filme do pause, me sentei a seu lado. Ela começou a fingir que não me via.

– Não vai querer o que eu trouxe?

– Já estou comendo.

Peguei uma bolacha e estava murcha.

– Está murcha.

– Não come, nem te ofereci.

– Vai começar a ser ignorante?

– Pare de implicar comigo então.

– Deixa de ser orgulhosa e come aqui comigo. – Virei a sacola na cama deixando todas aquelas porcarias virar. Ela abraçou o pote dela e me encarou. Assenti a vendo feliz pegar um bolinho.

– Isso não se faz seu desgraçado!

– Também te amo, Sanders.

– O que já falamos sobre dizer "eu te amo"?

– Amigos também se amam.

Sorriu balançando a cabeça.

– Me desculpe de verdade.

– Tudo bem. Você não tem culpa de ser assim.

Sorri. Uma hora ela me deixaria louco mesmo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO 5

MELISSA

O grande dia...

– Não Oliver! Não dá para me acalmar! Dá para me explicar porque os dias correram tão rápidos? – Como assim já vamos nos casar?

– Fica calma!

Me sentei na cama com a cabeça cheia de bobes que Anna colocou. Eu estava louca para surtar e aguentei por muito tempo tudo isso.

– Ficar calma? Já te mostro como vou me acalmar.

– Respira fundo. Só isso.

Desliguei. Ele não estava ajudando mesmo. Me fitei no espelho por longos minutos, eu tinha olheiras, estava cansada, não dormi. Pelos meus cálculos, faltava um mês. Não, faltava, há um mês atrás. Meu vestido estava estendido em minha cama, minha mala já estava pronta. Um frio na barriga estava me fazendo ir ao banheiro a todo instante fazer xixi. Anna voltou mais rápido do que achei possível. Mona me deixava menos nervosa.

– Está linda, mas acho que te mandei dormir essa noite. Espero que Oliver não tenha feito visitas noturnas, ninguém o mandou recusar sua despedida de solteiro.

Eu queria gargalhar. Oliver me visitar? A piada do século, ele visitava outra residência e não era a minha.

– Não. Ele não apareceu.

– Fica calma, Mel.

– Estou ótima. – Cai um raio na mentirosa aqui. Mona sorriu.

– Quer se ver? – Anna perguntou depois de seus últimos ajustes.

– Não.

Anna virou o espelho. Mas que droga! Eu disse não! Ah meu Deus, onde eu estou? Essa não era eu.

– Que mágica vocês fizeram?

– Você já é linda Mel. – Mona apertou meus ombros.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Dei uma risada nervosa. Eu, linda? Se isso tivesse vindo da minha mãe eu até acreditaria. O telefone tocou e Mona atendeu, meu coração deu um salto. Anna saiu arrastando minha mala, me segurei para não agarrá-la, é eu estava me casando.

– Harry já está aqui em baixo. – Ótimo. Valeu aí universo. Todos a meu favor. Mona me ajudou nas escadas. Uma lágrima escorreu.

– Aí que lindo, está emocionada. – Anna bateu palmas.

Não, estou desesperada mesmo.

– Pare de chorar Mel, vai borrar a maquiagem.

Ah claro a maquiagem. O sol incomodou meus olhos, eu já conseguia ouvir a risada de Harry. Ah desgraçado.

– Sem piadinhas, Harry.

– Eu só ia perguntar onde está a Mel?

Mostrei o dedo.

– Não perde o humor. – Me abraçou ouvindo Anna gritar para que não me amassasse.

– Fica nervosa não Mel, Oliver não morde. –Gargalhou.

Minhas mãos estavam suando. A maquiagem iria se desfazer e voltou à vontade de fazer xixi.

– Droga!

– Que foi Mel?

– Wow, nada. Só nervoso. Já vai passar. – Quando eu for urgente ao banheiro.

Harry parecia andar em círculos. Jurava ter visto a mesma loja umas cinco vezes. Parei de pensar, respirei fundo já pedindo perdão a Deus pelo que estava fazendo. Me odiava por ver alegria em cada olhar. Ah céus.

– Estamos quase lá.

Segurei a cabeça quando avistei a rua da igreja, mais a frente os carros, Anna chegou junto com a gente chamando atenção. Mona me abraçou.

– Preparada? – Perguntou.

Se me perguntar isso de novo eu fujo.

– Estou. – Estou sim, mentindo terrivelmente.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Na minha cabeça, me via agarrada ao banco do carro com todas as minhas forças. Mas não era essa a realidade. Harry me puxou carinhosamente para fora como se lesse meus pensamentos. Edgar estava lindo, tudo bem, por mais que fosse uma farsa eu queria meu pai ali, compactuando comigo. Casar com Oliver estava se transformando em loucura, o tempo passou tão rápido, eu estava com medo. Até quando fingiríamos? E se algo desse errado? Tá, e se eu gostasse dele e ele de mim?

Que tudo dê errado a esse favor. Vamos lá universo. Me ajude. Não olhei para dentro da igreja, apenas me juntei a Edgar. Ele sorriu e me beijou no rosto, como desejei que meu pai fizesse. Minhas mãos estavam suando. Anna não estava atrás de mim? Me assustei ao vê-la no altar. Nem sei como consegui enxergá-la diante do meu nervoso.

– Bem-vinda à família. – Edgar sussurrou. Fui incapaz de responder.

Eu não conseguia. Meu coração bateu mais forte quando o vi. Que reação mais idiota para se ter nessas circunstâncias. Aquela música que eu tanto sentia repulsa começou, estava com medo de cair, pois minha mente muito traíra só me mostrava o que não prestava. de repente me deu vontade de sorrir. Isso tudo acontecia quando eu não olhava para Oliver. Eu só podia estar ficando idiota mesmo. Isso estava real demais para mim.

Fim da linha. Edgar me beijou na testa e Oliver sorriu. Eu não consegui com sucesso. Não quando várias coisas estavam acontecendo ao mesmo tempo. Olhei para trás quando todos se sentaram, minha cara era de espanto diante de vários rostos irreconhecíveis por mim e apenas uma pessoa podia me passar confiança e a mesma parecia se esquecer que era tudo uma mentirinha, America se parecia com a garotinha que conheci planejando nossos casamentos.

Me sentia em um lugar desconhecido, com pessoas desconhecidas. Voltei minha atenção ao falso padre. Oliver sorriu. Minhas atenções foram voltadas as palavras que ele dizia, aquele famoso voto raramente cumprindo. E o nosso não estaria encaixado nesses "raros". Meu mundo dava voltas e voltas. Uma parte de mim me mandava ficar quietinha, a outra gritava me atentando "corre, corre, corre", sim eu queria correr. Uma lágrima escapou, esperava que ninguém tivesse visto.

Fechei os olhos quando a hora do "sim" se aproximou. Meu coração bateu

mais rápido quando Oliver disse seu "sim" em alto e bom tom. O encarei nervosa. Era a minha vez. Estava tão acostumada a dizer "não" a tudo, que estava difícil me lembrar do sim. Ele me incentivou.

– Sim. – Sussurrei com a voz trêmula.

– Eu vos declaro marido e mulher.

Ah, sim. Meu marido.

– Pode beijar a noiva.

Respirei.

Era como beijá-lo pela primeira vez, Oliver se transformou em um estranho para mim. Ele inclinou a cabeça na direção da minha, me estiquei um pouco para alcançá-lo. Ele começou devagar, um simples toque. Eu queria gritar DANE-SE TODO MUNDO. Mas não podia. Precisei me afastar para terminarmos logo. Ou ele se esqueceu que tudo era cronometrado entre a gente? Todos aplaudiram.

Na saída nos jogaram arroz, eu tinha arroz até dentro do ouvido. Com tanta criança passando fome, pensei. Harry nos atirou arroz com toda sua força. Ele dava sorte por eu ter que manter a pose.

Passamos pelas felicitações particular da família. Harry me sufocou, era estranho já tê-lo como um melhor amigo em minha cabeça. E assim por diante, um por um. Isabel se limitou ao ato. Um favor que fazia a vida dela. Oliver esperou os outros se afastarem para me puxar para conversar, mas Anna anunciou a festa e me arrastou de perto dele. Mais uma vez, Harry foi nosso motorista. Anna me ajudou com um vestido creme quando chegamos a casa de seus pais, corri para o banheiro logo depois. Em poucos minutos a casa estava cheia. Tudo parecia acontecer em alta velocidade e não estava mais assimilando as coisas.

– Estavam perfeitos. – Sorriu.

– Obrigada.

– Está ansiosa? – Perguntou maliciosa.

– Para que?

Sorriu.

– Lua de mel. – Eu queria chorar. Estava ansiosa para um raio cair. Mas ele não ia cair. Eu sabia. Apenas sorri.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Te desejo sorte.

Ah, eu vou precisar. Voltamos ao primeiro andar. Oliver e Isabel conversavam em um canto, apenas fiz outro caminho pegando um champanhe e me refugiando em uma mesa. America me achou vindo em minha direção e me abrigando em seu abraço, eu precisava disso.

– Como se sente? – Me estudou.

– Estranha.

– Estranha como?

Nem eu sabia.

– Estranha.

Sorriu.

– Estava linda.

– Não se esqueça do que falei.

– Mesmo assim estava linda. – America seguiu o meu olhar o encontrando. – Se eu fosse você, eu ia lá.

– Deixa ele. Estou bem aqui.

Anna trocou algumas palavras com Oliver ao perceber nossa distancia e rapidamente o vi se aproximar. America nos deixou antes que eu pudesse segura-la no lugar. Peguei outro copo, eu não queria fazer sala a ninguém e não pretendia me levantar dali até a hora da "lua de fel".

– Estava linda.

– Você também.

– Está falando sério?

– Não. – Sorri.

Sorriu.

– Ansiosa para a lua de mel?

– Pode parando Oliver. Pretende voltar vivo, certo? – Virei o liquido na boca. Sorriu em meu pescoço fazendo cócegas. Isabel nos encarava do outro lado e isso estava começando a me irritar.

– Fica calma, iremos apenas nos divertir.

O empurrei.

– Não é o que você quer?

– Vamos fazer assim, só fala comigo quando formos a esse maldito lugar, certo? E sim, iremos fazer qualquer coisa. Mas cada um de um lado.

– Como desejar.

– Ótimo.

Anna fez escândalo na hora de jogar o buque, me arrastei para onde estava vendo dezenas de mulheres encalhadas se aglomerando no lugar. Oliver riu do meu espanto. Vi Isabel se aproximar. Ela queria o buque é? Oliver balançou a cabeça em negativa. Meu sorriso se alargou e quando se aproximou mais, joguei o buque na cara dela puxando o microfone da mão de Anna sem mais delongas.

– Isso é para te dar sorte. Quem sabe dessa vez você não desencalha. – Sorri. Desci do pequeno palco improvisado. Oliver me acompanhou. – Calado. – Falei antes que começasse.

Passei a maior parte do tempo como miss, dando tchauzinhos e sorrisos, até enfim, chegar a hora de irmos. Oliver me puxou carinhosamente ainda irritado pelo episódio buque e por Isabel ter soado envergonhada o resto da noite. Abracei todo mundo de novo e entrei no carro. Harry de novo?

– Oi de novo. – Se virou no banco sorrindo para mim.

– Tem gente que não ama a vida mesmo. – Sussurrei. Eu já amava esse cara. Por que Oliver não era como o irmão?

– Também te amo, Mel. – O soquei enquanto Oliver parecia distraído.

– Para onde vamos?- Perguntei ganhando sua atenção.

– Surpresa.

Eu já ia começar, mas me lembrei de Harry como companhia ali. Chegamos ao aeroporto pouco depois. Minhas malas já estavam fora do porta-malas. Oliver abraçou Harry, Harry me sufocou.

– Não destruam a casa. – Brincou.

– Cala a boca. – Mandei.

– Parem os dois. – Oliver resmungou.

– Cala a boca você também.

Ele ia começar? Harry gargalhou entrando no carro.

– Não briguem, se amem. Boa sorte, voltem bem.

Oliver segurou a minha mão. Quando o carro se afastou, a puxei.

– Não precisa disso.

Vamos lá, à lua de fel.

...

Uma coisa que eu tinha medo mais do que barata? Ah sim, uma caixa chamada avião. Eu odeio avião, mas Oliver não precisava saber disso. Certo, ele percebeu, mas é daí?

– Com medo que caia? – Abriu um sorriso.

– Cala a boca.

Gargalhou.

– Querem amendoim? – A aeromoça perguntou com um sorriso idiota na cara.

Eu quero voltar para a terra, só isso. Pode ser?

– Não obrigado. – Oliver falou por mim.

Fechei os olhos e tentei relaxar ignorando Oliver puxando meu cabelo. Da última vez que fez isso, o olhei com um aviso claro de "me deixa em paz pelo amor de Deus". Engraçado, ele me entendeu pela primeira vez. Acabei pegando no sono logo depois. Acordei com ele me puxando carinhosamente de um pesadelo.

– Ah meu Deus! – Segurei o peito.

Gargalhou.

– Isso que dá ser uma má pessoa. Levanta logo, já chegamos à terra firme. – Falou me deixando para trás.

Que cavalheiro, ele deixou minha mala para que eu carregasse. Isso aí Oliver, você é demais. Empurrei algumas pessoas, foi preciso, e consegui sair tendo de correr para alcançá-lo.

– Pensei que não quisesse me acompanhar. – Zombou.

– Oliver, não começa. Me diz, para onde vamos?

– Um lugar muito especial.

Ah claro, um lugar especial. Pegamos um táxi alguns minutos depois. Meu estomago estava roncando. Eu queria uma cama de verdade.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Preciso dormir. – Fechei os olhos.

– Em lua de mel não se dorme.

O encarei.

– Fala sério, para onde vamos?

– Já falei.

– Ajudou muito.

– Fica calada, fica. – Parou me encarando.

Eu ia começar a gritar, mas o motorista me fez calar com seu olhar. Meu estomago voltou a roncar, paramos alguns longos minutos depois em um lugar cheio de barcos. Oliver sorriu e saiu do táxi. O acompanhei vendo o carro se afastar quase me levando.

– Me leva idiota. – Gritei vendo o carro levantar poeira no sentido figurado da coisa.

– Fica reclamando, ele volta e passa o carro em cima de você. – Gargalhou.

O acompanhei até um rapaz que parecia nos esperar. Até que era bonitinho.

– Alec.

– Oliver. Quanto tempo?

Quando foi a última vez que estive ali? Que fora de classe me levar ao lugar onde a vaca já esteve.

– Já faz um tempo. Bom, essa é minha mulher, Melissa.

– Prazer Melissa.

– O prazer é todo meu. – Sorri envergonhada e Oliver me empurrou.

O que?!

– Meu barco está pronto?

– Esta, sim. Aqui estão as chaves, espero que façam uma boa viagem.

Oliver mais uma vez me puxou, acho que isso foi quando eu estava babando no garoto gentil a nossa frente. O encarei já me sentindo tonta quando ele ligou o motor assim que me acomodei. Certo, ele vai me levar para o meio do nada.

– Estou com fome, sou um ser humano e preciso de alimento. Eu não comi nada desde que o dia do nosso lindo casamento começou.

– Não percebi isso.

Enquanto ele pilotava o barco, eu entrei para o interior. Era mais bonito que meu quarto. Uma cama, isso é demais, apenas barras de cereais para comer e um macarrão instantâneo. Peguei uma barra de cereal e voltei à frente do barco. Oliver me fitou.

– Que foi? – Perguntou. Sua camisa estava aberta e pela primeira vez em tempos voltei a me tocar nele.

Ele poderia fechar todos aqueles botões só para eu continuar no personagem, porque ele era um home intocável por mim.

– Para quem está com fome, só uma barra de cereal? – Me despertou.

– Isso é tudo o que temos senhor incrível.

Oliver bufou.

– Anna.

– O que ela tem a ver com isso?

– Estava encarregada de fazer tudo. Ela deve ter esquecido.

Legal. Muito legal.

– Vai demorar muito para chegarmos à terra do nunca?

– Dá para ficar quieta? – Voltou sua atenção a direção.

O sol havia se escondido por entre as nuvens. Me sentei perto da porta observando o idiota todo feliz. Mas, por quê? Estamos indo para algum lugar que não vai fazer a menor diferença quando não vamos fazer nada. Isso, não vamos fazer nada porque não somos um casal.

– O que foi?

– Nada. – Sussurrei me deitando do chão gelado. Já estava cansada de ouvir a água bater no barco e de olhar o nada.

– Pensando demais.

– Às vezes é bom usar o cérebro. Te indico essa prática. – Gargalhei. – Na verdade, estava pensando no Alec, ele parece tão...

– Criança.

Que foi?

– Não estou podendo escolher não, Oliver. Quando eu sair dessa farsa, acho que vou investir.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Riu fazendo seus ombros balançarem.

– Te dou todo o apoio, vai precisar de fraldas também?

Mostrei o dedo e voltei a deitar. Acho que dormi, não sei por quanto tempo, mas dormi. Acordei ouvindo palavrões e não achei Oliver. Mas como ele estava gritando, não foi difícil de achá-lo. Oliver saiu de um buraco, sem camisa e sujo de graxa.

– O que aconteceu?

– Problemas no motor.

Só precisei olhar ao redor para começar a surtar.

– Só me diz que tem conserto.

– Tem conserto.

Ótimo.

– Vai lá arrumar.

– Tem água, temos que esperar secar.

Legal!

– Seu IDIOTA! Eu quero terra firme. Eu tenho medo de tubarões e você me diz que essa porcaria está enchendo de água?! Oliver!

– Cala a boca e me deixa pensar.

Ótimo. Estava surtando internamente a ponto de gritar. Se esse barco afundar provavelmente morrerei afogada. Sim, eu tenho medo de água, peixes, aviões, baratas. Tenho medo de mim. E eu não sei nadar.

– Você é um idiota. – O soquei. – Eu vou acabar com você!

– Dá pra parar? No momento só temos que esperar.

– Esperar o que? Que um tubarão nos coma, vivos? Ah claro, vou esperar. Eu sou jovem, vinte e três anos não é nada ainda.

Oliver gargalhou. Muito engraçado.

– Entra agora nesse buraco e faz essa porcaria pegar.

Eu não ia chorar ia? Com certeza ia.

– Olhe ao seu redor Oliver, o que você vê? Não há nada, vamos morrer aqui.

– Pare de ser exagerada.

– O que mais falta acontecer? Chover?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ah droga!

Oliver me encarou a ponto de pular em meu pescoço e como a obra do destino os primeiros sinais de chuva começou.

– Me faz um favor? Não abra mais a droga da boca!

O ajudei a fechar o acesso ao porão do motor. Meu coração estava acelerado, eu não queria morrer no meio do nada. E Oliver vai me pagar por isso.

– Está molhada.

O encarei. Era obvio que estava. Me jogou a toalha.

– Você não vai morrer. Relaxa.

– Relaxar? Se eu achar uma arma nesse maldito barco eu estouro a sua cabeça. Por que você me trouxe para cá?

O barco balançou e a luz baixou me fazendo saltar para cama. Certo, não tem colete salva vidas. Oliver fechou a porta, estava escurecendo. E eu estava chorando.

– Por que está chorando?

– Odeio barcos, aviões. Essas coisas nos mata.

– Sua língua nos mata.

O empurrei encarando o nada no lado de fora.

– Estamos no meio do nada e é bom que você me tire daqui.

Escureceu rápido demais. Oliver parecia bem despreocupado sentado na cama comendo o único macarrão instantâneo que tínhamos graças a sua irmã.

– Se quiser, é só pedir.

Me sentei a seu lado.

– Eu não quero nada.

Sorriu.

– Você não vai morrer hoje, e quando isso acontecer eu mesmo irei matá-la. Pagaré por tudo o que me faz.

Bufei.

– Agora vai lá, pega uma colher e venha comer comigo.

– Você não manda em mim.

– Vai logo Mel.

Terminamos de comer e como sempre o sono me bateu. Eu não queria dormir na mesma cama que Oliver, mas essa noite eu abriria exceção. Estava morrendo de medo.

– Amanhã você vai arrumar essa porcaria... ou vai nadando até a costa.

– Cala a boca Melissa ou vou te jogar do barco.

Sorri... de nervoso.

CAPÍTULO 6

OLIVER

Definitivamente não dá para dormir com Melissa Sanders, na verdade a ouvi falar por duas horas até ameaçá-la e enfim se calar. Sua choradeira até que era engraçada para quem parecia não ter medo de nada.

Acordei cedo, o sol apareceu e estava quente. Precisava fazer o motor pegar ou realmente morreríamos ali. A água não danificou nada, consegui juntar umas peças que eu nem sabia se era a certa e depois de muita fumaça, tudo voltou ao normal.

– Você de biquíni? – Sim, estava de biquíni. Era o mais perto de confortável que a via perto de mim.

– Sua irmã não mandou nada útil. Só tem biquíni na minha mala e eu espero achar algo para vestir.

Anna!

– E então, conseguiu arrumar essa porcaria? – Perguntou. – Ah meu Deus, aquilo são gaivotas?

Sim, eram. Assenti.

– Oliver, tem alguém morto ali! – Apontou. Sua expressão era horrorizada, as mãos indo para o peito enquanto observava as aves voando.

– Deixa de ser louca, Melissa. – Ri.

Se debruçou no parapeito.

– Gaivotas comem gente.

– É urubu, esperta. – A risada explodiu.

Bufou.

– Vamos sair daqui Oliver, eu estou com fome, estou com medo. Estou irritada. E parece que essa ideia de se perder, esta dando certo.

Liguei o motor, e antes que ela comemorasse a parei. Ela tinha uma língua abençoada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Quietinha.

Pulou batendo palmas. O motor parou algumas vezes durante a viagem, mas não estávamos mais tão longe da costa. Melissa sossegou e parou de me infernizar com a conversa de tubarão. Era incrível como ela conseguia divagar e ter ideias mirabolantes, às vezes ria de suas próprias ideias loucas.

– Falta muito?

– Todas as vezes que você abre a boca o motor para.

Resmungou se sentando no chão a meu lado.

– Não tenho culpa se as coisas dão errado.

Passamos a manhã a base de barras de cereal, almoçamos barra de cereal e mais um pouco o ogro dentro da garota impaciente explodiria. Ela tinha razão por estar irritada, se não fosse pelo tempo, motor e minha falta de experiência como mecânico, talvez tivéssemos chego antes.

Ou se eu fosse mais inteligente e não tivesse levado tão a sério tudo isso, poderíamos estar em casa mentindo sobre qualquer viagem incrível. Mas eu precisava de férias, precisava analisar tudo isso fora de casa.

– Oliver!

– Estamos chegando.

– Você já me disse isso de manhã, olhe o tempo.

A encarei. Chega de falar do tempo. Melissa sumiu por um bom tempo dentro do barco, estava cansada de olhar para minha cara segundo ela, mas na verdade estava comendo o resto das barras de cereais que tínhamos para o resto da viagem. Estava escurecendo de verdade quando resmungou da porta, usava uma camisa minha e o cabelo estava preso no alto da cabeça. Estávamos chegando, já conseguia ver a sombra da casa.

– Não me diz que aquilo é terra firme?

Assenti sorrindo.

– Obrigada Senhor, terra firme. – Gritou fazendo a dança mais louca que já vi na vida e me provando o quanto lhe falta coordenação.

Fumaça. Motor. Droga Melissa! Voltei ao porão, demorou quase uma hora até conseguir achar o problema. Eu os mandei olhar essa porcaria antes de pega-la.

– Gira a chave devagar. – gritei.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Não quer virar!

– Coloca força nessa porcaria.

Ela colocou a cabeça no porão.

– Vai ser educado ou vai querer morrer sufocado aí dentro? – Ergueu uma sobancelha.

– Por favor Melissa, vire a chave com um pouquinho de força meu amor.

O motor rugiu. Voltei para o posto e a proibi de qualquer comemoração. Devia ser umas seis horas quando consegui atracar. Melissa saltou do barco chutando a areia fina. O sorriso era enorme.

– Eu não acredito que estou em terra firme. Obrigada Senhor. – Pensei que beijaria o chão, mas acho que mudou de ideia. – Muito obrigada. Terá de me arrastar de volta para essa coisa Oliver Digori!

Peguei minha mala e a dela, as chaves ainda estavam em meu bolso. Melissa parecia boba olhando a casa de fora. Sorri. Abri a porta acendendo a luz. Algo me dizia que Anna esteve ali. Melissa parecia perdida e encantada ao mesmo tempo. Me deixou para trás seguindo para a... cozinha. O ogro dentro dela saltou para fora e ela estava quase dentro da geladeira. Sorri.

– Isso sim é comida de verdade. – Falou.

– Vou tomar um banho e depois fazer alguma coisa para comer.

– Vai lá, já me identifiquei com a cozinha. – Sorriu.

Subi para o quarto, larguei a mala de um lado e corri para o banheiro. Um dia e meio em alto mar me deixou estranho. Ouvi panelas caindo e nem me estressei, ela devia estar tentando destruir a cozinha. Minutos depois estava de volta. Melissa observava o mar da janela segurando um copo grande de suco.

– Encantada? – A assustei.

Cuspiu o suco.

– Quer me matar Oliver?! Meu Deus, meu coração vai sair pela boca idiota. – Fechou os olhos com a mão no peito

Gargalhei.

– Deixa de ser medrosa.

– Só somos nós dois aqui?

Assenti.

– Aqui tem aqueles macacos, canibais, índios que comem gente, essas coisas?

– Tem sim.

Me encarou e não consegui conter o riso por muito tempo.

– Não tem nada disso aqui seu idiota. Eu amo a civilização, cheiro de poluição, pessoas sabe?

– Eu sou o que?

Deu de ombros me dando as costas. Anna deixou um bilhete na geladeira.

“Fiz a compra do mês, não sei o que a Melissa gosta, mas comprei o suficiente... Isso se vocês realmente se lembrarem de fazer as refeições. Espero que dê tudo certo, seja um cavalheiro Oliver D.

Anna Digori. ”

Bom, Melissa come até pedra, e sim, nós nos lembraríamos de fazer todas as refeições diariamente. Joguei o bilhete fora e coloquei o macarrão no fogo, peguei o que precisava na geladeira. Quando a comida começou a cheirar, ela voltou. Tomou banho, o cabelo estava molhado e mais uma vez estava usando uma camisa minha.

– Você não tem roupa?

Me atirou um bilhete.

“Espero que tenha entendido o sentido da coisa, roupa é o que você não vai precisar enquanto estiver aí, então não vi necessidade de mandar tudo o que você separou. Espero que aproveite bastante. Oliver está precisando”.

– Não, eu não tenho roupa. O que Anna tem na cabeça? – Gritou.

– Se acostume.

Arrastou uma cadeira. Voltei ao jantar, ela parecia séria, mas ignorei. Estava tudo pronto. Comeu em silêncio e de repente não estava atacando como de costume.

– O que foi? – Perguntei.

Me encarou mordendo os lábios.

– Não vamos dormir juntos... vamos? – Tirou os olhos do prato.

Sorri.

– Não. Vamos nos divertir, lembra? – Pisquei.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Me jogou o pano de prato.

– Não ligue para Anna. Vamos seguir com o plano.

Terminamos ainda sob silêncio. Limpei a cozinha e segui para sala. Melissa estava deitada de cabeça para baixo no sofá, típico estilo criança. Virou os olhos ao me ver. Me sentei a seu lado puxando sua perna para o meu colo.

– Está muito quieta. – E estranhamente isso me incomodava.

– Aqui não tem TV?

– Tem a sala de vídeo.

Ficou de pé em um segundo. Me puxou com ela, com seu jeitinho carinhoso de ser, tive que indicar o caminho. Seus olhos brilharam quando viu todos os filmes na parede e a enorme TV.

– Isso é incrível.

– Então, o que quer ver? Tem uma aqui, terror na ilha. É bom.

– Estamos em uma ilha Oliver, nem pense.

Gargalhei me atirando no sofá esperando que ela se decidisse, já tinha uns dez nas mãos, mas nenhum parecia o que queria ver. Quando se decidiu, o filme não quis pegar. Sorri escondendo o rosto na almofada.

– O que adiante ser desse tamanho e o DVD não pegar. – Reclamou.

– Deixa que eu escolho.

Peguei um de terror, chega de romance. A casa de cera. Perfeito. Quando a música começou Melissa me encarou. Vinte minutos depois.

– Você é um desgraçado. Oliver.

– Você mete medo em todo mundo e está com medo desse filme?

Me encarou erguendo a sobrancelha.

– Escolhe outro então.

– 007. – Falou me atirando o DVD.

Ela prestou atenção nas primeiras meias hora, depois parecia entediada. Mas assistimos até o fim.

– Gosta daqui? – Perguntou deitando de cabeça para baixo de novo.

Me ajeitei para que seu pé não batesse na minha cara.

– Gosto. Minha mãe tem essa casa há anos.

Me fitou.

– Fomos todos concebidos aqui.

Sorriu.

– Nesse sofá.

Saltou do sofá me encarando.

– Oliver!

Tive crise de riso por uns cinco minutos.

– Essa casa é mágica. – Falei em meio aos risos.

– Eu não quero saber da magia dela. Você aí e eu aqui. – Se sentou no chão cruzando as pernas. Parei de rir quando começou a se irritar.

– Falei sério. Acho que eu fui feito aqui.

– Eu não quero saber onde você foi feito, Oliver.

Conversamos mais um pouco e era impossível não rir de tanta besteira. Melissa resolveu que queria ir dormir, estava irritada com o barco. Uma notícia, só tem uma cama.

– Vamos dormir juntos.

Sorriu sem humor me empurrando para fora do quarto.

– Não, não. Você dorme no sofá.

– Nem morto. Qual é o problema, a gente já dividiu a cama antes. E se for para reclamar, deixa que eu faço isso. Você chuta, me puxa, coloca a perna em cima de mim...

– Tá, eu entendi. O quero bem longe, entendeu?

Sorri abrindo caminho. Melissa separou nosso perímetro com os travesseiros, apagou a luz e ficou fitando o teto. Ela demoraria a pegar no sono.

– Não está mais com sono?

– Estou, não quero assunto e boa noite.

Gargalhei baixinho.

– Boa noite e só para avisar, Anna foi a única feita nesse quarto.

– Aaaah Oliver!

MELISSA

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Seu desgraçado, me solte Oliver, eu não vou dormir nessa cama. Me solte Oliver Digori! – Mandeí.

Oliver se agarrou a minha cintura e nem o socando ele me soltava. Eu não ia dormir mais dentro dessa maldita casa fértil! Oliver estava ficando louco, mas antes que eu pirasse, eu o mataria primeiro.

– Se você não me soltar, eu vou arrancar a sua mão.

– Quem dorme não fala. – Falou.

Idiota.

– Esse lugar está me traumatizando. – Parei de lutar pelo cansaço. Oliver soltou minha cintura prendendo o meu pé me dando as costas.

– Não vai me soltar?

Claro que não. Quando ele começa, ele não sabe parar. Acabei dormindo assim mesmo, acordei em cima dele, me assustei quando encarei suas esmeraldas. E nem dava para disfarçar. Sorriu.

– Bom dia para você também. – Se levantou me fazendo cair de lado.

– Você me paga Oliver. Quantos anos tem? 10?

– Não, uns... 6. – sorriu seguindo para o banheiro e batendo a porta. – Continuei na cama até a porta se abrir e ele aparecer apenas de toalha. – Você tem cinco segundos para dar o fora, depois não me culpe pelo que verá.

Saltei da cama direto para o banheiro. Essa ilha estava mexendo comigo e não faziam nem dois dias que chegamos. Tomei um longo banho até quase me desintegrar. Como Anna esqueceu que sou uma pessoa da cidade e não uma índia, o jeito foi usar as roupas do meu adorável marido mesmo. Apenas a parte de baixo do biquíni e uma camisa gigante.

Oliver estava na varanda, roubei seu café da manhã enquanto estava perdido contemplando a natureza.

– Você podia pedir de vez em quando. – Falou quando mordeu o sanduíche.

Que droga, como ele viu?

– Você estava animado aí, não quis atrapalhar.

– Hmm.

Comi em silêncio e ele continuava do mesmo jeito, parecia distante. Mas não me interessava no que estava pensando. Deixei o copo de um lado e me atirei

no chão ouvindo o barulho do mar, estava quase dormindo de novo quando Oliver falou comigo.

– Vamos nadar?

– Fala sério.

– Estou falando sério, estamos em uma ilha e vamos ficar parados?

Ótimo.

– Não gosto de água. Na verdade, eu tenho medo de mar. Por uma aposta eu quase morri.

Eu falando sério e o idiota rindo da minha cara. Quando dei por mim ele já estava de pé e me pegou feito uma boneca de pano. Eu devia colocar todo o meu café da manhã em suas costas.

– Oliver, o que está fazendo? – Tentei não focar na visão que tinha.

– Matando o seu medo.

– Me solte Oliver. – Falei o socando, mas ele parecia nem sentir.

Sua risada alta me deixava com medo, ele sabia que eu tinha medo de água, tubarões e outros bichos aquáticos que poderia me comer viva. O soquei, mas nada, ele me carregava com toda força que tinha. Estávamos perto, muito perto do meu enfarte.

– Você um dia vai me agradecer por isso.

– Eu vou te matar quando você me soltar! Acredite.

Oliver gargalhou e vi a água bater em seus pés, aos poucos ela ia subindo até chegar a sua cintura e senti-la tocar meus pés. Meu corpo tremeu e meu coração bateu mais forte. Era como se eu fosse escorregar em um buraco fundo se Oliver me soltasse.

– Não me solte!

Por que eu não falei: ME AFOGUE OLIVER DIGORI! Ele me soltou e engoli mais água do que achei possível. Tentei achar algo que pudesse apoiar os pés, mas não conseguia, até sentir suas mãos me puxar. Eu devia estar terrivelmente ridícula e com medo. Estava tremendo, o sol se escondeu de repente.

– Viu, não foi tão difícil.

O encarei por dois segundos até ele ver a fúria em meus olhos e correr. Eu

iria matá-lo, não importa onde esteja.

– Volte aqui seu filho de uma... Ah Oliver eu vou te matar!

Consegui sair da água com muito sufoco, até uma marolinha me matava afogada. Vi Oliver seguir pelos fundos da casa, terra firme. Agora eu podia correr. Ele entrou pela cozinha, segurava alguma coisa, pelo sim, pelo não. Peguei uma vassoura.

– Quando vai entender que eu só queria te ajudar? – Falou saindo pela frente.

– Quando eu rachar sua cabeça ao meio e você entender o que é medo.

Ele correu, eu tentei acompanhá-lo, mas não consegui. E sim, ele sumiu, não voltou. Fiquei na varanda esperando para ver se ele aparecia, mas nada. Resolvi soltar a vassoura e ir procurá-lo.

– Oliver! – Chamei entrando na mata atrás da casa. – Eu não vou mais te bater, pode aparecer.

Nada. Pelos meus cálculos ele sumiu havia sumido por uns vinte minutos. Continuei a caminhar marcando o caminho com um graveto. Mas nada. O idiota resolveu desaparecer. Voltei para casa e estava do mesmo jeito, a brisa quente trazia a areia fina para dentro de casa e nada dele voltar. Droga! Só estamos nós dois aqui, se ele sumir, o que eu vou fazer?

Voltei à varanda engolindo a areia trazida pelo vento. Dei algumas voltas ao redor da casa. Voltei a gritar, mas nem sinal. Já estava ficando preocupada. Uma, duas, três, quatro da tarde e eu já estava chorando. Oliver saiu a quatro horas, ele deveria já ter voltado. Pequenas gotas caíram na areia, até uma chuva fina se transformar em temporal. Droga!

– Oliver! – Gritei.

Bufei saindo da chuva e voltando para dentro de casa. Sim, eu vou morrer nessa ilha, do coração ainda. Oliver estava todo molhado. Meu coração batia rápido e me senti fraca. Eu queria abraçar ele e bater nele, e sair dali. Tudo ao mesmo tempo.

– Ah seu desgraçado! Onde você esteve? – O soquei com lágrimas nos olhos. Ele parecia calmo demais.

– Acabei indo um pouco longe demais, eu estou bem. Me perdi, só isso.

– Tem noção da hora? Acho que não! Você quase me matou do coração. Eu pensei que estivesse morrido, sei lá.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sorriu me dando as costas.

– Viu como me ama, já pensou o mal. Eu só me afastei demais e não me lembrava de como voltar.

Ele queria que eu pensasse o que? Me irritei e subi para o quarto. Bati a porta e tirei a roupa molhada. Ouvi barulho de panela, o idiota devia estar cozinhando. Eu aqui, preocupada e ele todo feliz, e o maldito estava perdido então não tinha motivo para estar feliz. Um completo idiota, filho de uma mãe. A chuva piorou e de calor, não havia nem a brisa. Oliver me gritou pedindo ajuda para fechar as janelas da casa, mas não movi um músculo. Estava descansando do tempo que fiquei louca o procurando.

Meu estomago roncou, mas não foi o motivo que me levou até o andar de baixo. Os trovões estavam fazendo muito barulho.

Oliver estava na cozinha, abri a geladeira e peguei a garrafa de leite. Enchi um copo bem grande e fiquei observando seu serviço. Uma pequena panela soltava uma fumaça e um cheiro de queijo subiu e a outra quase do mesmo tamanho exalava um cheiro doce. Chocolate! Acho que já está na hora de fazermos as pazes de novo. Não Sanders, fica quieta. Ele vai te chamar. E se não chamar?

Ele saiu da cozinha levando a pequena panela de queijo. Aproveitei sua saída e espiei a de chocolate, mas não deu tempo de pegar a colher e quase cai quando voltei à posição inicial. Oliver pegou a de chocolate e desejei que lhe desse dor de barriga se fosse para ele sozinho. A última viagem foi para pegar uma garrafa de vinho no armário e um pequeno cesto de pão. Continuei sentada no meu lugar.

– Vem. – Chamou mais como uma ordem.

– Está me convidando?

Me encarou. Tudo bem, já que você insistiu, eu vou.

Oliver acendeu a lareira e bastou para iluminar a sala. Não disse nada, apenas se sentou no chão puxando a garrafa de vinho e enchendo seu copo. Fiquei apenas observando.

– Não vai comer?

– Está com algum problema Oliver?

– Não. Nenhum.

– Está estranho desde que voltou.

Bufou abrindo um meio sorriso.

– Eu te irritei, só isso. Agora come. – Pegou um garfo e fincou em um morango me entregando.

Peguei um copo e deixei que me servisse. Eu não conhecia nada de vinhos, para mim, era tudo igual. Eu ficaria bêbada até com energético.

– Me desculpe por sumir, de verdade. Eu acabei seguindo por outro caminho, tem uma cachoeira aqui perto, acabei perdendo a hora. Passava muito tempo lá revivendo e me esquecendo de voltar.

– Tudo bem. – Um trovão iluminou a sala.

Meu braço tocou o de Oliver e ele sorriu virando o resto do vinho na boca e logo enchendo o copo mais uma vez. Momentos clichês, eu ria desses momentos, por que não estava rindo agora? Ah sim, porque estou comendo e se eu rir, ele me tira a comida.

– Fiz uma péssima escolha vindo para cá, não é mesmo?

O encarei. Seus olhos faiscavam a chama da lareira.

– Talvez não. Você está dando o primeiro passo para ter o que deseja.

Me encarou sorrindo.

– Você é absurda sabia?

O soquei no braço.

– Começando por aceitar a se casar comigo... mesmo sabendo que amo outra...

– É...

– Você é uma boa companhia, se tornou uma grande amiga. – Me encarou. – Às vezes pareço só errar com você, quando deveria agradecer tudo o que me faz. Isso foi um plano louco e você aceitou estar aqui. A muito tempo não me sinto tão feliz como agora, você me faz rir e não me sinto um idiota rindo de suas bobagens. Se eu fizer qualquer coisa que não te agrade, por favor, me diga.

– Tudo bem, fizemos um acordo lembra?

Suspirei fitando o fogo. Oliver bateu seu ombro no meu algumas vezes tentando chamar a atenção em uma brincadeira boba. Passamos um bom

tempo conversando e lá se foi a garrafa de vinho. Oliver fincou um morango passando no chocolate e me dando. Meu mundo estava girando e estava vendo a hora que cairia e dormiria ali mesmo.

– Eu não quero mais.

Sorriu.

– O último.

– Não.

– Sim.

– Não! Não quero mais morangos, quero dormir.

Me distrai por dois segundos e Oliver me sujou de chocolate. O soquei, essa brincadeira até então boba, nos levou a algo perigoso. Ele me encarou por dois segundos e senti o peso de seu corpo sobre o meu, passou o dedo no chocolate em meu rosto e o colocou na boca abrindo um meio sorriso. Eu devia estar muito bêbada. Muito mesmo para deixá-lo se aproximar mais que o permitido. Senti seus lábios quente pressionar outra mancha de chocolate em meu queixo, quando dei por mim, ele já estava me beijando.

Por incrível que parece, pensei muito antes de tentar empurrá-lo e optei por puxá-lo para mais perto. O que deu nele? A bebida causou tudo isso, por que comigo ela já fez efeito. Seus lábios desceram por meu pescoço, suas mãos me tocavam fazendo um caminho de fogo ultrapassar os limites. Me sentia em choque. Mas não queria que esse momento acabasse, eram apenas algumas carícias. Coisa que não tenho há muito tempo. Seus lábios calaram qualquer protesto que eu fizesse. Estava completamente perdida naquele momento.

Eu sabia lá no fundo que devia pará-lo antes que tudo fugisse do controle. Que droga Sanders, já acabou a fase de ser imprudente! Eu sei. Onde estava os planos que queria seguir Digori? Puxei seu cabelo para que me olhasse, automaticamente desceu seus lábios por meu pescoço, meu maxilar, senti o piso frio em minhas costas. E droga! Estava ofegante. Tudo bem, eu sou um ser humano.

Nossas bocas se encontraram, Oliver a explorava como ninguém. Aos poucos percebi sua intenção. Eu tentei pará-lo, mas não consegui. Não quando o vinho estava me tirando toda a sã consciência. Meu top foi facilmente tirado, suas mãos apertaram minha cintura me fazendo tremer de leve. Segurei seu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cabelo o impedindo de descer, mas ele parecia ser imbatível e arfei quando senti o calor em meu seio. Tentei chamá-lo, fazê-lo parar. Mas não. Eu não conseguia com sucesso e ele parecia não querer me ouvir.

Ouvi a lacre da bermuda, que por sinal era dele, se abrir. Respirei fundo, quando seus lábios molhados tocaram a pele em meu ventre. Oliver estava ficando louco? Bebeu demais, é isso? Ou decidiu de verdade consumir o falso casamento? Seus lábios rapidamente pressionaram meu pescoço, suas mãos queimavam cada canto do meu corpo e o mesmo se enchia de reações como se nunca tivesse sido explorado antes. Oliver entrelaçou nossas mãos e me fitou, os lábios levemente inchados, os cabelos bagunçados o deixava bonitinho, certo, estou elogiando Oliver nessas circunstâncias. Seus olhos estavam escuros, piscou algumas vezes, parecia confuso.

É você bebeu demais seu idiota, pensei preparada para pará-lo antes que fôssemos longe demais. Mas já fomos longe demais porque estou completamente nua embaixo dele! Mas ele não me permitiu, mais uma vez nossas bocas se selaram. Apertei minha mão na sua quando seu corpo me prensou com mais intensidade. Droga! Eu não queria nada com ele, eu odeio ele em determinados momentos e ele me odeia em todos eles. Sem contar que ele ama outra, então isso é apenas desejo.

Apenas desejo.

Que se dane!

Meu corpo tremeu quando Oliver se encaixou perfeitamente a mim. Arfei, ele parou me fitando, minha respiração estava a mil e ele estava parado. Beijou minha testa, então meu corpo sentiu necessidade e uma dança lenta começou. Até então ninguém havia dito nada, eu não conseguia. Seus movimentos ficaram mais rápidos, e quando me sentia sufocar, os diminuía. Ficamos assim por longos minutos, algo me dizia que iríamos nos arrepender depois. Isso não estava nos planos, isso poderia nos machucar se no fim não fosse apenas sexo.

Oliver pressionou os lábios em meu pescoço, sua pele quente queimava a minha. Sentia meus seios doloridos, sem conseguir conter as sensações que sentia. Sua mão pressionou minha coxa me puxando para mais perto, como se quisesse se fundir ainda mais a mim. Ele havia chegado ao limite como se um botão tivesse sido acionado dentro de mim, ele soube a hora de parar apenas

deixando o tremor nos percorrer e uma explosão de sensações nos invadir. Minha respiração estava pesada, mas Oliver não estava saciado. Seus dentes mordiscaram minha pele, meu ombro, meu seio, meu pescoço. E tudo se reacendeu. Até enfim, chegar ao limite.

Oliver caiu de lado e fiquei fitando o teto, quase sem enxergá-lo realmente. Meu corpo ainda recebia as cargas elétricas sem saber como voltar ao normal. O fitei, havia um leve sorriso em seus lábios, suas mãos me puxaram para mais perto. O frio havia sumido, estávamos fervendo. Meu corpo estava suado, o dele não estava diferente. Que fosse só um sonho, apenas um sonho.

– Eu... te amo. – Sussurrou em meu cabelo.

Eu não devia sorrir, mas sorri. Coisa de momento. Fitei o fogo crepitar, meus olhos se fechando aos poucos, cansada demais.

– Eu te amo Isabel.

Meu corpo gelou mais rápido que uma geleira no polo norte.

....

O céu estava escuro quando abri os olhos, tive um sonho que se transformou em pesadelo quando o nome de uma vaca foi proferido. Eu sonhei que... eu... não sonhei? Droga! Eu não sonhei! Eu não sonhei que eu e... respirei fundo tocando a cabeça, estava coberta por um lençol fino e dormia no chão.

Vinho, queijo, morango e sexo! Eu e o... ah droga! Conferi se realmente estava acordada e nua. E sim eu estava acordada e nua. Me enrolei no lenço e me preparei para me levantar às pressas, mas senti a dormência e me encolhi. Era uma sensação boa e dolorida ao mesmo tempo.

Subi as escadas às pressas, entrei no quarto quase correndo e vi Oliver sentado na cama. Seu olhar era assustado ao me ver.

– Melissa...

– Que droga Oliver! O que a gente fez?

– Eu... Eu sinto muito. Eu não sei o que deu em mim...

– Se você queria tanto dormir com aquela vaca, podia ao menos esperar essa porcaria de farsa acabar. A gente dormiu junto Oliver! – Gritei irritada demais, sem saber o porquê.

Ele me analisou por alguns segundos e me fitei no espelho. Procurando qualquer e todos os sinais da noite anterior.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Eu...

– Pensou que eu fosse ela, eu sei. Você falou o nome dela antes de apagar. – Cuspi as palavras. – Não me toque mais Oliver, nunca mais, ou eu acabo com essa farsa.

– Melissa, precisamos conversar.

Segui para o banheiro batendo a porta. Deixei a água fria lavar meu corpo. No fim eu estava irritada por ele ter me chamado de Isabel, e eu lá tinha cara de vadia? E no fundo estava irritada comigo mesma. Só queria saber o porquê. Coloquei o único vestido que achei, deixei o cabelo solto e descii. Meu estomago estava roncando alto. Oliver estava sentando em uma cadeira na mesa, segurava uma folha.

– Eu não quero falar sobre isso Oliver. Só acho que fomos longe demais, certo, bebemos, mas acho que deveríamos ter tentado parar.

– Melissa, é sério.

O fitei.

– Fala Oliver, sou todos ouvidos. – Falei pegando o leite.

– Estamos casados.

– Eu sei.

Bufei.

– Estou falando que estamos casados, mas sério, casados, casados. Entende? Precisei de alguns segundos para formular suas palavras. Estamos casados. Deixei o leite cair e Oliver se levantou dando a volta na bancada.

– O que disse? – Trinquei os dentes.

– Não foi minha culpa, não me olhe com essa cara se você quiser matar alguém, que seja Anna.

– Oliver Digori, que merda é essa que está me dizendo?

– Anna organizou tudo. Eu consegui o nome do padre falso e ela só precisava achá-lo. Eu pensei que fosse o que nos casou. Mas não, ele é real sabe?

Senti o sangue sumir de meu corpo. Se perdeu em algum lugar. Oliver e eu, casados? De verdade mesmo?

– Me desculpe Melissa, as coisas não vão mudar. Vamos seguir com o plano, certo? Eu vou matar a Anna!

Avancei para cima dele. O soquei com todas as minhas forças.

– Você é o idiota, Anna não tem culpa de nada. Não foi ela que me pediu em casamento, não foi ela que inventou essa história toda, não foi ela que dormiu comigo! – Por que eu disse isso?

O empurrei saindo da cozinha. Estava tentando entender onde tudo foi parar. Oliver era mesmo meu marido perante a lei? A aliança em meu dedo cintilou. A tirei jogando em algum canto do quarto. Mas eu não queria ficar ali. Desci às pressas passando por ele, antes que ele pudesse me parar, corri para a praia seguindo a trilha na areia. Senti as lágrimas em meu rosto, lágrimas insignificantes. Eu sabia que isso daria merda no final. Eu sabia que não podia dar certo, mas não, eu aceitei tudo por uma droga de dinheiro.

– Feliz por me castigar pai?! – Gritei olhando o céu cinza.

Percebi que Oliver me acompanhava, mas eu não queria ficar perto dele. Meu corpo estava reagindo muito mal a essa aproximação. Gritei para que me deixasse em paz e ele entendeu. Eu não devia ter dormido com ele. Não devia ter ido tão longe nessa brincadeira. Me joguei na areia depois de alguns longos metros onde via apenas a silhueta da casa. Fitei o céu cinza, nada se passava em minha mente. Apenas a certeza de que tudo isso era um erro e de que ele realmente a ama. Como ele pode me chamar por ela? Eu sou a Melissa. A Sanders. Somos diferentes droga!

Por que eu estou chorando? Chega Melissa, pare de chorar por bobeira, foi apenas uma transa qualquer como aquela há dois anos, lembra? Aquela rápida no banheiro do clube. Ou aquela há seis meses com o babaca da boate, foi apenas sexo. Porque você não ama ninguém. E quem me mandou colocar amor nessa história? O único sentimento que sinto pelo Oliver no momento, é ódio eterno. Eu acreditei nele e olhe como estamos. Casados. Isso, casados. Droga!

Passei muito tempo ali deitada, até fechar os olhos e dormir. Acordei com a água batendo em meus pés, a maré estava alta, o céu estava escurecendo. Me levantei e voltei para casa sem vontade. No fundo estava sentindo uma pontada, como uma rejeição. Essa ilha não estava me fazendo bem. Ignorei Oliver na varanda e segui para o quarto, me molhei rápido e troquei de roupa. Ele estava na cozinha, terminava de preparar o jantar. O silêncio era enorme, até ele resolver falar.

- Melissa... Me desculpe. Eu não queria isso, eu...
 - Tudo bem, Oliver. Eu estou bem.
 - Assim que voltarmos eu vou falar com meu advogado e estaremos separados. Acredite, eu quero isso mais do que você.
- Eu sei.
- Me desculpe de verdade. Não quero que isso estrague nossa amizade.
- Ah sim, nossa amizade.
- Tá – tentei sorrir sem sucesso.
 - Preparei o jantar, você não comeu nada até agora.
 - Estou sem fome.
 - Insisto que coma um pouco.

Oliver me serviu, comemos trocando algumas palavras. Eu não estava conseguindo me concentrar em nada. Eu queria voltar ao normal, mas não sabia como. Oliver Digori não podia fazer isso comigo. Limpei a cozinha depois de comermos, subi logo depois. Essa noite eu dormi sozinha. Quando levantei de madrugada, o vi deitado no sofá, não sabia se estava dormindo ou acordado. Estava quieto demais. Não era para estarmos assim. Não mesmo.

CAPÍTULO 7

MELISSA

Dois dias depois...

– Por que já vamos?

– Porque sim Melissa. Precisamos agilizar as coisas. Vou falar com a Monali. O que?!

– Vai contar a ela? – Perguntei o encarando.

– Não tenho escolhas.

– Eu falei que estava tudo bem, não precisamos sair correndo. Mas se faz tanta questão, ótimo. Vou pegar minhas coisas.

Joguei tudo o que achei dentro da mala sem realmente ter certeza de que pertencia a mim. Não importava. Oliver tentou pegar minha mala quando cheguei ao primeiro andar, mas me limitei a essa gentileza, precisava de uma pouco de espaço. Joguei tudo no barco e voltei para pegar minha mochila.

Por dois dias éramos completos estranhos onde ele realmente achava que ter dormido comigo era ter traído sua futura mulher.

– Está irritada? Se quiser, podemos ficar.

Agora? O encarei subindo mais uma vez.

– Temos pressa, certo? – Falei sem olhar para trás.

Peguei minha mochila. Vesti uma camiseta, peguei meus óculos e preendi o cabelo. Oliver já estava no barco quando saí da casa. Caminhei lentamente até ele, passei direto. Estávamos nos afastamos da ilha quando resolvi não ficar perto de Oliver. Dessa vez estávamos indo rápido.

– Melissa. – Chamou.

Fingi não ouvir, mas ele veio me buscar.

– Olhe. – Me puxou para fora.

– Golfinhos? – Muitos deles!

Sorri.

– Isso é tão... Incrível. – Era lindo, e sim, eu parecia uma criança na Disney vendo aqueles peixinhos gigantes.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Vem.

Me espremi na barra de ferro quase tocando na água. Eles estavam longe, e quase os chamei como se chama um cachorro, mas acho que eles não me ouviriam. Oliver segurou minha cintura, meu corpo tremeu e voltei ao normal.

– É lindo. – Falei me sentando no chão.

Oliver me avaliou.

– O que está acontecendo Melissa?

Você ainda pergunta? Me puxou do chão para um abraço. Seu queixo repousando no alto de minha cabeça. O que eu posso te dizer seu idiota? Que aquela noite mexeu comigo e faz dois dias que não durmo direito? Que minha TPM está ficando constante e tudo isso porque não quero que seja algo estranho acontecendo comigo?

– Eu estou bem. É só esse lugar que mexeu comigo.

Oliver sorriu. Segurou meu rosto, droga!

– Quando voltarmos, acho que tudo volta ao normal.

Não conte com isso tão cedo. Me afastei voltando ao meu lugar.

– Volta sim. Eu ainda te acho um idiota cachorrinho da loira aguada.

Acho um pouco mais agora. Deu de ombros, segurei as lágrimas quando quiseram vir. Não tinha motivos, por favor! Chegamos à costa mais rápido do que imaginava, levando em comparação os quase dois dias que ficamos à deriva, a volta havia sido na velocidade da luz. Oliver pegou nossas malas e sai meio tonta pelo tempo que ficamos no mar.

– Já vão? – Alec perguntou.

Oliver sorriu me puxando para mais perto.

– Sim, eu preciso trabalhar.

Não, você precisa servir de cachorrinho para outra, pensei. Um táxi nos esperava. Não estava com fome mesmo Oliver insistindo para que parássemos no caminho. Eu queria chegar logo em casa e voltar ao normal.

– Vamos para o meu apartamento.

– Não! Eu tenho um apartamento ainda.

Sorriu.

– Somos casados esqueceu?

Impossível. Agora é tão real, quanto nossa farsa de casal feliz.

– Vamos morar juntos então?

– Mais ou menos, aluguei outro apartamento. Então estaremos juntos enquanto a situação permitir.

Ótimo. Do píer até o aeroporto foi coisa de minutos. Nosso voo atrasou e acabei dormindo encostada em Oliver.

Ele não tinha culpa de eu estar sentindo alguma coisa por ele. Na verdade, nem eu acredito estar sentindo algo por ele. Eu não queria acreditar e muito menos aceitar. Para com isso Melissa, ele foi apenas uma transa boa e nada mais que isso. Acordei desorientada, Oliver me esperava acordar.

– Estão chamando nosso voo dorminhoca.

– Que horas são?

– Já passou do almoço. – Sorriu. – Vem, vamos.

Oliver trocou de lugar comigo no voo, uma criança resolveu brincar com meu cabelo de maneira agressiva demais. Me surpreendi por não ter gritado. Realmente, essa não sou eu. Às vezes Oliver mexia em meu cabelo, acariciava meu rosto e me pegava querendo sorrir, mas logo me ajeitava. Seria ruim dar a corda e depois me enforcar com ela.

– Anna estará nos esperando. – Sussurrou.

Isso é tão perfeito. O que eu digo a ela?

– Ela estará impossível. – Falou.

O fitei.

– Eu sei. Só não sei o que digo a ela. Que consumamos o casamento?

– Não será totalmente mentira.

Oliver falava como se fosse a coisa mais normal do mundo. Como ele mesmo disse, amigos transam, casal se amam. É, nós transamos. Pensei em um jeito de calar a boca de Anna, mas quanto mais pensava, pior parecia a situação. Me arrastei atrás dele quando enfim chegamos. Já era um pouco tarde. Seguimos para pegar nossas malas, e como não tenho paciência para esperar, empurrei algumas pessoas até conseguir pegar a minha. Oliver como é educado, preferiu esperar.

– Fui xingado por sua culpa. – Reclamou.

– Problema é seu, não fui eu quem te xingou.

Não demorou muito para um ser minúsculo surgir na multidão. Anna gritou tão alto que quem não ouvisse, com certeza, era surdo. Harry e Mona a acompanhava.

– Meu Deus, por que vieram tão rápido? – Perguntou pendurada no meu pescoço.

– Deixe-a respirar Anna. – Harry falou me puxando. Sai do chão com seu abraço. Isso porque ele queria que eu respirasse.

– Está me sufocando Harry. – Falei e ele me apertou mais forte. – Seu infeliz estou sem ar.

Gargalhou me soltando.

– Agora sim é minha Melissa mal-educada.

Recuperei o ar e abracei Mona. Oliver era um ótimo ator, desgraçado!

– E então maninho, como foi à lua de mel? – Perguntou. – Melzinha se acalmou pelo menos?

Harry eu te mato. Oliver me encarou com um meio sorriso. Para com isso Digori. Agora!

– Não vou falar da minha vida privada com você. – Oliver sorriu.

– Ótimo, não estou a fim de ouvir minha vida sendo espalhada por aí. – Falei pegando minha mala.

– Quem disse que eu ia espalhar?

O encarei. A placa em sua cabeça em neon.

– Anna, pode levar Melissa até nosso apartamento. Vou até a empresa.

– Oliver! Vocês acabaram de chegar.

Quem falou em trabalho Anna? Pensei.

– Serei rápido. – Falou beijando minha testa. Anna nos encarava nada convencida. Tudo bem Digori, pode me beijar.

Sorriu satisfeita.

– Vai me contar tudo, Melissa.

Harry seguiu para casa, Anna e Mona me acompanharam até meu novo apartamento. Era bonito, grande, um quarto. Ótimo. Antes que pudessem me

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

interrogar, segui para o banheiro. Passei quase meia hora sentada no chão frio tentando me controlar para não surtar. Mordi o lábio o sentindo formigar. Coloquei um vestido, raramente me veriam de vestido. Mona preparou um lanche. Me sentei entre as duas no sofá e esperei as perguntas.

– Pode começar a falar. – Anna falou sorrindo.

– O que querem saber? – Essa era uma pergunta errada.

– Tudo Melissa. Sem me esconder nada.

Legal Anna.

– Foi... Bom. Ai Anna, não vou dar detalhes. – É vergonhoso pensar que por um segundo seu irmão não conseguiu tornar o momento nem um pouco casual.

– Está envergonhada Melissa?

– Não, é só que... – que eu gostei de tudo e não deveria porque isso é um plano ridículo no qual me arrependo muito!

Droga!

– Oliver foi um cavalheiro ou um grosso, no bom sentindo é claro? – Fez careta.

Mona gargalhou.

– Um pouco dos dois. – Não era mentira.

– Ah meu Deus, Melissa. Quanto tempo isso durou?

– Anna!

Respirei fundo.

– Isso é normal em um casamento, Melissa. – Falou.

– Sim, em um casamento e não publicamente. Oliver e eu somos discretos.

– Oliver discreto? Só se for com você.

Eu sei, não precisa me lembrar.

– Minha noite foi incrível, Anna. Foi a melhor da minha vida.

– Agora sim. Mas, por que vieram tão cedo?

Precisamos pedir à separação porque você fez o favor de arrumar um padre de verdade.

– Oliver precisa resolver uns problemas. Voltaremos um dia, eu gostei

daquele lugar. – Não era mentira isso também.

– Oliver poderia ter ficado mais tempo. Harry e eu conseguimos cuidar de tudo. – Mona questionou.

Eu sei disso também. Mas ele tem suas necessidades.

– O que foi Melissa?

– Nada, só estou cansada. Essa viagem me deixou estranha. – Tentei sorrir. – Acho que preciso dormir.

Anna sorriu.

– A viagem te cansou. – Deu um sorriso malicioso. – Seus olhos estão brilhando, Melissa está apaixonada.

Nem morta!

– Isso é tão Harry. – Mona comentou.

– Concordo com você, Mona. – Sorri.

– Vamos Anna. A Melissa precisa descansar.

Com muita luta fiquei sozinha. Desfiz minha mala, joguei de qualquer jeito em um canto do quarto. Tomei outro banho e caí na cama cansada demais. As lágrimas vieram sem que eu percebesse, um ódio estava me cegando e eu queria não saber onde Oliver estava.

Mas eu sabia. E isso não deveria me incomodar.

....

Acordei com Oliver deitado a meu lado. Acariciava meu cabelo e eu estava odiando suas atitudes. Essa coisa de melhores amigos, não era comigo. Não éramos amigos, muito menos melhores. Me sentei sentindo o suor escorrer por minhas costas.

– Sou eu.

– Eu sei. – Bufei.

Oliver se sentou.

– Estava chorando, Melissa?

– Não. Por quê? – Respirei fundo.

– Seus olhos estão...

– Eu estava dormindo. Vou tomar um banho. – Me apoiei na cama. Oliver me puxou me fazendo cair deitada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Colocou uma caixinha azul a minha frente.

– O que é isso? – Perguntei.

– Abra e me diz o que achou. – Tinha uma sombra de preocupação em seus olhos.

Me senti abrindo a caixa e sentindo a pontinha machucar meu dedo. Era uma caixa e não um cofre, não precisava ser tão difícil de abri-la.

– Um anel? – O fitei. – Que lindo, Oliver.

Sorriu.

– Sábado que vem é o aniversário da Isabel. Comprei para ela e precisava da sua opinião.

Tremi depois do balde de água fria. O entreguei a caixinha.

– Ah, é lindo. Ela vai amar.

Me afastei.

– Espera, eu não terminei de falar... – Me seguiu.

E eu não quero ouvir. Não quero saber dos seus planos para fazer a outra feliz. Segui para o banheiro.

– Você devia me apoiar Melissa. Ou já se esqueceu?

– Eu também preciso dar um presente? – Falei entrando no banheiro. Tirei a roupa e entrei no box fechando a porta. Oliver a abriu e me encolhi.

– Sai! – Gritei.

– Eu já vi o que quer esconder, e bom, só quero que colabore. Eu já fiz a minha parte. – Não havia um pinga de desejo em seus olhos. Poderia dizer que me olhar nua era a mesma coisa que olhar as paredes do banheiro.

– Está cobrando a minha? Ótimo. – Liguei o chuveiro. – Não posso fazer nada Oliver, mas se quiser, posso encomendar uma coroa de flores.

Oliver resmungou batendo a porta. Terminei meu banho, mas minha raiva ainda não havia passado. Ele preparava o jantar, voltei para o quarto caindo na cama com um pacote de bolacha, não havia nada na TV, mas eu queria me perder em alguma coisa. Eu não estava apaixonada pelo Digori. Eu tenho amor próprio.

– O jantar está quase pronto. – Me calei para não mandá-lo para o fim do mundo com o jantar dele. – Quando estiver pronto, eu te chamo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Não estou com fome, Oliver. Me faz um favor? Me deixa em paz.
 - Qual é o seu problema Melissa? – Se apoiou no batente da porta. Sua camisa branca se ergueu um pouco quando cruzou os braços me mostrando sua barriga definida.
 - Você! – Gritei o empurrando para fora e batendo a porta.
- O que eu fiz? Droga! Isso não está certo. Eu não devia agir assim. Por que nunca consigo fazer nada direito? Eu vou voltar ao normal. Eu preciso voltar ao normal.

CAPÍTULO 8

MELISSA

Oliver não dormiu em casa, mas quem se importa?

Passei a noite em claro, não que eu estava preocupada com sua demora, mas não consegui dormir girando de um lado a outro e me segurando para não pegar o maldito anel guardado no armário e atirá-lo pela janela. Tomei um banho e vi um filme qualquer até conseguir fechar os olhos, mas isso já era quase de manhã e ouvi a porta do quarto se abrir. Oliver me fitou.

– Te acordei? – Claramente alguém que dormiu muito bem.

– Não, estou indo dormir. Apague a luz quando sair.

Semicerrou os olhos segurando a cintura.

– Estava me esperando?

Tentei ser irônica.

– Não perco meu tempo com você. Sei que estava bem. – Mentira.

– Ainda está com raiva de mim? – Sua voz era seria agora.

– Boa noite Oliver, quer dizer, bom dia.

Eu sei que ele estava me encarando e isso me deixava mais nervosa que o normal. Eu não devia me sentir assim, eu já falei isso, mas não tem jeito. Ele apagou a luz quando entrou no banheiro. Mas só dormi depois de meia hora. Quando acordei, Anna me encarava me alertando que o que menos teríamos ali era privacidade.

Ótimo, o que ela queria agora?

– Boa tarde bela adormecida.

– Oi Anna.

– Não é por nada não, mas você e o Oliver brigaram? – Andou pelo quarto recolhendo algumas coisa.

– Impressão sua, por quê?

– Bom você aqui, ele lá...

Oliver em casa? Isso era uma raridade.

– E me disseram que o viram com a Isabel... E até tiraram foto.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Novidade Anna.

– Estamos bem. E tirar foto de duas pessoas conhecidas é normal, seu irmão pelo menos vira e mexe está em algum artigo de publicidade. Eu só não dormi bem essa noite.

– Fale a verdade Melissa.

Certo, seu irmão é um mentiroso infeliz, eu sou a idiota que resolveu entrar nessa e agora estou arrependida porque tudo indica que eu estou começando a gostar dele, tá bom, eu gosto dele. Mas quem se importa não é mesmo?

– Por que eu mentiria para você, Anna?

Sorriu.

– Eu acredito em você. Mas coloque Oliver na linha. Ou eu vou colocar.

Tivemos que encenar enquanto ela estava ali. Oliver me abraçava, me dava pequenos selinhos, tudo para alegria de Anna. Sua mão se repousou em minha perna e senti choques por um longo tempo. Cheguei a quase socá-lo, para essa sensação parar.

– Quando vão nos visitar?

– Nos vemos todos os dias Anna.

– Vocês vão ao aniversário daquela lá?

– Aquela lá tem nome Anna. – Oliver falou e me afastei indo até a cozinha.

Encostei-me na bancada esfregando onde os choquinhos eram dados. Enchi um copo d'água e quase o joguei em mim ao invés de beber.

– Tudo bem, Melissa? – Anna gritou da sala.

– Tudo... Tudo sim.

Respirei fundo, abri um falso sorriso e voltei.

– Nós vamos sim. – Falei.

– Pra que? Pra ela dar em cima do Oliver?

Oliver afagou meu cabelo.

– Não. – Mas é o que ela vai fazer e ele vai gostar. – Vamos por educação, por mais que eu a odeie. Não vejo por que não ir.

– Tudo bem, eu estarei lá para qualquer coisa. – Falou com um sorriso enorme. – Vamos pela família.

Passamos a maior parte do tempo a enrolando. Até que ela teve que ir e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Oliver quase soltar fogos. Anna era um caso complicado quando cismava com alguma coisa, se Oliver não andasse na linha segundo ela, as coisas iriam para os ares e eu estaria ali, sentada assistindo. Me atirei no sofá, Oliver se sentou do outro lado colocando meus pés em seu colo. Fazia uma massagem que estava quase me hipnotizando.

– Obrigado.

– Só estou fazendo minha parte. – Cobri meu rosto com a almofada.

– E a parte de ser grosseira comigo? – Perguntou.

Sorri comigo mesma.

– Essa já veio comigo.

– Está pior. Eu fiz alguma coisa? Bom, eu sei o que eu fiz, mas...

– Não começa! – Falei puxando o pé. Lembrar-se da ilha era como brincar de se torturar. – Estamos ótimos sem nos lembrar disso.

– Eu falei com o Harry, ele resolveu não contar a Mona sobre o divórcio.

O fitei.

– Tudo bem pra você?

– Como quiser. – Não tenho escolhas mesmo.

Um silêncio se formou e era hora de se retirar. Segui para o banheiro, tomei um bom banho frio. Oliver estava deitado no sofá sem camisa e beirando no mundo mágico dos sonhos. Segurei-me para não afundar as mãos em seus cabelos, e talvez puxá-los até seu cérebro sair.

Sai. Precisava respirar.

Um flash surgiu em minha direção, percebi que um homem do outro lado da calçada estava me fotografando. Esqueci que havia esse lado importante do Digori. O lado de ser bem-sucedido. Vão para o inferno! Mostrei o dedo antes de quase me jogar encima de um táxi o fazendo parar. Isso estava me pirando. Seguimos para o meu antigo apartamento. Ainda tinha as chaves e ignorei a placa de aluga-se do mesmo modo que ignorei o síndico.

Ele ainda estava à mesma coisa, meus moveis que não eram meus, coisa nenhuma. Minha cama, sorri ao vê-la ainda bagunçada. Meu pacote de bolacha da idade da pedra. O peguei e segui para o quarto me jogando na cama sem me importar com o pó que subiu.

– Lar doce lar. – Respirei fundo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Passei um longo tempo fitando o teto. O que eu vou fazer depois que tudo isso acabar? O que vou fazer com o que sinto dentro de mim que por convivência está crescendo a cada dia? Eu não sei. Certo, eu sei o que eu vou fazer. Procurei o celular na bolsa. Dois toques.

– Quem é casada sempre aparece. – Meri falou.

– Oi America. Preciso de ajuda.

– Casamento em crise? – Zombou.

Bufei.

– Você sabe que não é um casamento. Quero ir à boate, mas você sabe, eles não vão me deixam entrar lá.

– Quem mandou ser a rainha dos ringues? Você também Melissa! Vou ver o que posso fazer, passo no seu palácio em vinte minutos.

– Estou no meu apartamento. Vou me arrumar, estou te esperando.

Coloquei um vestido que achei perdido do que ainda que sobrou de minha mala – que Anna fez questão de não me deixar levar. Prendi o cabelo em um rabo de cavalo alto. Eu sabia que America traria seu kit primeiros socorros de maquiagem, então não me preocupei com essa parte. Na hora certa, a ouvi falar enquanto chegava à minha porta já aberta.

– Melissa, você invadiu o apartamento? – Fechou a porta. – O que tem na cabeça? Não me diga cérebro, porque sei que isso você não tem. – Soltou a mochila na cama levemente irritada. Como sempre ficava quando achava que eu havia feito algo errado quando era totalmente inocente.

– Me maquie logo e vamos sair daqui. – Falei me sentando.

– Por que está aqui e não com seu amado?

– Meu cachorro? Há essa hora no décimo quinto sono sonhando com sua dona. Anda logo com isso. – Falei impaciente.

Expliquei tudo a ela no caminho. Meri estava visivelmente irritada, mas também estava do lado dele, afinal fizemos um acordo. Pedi para que me deixasse dirigir, o que ela constatou que era uma má ideia quando chegamos a menos de quinze minutos a boate.

– Eu nunca mais te deixo dirigir, entendeu bem? – Gritou me apontando o dedo. Ri com a cena.

– Relaxa e me coloca lá dentro.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Promete que não vai matar ninguém? – Fechou os olhos unindo as mãos. Seu cabelo castanho escuro voou em seu rosto com um lufada de vento.

Assenti.

– Me mostra as mãos para você não correr o risco de cruzar os dedos.

Sorri lhe mostrando as mãos.

– Eu prometo America que não vou matar ninguém. Agora vamos. Quero ir carregada para a casa.

– Sinto muito queridinha, mas não te aguento.

Gargalhei.

– E quem disse que será você?

Meri xingou meio mundo depois de ganhar o primeiro não quando o segurança me reconheceu. Depois ela me xingou, é claro. Ficamos na calçada bebendo, quando conseguimos pelo menos pedir para que comprassem uma bebida para nós, até um carro parar a nossa frente. Um sorriso cresceu.

– Nossa salvação.

Levantei-me, America me acompanhou, a porta do Audi se abriu.

– Scott!

– Olhe se não são as duas encenqueiras da boate.

– É a Melissa que bate nas pessoas. – America falou o abraçando. – E por culpa dela estamos aqui ainda.

Scott me abraçou.

– Isso não será mais problema. Elas estão dentro. – Avisou ao segurança que fez sinal de "estou de olho em você" para mim, mas lhe mostrei o dedo em um sinal de... Deixa pra lá.

Scott era o passe livre de quase todos nas boates. Ele trabalhou como segurança e por isso, conhece mais pessoas que o Google. Isso era bom. Meri sumiu no meio da multidão. Segui Scott até o bar.

– Dois coquetéis. – Pediu.

– Obrigada.

– Você não está casada com Oliver Digori? – Perguntou em tom de zombaria.

Scott era o meu melhor amigo depois de America.

– E o que isso implica?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Ele é importante, deve ter fotografos aqui dentro. Vão nos ver, vão especular coisas.

Sorri.

– Deixe que falem. Eu quero curtir, não me importo. Falando nisso, vamos dançar ou só beber?

– Você é doida, Melissa.

Olha pra mim! Eu estou surtando Scott!

– Se eu não conseguir andar, peça a Meri o meu endereço. Ela saberá onde me levar. – Segurei sua mão o levando para o mar de gente.

Eu não ia parar essa noite. Scott me levou para pista, tudo o que eu precisava, qualquer bebida com muito teor alcoólico e um amigo. Não me importava, não estou casada mesmo.

OLIVER

– O que você quer Harry? São quase cinco da manhã. – O sono estava me matando.

– Já viu o que saiu na internet? – Senti que ele sorria enquanto falava.

– Não. Estava dormindo.

– Não deu falta da Melissa, não? – Riu.

Ah droga! Corri até o quarto, a porta não estava trancada. Eu pensei que ela estivesse em casa. Abri o computador quase caindo do sofá.

– Abre seu e-mail, eu mandei os links.

Fiz o que mandou e não demorou muito para as chamadas no site da boate do outro lado da cidade começar a mostrar fotos de Melissa em meio a uma multidão. Sorri, isso era montagem.

– Ela deveria estar em casa. Ela entrou no quarto!

– Isso aconteceu que horas? Melissa está em uma boate do outro lado da cidade. Está acompanhada de Scott Palmer. Leia as notinhas aí, tem até fontes. – Harry riu. – Ela está curtindo como você, só que discrição não faz parte dela.

– O que ela acha que está fazendo? Tem mil fotografos atrás dela.

– Queria que ela fizesse o que? Ficasse aí, olhando para sua cara enquanto

você sai com a Isabel? Sonha Oliver, só liguei mesmo porque um amigo a viu passar mal. Ela está bêbada irmãozinho. Boa noite pra você. – Gargalhou.

Melissa acha que as coisas serão fáceis. Eu avisei que não seriam. Mas ela não me ouve! Continuei a ver as fotos. Aquele cara estava dando em cima dela? E ela estava deixando? Ela sabia que estava sendo fotografada, ela mostrava o dedo a cada foto. Peguei as chaves do carro, a camisa ainda estava no chão. Corri em direção a porta dando de cara com o cara das fotos assim que a abri. Melissa estava em seu colo, sorria e sussurrava baixinho.

– Boa noite... – falou. – Ela está bêbada.

– Percebi. – Falei o encarando. A peguei de seus braços.

– Me solta... Digori. Eu vou com o... Scott.

– Bom, eu sou Scott Palmer, ela...

Bati a porta sem deixar que terminasse. A levei para o quarto depois de jogá-la em meu ombro, ouvi sua reclamação.

– Me... Solte! Acho que vou... Vomitar.

– O que acha que está fazendo? – Gritei a arrastando para o banheiro. Liguei o chuveiro no frio.

– Eu posso me divertir... Me deixa em paz!

– Espero que saiba que está na internet. Traição pública, sabe o que é isso?

Gargalhou e gritou quando a enfiei embaixo do chuveiro.

– Você... Me trai! Eu... Sou livre. Eu quero o Scott.

Eu a traio?

– Cala a boca.

– O que foi... Digori? – Sorriu. – Você pode... E eu também.

– São casos diferentes. Não vou te dar ouvidos, você está bêbada. E isso não irá mais se repetir.

– Eu vou vê-lo sempre... Lá no meu apartamento, só eu e ele. – Sorriu. – Só nós dois.

Quase a matei afogada embaixo do chuveiro. Até ela me empurrar. Gritou por minutos, tirou a roupa e saiu do apartamento. Sim, amanhã seríamos o assunto. A peguei de volta, mas ela correu e se trancou no quarto. De repente senti uma fúria tão grande que não sabia explicar.

– Eu... Sou... Livre! – Gritou chutando a porta.
Não consegui dormir. Ela era péssima bêbada!

CAPÍTULO 9

OLIVER

Melissa se jogou no sofá a meu lado. Resmungou baixinho. Ela estava péssima.

– Estou com dor de cabeça. – Sussurrou.

– Somos dois então, por que eu não dormi com você gritando até às seis da manhã.

Me encarou.

– Estou falando sério e sua cara está péssima. – Afundou o rosto no travesseiro e me mostrou o dedo.

– Me dê algum remédio. Qualquer coisa que faça meu estômago ficar no lugar e que essa dor de cabeça passe logo. – Eu devia deixá-la morrer de dor de cabeça. Fui até a cozinha e busquei seu remédio. Sim, ela estava mal.

– Não me olha com essa cara e nem pense que vou pedir desculpas. Por que não vou!

– Isso eu sei, por isso me limitei a pedir. Mas vamos deixar pontos claros nessa história.

Ela preferiu dar atenção a meu copo de leite do que a mim. Mas falei mesmo assim quando tirei o copo de sua mão.

– Eu não quero ser chato...

– Já sendo.

A encarei.

– O que você fez... Chamar atenção, isso será um grande problema. Minha família é bem vista, e às vezes saímos em sites ou somos fotografados por aí...

Sorriu.

– Não foi minha intenção ajudar os paparazzi de plantão. Mas, fazer o que?

– Seremos notícia. "A esposa do empresário Oliver Digori em uma boate com homem desconhecido e bêbada", primeira notícia.

– Que legal, eu vou ficar famosa. – Falou cheia de sarcasmo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Certo, ela é terrivelmente impossível.

– Desisto. Eu... Desisto de você.

Segui para o banheiro e tomei um longo banho. Precisava ir até o centro, tecnicamente, fazer as compras do mês. Melissa invadiu o banheiro me empurrando. Se debruçou na privada.

– Muitos coquetéis. – Sussurrou. – Acho que tem um ET dentro de mim.

– Isso que dá beber sem saber.

Lavou a boca e me fitou.

– Vai ver sua dona? – Passou as mãos pelo cabelo.’

– Bem que eu queria, mas não. Vou fazer compras, a casa precisa.

– Eu vou com você.

Entrou no box batendo a porta. Meia hora depois ela voltou, um short rasgado mostrando suas pernas longas e uma regata.

– Estou pronta. – Sorriu.

Descemos em silêncio, ela, com o modo zumbi ligado. Ganhamos olhares no elevador e no estacionamento. Minha vontade era de matá-la. Já ela, parecia bem tranquila. Abriu a janela quando entramos no carro.

– Fica tranquilo, não vou vomitar no seu carro.

– Bom mesmo.

Estava calada durante o caminho. E isso era bom, ou ela ia começar a gritar. Estacionei e peguei o menor carrinho que havia no compartimento até ela aparecer com o maior da loja. Sorriu e passou a frente.

– Certo, o que vamos levar?

– O essencial Melissa.

Seguimos para o corredor de massas. Ela colocou quase todos os tipos de macarrões. A perdi por alguns segundos e a achei no corredor de doces e porcarias. E o carrinho estava cheio.

– Isso faz mal sabia?

– Um dia vou morrer mesmo. E isso é tudo meu.

Coloquei uma caixa de cereal.

– Não estou te pedindo nada.

– Nem deve.

Precisei arrastá-la para fora dos doces. Alguns produtos de limpeza e acabamos.

– Posso pegar só mais uma coisinha? – Pediu.

– Não Melissa, você já pegou tudo o que tinha naquela sessão. – Passou por mim empurrando o carrinho em minha direção.

– Leve, por que não sou sua empregada.

Passamos vergonha no caixa, quando a senhora incrível resolveu rir do cabelo da mulher que nos atendia. Ela ainda estava sob efeito de álcool? Esperava que sim. Guardei as coisas no porta-malas e a encarei.

– Que foi?

– Viu a cara da mulher? Ela podia te processar sabia?

Fez careta.

– Que cabelo era aquele? Sério, quem pinta o cabelo daquele jeito? Pintasse de azul, mas vermelho, aquele tom é ridículo. Ela estava afim de parar o trânsito ou trabalhar em algum circo? E ainda é grossa, alguém precisava dizer para ela que ela não é isso tudo.

– As pessoas têm gostos, Melissa.

– Você é prova disso. – Cobriu a boca escondendo o riso.

– Vou ignorar seu comentário.

De vez em outra a louca ria do meu lado. Às vezes não me aguentava e ria junto com ela mesmo sem saber o motivo, apenas pelo som de sua gargalhada.

– Só para avisar, talvez não vou ao aniversário da sua queridíssima futura esposa.

A fitei.

– Melissa...

– Eu tenho um encontro com meu futuro queridíssimo esposo.

Gargalhei.

– Tá, e quem seria esse? Um fantasma?

– Não Oliver, seria aquele maravilhoso que me deixou em casa essa noite.

Aquele cara?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Está contando piada para pessoa errada.

– Não é piada Oliver. Scott me ama de verdade, eu que nunca liguei. Só que, avaliando a minha vida e a situação em que me encontro. Acho que ele é o cara perfeito.

– Isso não vai dar certo.

Por que estou discutido a vida dela?

– Vai dar muito certo. Scott é bonito, atencioso, carinhoso e...

– Eu não preciso saber o que ele é e muito menos o que faz.

Trânsito! Nada mais legal.

– Provando do próprio veneno, Digori. É horrível saber as qualidades dos outros não é mesmo? É assim, quando você cisma em falar da sua... Daquela lá. – Fez careta.

– Mentira.

Alguns minutos depois, estava irritada com a lentidão. Apertou a buzina e colocou a cabeça na janela.

– Quer que eu empurre essa porcaria para ver se sai do lugar? – Gritou.

A puxei de volta.

– Está ficando louca?

– Estou criando raiz aqui e estou com fome, onde você colocou minha bolacha?

Eu queria que um carro passasse em cima de mim. Mais alguns minutos e saímos do lugar. Vi uma pequena movimentação entre os carros, um grupo de crianças batendo nas janelas dos carros, um dos garotos se aproximou batendo no vidro com um leve sorriso segurando alguma coisa enrolada em um pano.

– Não abre, pode ser... Perigoso. – Falei tarde demais. Ela abriu.

– Oi. – O garoto falou ainda com o mesmo sorriso de propaganda. – Eu e meus irmãos estamos doando filhotinhos de cachorro, vocês querem um filhote? É de graça.

Sorri sem humor.

– Não! – Falei.

– Sim! – Melissa falou junto. – Oliver!

– Melissa, não. Não dá. – Estendeu a mão na minha cara me afastando.

– Eu quero ver. – falou e o garoto passou o cachorro pela janela.

– Estamos doando todos os filhotinhos.

– Não vamos ficar, obrigado. – Tentei tomar o cachorro dela.

Melissa me encarou já agarrada ao filhote preto.

– Vamos sim. Vamos ficar com ele.

O sinal abriu e os carros voltaram a andar.

– Melissa...

Buzinaram.

– Olhe a carinha dele. Ele é lindo, Oliver.

– Eu sei, ele é uma gracinha, mas...

O garoto se afastou acenando. Melissa sorriu e beijou minha bochecha.

– Eu sabia que você ia deixar.

– Mas que droga! Eu não deixei.

Gargalhou.

– Ainda não percebeu que sua opinião não me interessa. Ele é meu. Não sei que nome dou a ele. Mas é meu novo bebê. – Falou diabolicamente.

Certo Senhor. Isso é pela burrada que fiz.

– Agora vamos voltar e comprar comida para ele. – Falou empolgada.

– Temos comida, Melissa.

– Eu sei que você reconhece sua espécie Oliver, mas ele come ração. Então, de a volta querido.

É... Isso definitivamente não estava nos planos. O que mais falta acontecer?

MELISSA

Me sentia uma boba com o pequeno filhote em minhas mãos. Oliver grunhiu algumas vezes, é claro, eu não podia deixar isso passar, sem tirar uma com a cara dele. O pequeno em meus braços nos fitava curioso, eu sei que sou uma louca e meu último animal de estimação morreu, porque eu me esqueci de dar comida. Mas era um peixe, e ele parecia tão independente que me fez esquecer dele.

– Você fica e eu vou.

– Por que não posso ir? – Perguntei já irritada.

– Primeiro você riu da mulher do caixa; segundo, você está com um cão e tem uma placa logo ali dizendo “proibido a entrada de animais”.

Gargalhei.

– Mais um motivo para eu entrar. Se você pode, ele também pode.

Me encarou batendo a porta.

– É de bebê viu. – Avisei.

– Vai querer fraldas e mamadeiras também? – Me encarou sem humor.

– Pode ser. – gargalhei.

Encarei o bichinho em minhas mãos. Seus olhinhos pretos me fitavam profundamente. Parecia que estava com medo de mim. Certo, eu cresci. Não vou fazer mal a ele.

– Vamos ver o que você é. – falei o virando de cabeça para baixo. – Um menino, igual o papai. Só não seja um ogro pelo amor de Deus. Ele vai se acostumar com você, mas já aviso, será por pouco tempo. – Lambeu meu dedo. – É muito confusa a história, por isso não vou nem te contar. Vamos falar sobre outra coisa, tipo, um nome para você. Pode me ajudar? Certo, me ignora. Já estou falando com os cachorros.

Oliver voltou minutos depois, jogou tudo no banco de trás e bateu a porta.

– Não. Invente. Mais. Nada! Entendeu?

– Não precisa ficar irritado, eu entendi. Comprou tudo direitinho?

– Fica quieta.

O irritei o suficiente para um dia. Subi primeiro, dessa vez eu não podia ajudá-lo com as sacolas. Soltei o novo membro da família e logo o perdi de vista. Oliver bateu a porta e seguiu para a cozinha. Não demorou muito para eu saber onde meu bebê estava.

– Ah Melissa! Que droga! Ele fez xixi no pé da mesa. – Gritou.

– Ele está marcando território. – O peguei. – Você assustou ele. Imagine quando tiver filhos.

Gargalhou sem humor.

– Crianças não urinam na casa toda e eu nem quero ter filhos. Do mesmo

jeito que não quero cachorro.

– Bom, filho daqui não vai sair. – Bati na barriga. – Então se contente com esse aqui que posso controlar. E não grite com ele!

– Ótimo. Só o mantenha longe de mim, pode ser?

Dei de ombros. Passamos a tarde cada um de um lado, foi impossível fazer nosso novo morador obedecer, e precisei fazê-lo dormir. Oliver se trancou no quarto, e tive que gritar e com certeza começar a irritar os vizinhos para ele me deixar entrar.

– O que você quer? – Perguntou barrando minha entrada.

– O quarto é nosso. – Lembrei.

Respirou fundo dedilhando na porta.

– Você entra e ele sai. – Apontou.

Empurrei a porta.

– Nós entramos e você aceita. – Saltei na cama.

Contei cinco segundos até Oliver voltar e se sentar a nosso lado. Eu juro que queria puxar assunto, mas na paz. Quando é que falamos civilizadamente? Ah sim, nunca. Então apenas observei seu trabalho cheio de gráficos e contas. Me ajeitei mais colocando meu bebê no meio. Oliver me encarou de lado.

– Ele não fez nada. – Falei.

Fechei os olhos, mas não dormi. Na verdade, estava começando a sentir falta de America. Alguns minutos depois o celular tocou, Oliver saiu do quarto e demorou para voltar. Quando voltou, trouxe bolachas e chá. Saqueei algumas.

– Tem lá na cozinha sabia?

– Sei. Mas as suas estão mais perto. – Sorri. Ficamos em silêncio por um tempo.

– Já deu nome para ele?

– Se preocupando com meu bebê? – Sorri.

– Qualquer um se preocuparia, principalmente com a dona que ele tem. – Gargalhou.

Fala como se eu fosse matar o bichinho.

– Ainda não.

– Ele é estranho.

– Vou me calar para não dizer o que é estranho.

Me encarou.

– Não, isso não é estranho. – Me olhou malicioso.

– Mas eu nem disse o que era. – Soquei seu braço.

Escondeu o riso.

– Me ajuda com um nome.

– Sei lá, sou péssimo com nomes. – Cruzou os braços.

– Fala o primeiro que passar na sua cabeça.

Parou para pensar e sorriu.

– Apolo?

O fitei.

– Tá falando sério?

– Você falou o primeiro que passasse pela minha cabeça. Li isso em um saco de ração hoje, quando fui comprar a comida dele.

– Não. Apolo não, fala outro.

– Ele gostou. Quer ver? Apolo. – Chamou e o filhote apenas o encarava. – Assim não vale. Ele já estava me olhando. Vire ele.

O virei.

– Apolo. – Chamou estalando a língua e o filhote se virou o procurando. Oliver sorriu. – Falei.

Eu não gostei muito, mas ele pareceu gostar.

– Certo, por enquanto podemos chamá-lo assim. Até arrumarmos um nome melhor que esse.

Acho que ele se empolgou com o nome. Oliver me mandou educá-lo em um dia, ou ele iria para rua em dois segundos.

Só precisamos de um pouco mais de tempo e ele será um menino obediente.

....

– Melissa! Tire ele de cima das minhas pastas! – Gritou. Larguei tudo no meio do caminho e corri para pegar o bendito.

– Apolo! Não pode. O ogro pode te comer por isso. – O coloquei no chão e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

bati a mão no vestido. – Pronto. Ele já está longe das suas pastas.

Apolo correu para o quarto, por sorte Oliver não o viu com sua meia na boca.

– Menino mal. Vamos conversar um pouco. – Falei pegando minha sandália.

Ele se deitou me observando. – Faz três dias que você está aqui, você me conquistou com esse olhar de cachorro perdido, mas está se mostrando um monstrinho e o papai vai te colocar na rua se você não obedecer. Então, por favor. Obedeça! Não destrua a casa, eu prometo que quando formos embora, você poderá destruir a casa da mamãe, mas a do papai não, certo?

Grunhiu.

– Bom menino.

– Você devia parar com isso. – Oliver me assustou.

– Estou explicando as normas da casa para ele.

– Espero ter o apartamento inteiro quando voltarmos.

Peguei minha bolsa.

– Pretendo vir bem cedo para casa. Não estou a fim de aturar aquelas pessoas. Não fazem meu tipo.

– Não começa.

Apolo nos seguiu. Precisei dar uma volta pelo apartamento e fazê-lo se perder, até conseguir sair. Ele ia chorar até voltarmos.

– Só estou avisando caso eu suma.

Oliver dirigiu até o salão onde seria a festa. Segurou minha mão com firmeza e me guiou até a entrada entregando a chave do carro a um homem parado na porta. As pessoas me olhavam como se eu fosse algum tipo de obra de artes. Sim, o vestido que Anna me deu era uma obra de arte, e bem extravagante também. Não posso me esquecer de dizer que estou me sentindo transparente.

– Melissa. – Não demorou muito para ela aparecer. – Ainda bem que chegaram. Está linda.

– E nua. Por que não me deu um vestido longo? Eu poderia ficar sem esse salto por um tempo.

– Melissa e sua aversão à moda.

Sorri. Oliver soltou minha mão e foi cumprimentar a família de Isabel. Segui para a família Digori.

– Mel.

– Oi Harry, olá a todos. – Muita gente.

– Oi Melissa. – Falaram juntos.

Harry sussurrou algo incompreensível por mim. Mas podia ter certeza que era algo para me envergonhar. Me sentei e esperei o idiota do meu marido saber o caminho de volta.

– Fiquei sabendo que vocês têm um bebê. – Harry falou cheio de dentes.

– Sim, um garoto nos deu em meio ao trânsito. Apolo é o nome dele.

– Que criatividade para o nome. Ele se parece com quem? A mãe, ou o pai? – O pai, mas vou respeitar Edgar e Tara certo, Harry?

– É um cachorro, Harry.

– Então se parece com o pai. – Gargalhou e Mona bateu em seu braço.

Tive que aturá-lo por muito tempo soltando piadinhas até Oliver se lembrar de voltar e acabar com a conversa. Me beijou de leve, o que bastou para tudo sair do lugar.

– Estava aqui falando com a Mel...

– Não começa, Harry. – Falei.

– Eu quero um sobrinho, a situação está tão difícil que vocês precisaram arrumar um cachorro? Tudo bem que eu falei que não queria tão selvagem como a mãe e nem tão cachorro quanto o pai. Mas vocês levaram muito ao pé da letra, e ele se chama Apolo! – Falou quase indignado.

Fechei os olhos.

– Vou me esquecer da educação, Harry. – Falei. Gargalhou não dando à mínima.

– Tudo bem, eu espero um sobrinho de verdade. Por enquanto ficaremos com o "Apolo".

Uma música chata começou a tocar, Henry e Anna por algum motivo acharam ritmo para ela. Depois Mona e Harry. Tara tocou minha mão.

– Por que não vão dançar vocês dois? – Perguntou.

Oliver me fitou.

– Não sei dançar. – Adiantei. – Sou péssima em quase tudo. – Inclusive nisso.

– Não seja por isso, Oliver dança muito bem.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mas ele não quer.

– Vou lhe ensinar Melissa. – Edgar me tirou para dançar. Fiquei mais vermelha que um pimentão, mas aceitei. – Como anda Oliver e você? – Perguntou quando nos afastamos.

Segurei seu ombro seguindo seus passos calmos.

– Muito bem. Só que ainda não me acostumei com essa coisa de... Casamento.

Sorriu.

– Está feliz, mesmo assim?

Assenti, incapaz de falar a verdade.

– Você é uma boa garota Melissa, e não é porque Oliver é meu filho que vou passar a mão na cabeça dele caso ele erre com você. Às vezes me pergunto, por que ele não a trouxe antes para a família. Somos orgulhosos de saber que temos uma pessoa maravilhosa conosco.

Respirei fundo contendo as lágrimas.

– Não sei se sou isso tudo... Sou um pouco selvagem como Harry diz, para não dizer diferente. É difícil me ver lidando com um elogio, terminei de me criar sozinha. Oliver caiu na minha vida e mudou tudo, literalmente. – *Uma verdade nessa história toda.*

A música mudou o ritmo e trocamos de casal. Para a minha adorável sorte. Meu par era Harry e pela primeira vez, fiquei com medo daquele sorriso.

– Não sabe dançar? Ótimo. Vou te ensinar.

– Harry, não me jogue para cima nem nada do tipo ou eu te mato. Estou falando sério. – Me girou umas mil vezes, e sim, ele me jogou para cima.

– Acorda, a música só está começando.

Fiquei muito feliz quando Henry conseguiu me salvar. Já Anna gostava do lance de ser jogada para cima. Depois de algum tempo, minha risada não era mais de medo, e sim diversão. Percebi que Oliver observava de longe. Até tirar Tara para dançar também. Parecia mais uma festa Digori. Estava indo tudo bem até uma loira bater na taça chamando a atenção e o som cessar aos poucos.

Todos se direcionaram a frente. Algumas palavras começaram a ser ditas, peguei meu copo de champanhe. Eu tinha certeza que iria precisar de um.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Harry apoiou o braço em meu ombro e senti o peso quase me jogar no chão. Algumas pessoas seguiam para fazer o discurso a aniversariante.

– Lá vai o otário. – Sussurrou quando Oliver se afastou com um sorriso.

– Concordo com você. – Bati minha taça na sua.

– Sabe Melissa... – Harry começou.

Fiquei ali nos primeiros três minutos. Soltei de seu braço. Do outro lado da rua uma moto preta me chamou a atenção.

– Melissa, aonde você vai? – Harry perguntou.

– Meu tempo por aqui já acabou. Avisa seu irmão que... Deixa para lá. Quando ele sentir minha falta, ele vai perguntar. Ou não. – Peguei a bolsa e sai empurrando a porta.

– Scott! – Chamei atravessando a rua.

– Muito pouco pano nesse vestido. – Comentou.

Sorri sem jeito.

– Eu sei, está indo para onde?

– Para casa.

– Me leva? Sei lá, vamos ao parque? Quero te apresentar uma pessoa. Quer dizer, não é uma pessoa, é meu bebê.

Scott me entregou um capacete.

– Sobe Miss Sanders. Cuidado para não mostrar demais.

Nem olhei para trás. Apenas deixei que me levasse ao apartamento de Oliver. Subi correndo, Apolo estava em cima das malditas pastas de novo e fez xixi no tapete. Segui para o quarto com ele em meu encalço. Troquei o pedaço de pano por um short jeans e uma camiseta. O pôr do sol estava quase indo embora. Soltei o cabelo. Peguei Apolo no colo, e sua coleira em cima do sofá. Podia ver sua felicidade ao sair. O soltei quando chegamos ao hall e é claro, ele causou a desordem.

– Esse é seu bebê? – Scott sorria.

– Sim, esse é o meu filho. – Sorri.

– Se parece mesmo com a mãe.

Soquei seu braço. Apolo me obedeceu e consegui colocar a coleira nele.

– O Digori não vai se incomodar?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Gargalhei. Só quando ele se lembrar de mim ou da sua imagem diante a sociedade.

– Não, e como já disse, sou livre.

OLIVER

– Seu sorriso alegra o dia. – Harry falou sem humor.

Me servi com uma taça de vinho.

– Por favor Harry, não me venha com sermões.

– Eu? Sermões? Jamais irmãozinho.

Harry saiu da mesa levando Mona com ele. Esperei as pessoas se afastarem da aniversariante para eu poder dar o meu presente. Eu sabia que ela ia gostar. Vi quando se apaixonou por ele há alguns meses e o pediu com os olhos. Ninguém ali estava preocupado em saber como estava sendo meu casamento ou como era minha esposa. A minha quase família, parecia sem remorsos por isso.

Isabel aceitou meu abraço e sorriu ao me ver. Por um segundo eu já não me sentia mais o cara que acabou com tudo.

– Oliver! Isso... Isso é incrível. – Encarou a caixinha. – Ele... Ele é perfeito.

Me abraçou.

– Eu sei. Que bom que gostou.

– Eu amei. – Beijou meu rosto um pouco demorado. – Continua incrível. – Sussurrou em meu ouvido.

– Continuo o mesmo.

Tara chegou nos separando.

– Parabéns, Isabel. Te desejo tudo de bom. – Minha mãe conseguia ser adorável quando queria. Entendi seu olhar e voltei a minha mesa, já estava feliz, estávamos avançando.

Depois que a deixei, percebi que colocou o anel, às vezes me observava, então desviava a atenção aos demais presente. Sem ressentimentos, Oliver. Ela estava aceitando novamente. Droga! Por que tinha muita gente ali? A tirei para dançar na primeira oportunidade quando Felix – o ser inútil de toda a

festa se aventurou em uma conversa com os homens da família.

– As pessoas vão perguntar. – Comentou segurando minha mão.

– O que? – Fingi não entender.

Sorriu.

– O ex e a ex dançando e esquecendo seus respectivos casais. Podem pensar...

– Deixem que tirem suas próprias conclusões. – Pisquei um sorriso.

– Oliver...

– Tenho um jantar na próxima semana com Steve e Wanda. Wanda a adorava.

Seu sorriso aumentou.

– Quer ir comigo? Vocês podem...

– Mas... Sua esposa... – Seu olhar caiu para o salão.

– Digamos que está tudo bem. E então?

– Claro, eu aceito. Com certeza, eu aceito. Quanto tempo não os vejo?

– Muito tempo.

Anna me puxou para dançar empurrando Isabel de lado. Seu olhar era furioso. Certo, Harry já me deu sermão.

– Onde está a Melissa? – Perguntou me empurrando para longe.

– Com a mamãe.

Virou meu rosto bruscamente para a mesa onde mamãe estava.

– Não está!

– Ela deve estar com a Mona.

– Não! – Soou indignada – O Harry e a Mona já foram. Ela estava dançando com o Harry e de repente sumiu. Isso já faz três horas.

Droga Melissa!

– Ela deve ter ido para casa.

– Ou está destruindo a cidade morrendo de ciúmes do idiota do marido dela que não sabe nem disfarçar um sorriso perto da ex. Isso é incrível Oliver. Eu nunca vi ciúmes na Melissa, mas ultimamente ela vem me mostrando isso. Mas o marido dela não vê. – Me empurrou.

– Isso é coisa da sua cabeça, Anna.

– Imagina se não fosse, Oliver. Ela foi embora e por sua culpa.

Peguei a chave do carro ganhando olhares de reprovação e segui para a saída. Isabel me puxou.

– Já vai? – Havia algo em seus olhos que não consegui identificar.

– Bom, eu preciso. – Encarei o relógio em meu pulso. – Te ligo para marcarmos direito nosso jantar.

– Tudo bem. – Seu sorriso caiu. – Vou ficar esperando.

Sorri.

Peguei o carro e dirigi de volta para casa. O apartamento estava vazio, nem sinal do Apolo, ou sua coleira. Será que ela foi embora? O vestido que usava estava jogado na cama. Disquei o número de Harry e ele atendeu no terceiro toque.

– Melissa sumiu. – Despejei.

– Eu sei.

– Estou falando sério, Harry. Ela saiu da festa e não me avisou.

Harry gargalhou.

– Sei disso também. Tomara que há essa hora ela esteja bem longe. Se estão em um teatro de falso casamento, seria bom os dois encenar, não acha?

– O problema da Melissa é que ela...

– Não é otária. Eu sei. Mas sabe de uma coisa? Ela só não suporta o teatro e para não acabar com tudo, acho que ela prefere esfriar a cabeça. Ela volta e se não voltar, aí você não pode fazer nada. – Desligou.

Duas horas depois a casa continuava vazia e silenciosa. Me preparei para sair e procurar quando a porta se abriu e Apolo entrou correndo pulando em cima de mim. Melissa me ignorou seguindo para cozinha fazendo o pequeno monstro a seguir.

– Hei, hei, hei. Mereço alguma explicação do seu sumiço?

– Não.

– Onde estava?

– Eu falei que não. – Me encarou enquanto prendia o cabelo para cima. – Você não merece satisfação de onde eu estava, com quem estava e o que estava fazendo. Quer que eu desenhe e faça legenda? – Perguntou irritada. –

Vem Apolo.

Segurei seu braço.

– O que eu fiz? – Perguntei. Virou o rosto.

– Nada. Agora me solta.

Segurei o outro a fazendo me olhar.

– Então por que foi embora?

Fitou o chão.

– Pensei que tivéssemos feito um acordo, que você ia me ajudar. Mas...

– Sim, fizemos um maldito acordo que me arrependo profundamente.

– Por quê? O que deu errado? Porque pra mim está indo tudo muito bem até agora.

Respirou fundo, sem me olhar.

– Eu não faço parte disso, Oliver. – Puxou os braços. – Não faço parte da sua vida. E eu sinto falta da minha, sem responsabilidades onde eu só devia alguma coisa a mim mesma, sem isso de me portar porque estarei com você. Eu podia ir e vir e falar o que quiser. Estou me doando a isso e não estou ganhando nada em troca. – Se afastou.

Ouvi a porta do quarto bater.

O que estava acontecendo?

Droga!

CAPÍTULO 10

MELISSA

– America, sou eu. Quando ouvir essa mensagem, me liga. – Apolo se enroscou em mim. Consegui dormir à noite toda, quando acordei Oliver não estava mais no apartamento.

Apenas deixou um bilhete escrito "*Precisamos conversar...*". O amassei e joguei no lixo. Coloquei comida para Apolo e caí no sofá ficando por lá mesmo sem perceber a hora passar. Porque era assim a minha vida, um dia me preocupei em arrumar um emprego e apesar de uma grande parte em mim não querer sair do lugar, agora mais do que nunca ela queria sair.

Estava cansada de ser um objeto transitivo dentro de um apartamento. O não se preocupar estava me preocupando porque isso tudo ia acabar uma hora e a única vida que mudaria drasticamente era a minha.

– O que foi? – Apolo estava me encarando com seus enormes olhos escuros.
– Quer passear? Só se você tirar a mamãe do sofá. – Ele bem que tentou. Consegui reunir coragem em mim e me levantei, o jogando no ombro. – Você gosta, não é? Ótimo, vou tomar banho e vamos ver se a tia America ainda está viva.

Tomei um banho rápido, coloquei uma roupa simples, peguei Apolo no colo e descii. O porteiro já nos encarava, depois de destruir a decoração ele era visto como um terrorista. Decidi ir caminhando e o soltei no caminho. Algumas pessoas me olhavam e me segurei para não mostrar minha forma de olhar com o dedo do meio. Precisava me lembrar sempre que estava no lugar mais conservado da cidade.

– Por aqui. – O chamei.

Apolo deixou os passarinhos em paz e me seguiu. Precisei prendê-lo depois de algumas quadras. Entrei na rua da cafeteria onde America, provavelmente, ainda trabalhava. Para a minha sorte, tirava o lixo. Acenei com um meio sorriso.

– Está viva? – Sorriu.

– Não sinto mais o ET dentro de mim. – Sorri.

– Quem é esse?

Apolo a observava com a língua para fora.

– Apolo essa é a titia, titia esse é o Apolo.

America gargalhou acariciando seu pelo ralo.

– Vem cá, Oliver deixou? – Me fitou. – Eu acho que preciso avisar alguma ordem de proteção animal.

– Não, mas a opinião dele não me interessa e eu posso cuidar do Apolo. Eu só deixei um peixe morrer em toda a minha vida. Mas era um peixe! Eu não sei o que está acontecendo comigo. Apolo me pareceu real, então eu precisava dele. – Me sentei na calçada.

– Eu falei que uma hora isso ia dar amor. – Riu.

A encarei.

– Não me olhe com essa cara, Melissa.

– Eu sou feia? Tenho algum defeito? Defeitos eu tenho, mas o que há comigo? Os caras fogem é isso?

– Você é linda, seus defeitos são seu charme. O problema é o outro. Entende? Não!

– Ele é louco por ela. O pior é você saber disso. Mas eu tenho amor próprio e já me decidi. Vou dar uma chance ao Scott. Sei lá. Isso, vou dar uma chance a ele. Mas eu preciso de uma vida, essa que estou levando é de gente que não

tem o que fazer.

– Melhor ficar quieta Melissa, vai que as coisas mudam.

– Mudam, mudam sim. Eu virando dama de honra no casamento deles. Só vou esperar os papéis do divórcio e vou me mandar. Não vale a pena isso, acho que ele sabe fazer o serviço sozinho.

America me abraçou.

– Meu apartamento ainda está lá te esperando. Não se preocupe, trocaram o síndico, então você não será expulsa dele.

Sorri.

– Vai demorar muito para sair daí hoje?

America fez careta.

– Acabei de chegar.

– Passa lá em casa hoje. Eu faço o jantar. – Sorri.

Eu sentia falta dos amigos de verdade, que legal, só tenho dois e eles possuem vidas e responsabilidades. Parando para pensar, Apolo realmente me tirava do buraco. Era como se sorrisse. Me dava tão bem com ele, quanto me daria com uma criança.

....

Uma semana e meia depois...

Estava cansada de dar desculpas à família de Oliver sobre por-que-não-fui-a-viagem-com-Oliver. Ele estava acompanhado, e sabe o que eu ganhei? Um beijinho na testa por estar o ajudando e horas a fio ouvindo o quanto Isabel queria saber sobre mim, por que eu, como tudo aconteceu e ridiculamente querendo o mesmo tratamento – mesmo que não admitindo. E por ela querer tudo isso baseando em uma farsa clara, ela só poderia ser doente.

Coloquei um filme qualquer e chamei Apolo para assistir comigo, mas o

traidor me deixou quando ouviu o barulho da chave na porta. A voz de Oliver chegou até mim. entre palavras de saudades e sorrisos. sorrindo para o meu bebê? A viagem foi boa. Continuei no meu lugar vendo o filme chato. Virei um pote de pipoca na boca e me afundei nos travesseiros macios. Oliver entrou no quarto seguindo para o banheiro, voltou acendendo luz. Acho que fiz um "O" com a boca quando vi seu olho roxo antes de cair na risada.

Eu tentei segurar.

– Sexo selvagem? – Perguntei. Bufou se sentando na cama e tirando os sapatos.

– Eu estou com dor de cabeça, marque um horário para soltar suas piadinhas.

– Ótimo, está disponível daqui a cinco minutos?

Me encarou. Sim, ele não estava bem-humorado e o olho estava horrível. Roxo e inchado.

– Agora falando sério, o que aconteceu? – Me aproximei.

– Levei um soco?

– Isso eu sei. – Queria socar seu outro olho.

– Então por que perguntou? – Me encarou.

Voltei ao meu lugar ouvindo seu suspirar.

– Felix me bateu, satisfeita?

Apolo pulou na cama.

– Minha cabeça está explodindo. Meu olho está horrível. Tudo o que eu preciso é de um banho, uma cartela de aspirina e cama. Pode ser?

O ignorei achando o filme mais interessante. Por que não quebrou seus dentes? Vai para o inferno Oliver! Parou de me encarar e seguiu de vez para o banheiro. Xingou algumas vezes, saiu com a toalha enrolada na cintura. Ou isso era costume, ou era um modo de me testar. Me virei quando foi se trocar

Apolo pulou em mim.

– Seu pai é um desgraçado. – Falei quando Oliver deixou o quarto.

Voltou minutos depois, trazia um livro. Puxou o cobertor e me fitou. Eu nunca conseguia disfarçar.

– Para com isso, use a boca para falar e não os olhos. Seu olho está horrível, Oliver.

– O que eu posso fazer?

Eu devia deixá-lo ficar com um olho só na cara. Mas não vou fazer isso. Desci da cama e segui rumo à cozinha. Peguei um pedaço de carne, isso era nojento, mas ajudou quando ganhei um soco, bem lembrado, ainda cruzarei com Iris nessa vida. Oliver estava tentando brincar com Apolo quando voltei.

– Ele morde. – Me encarou sorrindo. Eu não sabia se ria da cena ou do seu olho.

– Há muito tempo. – você saberia se passasse mais tempo com a gente. Coloquei a carne em seu olho. Fez careta.

– Por que carne? – Perguntou fazendo careta.

– Também não sei, só sei que ajuda.

Me fitou segurando meu braço.

– Por que ele te bateu? – Alisei seu cabelo para trás. Esses momentos me confundiam. Eram gestos bons e errados.

– Não sei, ele me viu com ela e pensou...

– O certo, Oliver... – soltei a carne o deixando segurá-la por conta própria. – Não dá mais... Sério. Eu não quero mais isso.

Me encarou.

– De novo não, Melissa!

– Você sabe fazer isso sozinho, eu não sei para que eu sirvo nessa história

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

toda. Eu quero a minha vida desgraçada de volta. Não precisa pagar as dívidas do meu pai, eu vou dar um jeito. Já falei com o Scott, ele vai me arrumar um emprego.

– Esse maldito Scott de novo? O que esse cara quer?

O que você nem sonha em querer.

– Bom, é aí que ele entra na história. Vou morar com o Scott assim que o divórcio sair. Já me decidi. Será melhor para todos.

Jogou a carne no chão.

– Não será não. – Gritou.

– O que você quer, Oliver?! – Gritei. Ele não respondeu, simplesmente me deu as costas e saiu.

OLIVER

– Ela já dormiu? – Sussurrei. Apolo deitou em meus pés. – O que está acontecendo com ela? Se você sabe, me conte. Melissa está diferente e ela não era assim. No começo ela me infernizava, não que ela tenha parado, e tudo parecia engraçado, só que agora. Não sei.

Apolo fechou os olhos.

– Ótimo, não quer me contar.

A reunião para o divórcio estava marcada para dois dias, mas Harry teria que cancelar. Melissa não podia me deixar agora. Não! Meu olho estava melhor pela manhã. Precisei entrar no quarto para pegar minhas roupas e tomar um banho, ela estava quase caindo da cama e a ajeitei. Apesar de tudo, eu gostava dela. Precisava protegê-la, sua cabeça dura trazia grandes problemas. Tomei meu banho e sai, ela ainda dormia.

– Cuide dela. – Falei a Apolo que me seguia. – Eu preciso trabalhar e lá não é o seu lugar. – Tranquei a porta e sai ouvindo seus latidos.

Havia algumas ligações de Isabel que não vi. Respondi em mensagens avisando que estava bem, apesar de tudo a veria depois. Harry me encarou assim que entrei no escritório, depois gargalhou. O dia só estava começando.

– Isso foi a Melissa?

– Não. – Puxei minha cadeira vendo-o saltar para a outra a minha frente.

– O que aconteceu?

– Levei um soco. Isso não está óbvio?

Bufou.

– Então você se socou sozinho? – Se eu não soubesse o quanto ele estava se divertindo, o acharia idiota.

– Não, Harry!

– Quem te bateu? – Ele não ia me deixar em paz, até eu contar. Então, vamos lá.

– Felix me viu com Isabel e me socou, satisfeito?

Gargalhou.

– Mas isso é incrível. Acho que até demorou para acontecer.

– Sem piadinhas.

– Não é piada Oliver, o que você e a Isabel estão fazendo tem um nome. Não machuque a Melissa, para mim é como se estivesse machucando a Anna.

– Ela aceitou o plano Harry, sabia como as coisas seriam. Então, não comece.

– Tudo bem, depois não reclame da sorte. E bom. – Voltou a sua mesa. – Aqui está o papel da casa. As dívidas estão pagas, não era muita coisa, os juros eram terríveis.

Guardei os papéis em minha pasta depois de passar os olhos por cima.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Ela vai gostar de saber disso... Mas talvez, nada muda. Ela está decidida a ir embora assim que o divórcio sair e morar com o idiota que ela se aventurou bêbada. Quem é esse cara? Melissa age por impulso.

– Ótimo, então temos só dois dias com a Mel. – Bateu em minha mesa se afastando.

– Não! Cancele a audiência. – A porta se abriu e Anna invadiu a sala.

– Bom dia irmãozinhos. – Cantorolou. Ótimo, mais essa.

– O que quer tão cedo Anna? – Era um péssimo dia para estar em sintonia com o seu humor.

– Bom dia para você também, Oliver. Só queria avisar que a mamãe marcou uma viagem para esse fim de semana na casa de campo. Papai comprou outro cavalo, precisamos ver o haras e precisamos de férias. Estou sendo comida viva pelo trabalho. – Resmungou. – E Henry vai pedir alguns dias no hospital.

– Não dá nesse fim de semana. – Harry falou me encarando.

O dia da audiência.

– Claro que dá. Melissa e eu, vamos.

– Oliver...

– Harry, nós vamos e ponto. Pode comunicar a Melissa, Anna. Nós vamos a essa viagem.

Saltou batendo palmas.

– Eu sabia, e Harry você iria de qualquer jeito. Mona está com saudade dos cavalos. Vou avisar a mamãe.

Do mesmo jeito que saltitou para entrar, saiu.

– Qual é a sua Oliver? – Harry queria socar o meu outro olho.

– Quando voltarmos, resolvemos, mas agora não. Não posso deixá-la ir.

– Ah, não pode deixá-la ir. – Bufou. – Uma hora essa brincadeira vai ficar séria. Isso, se já não estiver. Pensa bem Oliver, vê direito se você gosta mesmo da Isabel para chegar nisso tudo. Porque você pode estar machucando a Melissa sem perceber. Ela pode até parecer uma garota decidida e pouco importada, mas no fundo ela se importa. Vocês estão morando juntos a algum tempo, esse tipo de coisa acontece.

Passei a manhã tentando trabalhar. Harry tinha que impor dúvidas em tudo? Eu já falei que preciso de Melissa por um pouco mais de tempo. Marquei de encontrar Isabel na hora do almoço. Deixei o escritório minutos antes, queria evitar perguntas. Dirigi até o restaurante do centro, percebi a Mercedes. Ela havia chegado. Estacionei a alguns metros.

– Querido, olhe como ficou seu olho. – Tapou a boca espantada.

– Estou bem, não fiquei cego como imaginava.

Isabel tocou o roxo.

– Felix é um pouco...

– Estourado? Ele deu sorte, eu não queria dar motivos.

– Oliver... Acho que precisamos conversar. Você sabe, você está casado e eu, quase noiva.

– Vai se casar?! – Me fitou. – Quer dizer... para que a pressa?

– Não tenho pressa alguma, na verdade... Estou esperando para ver até onde tudo isso vai. Felix é legal, atencioso, carinhoso... Estou esperando seu grande pedido impulsionado pelos meus pais. Você sabe, não sou nenhuma menininha jovem....

Ela sabia que isso me irritava.

– Se ele fizer o grande pedido? – Fingi achar o menu interessante.

– Não vejo por que não aceitar. Ou tem algo que possa impedir?

Ela sabia jogar.

– Se casar não é como imaginamos.

– E como seria?

– Você precisa entender... Que está abrindo mão de muita coisa.

– Você está abrindo mão?

– Estou me dando uma segunda chance.

Sorriu.

– E como está se saindo?

– É o que quero saber.

O almoço se passou tranquilo, agora dois problemas para lidar. Isabel não daria o braço a torcer, ela me faria rastejar mesmo estando morrendo de ciúmes de Melissa. Percebia isso todas as vezes que dizia o nome dela com repulsa. Melissa é simples, na verdade ela queria dizer sem graça, ela não parece muito sociável, na verdade queria dizer selvagem. As pessoas tiravam essas conclusões rapidamente. Ela o fez durante o jantar com Wanda e Steve, meus sócios. Ela fez Wanda achar Melissa um ser de outro mundo e meu casamento ser questionado.

Isso talvez tenha me incomodado um pouco, não pelos padrões, mas por Melissa.

Voltei ao escritório um pouco melhor. Harry me ignorou, e não quis assunto. Como eu sabia que Melissa não era aquela esposa que te esperaria com o jantar na mesa, passei no restaurante e comprei nosso jantar. Apolo me recebeu na porta. Melissa sorria.

– Temos visita garotão?

Tranquei a porta dando de cara com Melissa confortavelmente sentada no sofá, os pés no colo do... Scott? Fechou o sorriso ao me ver.

– Boa noite. – Cuspi as palavras.

– Bom Mel, como eu disse preciso ir. – Scott tirou seus pés gentilmente.

Acho que falei boa noite.

– Não Scott, fica mais um pouco. Eu preparo o jantar. – Scott afagou seu rosto. Não estão me vendo aqui não?

– Eu sei pequena, te pego nesse fim de semana.

– Ela não irá a lugar nenhum nesse fim de semana, ela é "minha" mulher, e se você não percebeu, eu estou aqui. Agora se nos der licença, Melissa e eu precisamos conversar.

– O que acha que está fazendo Oliver? – Ela gritou.

Abri a porta.

– Tudo bem Mel, eu te ligo. Qualquer coisa que precisar, já sabe onde me encontrar.

Saiu e bati a porta. Melissa avançou para cima de mim acertando o lugar onde eu já havia levado um soco. Senti minha cabeça esmagando meu cérebro. Deus! Ela tinha força.

– Pare com isso!

– O que você fez, Oliver?!

Me encolhi com as mãos no olho. Estava doendo mais do que quando foi Felix a bater. Droga, Melissa!

– O que mais? Ele estava na minha casa com a minha mulher e você quer que eu faça o que?

– Eu. Não. Sou. Sua. Mulher! Você já me deixou claro isso.

– Já estavam combinando quando iria dar o fora?

Me deu as costas mostrando o dedo. Se trancou no quarto por um longo tempo. Apolo ficou me encarando.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Tá, eu não sei o que deu em mim. Vamos lá fazer ela abrir a porta.

Preparei seu jantar na bandeja e bati na porta mil vezes até ela abrir. Comprada pela comida.

– Me desculpe... Eu sei que você não acredita em mim, mas... Temos que ser convincentes. – Não era isso que eu queria dizer.

– Ele sabe.

– Você contou a ele?

– Se eu vou ter uma vida ao lado dele, acho justo ele saber.

Respirei fundo.

– Por que não publicou no jornal?

– Ele não vai contar. Não se preocupe.

Coloquei a bandeja na cama.

– Não gosto de deixá-la chateada. – Eu estava sendo sincero.

– Você não tem culpa de ter uma vida conturbada e ser um idiota.

A puxei para um abraço.

– Só quero cuidar de você como amigos cuidam. Entende isso?

– Como amigos... Acho que entendo.

A fitei.

– Vamos a casa de campo da minha mãe nesse fim de semana. Quero te dar um presente, mas só darei lá. Então abre um sorriso do mau e vamos jantar.

Melissa se sentou na cama, estava diferente, mas não quis questioná-la. Eu a deixaria em paz, isso era em breve. Apolo não demorou a aparecer, dormimos os três já descobrindo quem era o ciumento da família. As coisas pareciam dar certo quando entrávamos em concordância. Melissa enfim, pareceu aceitar minha amizade. Essa viagem teria que dar jeito nas coisas e tirar suas ideias malucas.

– Boa noite. – Sussurrei. Enlaçou minha cintura e suspirou. Não queria ver a cara dela quando visse a cena.

Sorri.

CAPÍTULO 11

MELISSA

Acordei meio perdida, percebi que nos últimos dois dias, comecei a aceitar o fato sobre a "amizade" entre Oliver e eu. O amor com certeza é uma droga que precisamos manter distância, e sim, eu quero ficar bem longe dele. Oliver estava de um lado e Apolo do outro e como sempre, presenciei tudo no meu posto, o centro da cama. Com muito cuidado me levantei e segui para o banheiro. Tomei um longo banho, coloquei uma roupa qualquer e segui para cozinha.

Achei algumas coisas que daria para fazer um sanduíche. Na porta da geladeira uma folha amarela, chamou a atenção *“Sábado: Casa do campo”*. Que dia é hoje mesmo? Ah claro, hoje é sábado

– Oliver! – Gritei. Segundos depois ele e Apolo apareceram na porta me encarando.

– O que está acontecendo? O que você quebrou? – Falou fechando os olhos ainda com sono. – Que horas são? Me dê um motivo muito importante para ter me tirado da cama.

– Prevejo que Anna Digori invadirá esse apartamento se não entrarmos em contato em... cinco minutos dizendo que não esquecemos da "grande viagem a casa de campo". É hoje Oliver. – Oliver passou as mãos no rosto bufando alto, acho que ele acordou.

– Droga! Eu tinha me esquecido. Liga pra Anna, eu vou tomar banho e arrumar algum lugar para deixar o Apolo.

Peguei o telefone na parede.

– Não se preocupe, Scott pode ficar com ele.

Voltou dois passos me encarando.

– Mudanças de planos. Você vem com a gente garotão. – Apolo saltou para ele como se soubesse que aquilo era um sim a sua ida.

Eu não sabia o que dizer no momento.

– Qual é o seu problema em Oliver? – Gritei colocando o telefone no lugar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– O seu amigo, amor. – Sumiu corredor adentro.

Avisei Anna que nós iríamos e que não precisava destruir o mundo caso atrasássemos. Oliver arrumou um lugar para Apolo no carro mesmo eu insistindo em deixá-lo. O vi bocejar algumas vezes e sorria ao me olhar, se ele soubesse o que me causava fazendo isso, eu tenho certeza que ele evitaria. Essa manhã ele não fez a barba, o que havia causado uma invasão de pelos ralos e claros demarcando o desenho perfeito em seu rosto. Oliver Digori era um desgraçado de um cara bonito e isso justificava muitas coisas pra mim. o sexo principalmente ainda rondava meus sonhos, você não pode provar aquilo que sabe que não terá novamente, ainda mais se a pessoa não ajuda muito.

Seguimos em silêncio pegando um caminho que não levava a casa de seus pais.

– Vamos direto, só umas quatro, quatro horas e meia de viagem. – Avisou.

Sorriu.

– Ótima notícia essa. – Sussurrei passando para o banco de trás, Apolo chorava baixinho me encarando do outro lado. – Mamãe está aqui.

Oliver balançou a cabeça com um sorriso no rosto. Fechei os olhos e acho que dormi por algum tempo. Pelos meus cálculos, e olhe que sou péssima em matemática e mais todas as matérias escolares, chegaríamos pela hora do almoço, então era melhor só acordar, na hora do almoço.

O balanço do carro não demorou muito para me fazer desmaiar. Não me lembro com o que estava sonhando, nem se realmente estava sonhando. Tapei o sol no meu rosto e me assustei ao dar de cara com Apolo e Oliver rindo para mim.

– Pensei que tinha entrado em coma ou hibernado. – Oliver se debruçava na janela.

Esse olhar, era perfeito para quem acabou de acordar.

– Já chegamos?

– Já sim, você dormiu demais e roncou também e se não me engano, acho que falou. – Suas sobrancelhas perfeitamente alinhadas se ergueram.

Chutei a porta esticando as pernas quando se abriu. Consegui me sentar.

– Mentira, eu não falo, não ronco e sim, eu hiberno.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Vamos ursa. Só falta a gente. – Estendeu a mão.

– Cadê nossas malas?

– Já levei, só voltei para te buscar.

Me arrastei até uma subida verde demais – lugares calmos me deixava lesada mais do que eu já era. Apolo parecia que vivia preso – tecnicamente sim – e corria feito um bobo. Anna correu em minha direção e quase me sufocou com seu abraço, fez Oliver carregá-la nas costas até a casa – que por sinal, era linda. Sim, quando se é pobre e se vê no meio de tanto luxo, você adota uns tipos de reações bobas como ficar de boca aberta ou sorrir demais. Sim, essa sou eu.

– Melzinha. – Harry caminhou lentamente em minha direção

– Me tire o ar que lhe tiro a vida. – Avisei me preparando para seu abraço.

– Sabia que estava sentindo minha falta. – Me tirou do chão e por maldade apertou o abraço.

– Tá, eu já entendi o quanto sou especial para você, pode me soltar. – O sangue pareceu achar liberdade para circular.

Oliver segurou minha mão e nos guiou para dentro da casa. Tara e Edgar riam de alguma piada que não podemos presenciar.

– Melissa!

Acenei.

– Que bom que vieram. Devem estar famintos, já terminarei o almoço. Mona se aventurou e preciso ajudá-la.

– Se quiser, posso ajudar. – Me ofereci.

– Para o bem de todos, melhor não. – Oliver falou gargalhando. Bati a mão delicadamente em sua barriga. – Vem, quero te mostrar os cavalos.

O segui, do outro lado do campo, Anna e Apolo pareciam se divertir. Caminhamos por um tempo até chegarmos em um grande galpão. Oliver fez uns sons estranhos com a boca e isso fez os bichos ficarem agitados.

– Realmente, você tem habilidades com animais. Cavalos, cachorros, galinhas, vacas...

– Vou ignorar o comentário. – Seguiu na frente e se debruçou em uma cela. – Vem ver.

Me aproximei. Um pequeno potrinho nos encarava com os olhos esbugalhados.

– Que lindo.

– Tem uma semana que nasceu. Esse é da Mona. Ela gosta mais do cavalo do que do meu irmão. – Sorriu.

– Vamos levar um para casa? – Me encarou. Eu queria rir da sua expressão, Oliver me mataria até se eu inventasse de criar uma aranha.

– Vamos criar um cavalo dentro de casa Melissa. Vamos sim.

Ri.

– Me dou bem com animais também. No fim, não fico sozinha.

– Eu estou aqui agora.

Me afastei indo ver outros cavalos.

– Por pouco tempo. Até eu ser uma carta fora do baralho e voltar para minha vida.

– Já falei que seremos eternos amigos.

Lê meus pensamentos idiota: EU NÃO QUERO SER SUA AMIGA!

– É, quem sabe. – Não.

– Para com isso, Melissa. Você não vai se livrar de mim, sinto a necessidade de manter o mundo seguro estando te vigiando vinte e quatro horas por dia. – Ele falou serio.

Gargalhei.

– Quando você não estiver trancado em um quarto preso em sua eterna lua de mel. Vamos voltar, eu preciso comer alguma coisa ou asso um cavalo.

– Para o bem dos cavalos, vamos indo.

Me jogou em suas costas. Apertei seu pescoço, mas ele não reclamou, seu perfume estava me fazendo sentir dona do momento por um breve momento.. Seguimos em paz até a casa, conversando. Isabel ainda não virou assunto e isso era bom.

Mona me preparou um lanche, tentei ajudar em alguma coisa, mas estava aos prantos depois que terminei de cortar as cebolas. Anna me levou para caminhar, conheci o riacho, mas não me arrisquei a entrar. Estava indo tudo tão perfeito, que eu tinha medo. O almoço se seguiu perfeitamente bem,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

evitei as piadinhas de Harry, as vezes ele conseguia testar minha paciência chegando ao limite.

– Já conheceu meu bebê, Melissa? – Mona perguntou se sentando ao lado de Tara no imenso sofá da sala.

– Ele é lindo.

– Precisei tirá-la de lá ou seu bebê viraria churrasco. – Oliver falou tocando meu rosto.

– Foi uma brincadeira, Mona. – Me expliquei batendo em sua mão.

Harry se jogou a meu lado colocando os pés em meu colo. Oliver bateu em sua cabeça, mas ele não se incomodou.

– Qual é o problema com as mulheres dessa família? Queremos bebês de verdade e não animais, falando nisso, cadê o monstrinho de vocês?

Oliver me fitou. Já tem um tempo que não vejo Apolo.

– Deve estar com Anna. – Tara falou se levantando. – Bom, acho que vou descansar um pouco.

– O papai já está te esperando. – Harry brincou.

– Harry Digori!

– Me desculpe. – Pediu. Gargalhei sem conseguir segurar. Eu adoraria ver Harry apanhando.

Passamos a tarde conversando. Anna voltou, Apolo ficou no campo, ele estava bobo com a liberdade realmente. Oliver segurou a minha mão e me puxou do sofá.

– Vamos nos recolher também, nos vemos mais tarde.

O fitei. Apenas sorriu enlaçando minha cintura. O quarto não ficava no segundo andar?

– Aonde estamos indo?

– Para a nossa casa. Não vamos ficar aqui. Relaxe, Harry e Mona também tem uma casa para eles. Isso é meio que a liberdade.

Passamos o haras e mais uma casinha que não identifiquei o que era. Apolo nos seguiu com a língua para fora, passou a frente deslizando quando tentava parar. Seu pelo ralo abrigava uma camada grossa de lama de estabulo, ele não entraria dentro de casa.

– Seu filho é louco. – Harry o observava.

– Não, ele é feliz.

Paramos em frente a uma casinha amarela. Oliver abriu a porta e identifiquei minhas malas. Havia uma cama, um banheiro e uma cozinha americana. Era a coisa mais simples que vi, desde que cheguei. E eu gostei disso.

– Gostou?

– Me lembra muito a casa do meu pai. – Comentei me jogando na cama e sentindo o sono me consumir mais uma vez.

Oliver seguiu para a cozinha. Demorou um pouco para voltar, puxou a mala para a cama e tirou uma pasta.

– Senta. – Pediu.

Me arrastei até ele.

– Certo, aqui está a sua parte. – Estendeu uma folha branca.

Peguei ao certo sem saber o que estava escrito ali. Eu não entendia absolutamente nada.

– A casa do seu pai está livre de um leilão ou qualquer coisa parecida.

– Mas...

– Estamos juntos a um bom tempo, Melissa. Fiz um levantamento, ou melhor, Harry fez um levantamento das suas dívidas. Achei justo.

– Mas eu falei... – Tocou meus lábios fazendo meu corpo se arrepiar.

– Combinado é combinado.

O abracei, isso estava mesmo acontecendo? Bom, agora me sentia bem injusta com ele. Por que será em Melissa? A iludida na história é você. Ele não prometeu nada, muito menos que iria se apaixonar por você.

– Obrigada.

– Agora acredita que quero ajudá-la?

– Não vou te dar esse gostinho, Oliver.

É, as coisas estavam quase dando certo. Eu só precisava voltar a pisar no chão novamente. Acho que dormi de novo, acordei com o céu cinza. Oliver assoviava da janela. Caí da cama quando tentei me levantar fazendo Oliver se curvar de rir.

– Caindo da cama? – Gargalhou fazendo um som engraçado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Onde está meu filho? – Pisquei o encarando.

Oliver pegou o guarda-chuva atrás da porta. O segui. Apolo estava do outro lado correndo na lama. Estavanojento. Deus!

– Eu vou prendê-lo, ou ele vai enfartar. O que você deu a ele? – Perguntei.

– Uma bola, mas acho que ele não sabe a hora de parar.

Dispensei guarda-chuva. Apolo parou e me fitou em posição de ataque.

– Vem menino, vem com a mamãe. – Fiz minha melhor voz.

Balançou o rabo.

– Ele não vai vir, eu já tentei. – Oliver parou a meu lado com o guarda-chuva aberto.

Certo, ele não queria vir.

– Para casa agora, Apolo!

Correu.

– Filho da mãe! Volte agora Apolo, eu juro que se te pego, te afogo na banheira.

– É agora que ele foge mesmo.

Peguei seu guarda-chuva o jogando para longe.

– Me ajuda! – Pedi.

– Por que você fez isso? – Oliver encarava o vento levar a porcaria do seu guarda-chuva.

– Você é de açúcar? Hmmm... Acho que não.

Corri em direção ao meu monstinho e Oliver resolveu parar de criar raiz e me ajudar. Caí na lama, caí por nada, tropecei no próprio pé. Fiquei a um centímetro de Apolo, mas ele conseguiu fugir. Oliver estava sujo de lama também, acho que o levei ao chão algumas vezes.

– Eu vou matá-lo. – Oliver gritou.

– Nem pense em tocar nele.

Corremos para o haras.

– Acha que ele voltou para casa?

– Com certeza. – Estava tremendo de frio. Me encolhi e Oliver me abraçou. A chuva estava ficando forte.

– Que bonitinho, brincando na lama vocês dois? – Harry gargalhou zombando.

– Muito engraçado, mas não. Estamos atrás do Apolo.

– Anna o gritou e ele foi atrás dela. Por que não vão para casa e esquece o monstinho. Vocês estão nojentos. – Fez careta.

Eu queria uma carona para casa, mas Harry correu para a chuva me deixando para trás. Oliver colocou a camisa na cabeça e correu me deixando também, para trás. Ótimo! Caí muito até chegar na casinha. Eu sei, a casa não era minha, mas eu merecia tomar banho primeiro. Oliver me puxou pelo cabelo me fazendo voltar.

– Não mexe no meu cabelo. – Tentei socá-lo.

– Eu vou tomar banho primeiro.

– Mas eu sou uma menina.

Gargalhou, certo, foi ridículo a forma que saiu as palavras porque a maior parte do tempo eu esquecia de mostrar que era uma mulher.

– Não te perguntei nada.

Tentei empurrá-lo, mas não conseguia com sucesso. Ficou barrando a entrada do banheiro.

– Se não me deixar entrar primeiro, eu acho o registro e o quebro, ficaremos sem água e ainda soco o seu olho de novo. – Ri de nervoso.

Ele sorriu, o melhor e mais tentador sorriso que um ser humano pode dar.

– Você é a sorte. – Me desafiou.

Dei dois passos para trás e me joguei contra ele. Oliver caiu na banheira, por dois segundos me preocupei achando tê-lo matado. Até me sufocar com o jato de água em meu rosto. Oliver se levantou ligando o chuveiro e me jogando dentro. O mordi, mas ele não me soltou.

– Se me morder, vou revidar.

– Eu arranco seus dentes. – Tentei me soltar e mais um jato me fez sufocar. – Para... para com isso. – Mandeí.

Bem, ele não parou. A água da banheira inundou tudo e estava barrenta com toda a lama que ambos possuíam. Consegui me afastar, Oliver ainda gargalhava quando soltou o chuveirinho e saiu com cuidado para não cair.

– Isso aí, eu mando. – Bati a porta.

Sua risada ecoou. Meu coração estava a mil e por um segundo... deixa para lá. Tirei a roupa suja e molhada a jogando em um canto. Lavei o cabelo embaixo do chuveiro e entrei na banheira. A água estava um pouco melhor ali e me peguei sorrindo feito uma idiota. Fechei os olhos por alguns segundos e senti a água balançar.

– Oliver! – Abri os olhos.

– Quem manda aqui mesmo? Ah sim, nós. – Se sentou cruzando as pernas. Certo, a banheira cabia perfeitamente nós dois, mas eu estou nua. E ele?

– Oliver eu...

– Está nua? Como se eu não tivesse visto. Confie em mim, vou ficar aqui e você aí.

Meu corpo todo estava tremendo. Eu queria parar, mas não conseguia e podia ter certeza que meu rosto estava mais vermelho que um pimentão. Ficamos em um silêncio interminável, esqueci a torneira ainda aberta e o banheiro inundando. Oliver estava de olhos fechados, relaxava a cabeça na borda da banheira. Tentei me mexer sem fazê-lo despertar, mas sem sucesso.

Havia uma dor em meu peito beirando a realidade. Eu estava apaixonada por alguém que não me amava de volta e que estava me dando uma vida ilusória, quando tinha a opção de apenas vive-la como amigos.

Oliver não era meu amigo. Éramos uma bagunça. E isso nos afetava.

Me afetava,

– Está chorando Melissa? – Perguntou assustado.

Eu chorando? Sim, eu estava. Mas eu não devia, ele não devia ver, muito menos questionar, por que eu ia estragar tudo. Somos amigos, não somos? Estamos indo bem desse jeito. Mas não me mexi nem para constatar isso.

A água balançou saindo da banheira quando se aproximou, meu corpo arrepiou quando senti sua pele tocar a minha, quase sufoquei. Abri e fechei a boca, mas nada saía. Estava perto demais. Muito perto. Passando dos limites. Eu tinha certeza que estava no limite.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO 12

MELISSA

Por um momento, eu não sabia o que pensar. Aquele momento em que você começa uma luta e cria possibilidades em sua cabeça. Parar ou seguir? Eu tinha uma certeza nisso tudo, isso iria machucar. Já conseguia sentir. Oliver me encarava sem entender, fechei as mãos em punhos. Eu só precisava sair dali antes que começasse a fazer besteiras que me levaria a arrependimentos no dia seguinte. Levantei-me às pressas, evitei cair, puxei a toalha na porta e não vi mais nada atrás de mim, por dois motivos. Água demais, lágrimas demais.

– Melissa, espera! – O ouvi chamar, e ouvir meu nome saindo da boca dele me causava arrepios.

Por Deus, eu nunca me apaixonei por ninguém. Por que agora tinha que ser justo por ele? O cara que gostava de mim como amiga, que não tinha noção do que eu sentia, e que por mais, que às vezes me irritasse, não tinha culpa de nada.

Ele não lê pensamentos, não tem bola de cristal para saber de tudo. Ele não percebeu nada de diferente em mim? Ótimo, ele me conheceu assim, até um pouco pior. Eu ainda falo palavrões, mostro o dedo e cometo mais erros que o normal em uma pessoa. Sou o contrário de tudo o que ele preza e deseja. Oliver ama alguém totalmente diferente do que sou.

Conheci um Oliver certinho, certinho e certinho. Um cara legal no fim das contas e por que eu vou tentar mudá-lo? Ele não tentou me mudar – apesar de não gostar das minhas atitudes, eu acho. Ele me aceita assim. Ele não me percebe porque não faço o seu tipo, sou ignorante. Entre colher e garfo, escolho comer até com as mãos. Diferente da mulher por qual é apaixonado. Ela é fina, apesar de ser uma vaca. Anda sempre bem arrumada, por mais que seja oferecida, tem status. No fim, eu que faço toda a confusão. Sou apenas a esposa de mentirinha. Eu aceitei isso.

Sim, você aceitou.

– Espera. – Segurou meu braço. Seus olhos pareciam me engolir. Respirei fundo. Minhas pernas fraquejaram. Senti minhas costas contra à parede fria. –

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Por que está chorando?

Balancei a cabeça negativa – já que as palavras não saiam – e tentei empurrá-lo. Suas mãos seguraram meu rosto. As pequenas gotas d'água pingavam de seu cabelo. Mordi os lábios, estendi minha mão tentando afastá-lo, ao mesmo tempo em que o queria mais perto. Encontrei seu olhar e ficamos presos no momento. A pergunta se perdeu. Fechei os olhos tentando me concentrar, mas era quase impossível porque estava tudo girando.

Suas mãos apertaram meu rosto com força e senti uma linha fina d'água descer por meu rosto, a suguei quando parou em meus lábios e seus olhos ainda me encaravam. Mas eu não sabia o que via ali. Minha respiração se acelerou quando se aproximou tão perto que eu podia senti-lo respirar fundo. Fechei os olhos mergulhada na sensação que não chegou a ser minha imaginação. Seus lábios tocaram os meus fazendo minha mão apertar seu braço com força. Estava sufocando, quando senti sua língua pedir passagem. Eu não devia, mas permiti que seguisse – porque eu senti falta disso, tanto quanto podia imaginar.

Depois de louca, virou masoquista? Continue assim.

Suspirei terrivelmente quando senti sua mão me puxar pela cintura. Esqueci-me de que precisava segurar a maldita toalha, mas não parei quando a senti cair sobre meus pés. Se eu ia perder no fim, acho que merecia pelo menos aproveitar algo que nunca seria meu. Péssimo pensamento. Mas que se dane! Não sei como, mas senti minhas costas se reconfortarem. Dois segundos atrás estávamos parados a poucos metros da cama, agora estávamos nela.

– Melissa... – sussurrou.

É, acho que acabou.

Seus lábios ganharam uma tonalidade avermelhada, finos e convidativos. Eu devia parar, eu devia parar. Eu sei que preciso parar, droga! Sua mão afagou meu cabelo, havia uma coisa em seu olhar. Não sejam arrependimentos, por favor. Respirei fundo sentindo o peso de seu corpo diminuir. Só Deus sabe como estava reagindo a tudo isso. Fechou os olhos, sua mão se fechou em meu cabelo sem muita força. Quando os abriu vi a mesma intensidade de antes, sem pedir permissão. Senti seus lábios nos meus mais uma vez.

Deixei as lágrimas escaparem enquanto podiam. Afundei as mãos em seus cabelos já me crucificando por isso. Sua mão apertou minha coxa me fazendo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

arfar na primeira oportunidade de conseguir respirar. Eu sabia o que estava acontecendo, mas não queria pensar nisso agora. Teríamos o amanhã para colocá-lo como válvula de escape. Somos seres humanos cheios de necessidades, por mais que não fossem pelo mesmo motivo.

Senti cada terminação nervosa em meu corpo protestar. Seu toque, seu perfume, eram drogas altamente mortíferas. Meu corpo necessitava de muito mais além de simples toques, estava quase gritante. Reprimi um som agonizante quando seus lábios passearam por meu pescoço fazendo meu corpo tremer. Cravei as unhas em sua pele quando o ar me faltou, pega de surpresa ao senti-lo me invadir, vivo dentro de mim. Seu olhar encontrou o meu, minha respiração tentando se regular sabendo que seria impossível. Ainda não entendia aquele olhar, ainda não era arrependimento.

Eu não queria ver arrependimento, era mais fácil pensar assim. Eu não o teria mais, amanhã colocaríamos tudo em pratos limpos e nunca mais isso iria acontecer. Sufocaria até essa maldita farsa acabar. Mas o que queria agora e estava disposta a correr esse risco. Mesmo sendo a maior idiotice desse mundo. Ergui-me quase me arrependendo do ato e o puxei em um beijo. Apenas queria que me amasse, mesmo sem saber que fazia isso.

Deixei que iniciasse uma dança lenta, era como se fogos de artifícios estivessem prontos para serem acesos, um a um. Meu corpo reagia de maneira absurda. O amor fazia isso? Ou era apenas o desejo? Não importava. Nada importava. Eu não devia me questionar a respeito. Apenas o acompanhei como uma boa amante. Poderia pensar da maneira mais óbvia e simplesmente alegar o "somos um casal". Sim, éramos. Mas não de verdade. Senti meu interior se contorcer e os fogos de artifício explodir. Seus lábios me calaram por alguns segundos e o senti chegar ao limite.

Segundos depois tudo se reacendeu. Eu queria chegar ao meu limite pegar tudo o que conseguia. Depois veria com o que poderia ficar. Queria chegar ao limite sentindo sua boca explorar a minha, seus lábios passearem por meu corpo, suas mãos me tocarem como um mestre na arte de esculpir. O queria apenas isso, de um jeito que nunca imaginei desejar alguém.

– Oliver... – sussurrei seu nome quando meu corpo chegou ao limite.

Enlacei sua cintura com força até me sentir esgotada. Fechei os olhos me sentindo me perder aos poucos. Dessa vez estávamos sãs. Dessa vez não o

ouvi chamar por outra. Senti o lençol subir por minha cintura e seu corpo quente se aproximar. Acho que disse alguma coisa... não importava. Não queria saber.

OLIVER

Minha cabeça estava cheia, de culpa, confusão, dúvidas. Minha mente gritava erros enquanto Melissa ainda dormia, profundamente. Ainda era cedo, ela sempre dormia demais e depois da noite passada, eu tinha certeza que dormiria muito mais. Me levantei com cuidado e segui para o banheiro, precisava me acalmar, precisava falar com Harry e ouvir os conselhos de Henry. Estava frio quando saí, deixei um bilhete encima da mesa.

"Fui até a casa dos meus pais, não demoro, se preferir te encontro lá? "

Uma chuva fraquinha começou, encontrei Anna e Mona seguindo para o haras. Era bom não me ver, ou me encheriam de perguntas e não havia nenhuma possibilidade disso acontecer agora. Mamãe me beijou na bochecha e arrumou meu cabelo, assim que pisei no seu lado da casa.

– Escova mandou lembranças. – Falou. – Onde está Melissa? – Perguntou.

– Dormindo ainda. Onde está o Harry?

– Devem estar na biblioteca. Algum problema? – Uma ruga se formou em sua testa.

Tem, mas você não precisa saber.

– Não. – Falei me afastando.

Harry pareceu surpreso ao me ver. Me joguei no sofá e fiquei em silêncio por alguns segundos.

– O que aconteceu? – Henry perguntou.

– Bom, minha cabeça parece que vai explodir. – Encarei as luzes no teto. – Não era o meu objetivo chegar a esse ponto mais uma vez, mas... Não sei o que aconteceu. – Admiti.

– O que aconteceu? – Harry estava em posição de ataque.

– Melissa e eu... Nós transamos noite passada. Eu não sei o que aconteceu, estávamos bem, eu acho que ainda estamos. Estávamos tomando banho... Não tinha a intenção de...

– Vocês tomaram banho juntos? – Harry perguntou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Isso não seria normal? Vocês são casados! – Henry nos encarou. Esqueci que ele não sabia da história

– Longa história e um segredo acima de tudo. Bom, sim, nós tomamos banho juntos, mas não havia maldade. Mas a vi chorar, eu só queria questioná-la droga! E de repente, eu não sei o que deu em mim. Estarei mentindo se dissesse que Melissa Sanders não é uma mulher desejável isso pode ter certeza que é. Eu gosto desse jeito rebelde que ela tem, ela é bonita, atraente. De repente, eu queria beijá-la. Por que estou contando isso para vocês?

– Continua. – Harry mandou.

Respirei.

– Então quando vi, já estávamos nos finalmente. Eu não me arrependo. É estranho, porque estou confuso e não arrependido como da primeira vez. Não sei o que está acontecendo.

– Você está gostando dela, idiota.

Gargalhei.

– Não, isso não. Melissa já deixou claro as coisas, somos livres. E do jeito que ela é, com certeza já teria dito.

– Esqueceu que estão fazendo um acordo?

– Como se isso a impedisse de alguma coisa. Estou me sentindo estranho, mas ao mesmo tempo, uma confusão me incomoda. Eu não posso ficar fazendo isso com ela, mas não foi minha intenção em momento nenhum levá-la para a cama. Eu tenho minhas morais. Enganá-la ou usá-la é a última coisa que quero. Não somos mais estranhos um ao outro, e sim, criei um laço com ela. É até engraçado, Melissa precisa de pessoas ao lado dela.

Harry segurou meu ombro com um pouco força.

– Acha que vai ficar tudo bem?

– Espero.

Henry exigiu saber da história, então, entramos em um debate sobre o certo e o errado. Era para ser fácil, apenas isso. Mamãe preparou o café e me pediu que levasse o de Melissa, eu não sabia se ela ainda estava dormindo. Na verdade, não sabia como ela estaria depois que acordasse. Enrolei um pouco, dando tempo a nós dois e segui de volta a casinha. Apolo me acompanhava quieto e obediente abri a porta e a vi de costas, o cabelo preso em um coque

alto, uma camisa maior que ela, meias de cores diferentes e uma peça que ela chamaria de short. Segurava meu bilhete.

– Bom dia. – sussurrei. Soou como pergunta. Colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. – Minha mãe mandou. – Me aproximei colocando a bandeja na cama.

Demorou um pouco até me acompanhar. Parecia melhor do que da outra vez que quase me matou. Mexeu nas frutas, mas não pegou nenhuma, coisa que ela não faria.

– Melissa... Me desculpe por ontem... Eu...

– Tudo bem. – Me fitou com um meio sorriso forçado. – Foi consentido. Não sei... pareceu algo que ambos queriam e sabiam o que estavam fazendo.

– Eu não sei o que deu em mim...

– Nem eu. Mas está tudo bem, não se culpe ou se preocupe.

Lhe ofereci uma maçã.

– Quer me contar alguma coisa? – Perguntei. Pareceu pensar por um momento e balançou a cabeça. – Não quero magoá-la, então, se eu fizer isso. Quero que me conte, entendeu?

– Sou tão absurda... Por que me fez essa proposta Oliver? – Me encarou. Ela parecia alguém boa em esconder as emoções pela primeira vez. – Por que não escolheu outra pessoa?

Por que ela queria falar disso de novo?

– Não sei. Não queria uma pessoa interesseira ou uma que de repente dissesse que me amava no meio do plano. Você é diferente. – Sorri. – Dura na queda e não se deixa levar por qualquer coisa. Vi confiança quando resolveu me ajudar e primeiro de tudo, você mesmo impôs as regras desse relacionamento. O que aconteceu, foram coisas de momento e...

– Se arrepende?

– Não, porque no fim ganhei uma amiga. Apesar de tudo, acho que me frustraria se chegasse em casa e não visse sua bagunça familiar. Ou suas boas-vindas educadas.

Sorriu sem jeito deixando uma lágrima escapar.

– Por que está chorando?

– As emoções estão me perturbando.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Sei. Agora come e depois vamos caminhar se quiser. Podemos dar uma volta a cavalo. Vai ser divertido.

Coçou a cabeça.

– Não vai querer ir embora...?

– Você quer?

– Na verdade não...

Íríamos no domingo. Mesmo assim, havia algo de diferente. Talvez o problema fosse eu. Em poucos minutos a Melissa que eu conhecia pareceu voltar, ou fingia muito bem está tudo bem. Levando em conta como fui tratado da última vez. Apolo nos encarava quando o deixamos em casa, eu tinha medo de ver tudo destruído quando voltássemos, mas não queria começar com uma pequena, discursão.

– Meu Deus, pensei que nunca sairiam daquele quarto. – Anna nos abordou no caminho. Sorriu. Melissa ficou vermelha.

– Oi pra você também, Anna. – Puxei Melissa comigo.

– Aonde vão? – Perguntou.

Melissa me fitou.

– Andar a cavalo.

– Vai levar a Melissa nas costas? – Gargalhou.

Ignorei seu comentário

– Bom passeio e Mel, quero saber tudo depois. – Piscou.

– Vamos. – A chamei. – Não ligue para ela. – Puxei melissa comigo para longe do perigo.

– Já estou acostumada. Não é tão difícil quanto parece.

Enlacei seu pescoço e a levei para escolher um dos cavalos. Descobri pouco depois que ela tinha medo e isso me fez rir sem controle por muito tempo.

– Eu não vou deixá-la cair. Confie em mim.

– Vou confiar muito em você. Pode ir aí em cima e eu vou andando.

– Anda logo Melissa. – Me encarou respirando fundo. Eu queria rir, mas sabia que isso a irritaria muito.

– Se me deixar cair eu juro que irá se arrepender pelo resto da sua vida.

– Não vou. – estendi a mão

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Senti seu corpo tremer e isso me fez rir.

– Qual é a graça?

– Nenhuma. Se segura. – Seus braços me esmagaram. – Não com tanta força.

– Cala a boca, Digori.

A levei a todos os cantos possíveis A assustei algumas vezes, ganhei alguns socos e ouvi palavrões que nunca na minha vida havia escutado antes. Com certeza, Melissa Sanders, era uma garota diferente, não forçava a aparência para ninguém e era feliz assim. Essa poderia ser a causa da minha confusão, seu jeito me atraía de alguma maneira, mas estaria sendo ridículo se quisesse algo mais ou fosse adiante gostando de outra pessoa. Eu nunca faria isso com ela.

– O que foi?

– Só pensando.

– Posso saber o que? – Perguntou se sentando na soleira. Apolo deitou a cabeça em seu colo.

– Muitas coisas, na vida principalmente.

Gargalhou.

– Ah vida, ela é uma droga.

– Não é não.

Bufou.

– Só fazemos escolhas erradas, Melissa. Mas isso não quer dizer que não podemos mudar.

Me encarou batendo palmas.

– Tá aí uma coisa inteligente que você falou.

Sorri.

– O almoço está na mesa. – Harry chamou.

É, estamos indo bem.

CAPÍTULO 13

MELISSA

Minha cabeça estava explodindo. – E não era pouco, era um castigo para vida toda. Eu sabia que devia sair da cama e fazer alguma coisa da vida, mas eu não conseguia com sucesso – passei o fim de semana inteiro fazendo isso, entre a máquina de lavar e o aspirador de pó, meu corpo não aguentava. Precisava de America, ou Anna. Apolo latiu me fazendo lhe atirar a almofada.

– Me desculpe bebê, mamãe não está muito bem. – Me sentei sentindo o mundo girar. A porta se abriu e Oliver me encarou.

– De novo? – Ele realmente parecia preocupado.

– Não começa por favor. – Estendi a mão para que parasse.

– Devíamos ir ao médico. Quanta porcaria comi hoje? – Perguntou recolhendo minha bagunça. – Um pacote de nachos, duas cocas, café? Seu estômago deve estar em protesto.

– Vou tomar um banho. Vai ficar tudo bem. – Eu vinha repetindo isso vezes demais para soar verdadeiras a essa altura do campeonato.

Consegui chegar ao banheiro e colocar tudo para fora. Oliver tinha razão, eu tinha que parar de comer tanto. Mas comer era uma saída quando não se tinha mais nada para fazer. Senti o cheiro de molho invadir o quarto. Segui o cheiro e Oliver me encarou.

– Viu. Já está com fome. – Resmungou.

– Dá um tempo, Oliver.

Água não era bem-vinda em meu estômago.

– Podemos ir ao médico hoje. – Me fitou.

– Não, não podemos. Eu odeio hospitais. Já estou bem, acho que foi aquelas porcarias que comi na rua.

Bufou pegando meu prato.

– Já tem mais de um mês, Melissa. Por favor.

Puxei meu prato e segui para sala me jogando no sofá

– Já falei que estou bem. Harry ligou. – Avisei.

– Eu falei com ele, temos uma reunião amanhã. Está louca para se livrar de mim.

Não!

– Como o combinado, você fica nesse apartamento. Eu vou voltar para casa dos meus pais. – Falou calmamente. Já havíamos discutido isso antes. Todas as vezes que a maldita audiência era cancelada.

Limpei o molho em minha boca.

– Não! Eu vou para casa da America e depois conseguir meu apartamento de volta.

Gargalhou.

– Você infernizou todos daquele lugar. Esquece, para lá você não volta. Ainda mais com um cachorro.

De repente me peguei chorando e com raiva – eu só queria entender o motivo disso tudo. Oliver soltou seu prato se sentando a meu lado. O empurrei.

– O que foi? Me desculpe...

– Nada! Me deixa em paz, fica longe de mim.

– Melissa, suas atitudes estão me assustando. – me estudou.

Me levantei seguindo para o quarto. Apolo estava na cama.

– Eu sinto muito garoto, mas não te quero por perto também

O arrastei até a sala o entregando a Oliver.

– Fica com ele, não deixa ele perto de mim e o leve para tomar banho, ele está fedido.

– Ele já tomou banho essa semana, Melissa.

– Mas precisa de outro!

Voltei batendo a porta.

O que estava acontecendo comigo? Realmente eu devia procurar um médico, meu estômago estava péssimo e parecia que um mostro estava dentro de mim faminto. Ou eu estava nervosa, amanhã enfim teríamos a liberdade. Desde que voltamos da casa de campo a mais de um mês – mais ou menos – Oliver conseguiu ter seu primeiro encontro de sucesso com a mulher da sua vida. E que droga! Por que eu estou chorando? Dois toques na porta me tiraram dos

meus devaneios.

– Telefone, America na linha.

Abri a porta, Oliver me encarou e peguei o telefone me jogando de volta na cama e me arrependendo por isso.

– Ainda está viva? – Sorriu do outro lado da linha.

– Não sei. Está cada dia pior, meu estômago está horrível. Eu não devia ter comido aquelas porcarias todas.

– Eu sempre te aviso, mas alguém aí escuta a America? Não!

Bufei.

– Tá, briga comigo depois. Amanhã eu vou assinar os papeis do divórcio. Vamos dar uma semana e depois anunciaremos para família.

– Já? O que vão dizer? Eles te adoram.

– Oliver já conseguiu o que queria. Isabel não aguentou nosso tempo na casa de campo e contra-atacou, pediu um tempo para o otário do noivo dela e voltou para casa dos pais com a bandeira de solteira para quem quiser ver. Isso me irrita profundamente, mas não posso fazer nada além de desejar seu arrependimento eterno. – Sorri. – Eu não sei o que vamos dizer, mas teremos que procurar uma desculpa. Eu não me importo.

– Isso aí garota. Vou falar com o Scott e ele busca as suas coisas no dia certo. Me avise antes para eu poder te levar a chave.

– Tudo bem, vem me visitar, de preferência amanhã.

– Vou na terça, meu dia de folga. Pare de comer porcarias e não se mate até terça. Seja uma boa garota.

– Tudo bem. Até terça.

– Até garota.

Joguei o telefone em algum lugar, meu sono estava chegando. Meu estômago estava roncando, mas eu não ia comer. Não estava a fim de colocar tudo para fora mais uma vez. Já bastava chorar sem motivos e por motivos. Amanhã Oliver poderia fazer o que quisesse, mas ele já faz o que quer. Tá, amanhã uma ligação seria rompida e depois de uma semana, adeus Melissa. Mas vai ficar tudo bem, eu sei que vai.

Sempre damos um jeito de ficar.

OLIVER

– Melissa, levanta, está na hora. – Chamei devagar.

Ultimamente minha presença lhe causava repulsa, mas não era apenas a minha. Apolo quase não transitava pelo apartamento.

– Melissa, já são nove horas. Certo, vou ter que te sacudir. – Apolo saiu do quarto e me equipei com o travesseiro. – Melissa – a sacudi.

Se mexeu.

– O... que você quer inferno?

– A audiência, esqueceu? Estamos atrasados.

Abriu os olhos me encarando.

– Me deixa em paz. – Afundou a cabeça no travesseiro.

– Melissa...

– Me deixa em paz, droga! – Gritou. Apolo correu da porta com os gritos.

– É garotão, você ainda é um bebê, mas quando conhecer uma mulher de verdade, você vai ver a fera em pessoa.

Já estava arrumado, tomei meu café e segui para sala. Liguei para Harry avisando sobre o pequeno atraso. Ouvi o barulho e a porta se abriu, estiquei o pescoço e a vi seguir para o banheiro arrastando a toalha pelo chão. Apolo chorou, ele queria segui-la como fazia, mas sabia que voltaria aos gritos.

Quase meia hora depois ela voltou, calça jeans, cabelo molhado e cara de quem não dormiu a noite toda. Seguiu para cozinha e ficou lá por algum tempo, voltou ao banheiro e me encarou na volta.

– Pronta?

– Prontíssima. – Sorriu sem humor.

Peguei minha pasta. E segui para a porta. Fez cara de nojo.

– O que foi?

– Não sei quem está pior, você ou o Apolo. Nossa Oliver, esse perfume fede.

Não, não fedia. Era francês, Anna que me deu.

– Não fede. É francês

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Urinaram nesse vidro e te enganaram.

Fiquei com cara de bobo na porta enquanto seguia para o elevador. Encostou a cabeça em meu ombro enquanto descíamos. Logo se afastou cruzando os braços. Estava quieta. Não se parecia nada com a mulher que estive comigo nos últimos meses.

– Ainda se sentindo mal? – Ela parecia mal.

– Está passando. Eu devia processar o homem dos cachorros quentes e aquele do sorvete de casquinha com calda de chocolate. Nossa, me deu fome. Mas eu não quero comer. – Me estendeu a mão. – Sabe, me bate aquele arrependimento depois. Eu tenho que parar com isso, não é saudável para mim.

– Que bom que entendeu isso, fico muito feliz.

Sorriu sem humor, mas estava na cara que ela daria um rim para tomar um sorvete agora. Seguimos para o estacionamento, abriu a porta e as janelas.

– Preciso de ar. – falou me encarando.

No caminho para não causar um acidente, passamos no Mc Donald como queria – em parte, ela não estava mantendo nada no estômago, virose ou alguma coisa de alguma porcaria que ela andou comendo escondida. Me esgotou por uma manhã. Acho que a vi chorar, mas não questionei. Estacionei em minha vaga.

– Vamos. – Chamei enquanto brincava com uma boneca que veio no lanche. Abriu a porta e me seguiu.

Entrar no elevador foi uma luta.

– Anda Melissa, estamos atrasados.

– Espera droga! O lanche está fazendo efeito no meu estômago. Acho que vou vomitar de novo, mas estava tão bom.

– Nojenta.

Gargalhou chorando. Como isso era possível? Eu queria arrastá-la e ao mesmo tempo abraçá-la.

– Ao contrário de você, Harry me ama e não vai se incomodar com meu atraso. – Descascava o papel de parede.

Dez minutos depois...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Vamos, já estou bem.

A fitei, ela estava ficando verde.

– Anda logo. – Entrou.

Quando a porta se abriu, a vi saltar para fora mais rápido do que entrou. Seguimos para a sala de Harry, abri a porta e a esperei entrar. Harry sorriu ao vê-la. Sim, ele a amava.

– Melzinha, um caminhão passou em cima de você? Está mais amarela que o normal.

Melissa se jogou na cadeira.

– Quase. Eu nunca mais como lanches de rua. Comida faz meu estômago se embrulhar. – Fez careta.

– Já foi ao médico? – Harry perguntou me encarando.

Bufou.

– Odeio hospitais.

– Por que não a leva? – Harry ainda me encarava.

A fitei.

– Tenho amor a minha vida. – Ocupei o lugar a seu lado. Sorriu batendo em meu ombro. – Bom, vamos ao que interessa.

Melissa cruzou os braços.

– Vamos pular a parte do discurso? Onde eu assino? – Perguntou sem paciência

– Já quer se livrar de mim? – A encarei.

Me ignorou.

– Bom, tem certeza que querem fazer isso? – Harry nos encarou. Melissa me olhou erguendo a sobrancelha.

– Bom, porque...

– Eu vou vomitar em cima da sua mesa. – Ameaçou.

– Certo, assinem aqui. – Harry passou a folha.

Melissa a puxou.

– Onde? – Perguntou e Harry apontou na folha.

Ela parecia com pressa, sua assinatura mais parecia um rabisco quando

passou as folhas ao Harry novamente.

– Não vai sumir, vai Melzinha? – Perguntou.

Melissa o fitou.

– Não sei, acho que vou voltar para casa. Isso se eu conseguir arrastar o Scott comigo. Mas você pode me visitar.... Talvez.

Bufei.

– Scott não vai querer ir para o fim do mundo.

Me encararam.

– Fala sério, ele comanda as festas dessa cidade para abrir mãos de tudo. – Argumentei.

– Se eu pedir, ele vem comigo.

Entreguei os papeis.

– Já falei que pode ficar no meu apartamento.

– Já falei que eu não quero. Bom, estamos livres agora. – Bateu a folha em meu rosto se levantando. – Agora já pode correr para sua dona e parar de mandar na minha vida. Adorei te conhecer, Harry. – Saiu da sala batendo a porta.

Harry me encarou.

– Tem certeza que fizeram a coisa certa? – Perguntou.

– Não era o certo?

– Se você acha. Boa sorte e vida nova. Mas eu não gostei desse tom de despedida.

Deixei a sala e fui procurá-la. Melissa estava a poucos metros, segurava um pacote de doces, secou uma lágrima e me ofereceu.

– Está arrependida? – Perguntei.

– Eu? Não. Por que está dizendo isso? – Fingiu não se importar.

– Seus comportamentos. Está me odiando mais que o normal e chorando demais.

Bufou.

– Não estou chorando por causa disso. Você tem cada ideia. – Riu.

– E por que está chorando então?

– Nem eu sei. – Se sentou na calçada.

Estendi a mão

– Já falei que não vou deixá-la sumir assim. Você me ajudou muito nesses últimos meses, me aterrorizou, infernizou, mas eu te amo garota. Agora levanta, vou te levar para a casa.

Sorriu enchendo a boca de doces.

– Pode ir, estou esperando o Scott.

De novo? Eu não gosto desse cara.

– Melissa...

– Livre, esqueceu? – Me encarou erguendo uma mão para tapar o sol em seu rosto.

Ela fazia isso para me irritar.

– Liga e diz que vou levá-la.

– Não quero. Quero que o Scott me leve. E não vou aguentar outra viagem com você cheirando a urina. Não mesmo. Então, adeus Oliver.

– Melissa...

– Adeus Oliver!

Cinco segundos, e ela não veio. Entrei no carro e mais cinco segundos. Acenou. Ótimo, ela não vem.

– Te vejo em casa.

Não respondeu, outra coisa que eu odiava.

Empresa, um ótimo lugar para colocar os pensamentos no lugar. Assim que cheguei fui avisado da minha tão esperada visita. Isabel me esperava em minha sala desde que anunciei por mensagem o acontecimento do dia. Minha cabeça estava pairando a confusão assim que a ficha começou a cair.

– Não estou para ninguém, estou resolvendo um problema. – Avisei. Me aproximei e fui surpreendido com um beijo. Sua alegria era tocante por saber que não havia mais um casamento nos impedindo.

– Então...?

– Estou livre.

Enlaçando meu pescoço pulou no lugar. Peguei minha cópia da separação e senti um pequeno incomodo. A tirou de minha mão lendo cada parágrafo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Quando ela vai embora? – Folheou as folhas.

– Não vou mandá-la embora. Temos que nos organizar. E quando falará com Felix?

Me devolveu a folha se sentando em minha cadeira.

– Não sei. Talvez quando voltar de viagem ou depois da festa da minha irmã. Não quero estragar nada.

– Isso vai demorar.

Bufou.

– Eu não falei que correria com nada. E isso não nos impedirá de nos vermos. Tenho motivos para ser tão desconfiada com você Oliver, você sabe muito bem. Felix pelo menos me dá atenção. Ele está se esforçando e não esqueça que foi você quem me deixou.

– Tudo bem, te dou o tempo que precisar. Contanto que se case comigo quando tudo terminar.

Me puxou.

– Ótimo. Eu te amo e isso basta. Você sabe que não posso estragar as coisas, é assunto de família. Mas vamos esquecê-los, hoje é dia de comemoração! Meu pai terá de entender que amor e negócios as vezes não anda bem.

– Sim, ele terá.

Família, esse era o nosso problema... Ou desculpa.

CAPÍTULO 14

MELISSA

A vida é uma droga, nenhum homem presta. Nenhum. Estou livre de novo, me sinto jogada no meio da rua feito uma perdida. Certo, chega de drama Sanders, respira fundo. Era esse o plano lembra? Você ficaria com o idiota até a ex quere-lo de volta. Você conseguiu fazê-la morrer de ciúmes até se atirar nos braços dele, pelo menos eu acho, e pedir para ele te deixar dizendo que o perdoava. E isso tudo aconteceu perfeitamente bem. Agora sorria e vá viver sua vida. Temos o Scott ainda, respira fundo e dê uma chance a ele. Vai ser legal garota.

– Não, não vai ser legal. E acabaram meus doces!

– Falando sozinha, Sanders?

– Scott! – Me levantei saltando em seu pescoço.

Melhor pessoa do dia.

– Por que está chorando?

Me afastei.

– Acabou meus doces. – Não era isso, mas eu não estava funcionando direito.

Gargalhou.

– Você é hilária, mulher. Vem, vamos para a casa.

– Deixa eu comprar mais...

Segurou minha mão

– Ainda não esqueci do seu problema com comidas de rua. E na minha casa tem doces. Vamos logo que quero te apresentar uma pessoa. – Afagou meu rosto.

Ótimo.

Vou te dar uma chance Scott, você é diferente e parece me fazer bem. Estarei sendo uma ordinária te enganando, mas prometo te amar. Peguei o capacete e dois segundos depois me sentia sufocada. Scott corria demais e estava me segurando para não causar um estrago ali.

Quando chegamos ate sua casa, tirei o capacete mentalmente me vendo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ajoelhada no meio fio limpando meu estômago em uma poça desagradável. Não queria parecer mais doente do que já parecia.

– Você não está bem. – Tocou minha testa.

Estou a um passo de vomitar em você, talvez eu devesse dizer.

Sorrii enlaçando meu pescoço e nos guiando para a porta, senti um cheiro de panquecas encher o ambiente. Uma música alta invadia a sala. Scott me soltou e pegou o controle perdido no sofá desligando o barulho que estava me irritando.

Não havia bagunça de Scott pela casa, o que era suspeito.

Segurou minha mão e me levou até a cozinha. Uma garota nos fitou com um sorriso enorme nos lábios. Era linda, seus olhos escuros brilhavam para nós enquanto mexia em sua panela, era um pouco – muito – mais alta do que eu, seus cabelos negros e curtos pareciam perfeito – eu entendi, era um castigo do universo isso, estava escrito que as coisas seriam jogadas na minha cara, inclusive beleza alheia. Desde quando Scott tinha irmã?

– Judi, essa é a Melissa, minha melhor amiga e irmã. – Scott soltou minha mão se pondo ao lado da garota tirando um pouco de farinha de sua pele morena. – Melissa, essa é a Judith, minha namora/noiva. – Sorrii. – Futura esposa. – A beijou. – Eu sei que deveria ter dito antes, mas queria fazer uma surpresa as pessoas importantes para mim.

Preciso de um buraco embaixo dos meus pés para me enfiar dentro dele. Preciso de meteoros ou raios rasgando minha cabeça.

– Muito prazer. – Falou se aproximando e me abraçou. – Scott fala muito de você e da America, bom saber que ele é bem cuidado.

Sorri, eu só conseguia sorrir segurando as lágrimas – ser simpática fazia parte do castigo também? Obrigada.

– Sente-se. – pediu carinhosa.

– Seus doces. – Scott me entregou um pote, o agarrei a mim, percebi que comia reclamando e Scott ria com isso.

Judith me serviu panquecas com doce de leite e meu Deus, eu não estava me reconhecendo. Mas quem se importa, doce ajuda nas horas mais tristes da vida, mesmo sabendo que isso me causaria mal-estar depois. America me levaria ao médico. Com ela eu iria, porque sabia que não poderia fugir, era

capaz de me enfiar um bisturi no meio da cara. Mas eu não fugiria.

– E então Melissa, é casada? – Perguntou encarando minha aliança.

Era para eu responder, e não chorar como fiz.

– Eu falei alguma coisa de errado? – Ela parecia assustada olhando de Scott para mim.

– Não. – Funguei. – Acabei de me separar, hoje para ser mais exata. – Tentei tirar a aliança mas não quis deixar meu dedo.

Que se dane!

– Eu sinto muito. – Afagou minha mão.

Scott me entregou um copo d'água, mas peguei o copo de suco em sua outra mão. Sim, eu confundi a gentileza. Quem queria água, pelo amor de Deus?

– Desculpe.

– Tudo bem. – Falou.

– Não sinta, ele era um idiota, cachorrinho de madame. E tomara que se arrependa eternamente. – Sequei as lágrimas. – Eu preciso parar com isso, não sou de chorar. Scott sabe disso, não é verdade?

Judi sorriu tocando minha mão enquanto Scott gargalhava a seu lado. Eu estava estranha, muito estranha.

– Tudo bem Melissa, as mulheres têm hormônios muito confusos. Isso passa, é só uma fase.

– Espero.

Eu devia ir para a casa depois do banho de água fria ao descobrir que Scott está quase casado. Agora teria que me contentar em viver na solidão, porque America estaria sempre acompanhada. Mas não, eu fiquei, até a hora do café da tarde – em parte porque não queria ficar sozinha. E Scott me levou para a casa logo depois. Subi sem muita vontade. Apolo se afastou ao me ver. Tá legal, eu precisava ser carinhosa com ele, mas ele parecia estar sempre cheirando a cachorro molhado.

– Vem cá garoto. A mamãe está um pouco melhor.

Afaguei seu pelo até vê-lo relaxar e se jogar no chão. Quando dormiu, corri para lavar a mão. Me joguei no sofá e fiquei por lá. Oliver não voltou e já era tarde quando acordei. Precisava de America. Disquei seu número e esperei no terceiro toque.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– O que você quer pelo amor de Deus? – Falou pausadamente.

Funguei.

– Melissa, você está chorando?

– Vem para cá America, vem ficar comigo.

– Onde está o Oliver?

– Não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe. Não quero ficar sozinha.

Bufou alto. Ouvi um barulho, não estava sozinha.

– São três da manhã Melissa, toma um banho, relaxe e amanhã bem cedo estarei aí.

– Ah, valeu aí pela ajuda. Está me trocando por um cara! – Desliguei. Cinco segundos depois. Três toques. – Me desculpe America eu não queria desligar, amanhã certo? Eu te espero.

– Você está enlouquecendo, Melissa. Te amo, te vejo amanhã.

Não tomei banho, liguei a TV e chorei assistindo comédia. Dormi sem terminar de ver o filme. Era melhor assim.

....

A porta bateu, a luz foi acesa, Apolo latiu, só faltava a casa cair. contei mentalmente até dez e me encaminhei ao banheiro. Me encarei no espelho por dois segundos e me arrependi. Nem quando a situação estava deplorável, me via nesse estado. Entrei no chuveiro, a água morna relaxava meus músculos, se eu respirasse fundo, conseguia sentir a bile. Oliver colocou a cabeça na bancada da cozinha e me fitou.

– Não quer comer? – Perguntou.

Apolo se enroscou em meu pé.

– Ah garoto, acabei de tomar banho. – Me sentei. – Não estou com fome. – em parte era verdade.

– Marquei uma consulta amanhã.

– Não, eu não vou a lugar nenhum. Eu já falei.

– Melissa...

– Não começa. – Apontei.

Deu a volta na bancada e se sentou a meu lado no sofá. Afagou meu rosto.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Quando vai entender que eu me preocupo com você?

Não se preocupe, obrigada.

– Não precisa se preocupar. Estou bem. – Bem mal.

– Você mente muito mal. – Sorriu.

– Não quero ser o assunto do dia, pode ser?

Sorriu.

– Certo. Ontem falei com ela.

Ah claro, também não queria saber da sua futura esposa.

– Agora ela falará com Felix, ela não irá voltar com ele nem isso dependendo da sua família. Daremos um tempo e as coisas vão voltar como eram antes.

– Fico feliz por você.

– Até parece. – Bufou se afastando e cruzando os braços. Ele fazia isso quando eu não participava da sua felicidade. – Isabel é uma boa pessoa.

O inferno está cheio de boas pessoas.

– Tá. Vou me deitar.

– Você acabou de levantar.

– Você me cansou por hoje.

Dei dois passos e a campainha tocou. Apolo correu para a porta a arranhando e levando uma chamada de Oliver. Pelo grito, só podia ser Anna.

– Mas como esse garotão cresceu. Melissa, modo zumbi está ligado?

Acenei.

– Olha esse cabelo, perdeu o brilho, as roupas não tenho muito o que dizer porque elas sempre foram um problema.

– Eu nem estou aqui, Anna. – Cocei a cabeça.

Sorriu enlaçando minha cintura.

– O que quer aqui, Anna? – Oliver a encarou.

– Vim trazer isso aqui para a Melissa. – Estendeu a sacola. – E pegar uma carona até o atelier. Agora vamos lá ver como ficou.

Se eu dissesse não, ela iria me infernizar. Peguei a sacola e a segui até o quarto.

– Qual é o seu problema com as roupas que traz para mim? Eu não tenho

mais doze anos. Minhas pernas ficam amstras, não é mais fácil eu...

– Isso se chama obra de arte Melissa, toda ogra tem uma princesa dentro de si.

A encarei.

– Desde quando seus seios cresceram? – Seu olhar clinico não tinha mais nada para analisar.

– Anna...

– Oliver...

– Não termina ou começa, sei lá. – Peguei o vestido de sua mão. Parecia um pouco apertado quando o coloquei.

Me olhei no espelho.

– Está um pouco apertado. – Reclamei.

– Eu jurava que era o seu número. Só precisamos de uns ajustes. – Segurou minha mão me arrastando para fora do quarto. – Idiota, de dez a zero, que nota daria a minha obra de arte?

Oliver me fitou da cabeça aos pés.

– Vai demorar muito? – Anna perguntou.

– Não está apertado não? Eu acho que esse número está pequeno. – Sorriu. – Ou você engordou?

Mostrei o dedo dando as costas.

– Só comentei. Não quer saber minha nota? – Brincou.

Bati a porta. Anna voltou pouco depois. E me ajudou com o vestido.

– Me desculpe...

– Se desculpar por que? Está tudo bem.

Segurou meu rosto.

– Não parece. Vai me contar o que está acontecendo? Você parece péssima, Mel.

Coloquei minhas roupas de volta.

– Não está acontecendo nada Anna, estou bem. – Me afastei.

– Mentira. Foi a Isabel, não é? Vocês estão brigados é isso? Só pode ser isso, ontem eu a vi no escritório dele e por sinal, demoraram muito por lá.

As palavras foram sumindo até sentir as lágrimas. Eu não queria pensar, mas acabava pensando.

– Eu não aguento mais isso. Chega! Nunca houve casamento, nunca houve Oliver e eu. Isso foi apenas um plano, nada mais que isso e o que aconteceu entre nós, foi algo sem pensar.

– Plano? Que plano?

Cala a boca Sanders.

– Melissa, que plano é esse? – Me segurou.

– Esquece o que eu disse...

– Não. Isso, você e o Oliver se casaram de mentira? Quer dizer que... O que está acontecendo?

Começou termina.

– Era para ser um casamento de mentira, mas você organizou tudo e arrumou um padre de verdade. Foi uma proposta que Oliver me fez para causar ciúmes na Isabel, até que ela pedisse para voltar. Eu só seria a esposa de mentirinha que seria trocada no fim. Me sinto horrível por tê-los enganado, mas, me desculpe.

Anna me encarava.

– Diz alguma coisa...

Se afastou a passos longos, tentei pará-la. Oliver guardava alguma coisa em sua pasta.

– Já ia chamá-la...

– Por que você fez isso Oliver? – Anna estava gritando. – Por que enganou a todos com um casamento de mentira? O que você tem na cabeça? As pessoas têm sentimentos!

– Anna... – tentei pará-la.

Oliver me encarava. Anna se afastou pegando a bolsa. Apolo tentou acompanhá-la, mas ouvi a porta bater.

– Oliver, me desculpe...

– Você contou a ela? Que droga Melissa! Sabe o que vai acontecer agora? Ela vai contar a todos e depois vai chegar a Isabel, a Felix. Cristo! Olha a confusão que você causou. – Gritou passando as mãos no cabelo.

– Eu não queria...

– Não queria?

Respirei fundo.

– Quer saber? Que se dane, estou pouco me importando com o que vai acontecer. Não quero nada seu, pode ficar com a casa como parte do pagamento. Afinal, não cumpri com a minha parte. Estou cansada disso tudo, entendeu? E como Anna disse, as pessoas tem sentimentos. Mas você não sabe o que é isso, porque é um idiota!

– Ótimo, que bom que pensamos do mesmo jeito, que bom que sabe que não cumpriu com sua parte. Só...

– Vai para o inferno, Oliver! – Gritei batendo a porta do quarto.

Idiota, isso que eu sou. A porta bateu do outro lado, estava sozinha.

– America, preciso de você. Agora. Sem demora.

Me enrolei nas cobertas, peguei o pote de bolacha na cozinha e a garrafa de leite. Como o ser humano podia chorar tanto – e comer? Apolo se sentou a meu lado, me olhava com aqueles olhos.

– Não me olha assim, bebê. Eu prometo que vamos ficar bem, a casa da tia America não é tão ruim.

America não demorou a chegar, já da porta senti o cheiro de frango frito, o que me fez correr para o banheiro. Lavei o rosto e me atirei no sofá.

– Tá legal, cadê a Melissa Sanders que eu conheço? Aquela que destrói o mundo em dois segundos? A sem educação, boca suja?

As lágrimas desceram.

– Passa meu pote de bolachas aí.

Me entregou.

– O que é isso na sua sacola?

– Meu almoço. Mas não é sobre isso que estou falando. Melissa, o que está acontecendo? – Me encarou.

– O-o-liver está... me odiando... estou me... sentindo mal.

– Termina de comer.

Funguei.

– Oliver está me odiando, eu não queria que as coisas ficassem assim. Mas a

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Anna, aquele ser, ela... Ela me fez explodir e eu acabei contando tudo. Agora ele está me odiando, muito. Muito mesmo. E para piorar eu não sei o que está acontecendo comigo, passo a maior parte do tempo irritada, comendo ou chorando. Ganhei pesos porque não paro de comer e a maior parte do tempo me sinto um objeto inútil. O Apolo me incomoda, Oliver me incomoda e você está começando a me incomodar...

– Hei, hei, hei, pode parando. Já foi ao médico? – Tocou minha testa com um pouco de força.

– Não

America se sentou a meu lado, ficou calada por alguns segundos.

– Quer saber a pior parte?

Me fitou.

– Scott está quase casado, por que Senhor? Por que isso só acontece comigo? Eu sou uma infeliz, ponto.

– Eu não acho que essa seja a pior parte Melissa.

Não? Gargalhei.

– Pare de chorar, lave o rosto. Precisamos comprar uma coisa.

– Não estou afim de sair.

– Não tem escolhas. Anda logo.

Ótimo.

CAPÍTULO 15

MELISSA

America me obrigou a sair com ela, estava claro que eu não queria ir a lugar nenhum, mas fui obrigada. Me arrastei até o elevador. Minha cabeça estava confusa, apenas isso.

– Melissa. – America puxou o pacote de bolachas da minha mão.

– Mas...

Me deu as costas, abriu a porta e o jogou em algum lugar que provavelmente Apolo acharia e faria a festa.

– Eu estou com fome, tá legal! – Tentei me acalmar.

– Fica quietinha e vamos logo.

Enlacei meu braço no seu, descer de elevador era a pior parte. Tinha a sensação de que meu estômago ia no cérebro. Era horrível. Depois de sair da caixa infeliz seguimos para o carro. America abriu a porta para mim, acho que vi um sorriso.

– O que foi? – Eu estava ficando com medo da sua alegria repentina.

– Nada.

Abri as janelas, o vento batia em meu rosto, era bom, parecia que o ar era mais puro. Eu não queria pensar, mas acabava pensando e as lágrimas simultaneamente vinham. America passou a mão em meu rosto enquanto seguia. Era bom tê-la por perto, ela sabia me controlar. Era a única que não me deixava mesmo com todos os motivos do mundo, eu nunca pedi nada a Deus, ele apenas me deu porque sabia que eu precisaria um dia.

– Mulher, pare de chorar. – Mandou.

– Eu não consigo. – Gritei puxando o ar. – Eu odeio isso. Eu odeio chorar. Bem que dizem, casamento te destrói, casar com a pessoa errada te mata. Entendeu? Nunca se case amiga, eu preciso de você e amigos são legais, até se casar. – America gargalhou. Mas eu estava falando sério!

– To adorando essa nova Melissa. Expulsou a ogridinha de você, parece que há sentimentos.

– Cala a boca.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Cruzei as pernas, America as bateu, iria sujar o estofado novo. Reclamei, mas acabei por obedecer, porque eu gritando devia ser terrível, America não gritava, agia em silêncio. Tipo, me jogando do carro. Uma música chata começou e desliguei o som. Ela me encarava de vez ou outra.

– Vai ficar tudo bem. – Sussurrou, afagando meu rosto com um meio sorriso.

– O que está escondendo?

– Nada. Só quero que continue calminha por um longo tempo. – Estacionou.

– Te amo garota, já volto.

Acenei.

– Me traz um lanche? – Parou a alguns metros me encarando. – Tá, tudo bem, pode ser uma bala.

Eu não devia estar chorando por Oliver, mas valeu aí universo por fazer isso com a minha vida. Eu só queria um emprego, sabe, trabalhar. E vocês me arrumaram um idiota, louco que quase me matou e de brinde usou minha necessidade para se beneficiar. Mas eu não consigo ficar em um lugar sem que alguém mexa comigo, então arrumar um idiota foi mais fácil do que me arranjar um emprego.

Mas a culpa não é minha, eu não faço nada e isso é verdade. Às vezes acho que meu nome deveria ter sido Azarada Pra Caramba Sanders. Desde o começo estava claro que isso tudo seria passageiro. Eu que me apeguei. Mas Melissa Sanders está de volta. Droga, não está! America me encarou, jogou um pacote de bala. Segurava uma sacola.

– O que é isso? – Perguntei.

– Um presente.

Colocou o sinto e guardou a sacola no porta-luvas. Não estávamos muito longe quando um ser desprezível me chamou atenção. Sim, eu estava em um dia muito difícil. Metade de mim era ódio e outra metade também.

– Aquela ali não é a Iris? – Apontei o dedo.

America encarou assentindo.

– Sinto meu olho arder. Pare o carro.

– Melissa, não!

– Pare a droga do carro, America! – Eu prometi voltar um dia.

O sinal fechou e o carro parou. Tirei meu cinto e abri porta. Iris estava me
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

devendo um soco no olho e olha, me pegou num dia que estava fazendo cobranças. Bom, parecia que havia tomado jeito, tirando o vestido vulgar, eu poderia dizer que vinha ou ia trabalhar. Ou não. Também não importa. Parei alguns carros até chegar do outro lado da calçada. A corrida fez meu estômago reclamar. Me encarou.

– Iris?

– Melissa, que terrível surpresa. – Sua voz de desdém nunca mudava.

Sorri.

– Eu sei. Sabe, eu atravessei todos esses carros para vir até aqui e cobrar aquela dívida, lembra? Se não me engano você me deu um soco no olho quase me deixando cega e fez dois seguranças me jogarem para fora da boate. Vi um olhar assustado.

– Olha Melissa, eu sei que você é acostumada com brigas sem motivos, mas não fazemos parte do mesmo nível. Então se você me der licença.

Segurei seu braço.

– Eu deixo você ir, mas só depois que eu deixar uma linda sombra em seu... – Isso era hora de colocar o mundo para fora? Minha visão ficou turva enquanto meu estômago se esvaziava.

– Você...você vomitou no meu vestido? Você... – seus gritos me assustaram.

– Eu sinto muito, mas veja pelo lado bom, eu ia socar seu olho. – Limpei a boca.

– Cala a boca, eu vou acabar com você.

Tapei a boca, deu dois passos para trás. Um táxi passava bem na hora, antes de entrar, deu seu famoso olhar mortal. Eu só não sabia se chorava de frustração ou sorria. Se bem que eu queria tê-la socado para limpar as lembranças de ter apanhado sem motivo algum por uma idiota a ponto do coma alcoólico – além de ter sido humilhada pela mesma. Vomitar em seu vestido não era absolutamente nada.

Buzinaram.

– Dá para esperar. – Gritei.

Costurei o caminho até chegar em America que já não tinha mais cor de tanto rir. Resgatei minhas balas. O gosto horrível na boca estava me incomodando.

– Anda logo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- O que foi aquilo? Eu pensei que o objetivo fosse pagar na mesma moeda.
- Era esse mesmo, mas a corrida me fez passar mal. Eu preciso de uma lavagem estomacal, essas porcarias que eu como...
- Às vezes o que você comeu não foi tão ruim assim. – Sorriu.

Bufei.

- Tirou o dia para falar em códigos?

Voltar para a casa não era legal, não estava nos meus planos encontrar com Oliver. Apolo saltou em America assim que a viu, me joguei no sofá.

- Levanta.

- Estou cansada. – Eu acabei de sentar. – Minhas costas estão doendo.

Me atirou uma almofada.

- Senta logo, Melissa. – Mandou. Até Apolo estranhou.

A fitei, segurava a sacola.

- Pega. – Me atirou.

- O que é isso?

- Veja.

Dois segundos depois, estava caindo na risada. America estava ficando louca? Era isso. Só podia.

- Piada? – levantei a caixinha.

- Acha que eu gastaria meu dinheiro com piada? Não. Agora levanta e vai fazer o teste.

- Não viaja, America.

Me atirou outra almofada.

- Olha garota, eu te conheço muito bem. Sei como você é, então pare com isso. Levanta daí e vai fazer essa droga de teste.

- Acha que isso é gravidez? Pelo amor de Deus America, isso é impossível.

- Não quando se vai para a cama com o gostosão sem proteção. Se fosse algo que você comeu, provavelmente já teríamos descoberto, sei lá.

Eu? Grávida? Impossível.

- E como chegou a isso?

- Você dorme demais...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Sempre.
- Come muito...
- Normal.
- Chora sem motivo, se enjoa atoa, não quer nem o pobre do Apolo por perto. Apolo me fitou.
- Isso é estresse.
- Ótimo senhora estressada, vai lá fazer o teste então e depois conversamos.
- Vem segurar minha mão nesse momento difícil. – Brinquei.
- Vai te catar Melissa! Anda logo.

Isso era até absurdo. Segui para o banheiro. Peguei a caixinha, a segurei por um tempo, lendo e relendo, na verdade. Pensando se seguia com isso ou não. Eu sabia qual era a resposta. Eu não estava grávida, estava em depressão e enjoada em consequência das porcarias que ando comendo. Eu tomei minha pílula, eu acho – contei mentalmente, mas me perdi, mas tinha certeza. Era isso, então não precisava temer. Segui as instruções. Me sentei na privada deixando aquele troço longe por algum tempo.

5 minutos depois...

- O que deu? – Uniu as mãos em expectativa.
 - Esses... esses testes erram, não é? – Minha voz estava trêmula. Eu estava tremendo.
 - Sim, pode errar, por isso comprei outro.
- Me jogou a caixa.
- Esconde a droga desse sorriso ou te faço engolir todos os seus dentes.
 - Respira Melissa, e vai. – Apontou.
- Eu não devia fazer de novo. Mas estava atormentada. Repeti todo o processo. E não demorou muito para sentir meu chão sumir.
- Isso não pode estar acontecendo! – Não pode!
- America me segurou.
- Está tudo bem Melissa, eu estou aqui. Vou te ajudar. Só precisamos falar

com o Oliver. – Sua ultima frase foi um sussurro.

Me soltei.

– Não! Não, isso está errado. Esses testes erram.

– Foram dois.

– Cala a boca... Me desculpe... Não! Eu não posso estar grávida. – Segurei minha cabeça com força, como se isso fosse fazer meu cérebro saltar para fora. – Por que está fazendo isso comigo Senhor? É por que eu sou malcriada? Por que bato nas pessoas e falo palavrões? Eu juro que paro. Eu peço desculpas a cada um... Ta, menos pra Iris que me bateu. Mas eu não quero um bebê. Eu não cuido nem de mim. eu não tenho responsabilidade suficiente para isso.

America me abraçou.

– Vai ficar tudo bem.

– Não vai! Tem um bebê aqui. – Gritei.

– É por isso que está comendo feito uma louca, está dormindo feito um urso, enjoada... Desde a última vez que te vi, seus seios cresceram. – Apontou o dedo e bati em sua mão. – Esse é o lado bom.

Me joguei no sofá

– Lado bom? Você ainda vê lado bom? Eu preciso sair daqui.

Segurou meu braço.

– Você não pode ir embora, Melissa.

– Posso e vou.

– E o Oliver?

Gargalhei nervosa em meio as lágrimas.

– Não sei. Ele não precisa saber disso.

– Melissa...

– Não America! Só eu sei o que eu passo, sabe o que é você gostar de um maldito idiota que só sabe falar da outra? Que nesse exato momento está mais preocupado em salvar seu futuro do que olhar na minha cara? Qual é a parte do “ISSO ERA SÓ UMA FARSA”, você não entendeu? Não temos nada America, talvez, ele nem acredite em mim, foram apenas duas vezes.

Duas malditas vezes, apenas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Empurrei a porta, puxei minha mala embaixo da cama.

– E para onde você vai? – Me seguiu.

– Arizona. Minha mãe tinha uma casa lá, talvez ainda tenha. Você sabe, várias coisas foram para o governo.

– Você pode ficar na minha casa, podemos dividir a cama e comprar um berço depois.

Filhos? Eu? Eu não sei cuidar nem de mim direito, eu tenho vinte e três anos – e meio –! Eu não quero ser responsável por outra pessoa, elas não vão gostar de mim! Crianças parecem obras de artes muito valiosas e eu sou aquela pessoa sorteadada no mundo que quebra obra de artes só por respirar perto delas. Crianças são moles, soltam aquelas coisas e choram. E precisam de carinho e amor... O que eu sou? Não sou e nem serei uma boa mãe. Eu não me entendo, sou uma péssima pessoa, me distraio fácil, falo palavrões, bato nas pessoas por bobearias.

– Eu não vou conseguir. – Fechei a mala.

– Estou aqui, Melissa.

– Por que eu aceitei entrar nessa? Me diz? Eu sou uma idiota.

America me abraçou forte.

– Está tudo bem.

– Não quero ficar aqui. Me leva para sua casa. Eu vou ligar para o Scott e pedir ajuda.

– Melissa...

– Por favor, eu sei que é isso. Oliver está tão cego de amor que pode me jogar pela janela se eu contar.

– Tudo bem Melissa. Mas pensa bem.

Assenti. Arrastei minha mala. Levaria Apolo depois.

– A mamãe volta para te buscar está bem?

Lambeu meu rosto fazendo meu estômago se revirar. Meu mundo estava de cabeça para baixo. Isso tinha que ser um sonho. Só isso.

AMERICA

Estacionei na primeira cafeteria que achei. Melissa estava calada, as lágrimas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

silenciosas era o único sinal de que estava viva. Segurei sua mão tentando tirá-la do carro.

– Está tudo bem. – Tentei.

– Não.

– Não está mais com fome?

Me encarou resmungando um “estou”. Melissa era a garota mais incrível que já conheci, acho que apenas Scott e eu, sabemos de seus medos. Eu devia odiá-la com todas as minhas forças por tudo que já passei graças a ela. Mas não, eu não conseguia. Não quando ela abria a boca para falar besteiras, ou quando xingava um móvel, cantava a música errada, ria alto demais ou fazia a ogra dentro dela dar o ar da graça.

Melissa nunca seria a garota perfeita, mas a perfeita imperfeita mulher. Do jeito dela mesmo. O senhor Sanders tinha orgulho dela, apesar de tudo o que ela aprontava, as vezes eu tinha que ficar de castigo por uma mentira e não era a minha culpa. Devia odiá-la por estar marcada como encenqueira em cada boate dessa cidade por culpa dela. Não havia uma noite que Melissa Sanders não era expulsa de uma casa noturna, ou me fazia levar multa no trânsito por xingar ou sei lá, eram tantos motivos que para o meu bem, eu devia me afastar. Mas ela precisava de mim. Melissa fazia a diferença. E ela sempre precisaria de mim. E eu sempre estaria para ela.

– O que desejam? – A garçonete de cabelos azuis perguntou quando nos sentamos.

– A bebida mais forte que tiverem. – Pedi deitando a cabeça da mesa.

– Dois sucos naturais de laranja. – Pedi com um sorriso.

Me encarou.

– Você não pode beber e aqui não vende bebida alcoólica.

Cruzou os braços fitando a mesa. Apesar de tudo, Oliver deveria saber, mas não seria eu a contar. Afinal, eu prometi e amigos de verdade cumpre com a palavra que dá.

– Está pensando?

– Estou com fome, acho que tenho umas moedas aqui. – Colocou a mão no bolso da calça. Jogou as moedas na mesa, o choro convulsivo atacando enquanto as contava. – Acho que dá para um lanche, a gente divide. – Me

fitou com os olhos vermelhos.

Isso estava acabando comigo. A parei.

– Eu pago. Você não quer ir, Melissa. Eu sei.

– Não começa... Já tivemos essa conversa antes... Quando eu peguei o Apolo há dois meses atrás, ele não o queria. E disse que também não queria filhos. Satisfeita?

– E você vai criar sozinha?

– Você prometeu me ajudar. – Chorou. Acho que todos ali nos observavam com a cena.

– Sim, sim. Eu prometi. Não precisa chorar.

Nosso pedido chegou. Acabei por não comer nada, Melissa comeu por mim. A levei para meu apartamento. Dividimos um dia. Colocou a mala em um canto e seguiu para o banheiro. Separei sua roupa e pedi comida para nós duas. Por um momento a vi se olhar no espelho, fazia caretas. Deixei em seu momento, a ficha estava caindo.

– Estou com saudade do meu bebê. – Sussurrou se sentando a meu lado.

– Se quiser, posso buscá-lo.

– Podemos pegá-lo amanhã. A essa hora Oliver pode estar em casa se não estiver com a dona dele.

Fungou cruzando as pernas. Beijei sua bochecha.

– Vou buscar seu jantar.

A servi, comemos em silêncio, ou melhor, quando ela não estava chorando. Ela estava chorando tudo o que não vi chorar um dia. Era como se tivessem abduzido a Melissa que eu conhecia.

– Tudo muda, não é? – Perguntou.

– Acho que sim.

– Posso ver todos os meus inimigos rindo a essa hora. Melissa vai ter um bebê depois de um casamento de mentira. É tão otária que nem sorte tem. E é verdade.

– Para com isso Melissa. As crianças sentem.

Gargalhou deitando a cabeça em meu colo.

– O feto nem tem tamanho ainda, como vai sentir?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Faz um favor?

Me fitou.

– Não desconte sua raiva no bebê, ele não tem culpa.

– Por que ele entrou?

– Quer mesmo que eu responda? – Se encolheu. – Ótimo.

– Será que tudo vai sempre dar errado para mim? – Murmurou.

– Não, Melissa. – Afaguei seu cabelo.

Minha melhor amiga estava uma droga.

– Obrigada. – Sussurrou. – Eu vi um sorvete no seu congelador, posso pegar?

Beijei seu cabelo sem conter o riso. Tocaram campainha.

– Vai lá. Vou atender a porta. Deve ser o Scott.

No meio do caminho bateu o pé no móvel e xingou. A Melissa está voltando. Segui a passos largos, já tinha um sorriso quando o homem que um dia mexeu ate com as minhas estruturas me fez recuar milhas de distancia com a realidade bem presente na minha cozinha.

– Oliver?!

CAPÍTULO 16

MELISSA

Senti o sangue gelar quando ouvi Oliver falar, mas que diabos ele estava fazendo aqui? E como sabia onde eu estava? Será que ele... OS TESTES NO BANHEIRO!

– Boa noite America, desculpa incomodá-la há essa hora, estou procurando a Melissa. Ela sumiu.

Fiz sinal de silêncio para America, ela estava nervosa e quase apontando o dedo para onde eu estava. Não era uma boa ideia debater o assunto agora, na verdade, em momento algum. Tudo parecia errado e confuso.

– Bom é... Eu não a vi hoje. – Falou gaguejando. Ela ia gaguejar porque ela fazia isso quando estava nervosa.

– Tem certeza?

Se você disser que estou aqui, eu acabo com você!

A encarei.

– Absoluta. Talvez ela tenha ido até a casa do Scott.

Bufou.

– Ela levou as roupas dela, mas eu tenho certeza que não deixaria o Apolo. Ela ainda vai me matar uma hora dessas.

– Eu não a vi hoje, até ia ligar.

Finja melhor, America. Ela insistiu que eu estivesse com Scott e isso o fez desistir de tentar mais um pouco. Quando o ouvi se despedir, senti meu coração voltar a bater e meu estômago se contrair.

– Preciso voltar.

– Vai contar para ele? – Trancou a porta.

– Há dois segundos eu achei que ele sabia, mas ele não deu ataque então, ele ainda não sabe, mas vai saber se eu não chegar primeiro em casa. Eu deixei os malditos testes encima da pia no banheiro. – Porque sou uma idiota! – Prendi o cabelo em um rabo de cavalo e roubei o casaco de America no sofá.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Era como se minha barriga pesasse agora. Era estranho e assustador. – Me leva até o apartamento. Qual é a possibilidade de ele ir até o Scott?

– Nula.

– Bom, então precisamos correr. Agora!

Esperei que seu carro sumisse na esquina, e America deu partida. As lágrimas voltaram e por natureza, os palavrões também. Estava me irritando com essa coisa de ser chata.

– Seus olhos estão brilhando.

– São lágrimas, America. – As sequei. – A minha barriga... Já dá para ver? – Diga que não, por favor!

– Não está aquela coisa de MEU DEUS olha a barriga dela, mas tem uma marquinha aí. Se fizermos as contas, já é quase dois meses, Melissa. Eu estranhei algumas mudanças, mas não comentei. Você sempre comeu feito uma draga, era normal.

Ótimo! Quinze minutos e estávamos no prédio.

– Me dê cinco minutos. – Pedi.

– Isso se você não abrir a geladeira e ficar meia hora. – Deu de ombros.

Joguei o dedo do meio para ela e entrei no prédio. Limitei-me a acenar a qualquer um que estivesse por ali, eles me odiavam de qualquer forma. Minhas mãos estavam suando e por alguma razão, sentia a minha barriga com uma placa enorme de "aqui tem um bebê". Eu sabia que Oliver merecia saber, mas ele já havia deixado claro que não queria crianças, não queria filhos, a não ser os que viessem de Isabel e eu não sou ela. Sequei as lágrimas com ódio, raiva era para os fracos.

Com os pensamentos me esqueci da porcaria do elevador. A porta se abriu e quase corri até o apartamento. Destranquei a porta com as mãos tremulas. Apolo estava chorando quando entrei, pulou em meu colo.

– Também senti sua falta bebê. Mas a mamãe está um pouco encrencada agora.

O deixei na sala e corri para o banheiro. A cama estava revirada, os dois travesseiros destruídos, um sapato de Oliver destruído. Que se dane, ele tem dinheiro e pode comprar outro. A porta estava aberta, papel espalhado pelo chão e as malditas caixas não estavam onde deixei.

– Apolo. – Gritei. Ele estava me vigiando, percebi sua sombra quando correu.
– Volta aqui. – Saltou no sofá. – Onde está aquelas caixinhas rosa que estavam no banheiro? Sabe, é caso de vida ou morte e eu não estou afim dessa brincadeira. Você pode destruir a casa toda se quiser, mas aquelas caixas podem causar uma guerra.

Latiu.

– É isso aí. Agora mostra para a mamãe, onde você colocou.

Desceu do sofá e correu de volta ao quarto. O segui, entrou embaixo da cama e percebi a bagunça que estava. Ele é um cachorro ou um rato? Estiquei a mão para pegar o que sobrou da caixa, mas ele correu saindo pelo outro lado.

– Apolo, volta aqui. – Bati o pé mais uma vez e dessa vez doeu. – Vou te levar para o canil e você virará sabão!

Como se ele estivesse ligando. Vi seu rabo balançar e me preparei para pegá-lo quando pulou do sofá me fazendo rolar no chão, peguei a caixa e a porta se abriu. Valeu aí universo, trouxe nada mais nada menos que Oliver Digori para o momento – e eu não precisava dele no momento. Apolo correu para embaixo da cadeira.

– O. Que. Aconteceu. Aqui? – Apolo me encarou. Oliver bateu a porta e adentrou o apartamento. Ótimo. Vamos começar a guerra. – O que fizeram no meu quarto? Onde você estava? – Gritou.

– Primeiro, fala baixo que não sou surda. Segundo, onde eu estava não é e nunca foi da sua conta. – Segui seu olhar para o sapato italiano, ou que restou dele, no chão.

– Aquele é o meu sapato? – Seus olhos se arregalaram.

O que eu poderia dizer? Sim.

– Eu... Ele não vai mais fazer isso.

– Ele não vai mais fazer isso. Isso é o que ouço sempre, mas olha o que ele fez! – Gritou seguindo para o quarto novamente.

– Vamos dar o fora daqui, mas eu preciso muito daqueles dois aparelhinhos que estava aqui e na outra caixa que droga! Você as comeu? – Sussurrei.

– Ele destruiu o quarto também. Ele destruiu um apartamento inteiro! – Gritou.

– Ele é um cachorro! Não sabe o que está fazendo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Eu não quero saber que raios ele é! Meu apartamento está destruído! E não estava assim quando eu saí!

Respirei fundo.

– Ele é como uma criança, Oliver.

– Se crianças fazem isso, eu prefiro nunca ter uma e ainda mais se vier de você. Você não tem controle sobre nada! Olhe isso! Isso não estava nos planos. – Respirou fundo. – Nada disso estava nos planos.

Senti como se tivesse levado um soco e estivesse assistindo tudo do chão.

– Não estava nos planos muitas coisas, Oliver! – Arrastei Apolo debaixo da cadeira.

– Viu o que...

– Que droga! Que se dane seu apartamento. Eu estou indo embora, isso não vai mais acontecer. Você conseguiu o que queria, agora viva a porcária da sua vida em paz. – As lágrimas de novo.

– O que é isso na sua mão?

– Uma droga, não está vendo. – Gritei incapaz de me controlar. – Vem, Apolo. – O chamei e me seguiu para o quarto. Merda! Onde essas porcarias estavam?

Oliver parou na porta nos encarando enquanto eu colocava a coleira em Apolo.

– É assim?

– Assim como? Você queria a sua liberdade agora a tem como combinamos que seria.

Segurei meu braço.

– Me trata como se eu nunca tivesse te ajudado. Ou como se eu fosse o errado.

Puxei o braço.

– Nós nunca nos ajudamos, Oliver. Acho que só passamos um tempo, foi isso. Você precisava confiar em si mesmo para seguir em frente. O "falso casamento" foi só um escudo para tudo isso e olha o escudo está indo embora. Você conseguiu parabéns, seja feliz. – Voltei a sala, resgatei minha blusa no sofá e a mochila que America havia esquecido.

– Era para andarmos em linha reta. – Gritou.

Bufei abrindo a porta.

– Você não sabe a volta que essa linha deu. Boa noite, Oliver.

– Quer que eu implore para que fique? Eu não vou fazer isso. Porque já conversamos.

– Estou livrando seu apartamento da destruição. E não, não quero que implore nada. Onde você me achou Oliver? Como me conheceu? Parece as vezes que só me preocupo comigo, mas sei que o mundo não gira entorno do meu umbigo. A gente se engana com as pessoas.

Bateu a porta me encarando.

– Me diz o que eu fiz e eu admito o erro se estiver realmente errado.

Segurei a coleira com força. Meu coração bateu forte.

– Sou errado por tentar ser feliz? Por amar alguém? Você já amou alguém na sua vida? Querer ficar perto e cuidar? Me acha errado por isso, só porque não gosta da pessoa e depois diz que o mundo não gira em torno do seu umbigo.

– Me deixa sair, Oliver. Agora.

– É difícil admitir.

– Você não sabe de nada. Quer saber, você e a outra se merecem. Eu nunca devia ter entrado nessa. E me arrependo terrivelmente. – Uma tontura me tomou, mas eu não ia cair, empurrei a porta e consegui sair.

– Também me arrependo se isso te deixa feliz. – Gritou quando a porta do elevador se abriu.

Essa era a primeira vez que alguém conseguia me fazer recuar. Apolo chorou baixinho, me sentei no chão o abraçando.

– Vai ficar tudo bem.

America já devia ter dado mil voltas no carro. Senti o ar puro invadir meus pulmões e minhas pernas queriam ceder. Eu nunca me senti tão vulnerável na minha vida e nada se comparava ao que já havia passado, porque por alguma razão idiota eu havia me apegado a ilusão de família feliz. E eu sabia o tempo todo que a queda doeria.

– Melissa, você está bem? Achou os testes? – America me encarou.

– Não, Apolo deve ter comido. Vamos para casa.

– Contou a ele?

Abri a porta deixando Apolo entrar.

– Não.

– Por que não?

Bati a porta.

– Porque ele já tem uma família! Porque ele não se importaria. Apolo e eu fomos o seu maior arrependimento, ele destruiu tudo. O apartamento está pior do que uma visão pós terremoto e ele está soltando fumaça para todo lado. Se Apolo destrói uma casa só por brincar, imagina uma criança e ele não quer nada que venha de mim, que seja como eu, porque por incrível que parece esse cachorro é como eu. Parece que não nos encaixamos em nada e tudo sempre será passageiro. – Eu estava me controlando. – Ele nunca vai saber. A vidinha dele é perfeita demais para ter buracos. Agora me leva para casa... por favor.

OLIVER

Respirei fundo, estava tudo bem. Tudo bem, não fomos civilizados. Tá legal, eu vou pedir desculpas. Corri para o elevador, eu sabia que não seria fácil, ela não aceitaria meu pedido sem que eu me humilhasse. As portas se abriram e corri para entrada, mas nem sinal. Ela foi embora, apostei que estaria de volta quando estivesse morrendo de fome ou recuaria como uma criança que precisava de atenção. Com o Scott ela não está e America não faz a mínima de onde ela foi parar.

Meia noite.

Ela não voltou, Melissa Sanders não era mais uma criança e metade do que ela fazia não era inocente. Ela tinha que entender meu lado, minha casa estava destruída! Arrumei o que consegui, tomei um longo banho e dormi no sofá mesmo, esperando que aparecesse uma hora.

Não me lembro de ter sonhado, o quadro de destruição em meu apartamento ainda era o mesmo pela manhã e estava cansado de ver isso, segui para o escritório. Eu tinha certeza que ela voltaria depois que eu sáísse, era orgulhosa demais para dar o braço a torcer. Harry estava em minha sala, me encarou por dois segundos.

– O que foi?

– Falou com ela?

– A situação ficou pior quando achei meu apartamento destruído pelo mini terrorista. E sabe como a Melissa é.

– Não, eu não sei. – Harry estava sério.

– Ela foi embora, estava com raiva, mas é coisa de momento. Não dou meia hora para ela estar de volta. Não quero mais atrapalhá-la com a minha presença.

Mona entrou na sala.

– E o idiota do ano está de volta. – Abriu um falso sorriso.

– Bom dia para você também, Mona. – Tive que assistir a cena de Harry e sua adorável esposa. Era a parte ruim de trabalhar em família.

– Sua mãe quer ver a Melissa.

A encarei.

– Pode avisar que não será para escorraçá-la e sim, dizer que o adorável filhinho dela não tem amor próprio. O que você fez foi ridículo, Oliver. Não pensou no próximo.

– Vocês falam como se eu tivesse a obrigação de se casar comigo. – A ignorei abrindo meus arquivos.

– Todos sabem que não foi, mas com o tempo um laço se cria e não é fácil desfazê-lo. Ah é, ele não tem coração porque a loira aguada já comeu o dele no espeto.

– Tá, eu entendi. Vou buscá-la na America hoje, mas já aviso, não será nada fácil. – Era isso ou me infernizariam o dia todo.

– Tente. Você não se humilha para a aproveitadora, o que custa se humilhar por ela?

Harry assentiu.

– Às vezes você consegue ser pior que a Anna.

– Anna está muito pior que eu. E ela vai querer ver a Melissa, perfeitamente bem. – Mona desfilou até a porta. Sorriu. – Ah e é bom que Isabel não cruze esses corredores hoje, ou a polícia terá um trabalho difícil para descobrir se foi um homicídio ou um suicídio nessa empresa. Tenham um bom dia.

– Te amo, amor. – Harry falou.

– Eu também te amo.

Não sei como consegui trabalhar. Anna não parava de ligar me lembrando do jantar que Melissa deveria estar. Eu só precisava me humilhar para Melissa – e ela adoraria isso – e trazê-la de volta. Passei a manha entre reuniões e telefonemas. Liguei algumas vezes para casa, mas nada. Ela não me atenderia nem se quisesse.

– Bom, estou indo almoçar quer vir? – Harry falou decentemente comigo pela primeira vez no dia.

– A Mona vai?

Assentiu.

– Não, obrigado.

As horas correram, Anna voltou a ligar e em quinze minutos estaria me esperando. Seu olhar era mortal quando cheguei ao estacionamento em sua última tentativa de contato.

– Eu não falei que ia te levar. – Falei. – Nos encontraríamos no jantar.

– Quero acompanhá-lo para evitar que fale mais asneiras.

Passei em casa primeiro, estava como eu havia deixado. Anna me encarou.

– O que aconteceu aqui?

– Apolo destruiu tudo.

– E onde está a Melissa?

Bufei.

– Melissa e eu brigamos uma segunda vez. Mas eu sei onde ela deve estar e estou indo até lá pedir perdão se for preciso. Eu queria fazer isso sem sua presença.

– E o que está esperando? – Me ignorou me dando as costas.

Eu sabia que ouviria Anna falar até chegar à casa de America. Eu quase causei um acidente com os gritos dela e suas ameaças – eu devia me sentir ameaçado. Eu deveria entender que minha família havia se apegado a minha falsa ex esposa.

– Se ela não quiser vir, eu não posso obrigar. – Avisei.

– Você não pode ou não quer? Continue assim até cair na real.

– Anna, chega! Eu sei o que estou fazendo. É a minha vida.

Bufou.

– Vou adorar o dia em que você perceber a idiotice que está fazendo e vir me procurar. Eu espero que nesse dia eu esteja armada e iremos conversar muito bem.

Bati a porta quando desci do carro. Estávamos em frente ao prédio de America.

– Fica aqui. – Mandeí.

– Mas...

– Fica aqui. Eu resolvo, entendeu?

Respirei fundo e segui. Subi quase três andares pelas escadas até chegar ao apartamento 14, bati algumas vezes. Ouvi passos e America abriu. O sorriso desapareceu de seu rosto, cruzando os braços na frente do corpo.

– Oliver?

– Boa noite, me desculpe incomodá-la, eu queria falar com a Melissa. – Estiquei o pescoço para dentro do apartamento.

Sorriu sem humor.

– A Melissa foi embora, Oliver.

– Embora? Para onde?

– Eu não sei. – Afundou os dedos nos cabelos lisos os bagunçando em frustração. – Eu a deixei dormindo e quando voltei a pouco, ela não estava mais. Levou o Apolo e as malas.

– Por que ela foi embora?

– Por muitos motivos. Agora se me der licença. – Fechou a porta e a segurei.

– Eu preciso falar com ela, pedir desculpas. Estou falando sério, America. – Supliquei.

– Quer entrar para ver se ela está aqui? – Me encarou.

Soltei a porta.

– Acabou Oliver, como você queria. Boa noite. – Bateu a porta em minha cara.

Melissa foi embora? Não! Ela disse que não iria. Não. Anna me encarava, como começar a contar para ela se nem eu acreditava?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Onde a Melissa está? – Sorriu. Entrei e bati a porta. Respirei fundo contando mentalmente até dez.

– A Melissa foi embora e ninguém sabe para onde... Eu pensei...

– Parabéns, acabou de perder uma mulher de verdade e afastar de todos nós uma amiga. Você conseguiu isso de uma maneira incrível, Oliver. Chega a ser surpreendente. Mais uma vez, parabéns. – Desceu batendo a porta.

– Espera, Anna.

– Eu vou de táxi, será muito melhor. Eu pensei que ela estava... – Encarou o céu. – Deixa para lá.

Eu não a mandei embora! Não era para ser assim.

CAPÍTULO 17

MELISSA

– Eu sei que você está com fome. – Abri a mochila. – Peguei da tia America. – Lhe joguei o sanduiche. Para a situação ficar ainda melhor, o sol estava forte. Meu estômago roncou, mas ele estava com mais fome do que eu no momento. – Acha que vamos conseguir carona? Parece que andei cem quilômetros até aqui.

Scott não podia me ajudar, estava viajando com a namorada/noiva/esposa e eu não iria atrapalhar porque atrapalhar a vida dos outros é comigo mesmo. America vai surtar quando voltar e não me ver, mas ligaria assim que arrumasse uma carona e chegasse em Arizona. Só quero ver quem vai dar carona para uma grávida que mais parece um urso esfomeado e um cachorro que mais parece um terrorista.

Apolo deitou em meu colo. Me abriguei ao lado de uma cabine telefônica, eu não devia tê-lo pego, olha onde estamos! Ele não merecia isso – merecia alguém melhor do que eu.

– Apesar do seu cheiro ainda me incomodar, eu não quero que me deixe. – Lambeu minha mão. – E não abusa. – Limpei a mão na calça.

O sol diminuiu e caminhamos um pouco. Acenava a todos os carros que passavam em direção a estrada principal que daria a nosso destino em algum momento. Eu não tenho dinheiro para ir de avião, muito menos de ônibus, então o jeito é pedir carona. Uma caminhonete parou quando acenei, Apolo não colaborava. Era esse o motivo de nenhum carro parar.

– Eu vou te deixar! – Gritei e logo se ajeitou a meu lado.

Uma senhora sorriu quando desceu o vidro, um velho dirigia, um garoto me olhava como se estivesse nua e uma garotinha com um aparelho que me dava pena sorria para o meu bebê. Certo Apolo, seja bonzinho, prometo que será por pouco tempo.

– Para onde vai querida? – Eu podia sentir o cheiro do seu perfume. E estava enjoando.

– Arizona, mas pode me deixar em qualquer cidade antes, não terá nenhum

problema.

A senhora sorriu ao velho.

– Vamos levá-la, mãe. – O garoto se pronunciou me engolindo com os olhos. *Não sonha garoto ou te joga pela janela e digo que você pulou sozinho.*

– Ela tem um cachorrinho, mamãe. – A garotinha chegou a me assustar com sua empolgação.

Apolo deu um passo para trás.

– Estamos indo ao Woops, é um torneio de balões em família, pode entrar querida. Fica umas duas cidades depois. A viagem será longa.

Parecia a porta do inferno se abrindo, mas, vamos lá. Apolo se encolheu a meu lado e a garotinha cheirava pasta de amendoim. Droga! Eu não podia passar mal, não andamos nem um quilometro.

– Como ele se chama? – Perguntou curiosa.

– Apolo.

– E você, como se chama? – O garoto perguntou sorrindo de lado.

Respirei fundo tentando ser simpática. Eu não estava afim de lidar com um adolescente hormonal quando eu mal conseguia controlar meus próprios hormônios. Sentia a paciência se agarrando a mim.

– Melissa. – E não pode me chamar de Mel.

A senhora me ofereceu sanduíche de sardinha e acho que fiquei transparente. Troquei de lugar com a garotinha ficando na janela, Apolo me encarava quase suplicando ajuda, mas eu precisava de ajuda e ele teria que entender. Uma música feliz foi cantada em família e me limitei a isso. Fechei os olhos por dois segundos e tentei relaxar, mas sempre acordava assustada. Meu estômago estava vazio, se contorcendo.

Paramos algumas vezes. Apolo não quis sair de perto de mim. A senhora arrastou toda a família para uma lanchonete. Eles estavam a incríveis três dias na estrada e eu não conseguia imaginar passar mais algumas horas com a família Buscapé;

Senti o sangue gelado algumas vezes e estava pálida. Procurei alguma coisa de útil que não fosse pasta de amendoim ou sanduiche de sardinha. As lágrimas descaram e não sei porque estava rindo disso.

Odeio isso!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Eu sei que sou louca, não liga filho. – Achei uma barra de cereal. – Prometo que vamos sair daqui rápido. Só temos mais dois dias e estaremos em casa.

Se encolheu, ele estava cansado, eu podia ver isso em seus olhos escuros. Meia hora depois parecia que a garotinha carregava a fritura com ela. O cheiro de óleo fez a barra de cereal querer voltar. Tapei a boca.

– Está passando mal? – O garoto perguntou. Suas bochechas estavam incrivelmente vermelhas. Eu não sabia se era por mim ou pelo sol.

– Estou bem.

– O que vai fazer no Arizona? – Passou as mãos ridiculamente pelo cabelo loiro caindo em sua testa em uma franja mal cortada.

O encarei.

– Morar.

– Eu tenho um amigo que mora lá, e minha tia já morou lá também e...

Deixei que falasse, fechei os olhos e deixei o vento se chocar contra meu rosto. Nem me importava. Hoje não. Não sei por quanto tempo dormi. Abri os olhos e uma música lenta estava tocando, estava escuro e as luzes dos postes passavam rápido. Uma mão acariciava meu cabelo e consegui ver um sorriso. Saltei do colo do adolescente hormonal desgraçado. Eca! Eca! Eca! Meu Deus, eu dormi no colo dele? Não eu estava com a cabeça na janela! Filho de uma... Respira Melissa, respira.

– Você é linda dormindo. – Sorriu.

Eu vou vomitar!

Você ficará lindo morto se tocar em mim mais uma vez. Droga! Ele só é um adolescente cheio de energia e... Esquece.

– Não. Toca. Mais. Em. Mim. – O encarei.

Se afastou.

– Tu-tudo bem.

Tirei as porcarias que a garotinha colocou em Apolo e o puxei para o meu colo. Não dormi, o dia amanheceu e me sentia um zumbi. Uma barra de cereal, era tudo o que tinha no estômago. A garota acordou e sorriu, ela me lembrava a garotinha do Green, mais estranha que a garotinha do Green, era engraçado.

– Quer? – Me ofereceu bala. Eu sabia que era para pegar uma só, mas peguei
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

o pacote.

– Tudo bem, pode ficar. Tenho mais aqui. – Abriu a mochila onde tinha muitas porcarias que me alegravam.

– Estou começando a gostar de você.

– Disse alguma coisa? – Me encarou.

– Não querida.

Fiz uma briga começar entre os irmãos, só assim teria espaço. Ri muito, era engraçado ver a mãe louca dentro do carro. Aproveitei para abastecer a mochila, e não era roubo, era por estar aturando esse bando de loucos.

– Desculpe a bagunça querida, sabe como são as crianças.

Não, eu não sei. Acho que a garotinha eu até perdoo, mas o adolescente depravado, se eu fosse vocês o jogava aqui mesmo.

– Tudo bem. – Tentei sorrir.

Na segunda parada do dia eu precisava descer do carro. Apolo correu, parecia mais desesperado que eu. Se alguém viesse cheirando a gordura mais uma vez eu juro que vou andando até o raio do Arizona. Me sentei na calçada, Apolo estava com a língua para fora.

– Aquela pestinha pintou as suas unhas? Oh meu Deus. Como não vi isso? – Sorri. – Rosa não combina com você.

Apolo me encarou.

– Tudo bem, eu parei. Amanhã se eles andarem rápido, estaremos no Arizona.

A senhora me trouxe um lanche, e água. Comi feito uma louca, quase comecei a gostar dela – eu disse quase. Não paramos mais, e ouvi a melhor notícia do dia. Chegaríamos em meu destino pela manhã e isso era incrível porque mais um dia nesse carro e a polícia vai ter trabalho para tirar um carro do precipício. Dormi por algumas horas, senti uma leve dor na barriga e não consegui dormir mais. Eram quase sete da manhã quando a placa do meu destino apareceu.

Próxima cidade Arizona, seja bem-vindo. Isso me alegrava muito.

– Acorda a menina. – O velho pediu.

– Estou acordada. – Anunciei.

– Já chegamos. – Eu daria um beijo no senhor depois da notícia, só que não. Melhor não.

– Muito obrigada de verdade.

O garoto abriu os olhos quando o carro parou.

– Já chegamos? Por que não vem com a gente? – Ele estava realmente empolgado.

Cara, tem gente que não entende as mensagens de morte. Abri a porta quase em desespero. Apolo saltou logo atrás e o garoto veio junto.

– Fica, vai ser legal. – Insistiu colocando as mãos nos bolsos da calça como se eu fosse alguma garota da sua idade ao qual estava muito apaixonado.

Gargalhei.

– Te aguentei por uma viagem inteira e não te matei, então por que você não volta para o carro e termina essa viagem vivo? – Deu dois passos para trás. Ele não imaginava meu estresse. – Obrigada pela carona. – Acenei ao resto da família.

– Boa sorte, querida.

– Obrigada. – A porta se fechou e o adolescente ficou com cara de cachorro abandonado, eu não merecia isso.

Arizona coisa linda, eu cheguei!

– Eu preciso de um banho. Bom, vamos andar umas quinze quadras até a casa da minha mãe, se ela ainda a pertencer. Depois ligar para sua tia e fim.

O prendi na coleira.

– Eu devia ter pedido carona estendida. Melhor não, você viu a cara deles? E eu pensando que já tinha visto muitos loucos por aí.

Seguimos o caminho. Tirei o papel do bolso para não me perder e depois de uns vinte minutos chegamos ao meu destino final.

– É aqui. – Apontei para a casa.

Era grande aparentemente, dois andares e uma jardim muito bem cuidado, era bom demais para ser verdade. Eu devia ter crescido aqui! Sim, mãe você devia ter me criado aqui. Bati na porta. E depois de algum tempo uma senhora atendeu. Se arrastava em uma bengala e sorriu. Ela tinha grandes olhos verdes, tão baixa quanto eu.

– Olá.

– Oi. – Vamos lá.

– O que deseja jovem? – Perguntou educadamente.

Educada, já gostei dela.

– Sou Melissa Sanders, minha mãe era ou é proprietária dessa casa. Cecilia Sanders.

Sorriu abrindo mais a porta. Por Deus, aquilo era enorme. *Mãe, eu não te perdoo por isso!*

– Então você é a pequena Melissa? – Perguntou carinhosa.

Eu cresci! Por que ninguém via isso?

– Mais ou menos.

– Entre.

Apolo passou na frente. A casa era bem iluminada e me perguntava o que minha mãe foi fazer no fim do mundo do Texas.

– Sente-se.

– Obrigada.

– Essa casa era da Cecilia, mas ela me vendeu quando se casou. Posso pegar os papéis para ver. Sua mãe era muito humilde, e fiquei triste quando ela morreu.

Eu também.

– Me ignore se eu errar as datas, já estou velha para gravar as coisas.

– Tudo bem.

– O que faz aqui?

Agora? Tentando achar um jeito de não virar andarilha.

– Eu vim para morar, na verdade, achei que essa casa ainda pertencia a minha mãe. Ela nunca foi apegada as coisas. – Isso é um erro. – Então achei que chegaria e não moraria na rua. Essa casa foi a única notificação que não recebi do governo como vendida ou leiloada. Tudo virou uma bola de neve desde que não consegui pagar nada. Ela sempre falou em voltar para cá... Então pensei que ainda fosse dela. Alguma parte da família poderia estar cuidando e... – Respirei frustrada. – Me desculpe.

– Você não tem aonde ficar?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Assenti.

– Não se preocupe, eu moro sozinha aqui a tantos anos. Pode ficar com um quarto por quanto tempo quiser. Vai ser legal ter uma companhia jovem. Só nos sábados que temos jogos de baralho, é legal também.

A primeira impressão que tive, era que poderia ser um asilo ou coisa parecida. Eu não estava tão errada assim, tínhamos jogos de baralho nos fins de semana. Sorri. Passamos um longo tempo conversando sobre o passado que não fiz parte e tinha certeza que amaria algum momento com ela.

– Por amizade a sua mãe eu a deixo ficar.

– Obrigada. Muito obrigada, não sabe o que passei para chegar aqui. – Nem queira saber. – Assim que eu arrumar um emprego eu vou embora e pretendo ser rápida.

– No Flipper de esquina com a Maison estão precisando de moças para atender na lanchonete.

Eu tenho um certo problema com isso, minha senhora, porque eu como muito. Mas muito mesmo. Mas no momento, não posso escolher.

– Eu vou até lá.

Ajeitou os óculos.

– Bom, vou caminhar um pouco. Sinta-se em casa. E descanse. Podemos conversar mais quando estiver descansada.

Contei mentalmente como uma idiota em transe quantos passos ela deu até a porta, quase cem passos até a porta que ficava a menos de dois metros de nós. Acenou.

Dois segundos para a morta de fome correr para a cozinha. Fiz dois sanduíches, reclamei sozinha, conheci meu quarto e coloquei os dois sanduíches para fora em tempo recorde. Droga!

Separei uma roupa decente e segui para o banheiro. Demorei no banho. Tinha até banheira. Mãe, como eu te amo. Me sentia fraca, mas precisava procurar um emprego. Resgatei um jornal encima da mesa na cozinha, bom eu tinha alguns cursos por mais que minha cara não aparentasse que eu já havia feito algo de decente na vida. Uma empresa estava precisando de secretaria e mais algumas lanchonetes de atendentes.

Vamos arriscar Melissa. Segui pelo mais fácil, como garçone. Um bilhete

no jarro de flor dizia: *Colocar a chave embaixo do tapete*. Tranquei a porta e segui para a Maison, as pessoas me encaravam como se já soubessem que eu era novata ali. Apenas ignorei e segui. Achei a tal de Flipper, estava cheio e precisei de alguns minutos até meu estômago se acostumar. Uma mulher gorda me encarou e tentei sorrir sem sucesso.

– O que deseja? – Suas grandes mãos se apoiaram na barriga enorme.

– Eu vi no jornal que estão precisando de garçonete.

– Sim estamos. Tem alguma experiência? – Perguntou sem paciência.

– Já trabalhei em lanchonetes e cafeterias.

Gritou um cara no fundo do estabelecimento e me mandou esperar em uma das mesas. Alguns minutos depois eu tinha a certeza de que ia odiar isso. O homem alto se aproximou me encheu de perguntas e segurei os palavrões. Minutos depois estava empregada. Mas como eu não tinha a total certeza se era ali que eu queria ficar, fui em todos os outros estabelecimentos. Uns ficaram com o meu nome e outros me deram um não do tamanho do universo. Voltei para casa cansada, mas precisava avisar America onde estava. Apolo me acompanhou até a esquina onde havia um telefone público. Dois toques e ela desligou quando percebeu que era a cobrar, mas como eu sou uma pessoa insistente, eu não iria desistir até que atendeu.

– Se desligar eu te mato! – Gritei antes que começasse a me xingar.

– Melissa? Sua desgraçada! Onde você está? O que você tem na cabeça? O que está fazendo Melissa?

– Não grita! Eu não sou surda. Estou no Arizona. Não estou bem, mas vou ficar. Minha mãe vendeu a casa, eu estava contando que fosse uma casa abandonada. Acredita que tem banheira? Eu quase morri quando vi. E bom, eu viajei três dias com uma família que a menina cheirava pasta de amendoim e pintou as unhas do Apolo, o pai parecia um doído, a mãe era uma obra de arte e o filho era depravado. Mas imagina? Eu não matei ninguém.

– Melissa! O que você fez?

– Quando eu disse que não matei ninguém, eu falei sério. Consegui um emprego, mas vou arrumar algo melhor.

– Melissa não se esqueça que está grávida.

Ah claro. Como se isso fosse possível.

- Não vou esquecer, mas para o bem de todos eu preciso trabalhar.
- Não se esqueça, procure um médico e vê se está tudo bem. Qualquer dor, sei lá qualquer coisa me liga. – Ela estava desesperada. Como ficou quando caí um lance de escada depois de beber todas em uma boate no fim do mundo em que me enfiou.

Ela pensou que eu ia morrer.

- Pode deixar.
- Oliver esteve aqui quando você foi embora, mas não voltou mais.

Eu não quero saber.

- Bom, eu preciso ir. Andei por um dia inteiro e preciso de uma cama quentinha. A senhora que comprou a casa é muito gentil e não posso chegar tarde. Te amo.
- Também te amo urso, não mate ninguém, não beba, não cometa loucuras. E se cuida, da próxima vez não fuja do assunto.
- Certo. Boa noite. – Desligou.

Apolo me trocou e dormi sozinha, querendo ou não, eu chorei. O mais engraçado era que eu não queria chorar. Hormônios. Te estragam que é uma beleza.

CAPÍTULO 18

OLIVER

Melissa não voltou, não ligou, não deu sinal de vida. Ela fazia isso para me irritar. Fazia a bagunça e simplesmente sumia quando não queria consertar o estrago. Minha casa estava de cabeça para baixo, uma semana da mesma maneira que havia deixado. *Alguém precisa limpar isso*. Recolhi alguns brinquedos de Apolo no caminho, joguei no seu cesto ao lado da cama e sai. Estava tudo quieto demais. Que droga! Ela fazia falta, eu prometi que cuidaria dela, mas ela simplesmente ignorou isso.

Guardei algumas coisas em minha mochila e segui para a casa dos meus pais. De volta à casa da mãe, era assim antes dela chegar. Minha mãe me recebeu muito bem, ao contrário do restante da família. Segui para o quarto e me joguei na cama, sempre olhando o celular esperando algum sinal. Anna entrou, me encarou e percebi que havia chorado, estava me evitando á dias.

– Ela não ligou? – Perguntou.

– Não.

– Que droga, Oliver. O que você fez? Meu Deus, uma pessoa não pode desaparecer assim, ainda mais Melissa. Alguém tem que saber onde ela esta!

A ignorei.

– America também não sabe onde ela está. – Suspirou – A Melissa é meio louca, pode estar perdida por aí e a gente nem sabe. Já faz uma semana, Oliver!

– Ela não é mais criança, Anna. – Me atirou a almofada.

– Não finja não se importar seu idiota! Ela gostava de você, Oliver.

A fitei.

– É, pra você era fácil fingir. Para ela era muito difícil, mas só você não via isso.

– Consegue separar as coisas Anna? Espero que sim.

– Olhe para você! Você voltou para casa porque também sabe que é insuportavelmente agonizante ficar sem ela. Não precisa admitir isso para

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mim, admita para si mesmo.

Me atirou outra almofada e saiu batendo a porta. O celular tocou, Isabel. Tomei um longo banho e desci. Harry me encarou e desviou o olhar. ele também fazia parte do clube “*Vamos ignorar o Oliver*”.

– Não vai jantar com a gente filho?

– Não mãe, tenho um compromisso.

– Oliver...

– Não demoro. – Peguei meu casaco.

Fiquei alguns minutos no carro, como sempre, passei no apartamento de America, mas ninguém atendeu e ela provavelmente estava trabalhando. Fui para o meu antigo apartamento onde Isabel me esperava. Tínhamos pequenos encontros desde que tudo acabou, ainda assim, parecíamos preso em alguma coisa.

– Você demorou.

– Estava ocupado. O que pretende fazer hoje?

– Qualquer coisa. – Me puxou para o elevador. – Contanto que esteja comigo.

Conseguimos nos separar para chegar até o apartamento. Eu devia estar feliz com a mulher da minha vida ali, mas ela ainda não era minha como eu queria.

– Senti sua falta, e fico muito feliz por ser só meu agora. – Me beijou de forma possessiva.

– Fiquei sabendo que remarçaram o casamento. – Me afastei. Esse foi o assunto nos corredores da empresa pela manhã.

Bufou se sentando a meu lado em meu sofá palco de vários planos que fizemos um dia.

– Felix quis fazer uma surpresa. Ele devia ter me consultado antes, eu não aguento mais meu pai me usando para seus lucros empresariais.

– E o que vai fazer? Sabe que não vou deixá-la se casar. Por Deus, Isabel. Você é uma mulher adulta.

Sorriu.

– E quem disse que irei? Eu te amo, entenda isso. Você sabe como são os negócios.

– E quanto tempo mais vou esperar esse noivado terminar?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Não sei Oliver, essa sua história de casamento falso fez com que Felix ficasse mais perto.

Me ofereceu uma taça de vinho.

– E saber que você não amava aquela garota é a melhor parte dessa história. – Riu. – Que ideia Oliver, onde a achou? No meio da rua?

– Isabel, menos. – Larguei minha taça.

– Oliver, por favor. Estava na cara que ela não tinha classe alguma. Acabou de sair da adolescência, porque ela não era uma mulher...

– Melissa é uma boa pessoa. Apesar de nova ela tem uma cabeça esperta.

– Eu sabia que crianças não era seu forte. – Me encarou.

– Trinta anos não é velho, e como eu disse, ela é uma boa pessoa.

Bufou soltando a taça e me puxando para ela.

– Não é boa o suficiente para você como eu sou. – sua mão invadiu minha camisa. – Porque você é meu. Apenas meu.

....

A semana passou voando, os dias estavam correndo. Desisti de procurar Melissa, não tínhamos mais nada e isso ela tinha razão. Isabel cancelou o casamento inventando uma conversa qualquer e Felix aceitou os fatos. Idiota. Também me irritava pelo fato de não poder tê-la por perto. Eu não queria apenas encontros em meu apartamento, sem contar que Anna andou nos dedurando e a sorte é que Felix não era tão esperto assim e sempre ligava antes tentando ter certeza. Harry parecia não entender as coisas e virei a vergonha da família.

– America deu alguma notícia?

– Não. E não a procurei mais.

Harry bufou.

– Já a esqueceu? Seis meses desapareceram assim tão rápido?

– É muita gente dando palpite e minha cabeça está uma confusão. Que droga, eu sinto falta dela... Do Apolo também, mas o que eu poderia fazer? Amarrá-la no pé da cama e obrigá-la a obedecer? Obedecer é uma coisa que ela não entende. Melissa era uma boa amiga com todo o seu jeito estouradinho.

– Amiga? Vocês dormiram juntos duas vezes por pura amizade? Também

estou com a Mona só por amizade. Se liga Oliver, está trocando gato por lebre. E quando cair na real pode ser tarde.

– Está querendo dizer que gosto dela?

Deu de ombros.

– Eu amo Isabel e vou me casar com ela. Vai ser como deveria ter sido no começo.

– Nunca vi um casamento a três, mas deve ser interessante. – deu de ombros.

– Ela não vai se casar.

– Só porque cancelou o casamento na igreja, isso não quer dizer que não irá se casar. Pode ser daqui a três, ou quatro meses, mas isso irá acontecer. Os Fox estão quase se juntando aos Maestrini meu irmão, e eles são a junção perfeita para isso.

Voltei ao meu trabalho.

– Ela pode até não ter começado um relacionamento com interesses, mas a família sim.

– Falou certo, a família e não ela.

– Não vai desistir? – Perguntou.

– Não há nada que me faça desistir Harry, eu a deixei ir por bobagem, eu nunca devia tê-la magoado, por isso ela me deixou. Só estou tentando tê-la de volta, ter a minha vida de volta.

– Você não quer um relacionamento, quer sua vida. Ah Oliver, você às vezes consegue ser absurdo. Tenha uma boa tarde, meu expediente acabou. Pensa bem.

Eu já pensei. Sei o que quero, Melissa foi apenas alguém especial. Apenas isso. Estava repetindo isso a mim mesmo com muita frequência.

MELISSA

Dois meses e meio já se passaram desde que cheguei, e bom, a senhora Molly ainda me aguenta. Meus enjoos estão fora do sério e eu acho que já está na hora disso parar. Ou não teria mais meu emprego, agradei a velha por não ter me despedido, mas uma hora eu mesma me farei esse favor.

Apolo não dormiu comigo essa noite, a cama estava molhada pelo leite que

também resolveu vazar e me sentia cheia de buracos. Deus, isso era estranho demais para mim.

– Acordou menina.

– Bom dia, Molly.

Apolo pulou na cama e lambeu o cobertor.

– Que nojo, Apolo.

– É leite, querida.

Me fitei no espelho, minha barriga estava redonda.

– Está tão linda querida.

– Ainda me acho estranha. America vai me matar se eu não procurar um médico em 48h. Eu fui apenas aquela vez que passei mal.

Molly sorriu dando pequenos passos até mim.

– Isso não será problema, eu já fiz isso. Por isso vim chamá-la.

– Hoje?

Assentiu. Mas eu não podia faltar hoje, aquela velha com certeza vai me mandar embora.

– A Harper vai me despedir se eu não for hoje. Estou devendo uns vinte sanduíches e quase sete litros de refrigerante. – Sorri, mas estava quase chorando.

– Não vai não, use seu dia de folga hoje. Harper não pode impedi-la de uma consulta médica. Então, vá tomar um banho, vou preparar seu café da manhã.

Apertou minha bochecha carinhosamente. Me arrastei até o banheiro, deixei a água morna me despertar um pouco, ultimamente a água passava por minha barriga cortando caminho e como sou idiota, achava graça disso. Eu devia conversar com o bebê como America sempre mandava, mas eu não conseguia, acabava achando loucura. Mas com as paredes eu não tenho esse mesmo pensamento, então apenas a acariciava, mas por que não mexia? Minhas calças ainda davam para vestir, apenas o zíper que não queria fechar, minhas camisetas já era outro assunto. Às vezes me incomodava, mas não tinha escolha e por Deus eu devia estar com uns quatro meses quase? Molly preparava a mesa, Apolo correu em minha direção se enlaçando em meu pé.

– Aí está você.

Me sentei. Fiz dois sanduíches e bebi quase uma jarra de suco sozinha. Molly sorria.

– Está parecida com a sua mãe. Quando pretende falar com o pai do bebê?

Era nessas horas que as lágrimas vinham sem eu mandar. Legal isso.

– Não pretendo. Ele não vai saber, isso causaria uma bagunça.

– Mas a criança vai querer saber sobre ele. – Sua voz era carregada de acusação.

– E eu vou contar a verdade um dia. – me retirei.

Não demorei muito para terminar de me arrumar, achei algum dinheiro em minha gaveta e segui para o ponto de ônibus mais perto que por ironia era a duas quadras. Oliver não iria saber disso, na verdade eu tinha medo disso tudo mudar e para a pior.

– Vai ficar tudo bem, bebê.

Vinte minutos depois, lá estava eu tendo a certeza de que tinha uma criança dentro de mim, mas quase não acreditando nisso. Mesmo tendo certeza, me mandaram para uma sala onde havia mais grávidas e meu Deus, me sentia sufocada com tantas grávidas ali. Respira Melissa. Ouvi algumas conversas sobre, uma alimentação saudável, passeios no parque, sol nos fins de semana, *meu marido está feliz*. Abracei a barriga automaticamente sentindo uma lágrima arder em meus olhos. Eu não faço nada disso, trabalho a semana toda, só como porcarias – por puro nervoso – não tenho marido, e até ontem eu nem me interessava com por cento por uma consulta – por medo. Parecia que uma placa bem grande estava presa em cima da minha cabeça dizendo que sou uma péssima mãe. Eu sou mãe?

– Melissa Sanders. – Me chamaram.

Assinei uma folha e entreguei na sala.

– Melissa, sou Stella, sente-se. – encarei a médica com um sorriso amigável brincando em seus lábios. Eu tinha sérios problemas quando estava péssima psicologicamente e o destino como me amava, colocava pessoas bonitas para completar o dia.

Arrastei a cadeira, me sentei abraçando a mochila.

– Primeira consulta?

Assenti.

– Sabe que é muito importante estar sempre sendo orientada não sabe? – Seus olhos castanhos enormes estavam em mim.

– Não tem muito tempo que descobri a grande notícia. Está tudo uma loucura. Sorriu.

– Bom, algo a incomoda?

– Meus enjoos, minha fome de urso, meu sono profundo. Às vezes parece que não vou levantar.

– Isso é normal. Nos primeiros meses os enjoos podem ser insuportáveis.

Eu estava percebendo isso.

– Vem. – Se levantou pegando uma roupa em uma gaveta. – Coloque e venha se deitar aqui.

Coloquei a mochila no chão e fiz o que mandou.

– Relaxe, Melissa.

Meu coração estava batendo rápido, um medo me atingindo de todos os lados. Stella mediu minha pressão e conversou comigo um pouco como se estivesse falando com uma criança que estava prestes a tirar sangue. Então a vi se preparar para algo que eu não estava preparada. Uma coisa gelada deslizou por minha barriga me fazendo encolher e automaticamente estava rindo.

– Isso está gelado.

– Essa tela aqui mostrará o bebê e você poderá ouvir o coraçãozinho também. Colocou um aparelho em minha barriga e o deslizou por sobre a coisa nojenta. Eu não via nada naquela tela. Alguns segundos depois um som encheu a sala, alto e forte. Sorriu.

– Um coração selvagem. – Brincou.

– Isso... Isso é o coração? – Oh meu Deus.

– Sim, Melissa. É o coração do seu bebê.

Eu não sabia o que estava acontecendo comigo, mas não conseguia sentir meu corpo. Como se uma coisa extraordinária estivesse acontecendo, eu queria gritar para tirar o bebê dali ou mesmo tempo queria sorrir. Era como se a negação ainda quisesse brincar com a minha cabeça, estava assustada. Mais do que assustada e encantada. Uma lágrima escapou.

– É verdade?

– Sim, é verdade. – Sorriu. – Parece bem e forte.

Por alguns segundos nenhuma palavra saía. Minhas mãos estavam suando e uma vida futura passou em minha mente. Agora era tão real. Real demais.

– Já tem uma preferência? O papai também? – Perguntou animada.

Eu devia ter lido algum manual de perguntas médicas antes disso tudo. Sequei as lágrimas

– Não, eu não tenho preferências. E não tem pai. – Tentei sorrir. – Só a mãe mesmo. – Mas acho que ele escolheria um menino. Todos os pais querem um menino.

– Bom, espero que fique feliz com uma linda menina. – Sorriu apontado para a imagem. – Essa mocinha gosta de se aparecer.

Era estranho e perfeito. Uma filha. Deus, tem certeza que vai me deixar colocar um ser tão pequeno no mundo depois de tudo o que aprontei na vida? Sabe que America cuida de mim porque eu não sei diferenciar as coisas da vida?

– Essa é a mãozinha dela, é complicado vê-la nessa fase porque geralmente com esse tempo eles mudam muito. Pelos exames saberemos melhor, mas pelas imagens deve estar com quatro meses completos.

– Pelas minhas contas também. – Sussurrei.

Mais uma vez aquele som fez meu coração bater mais forte. Stella me deixou na sala por alguns minutos e me troquei. Mas não conseguia parar de chorar. Depois de ouvir o coração, parecia que ela estava em todos os lugares.

– Eu prometo que vou melhorar, por você. – Sussurrei.

Peguei minha mochila e Stella voltou, me passou alguns exames e marcou um retorno. Agora eu não podia mais fugir. Andei algumas quadras depois que deixei o hospital. Eu precisava contar a America, ela surtaria. Esperei mil toques até ela atender.

– Que demora.

– Melissa! Uma semana sem me dar notícias, está ficando louca? – Gritou realmente irritada. Como eu sentia falta dessa histeria toda.

– Tenho uma novidade.

– Conta logo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Abracei a barriga

– Teremos uma menininha na família. – Cantarolei.

– O... o que? Me... Melissa, é uma menina?

– Sim, é uma menina. Eu, eu ouvi o coração dela e é tão incrível, ele... Ele bate rápido e aí eu chorei. Ela é tão linda... Quer dizer, eu sei que é. Eu não acredito, vou mesmo ter um bebê?

– Ah meu Deus, Melissa. Eu vou ser titia de uma menina!

Alguma coisa caiu do outro lado.

– America?

– Estou bem, estou bem. Eu preciso contar a novidade ao Scott, ele vai surtar e já aviso ela é minha afilhada. Nada de dar para o casal, casal um caramba. – Resmungou.

Sorri.

– Estou sentindo sua falta aqui...

– Não chora Melissa, por favor, não faz isso comigo. Eu vou dar um jeito e vou chegar aí.

Me agachei na cabine. Parecia que o mundo estava desabando de vez para depois eu recolher o que sobrou.

– Eu estou com medo. Não sei como vou cuidar dela. – Isso era o que mais me assustava.

Eu não poderia trabalhar a vida toda em uma lanchonete onde era escravizada.

– Uma família lembra? Não vou te deixar ursa.

– Promete?

– Prometo. Essa criança precisa de alguém que tenha a cabeça no lugar e que não vai esquecer de alimentá-la e cuidar dela. Porque eu não confio na mãe dela. – Sorriu.

Isso era verdade.

– Encontrei com ele ontem. – Sussurrou. – Não perguntou mais por você, mas às vezes parece querer saber alguma coisa.

– Legal você me contar isso.

– Acha que ele não se importa?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Talvez se importe, ou só está tentando consertar as coisas.

– Não sei e também não me interessa. Bom, notícia dada, vou tentar me explicar no meu trabalho e esperar pacientemente que a *Brooks* aceite meu currículo. Preciso de um emprego novo e que não me faça querer ter vontade de matar os clientes e meus patrões.

Brooks era a única editora na cidade que quis aceitar meu currículo mesmo tendo a visão da minha barriga em crescimento.

– Tudo bem urso, se cuida e me liga amanhã, me ligue a semana toda. Te amo garota.

– Eu também

Desligou.

– Por enquanto somos nós duas, até que alguma coisa mude. Prometo melhorar. Só colabora e não me faça perder o emprego por vomitar na hora errada.

Ela estava ficando boa nisso. Estava puxando a mim e ninguém precisava saber disso ainda.

CAPÍTULO 19

MELISSA

Me sentia terrivelmente cansada. Me arrastei até o banheiro e cochilei embaixo do chuveiro, meu cabelo por mais que eu lavasse mil vezes, parecia ainda cheirar a gordura o que consequentemente me fazia colocar a refeição do dia para fora. E nas últimas semanas eu não conseguia comer nada, nem forçando. Apolo me acompanhou até a lanchonete, ficou do outro lado da rua me esperando como em todos os dias.

– Duas mesas. – Harper gritou.

Coloquei meu avental e peguei as bandejas. Minha vontade era de fazê-la engolir as duas, mas não, eu precisava do emprego, precisava do dinheiro. Entreguei os pedidos na mesa, a casa estava cheia e isso era perfeito, todos aqueles gritos e choros e risadas – todo o oxigênio infectado. Às vezes sentia meu anjinho mexer, mas como a mãe, se mexer era muito a praia dela, então era só um modo de dizer "estou aqui", era a única coisa que fazia me sentir viva, por ela eu fazia todas as coisas. Na décima quarta vez, eu não resisti e me sentei comendo um pedido. *Harper me gritou.* Certo, eu não devia ter feito isso.

– Já trago seu pedido. – Falei a senhora que esperava.

– Na minha sala agora, Melissa. – Seus olhos de cobra estavam me devorando antes mesmo que eu pudesse sair do lugar.

Droga!

Eu sabia que ouviria muito e corria o risco de ser mandada embora, mas o que posso fazer? Estava com fome, cansada de andar de um lado a outro sem cessar.

– Com licença.

– O que acha que está fazendo? – Gritou.

– Me desculpe...

– Essa é a quarta vez na semana! Você não pode comer os pedidos dos clientes, garota!

– Eu não faço mais. Me...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Você está aqui para trabalhar e não para ser sustentada. Agradeça que a aceitamos aqui. Se isso se repetir, não teremos escolhas...

– Por favor, não me mande embora. Eu preciso do dinheiro, prometo que não como mais lanche nenhum. – Esse lance de se humilhar não era comigo.

Bufou.

– Essa é a última chance. Agora vá.

Velha nojenta vai morrer de tão gorda. A escravidão já acabou e um lanche não vai matar ninguém. Passei a manhã andando de um lado a outro de mesa em mesa. Consegui alguns restos de lanche para o Apolo. Parecia faminto.

– Está atrasado o pedido da mesa 10.

– Eu não trabalho na cozinha, então não me culpe. – Certo, respira. – Eu vou entregar o pedido da mesa dez. – Fingi um sorriso.

Faço isso por você querida, porque pela mamãe, eu já teria colocado fogo nessa porcaria. Mas faço por você.

– Anda logo.

– Não precisa mandar de novo.

Consegui sentar algumas vezes e para a segurança de todos me afastei de um grupo que não se tocava que eu não estava disponível e grávida. Segurei a garrafa com força.

– Não vai nos servir princesa? – Um garoto perguntou tocando minha mão. O encarei por dois segundos.

– Vamos fazer assim, tire essa mão imunda da minha e você volta para casa com seu rostinho inteiro.

Sorriu.

– A gata é perigosa. – Comentou aos idiotas que o acompanhava.

– Não imagina o quanto. E fica muito pior quando está com a cria.

– Não tenho medo do perigo. – Subiu a mão um pouco. Quebrei a garrafa na mesa apontando o que sobrou.

– Então acho que não se importará ter uma linda lembrança nessa sua cara estranha.

Se afastou assustado, eu não estava mais aguentando isso. Toda a pressão e humilhação. Por Deus, eu estou grávida!

– O que está acontecendo aqui? – Harper! Por que ela sempre aparecia na hora errada?

– Nada, eles deixaram a garrafa cair e querem trocar. Isso pode? – Sorri ao me virar.

– Não. Terão que pagar outra. – Harper os encarou.

Ótimo.

– Ouviram? Terão de pagar outra.

Me afastei ou mataria um deles. Seis da tarde. Era minha deixa e não custava nada fazer corpo mole. Tirei meu avental, peguei minhas coisas e sem dizer adeus, voltei para casa. Apolo corria na frente com uma garrafa na boca. Precisei parar algumas vezes, um calafrio me fazia ficar tonta, fiquei feliz ao avistar a casa de Molly.

Sábado passado ganhei meu primeiro presente, um sapatinho rosa. Era lindo e real. Ouvi sussurros quando abri a porta, Apolo entrou primeiro e Molly o cumprimentou. Tudo o que eu precisava era de um banho e cama, meu corpo estava exigindo isso. Molly me chamou e segui Apolo até a sala, sorria, uma garota me encarou da cabeça aos pés.

– Demorou querida. – Molly sorriu.

– Essas quedas de pressão estão me matando. – Tentei sorrir desconfortável com o olhar. – Stella disse que preciso de repouso, mas eu não posso no momento.

– Oh sim, você precisa. Bom, deixe-me apresentar, Melissa, essa é Renata, minha neta.

Me aproximei na intenção de cumprimentá-la, mas recuei quando vi seu olhar.

– É ela que está aqui? E está grávida? Vovó como você coloca uma desconhecida dentro de casa. – *O prazer é todo meu.*

Eu não merecia mais isso. Fechei a mão, eu devia socá-la sabia? Sabia.

– Melissa é filha da minha amiga.

– E por que ela não vai para casa da mãe dela? – Renata não se deu o trabalho de perceber que eu estava bem ali.

Ultimamente me atingir estava sendo fácil.

– A mãe de Mel é falecida, Renata. Não seja malcriada porque sei que não é.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Me encarou.

– E onde vou dormir agora?

No inferno se você quiser. Dei as costas seguindo para as escadas. Falaria com Molly depois, era mais fácil ignorar no momento.

– *E ainda por cima tem um cachorro.*

Apolo me acompanhou e ignorei os sussurros no primeiro andar. Me joguei na cama me esquecendo até do banho. As lágrimas me assustavam. Tudo bem, eu já devia ter arrumado um lugar para ficar. Já foram três meses e daqui a alguns meses eu vou ter um filho – Deus, por que isso ainda é surreal? E por que ainda estou aqui? Molly não tinha a obrigação de me receber e a filha da mãe da neta dela tinha razão. Apolo arranhou a porta até que abriu.

– O que é isso? – Peguei o aparelho em sua boca. Renata. – Onde você pegou? Isso é feio, aquela garota é má.

Latiu.

– Mas ela me irritou muito hoje e se quiser ligar para alguém, que vá ao inferno.

Abri a janela o máximo que pude e atirei o celular. Ouvi o barulho, com a força devia ir para o outro lado do mundo.

– Me sinto um pouco melhor agora garoto. Prometo que vou arrumar um lugar para nós três. Eu, você e a nossa pequena. Eu sei que sente falta dele, mas ele não nos quer e você sabe disso.

Tirei a roupa me arrastando até o banheiro. Minha barriga estava um pouco maior. Cinco meses. Como o tempo passa tão rápido? Tomei um longo banho, me sentei no chão frio deixando as lágrimas virem e dessa vez nem minha ignorância conseguiria contê-las. Idiotas como eu merecem sofrer mesmo. Qual foi a promessa que fiz esse ano, pai? Ah sim, arrumar um emprego, ou pelo menos me manter em um e não ser malcriada. Eu consegui em poucos meses perder dois empregos, bati em umas três pessoas, quase perdi sua casa e agora perdi de vez, me casei depois de aceitar uma proposta absurda, mas eu sou absurda, me apaixonei por um idiota, tentei consertar as coisas e dei de cara no chão, agora estou solteira de novo, legal, não é? Não! Estou grávida também, isso é o bônus.

Quer saber mais? Eu arrumei um emprego, estou trabalhando da maneira que posso e aturando até o que não posso, tudo para poder ser alguém melhor, mesmo que algumas pessoas insistem em fazer meu lado mal ressurgir. Bom, mais da metade de mim queria explodir o Arizona, mas respiro fundo e sigo em frente. Mentira, eu quase não respiro e se respirar fundo demais, acho que explodo realmente.

Acho que nunca vou ter sorte na vida, não é possível ser tão azarada assim. Agora preciso arrumar um outro lugar para ficar, temos mais uma na casa e dessa vez eu não estou na razão. Mas não é porque a casa não é minha, que vou deixá-la me dizer o que quiser. Eu sei que errei em jogar o celular dela pela janela, mas veja pelo lado bom, poderia ter sido ela.

– Melissa.

Molly.

– Já vou.

Na verdade, eu não queria ir a lugar nenhum, mas era a Molly chamando. Consegui ficar de pé, puxei uma camisa na cadeira e a vesti. Ultimamente roupa demais me sufocava e Stella me aconselhou a ficar relaxada. Ótimo. Abri a porta e vi a bandeja em suas mãos, sorriu.

– Sei que não vai descer para comer, então vim trazer seu jantar.

– Não precisava. – com certeza depois que a sua adorável cobrinha dormisse eu ia até a cozinha ter um encontro com a geladeira. Segurei o riso.

– Não ligue para a Renata, ela sempre foi ciumenta.

Ela tem namorado? Pois, precisa.

– Tudo bem. – É só ela não cruzar meu caminho mais de duas vezes no dia.

– Eu já conversei com ela e você vai ficar quanto tempo quiser. Com o tempo ela se acostuma.

– Obrigada de verdade, mas não quero causar problemas.

Desculpa Molly, estou em desvantagem então não quero ficar se não posso pelo menos colocá-la em seu devido lugar e a raiva me frustra.

– Não vai causar. Coma tudo, depois volto aqui para ver se realmente se alimentou.

Apertou minha bochecha. Me sentei na cama arrastando a bandeja comigo, em menos de cinco minutos acho que matei um pouco da fome, ainda tinha

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

barras de cereais na mochila e também as liquidei. Stella me mandou parar com isso, alguma coisa devia estar errada, mas evitava pensar assim, ainda tomava todas as vitaminas que me deu – e isso me dava mais fome – e comia tudo o que mandava. Estamos bem.

....

Acordei com a sensação de que a casa ia cair. Um som alto fazia até a cama balançar e não, não era a Molly. Apolo me encarava já vendo a minha reação. Essa garota queria mesmo guerra? Ela acabou de chegar! Me arrastei até o banheiro e tomei um banho frio. Meu dia de folga, mas eu não o passaria em casa, eu não queria sair fugida da cidade caso uma casa pegasse fogo de repente. Ouvi os sussurros de Molly na cozinha e tentei ser rápida, mas ela me viu e me arrastou a mesa. Renata me encarou e, ela nem imaginava o quanto de nomes ela já ganhou em meu interior. Cansei de ser boazinha, coisa que nunca fui.

– Aonde ia sem se alimentar? – Molly afagou meu cabelo.

Ficar aqui me causará indigestão.

– Estou sem fome.

– Sente-se e coma um pouco.

Não soltei a mochila, arrastei a cadeira e cruzei os braços.

– Melissa, não é? – Renata perguntou depois que Molly se afastou.

Assenti.

– Vovó me contou que seu filho não tem pai.

Molly me fitou.

– Bom, a minha vida pessoal não diz respeito a ninguém.

– Melissa tem razão, deixe-a em paz.

Deixe-a em paz, como se ela representasse algum perigo. Deu de ombros. Molly saiu da cozinha e acompanhei seus passos até a escada. Apolo já me esperava na porta, eu precisava dar um fim nisso.

– Olha aqui garota. – Falei batendo na mesa e contendo o riso pelo susto que tomou. – Não sei quem é você e isso também não me importa, a minha vida ou o que faço não te interessa. Estou passando por meses de cão e se você ainda quiser ter paz, é bom que não cite meu nome nas suas conversas e nem pense nele, algumas pessoas dizem que tenho algum pacto com o mau. –

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Gargalhei, e vi seu olhar assustado virar algo cômico. – E sei bem quando sou citada. Costumo não avisar o que faço, mas posso te passar os nomes de quem já cruzou demais meu caminho e se arrependeu. – tá, não é para tanto. – Então, para o bem de todos, me esquece enquanto eu estiver aqui. – Me afastei. Molly entrou na cozinha me fitando.

– Já vai?

– Vou sim, tenham uma boa manhã. Até mais Renata.

Apolo andou do meu lado, caminhando sem rumo, isso era tão nós. Eu sabia que Renata não ia desistir até que eu desse o fora, por isso já vou me preparar. Alguns meses vivendo com os meninos do Texas, aprendi a como mudar o visual da noite para o dia. Sorri.

Seguimos pela feira no centro da cidade, era o dia em que havia turista até do fim do mundo. Um grupo dançava no meio da rua, Apolo correu para uma barraca onde bolhas de sabão eram jogadas de algum tipo de brinquedo. Precisei arrastá-lo, mas ele voltou.

– Quanto custa?

– Cinco dólares.

– Isso faz bolas de sabão e não ouro.

O homem me deu as costas.

– Tá legal, eu vou levar.

Apolo pulava em mim esperando que eu assoprasse o brinquedo, no fim, não era tão chato, o problema era meu fôlego – eu dividia o meu com um ser minúsculo dentro de mim. Entrei em uma loja de roupas de bebês e essa era a primeira vez que eu entrava em uma. Imaginei Anna ali, seria apenas coisas que chamassem a atenção, no fim a bebê andaria como uma obra de arte. Escolhi dois vestidos, eu acho rosa bonito, mas isso era tão comum. Então escolhi um preto com branco e um vermelho. Em outra loja comprei uma gravata, mas Apolo não gostou muito.

– Está lindo e se tirar as coisas não vão ficar legais para o seu lado.

Ele só parou quando joguei mais bolhas de sabão. Que graça tinha comer sabão? O tempo estava fechando, paramos em uma praça e comprei dois sanduiches, as pessoas nos observavam. Estranho um cachorro sentado à mesa. Sorri.

– O que acha de colocarmos aquela nojenta no lugar dela? Já aviso que corremos o risco de ir para a rua, mas na raiva que estou, não vou nem me importar.

Latiu.

– Isso aí garoto.

Terminamos de comer e voltamos a multidão. Perdi meu cachorro de vista duas vezes e precisei prendê-lo. Minha boca estava seca e senti o lanche se remexer dentro de mim.

– Ah não filha, agora não. – Parei pegando ar.

É, ela não entendeu o recado e esperou gentilmente até que eu parasse em uma das barracas de quadros. Eu juro que tentei.

– Meus quadros!

– Me desculpe senhor.

Filha!

– Você vai pagar.

– Não dá para lavar?

– Não!

Ótimo, lá se vai o meu dinheiro e nem dá para sair correndo.

OLIVER

– Oliver, não precisa ir embora agora. – Minha mãe tentou me parar.

– Já estou a três meses aqui. Acho que está na hora de voltar para casa.

Anna me encarava deitada em minha cama.

– Ele não quer ir, mas a "família" está tomando conta demais da vidinha dele com a outra lá.

A ignorei.

– Ele sabe o que faz... ou não.

– Mãe, você também não.

– Não posso me proibir de dizer que minha preferência é a Melissa, Oliver. Eu nunca escondi isso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Entendam uma coisa. Meu casamento era uma farsa.

Levei minhas malas para o carro. Não fiquei para o almoço, pretendia trabalhar um pouco sozinho. Meu apartamento parecia esquecido, Margareth ficou de limpá-lo duas vezes na semana e separaria o que Melissa deixou para depois eu, entregá-los na casa de America. Mas nem ela sabia onde Melissa estava, ou não queria me contar.

Tomei um banho, respondi alguns e-mails, em cima da minha cama havia algumas camisetas que Melissa usava e jogava em qualquer lugar pelo quarto. Suas meias coloridas, isso me fez rir. Ao lado da cama um cesto com uma folha pregada, era a letra dela. "**Brinquedos do meu bebê**". Por mais que tivesse muitos brinquedos, ele preferia comer minhas coisas. Nem parece que já fazem quatro meses que ela se foi – eu precisava admitir que sentia falta de todas as suas idiotices, era única.

Coloquei o cesto na cama. O virei vendo as bobeiras que Melissa comprou. Uma meia minha estava no meio, minha escova de dente? Apolo! Eu sentia uma falta absurda deles. Eu podia admitir isso, porque eu sentia e nada parecia fazer sentido, chegar em casa, almoçar, jantar, dormir, sem eles era silencioso. Papel picado, outra meia e uma caixa.

Eu vi Melissa com uma dessa na mão no dia em que foi embora, soltei o cesto e a peguei. A sacudi e ouvi um barulho, abri a caixa pegando um pequeno aparelho. Isso é um... teste de gravidez? Virei o cesto na cama e outro aparelho caiu, cheio de marcas de dentes. Já vi Mona com um desses um dia e, não, não, não. Isso não é possível. Ou é? O que Melissa está me escondendo? Droga!

CAPÍTULO 20

OLIVER

Joguei os testes em algum lugar no carro, minha mente trabalhava a mil. Melissa não faria isso, faria? Ah, claro que ela faria. Era Melissa Sanders, aquela que não te ouvia e sua opinião não importava.

America não estava mais trabalhando, sem saber ao certo para onde ir, segui para seu apartamento. Estacionei de qualquer jeito, peguei a maldita caixinha que caiu embaixo do banco e subi. Me sentia cansado, mas sabia bem o porquê. Quatro meses, ela foi embora a quase quatro meses. E provavelmente já sabia que estava... Ah droga! Bati algumas vezes até America me atender um pouco espantada.

– Oliver?

– Me explique isso, por favor. – Lhe entreguei a caixa. – E não minta mais porque sei que sabe onde ela está. – America me olhava assustada.

– Por que quer saber? Deixa ela em paz. – Pediu.

– Ela está grávida. Eu sou o pai, não sou?

Sussurrou algo como "ela vai me matar". Abriu mais a porta e me deixou entrar.

– É, infelizmente você é o pai. Sabe que ela vai me matar por eu contar onde ela está, não sabe? A Mel foi embora assim que descobriu a gravidez, eu até queria que ela te contasse, mas ela não queria mais atrapalhar seus planos. Ela descobriu no mesmo dia que foi embora, como vocês nunca desconfiaram da fome excessiva e do sono pesado, se bem que ela já tinha esses costumes antes. – Divagou. – Aí vocês brigaram e você se irritou por causa do Apolo e falou certas coisas que não devia. Isso a fez querer ainda mais ir embora, então antes que a barriga começasse a dar sinal, ela foi.

Não era a minha intenção.

– Onde ela está?

– Arizona. E meu Deus, ela vai acabar exterminando a cidade. Mas por favor

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Oliver, eu sei que você é o pai, mas não a magoe, deixa ela viver a vida dela, por mais que isso esteja sendo difícil, eu a quero por perto, mas eu sei que não vai ser fácil para ela ficar perto de você grávida e tendo que aturá-la idolatrar a outra. Ela precisa de ajuda, estava trabalhando mais do que aguenta, tem as coisas que ela precisa arcar como consultas, coisas do bebê e tudo mais e eu estou aqui sem poder ajudar como posso. Ela não precisa de alguém a frustrando de novo.

– Mas...

– É difícil saber sobre os sentimentos dela Oliver, mas tenho certeza que ela gosta de você, é difícil para ela. – Respirou fundo. – Tá legal eu sou egoísta, vá buscá-la. Se prepare, ela sabe atirar. A gravidez a deixou bem pior do que antes.

America me passou o endereço da casa onde estava e o local onde trabalhava, cinco meses. Ela estava de cinco meses, seis quase? Eu estava fazendo as contas tantas e tantas vezes. Três meses e meio que foi embora, quase dois meses depois de voltarmos da casa de campo quando começou com enjoos e colocar na cabeça que era culpa da indústria.

Pai! Literalmente não estava nos planos, isso muda tudo então.

Liguei para Harry e pedi que conseguisse o primeiro voo para o Arizona. Pela hora e se não houvesse atrasos eu chegaria lá antes das seis. Vi o lado bom de não ter desfeito as malas. Harry me encontrou no aeroporto e sem perguntas segui para o voo. Pela primeira vez eu não sabia o que estava sentindo e nem o que esperar de tudo isso.

MELISSA

Coloquei um sanduíche para fora, na verdade eu queria ter feito isso quando a desgraçada da nova inquilina passou na minha frente, mas não, consegui chegar até o banheiro depois de fazer uma visitinha no quarto da própria. Ela queria guerra? Então ela teria guerra. Começando pela cabeça.

Estava suando frio, minhas pernas estavam cansadas e trêmulas. Apolo ficou me encarando da porta quando consegui chegar até o banheiro. Abri o

chuveiro e deixei a água cair fria sobre mim com roupa e tudo, Harper me fez limpar a lanchonete noite passada e minhas costas não estavam se aguentando – eu não estava me aguentando. Estava quase dormindo quando bateram na porta, me levantei marcando a madeira do quarto, o cabelo caindo em meus olhos e me deixando quase como uma psicopata de filme de terror. Que se dane, era só a Molly e ela me adorava.

– Parece cansada.

– Oi Molly. Algum problema? – *Problemas não! Problemas não!*

– Harper quer falar com você.

Nem na minha folga essa cobra me esquece? Peguei o telefone e fechei a porta. Já conseguia sentir a fúria vir em mim nas suas primeiras palavras. Eu só queria dormir e parar de enjoar e pensar que tudo poderia ficar bem pelo menos um dia da minha vida.

– Eu não vou trabalhar hoje! É minha folga.

– *Podemos despedi-la então. Não será nenhum problema, sem contar que terá de pagar suas contas aqui também...*

Respira Melissa.

– *Você escolhe.*

Eu escolho. Certo.

Abri a porta irritada depois que desliguei. Renata sorriu e deu sorte por eu não ter jogado o telefone na cara dela. Desci me arrastando sentindo o sangue esquentar. Estou cansada disso. Cansei de ser boa. Agora é oficialmente guerra e que se dane o resto.

– O que ela queria? – Molly me perguntou por cima do ombro.

– Me escravizar. – Coloquei o telefone no lugar e voltei ao quarto.

Renata passou por mim segurando sua toalha. *Que seu cabelo caia todo, sua desgraçada.* Peguei todas as roupas da bebê que eu havia comprado e algumas minhas. Joguei a mochila pela janela – ninguém precisava saber que eu estava indo embora. A pegaria depois, já tinha a certeza que seria mandada embora mesmo. Sequei a lágrima, coloquei uma calça que me ajudaria a correr e uma camiseta. Prendi o cabelo e me matei até conseguir calçar meus sapatos – minha coluna.

Molly tentou me parar na porta, mas a abracei e agradei pela ajuda. Ela

saberia depois que fui embora e tenho certeza que até agradeceria. Apolo me acompanhou como um bom menino.

– São quase sete da noite menina, por que vai trabalhar a essa hora?

– Casa cheia. Eu preciso ir e obrigada por me aturar. Obrigada por tudo.

Uma já foi.

Senti o sangue gelar de novo, meu estômago roncou. Fome. Essa não era a hora para sentir fome, mas eu estava com fome. Apolo correu para o seu posto. Acaricieei seu pelo e o chamei para que me seguisse – dessa vez você pode. Essa velha mexeu com a pessoa errada e eu estava longe de ser aquela que deixava tudo quieto. Ela não me conhecia e na fúria que estou, destruo o mundo só com o pensamento.

– Está cinco minutos atrasada. – Urrou assim que me viu passar pela porta. – Cachorros lá fora!

– Hoje é meu dia de folga!

– Folga? Não Melissa, suas falhas compensam as suas folgas. – Me jogou o avental. Fechei os olhos. Ouvi alguém gritar meu nome em uma das mesas.

– Ouviu? Chamaram o seu nome. – Me empurrou.

Me virei encarando o idiota que acenava.

– Esse é o pedido. – Me entregou a bandeja com dois copos de suco de laranja. E um hambúrguer. Respirei fundo e abri um falso sorriso a pegando.

Contava os passos pensando se seguia em frente com o meu ódio diário ou desistia como uma boa menina. Escolhi a primeira opção, porque eu nunca fui uma boa menina. Meu estômago se embrulhou com o sorriso do idiota que logo sumiu quando o suco de laranja visitou seu cabelo. O outro eu peguei para mim, é claro.

– Pega, Apolo. – Lhe joguei o hambúrguer ganhando olhares de todos os lados.

Desfilei entre as mesas com meu suco na mão. Harper me encarava e senti uma mão tocar meu ombro. July.

– Mel o que está fazendo? – Murmurou amedrontada.

– Decidindo entre colocar fogo nessa porcaria ou só, destruí-lo.

– Você está grávida, pense no bebê.

– Estou grávida e não morta. Eu aturei isso por todos esses meses. E acho que agora posso me divertir um pouco.

Se afastou quando Harper saiu de trás do balcão furiosa. Aposto que estou muito pior. Deu alguns passos e me encarou, soltei o copo o deixando cair de propósito.

– O que está fazendo? – Gritou.

– Cobrando o meu salário que você não vai pagar. – Dei as costas. – Hoje tudo é por conta da casa. – Gritei e vi a alegria em cada pequeno rosto. Me afastei parando em uma mesa. Enchi a mão de batata frita de uma criancinha que me encarava sem piscar. – Sabe, não sei como vocês comem essas porcarias. – Bati na bandeja de July.

Eu podia ver todas as veias de Harper saltarem. Segui para o balcão e abri as torneiras de refrigerante. Eu sempre quis beber naquelas torneiras, e era bom.

– Eu não entro nessa cozinha, já vi baratas.

Uma senhora foi a primeira a se levantar.

– Pare já com isso Melissa!

– Eu? Parar? Por quê? Não responda, não vou parar até que eu me sinta bem.

– Segui para as prateleiras com os copos intocáveis da casa. Joguei um a um no chão. Ela ia explodir. Era assim que eu queria. – Estou cansada disso tudo, às vezes chamo July de guerreira por aturá-los a tanto tempo. – Subi em uma cadeira e consegui enfim ficar em cima do balcão. Chutei algumas coisas enquanto caminhava sobre ele. – Só que sou bem diferente dela. – Puxei a mangueira de refrigerante molhando umas dez pessoas na mesa perto demais.

Harper tentou se aproximar, mas a impedi. Eu estava no poder dessa porcaria.

– Eu quero que isso se exploda. – Desci com muita dificuldade. – E não me importo quem irá para o espaço junto.

– Eu vou chamar a polícia.

Lhe atirei o telefone.

– Chama, não será a primeira vez. E já aviso, eu sempre volto.

Sentia o descontrole tomar conta de mim. Não havia mais copos, arremessei pratos, empurrei mesas. E todos assistindo. Inventei algumas mentiras, é claro. Apolo aproveitou a deixa para aterrorizar como sempre. Vi July sorrir pela primeira vez em um dia de trabalho.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Guerra de comida! – Gritei e em segundos os mais novos chamados crianças e adolescentes começaram a atirar hambúrgueres para todos os lados.

Harper gritou para que parassem, mas não estava sendo muito ouvida. Eu pretendia fazer aquilo cair, ela resolveu me perturbar em um péssimo dia. É, a Melissa estava de volta.

OLIVER

Meu voo atrasou vinte minutos, em duas horas chegaria ao Arizona graças ao atraso. Cinco e meia. Bati os dedos impaciente no encosto da cadeira a meu lado. Tentei relaxar, mas não conseguia. Como vou explicar isso a Isabel? A minha família? Eu não sei nem por onde começar.

Harry pediu que ligasse assim que chegasse, ele merecia uma explicação por eu tê-lo feito agir rápido sem nenhuma explicação. Me remexi mil vezes no lugar até que as horas enfim pareceram passar, pela janela vi o céu já escuro e em poucos minutos estaríamos pousando. Em um dia muita coisa já aconteceu, ou melhor, em algumas horas tudo mudou.

Assim que pousamos segui para pegar minhas malas e chamei um táxi. Mostrei o endereço da casa da mulher e mais quinze minutos até o local. Pedi para o taxista esperar – eu só precisava vê-la ali. Dois passos e bati na porta, dei algumas voltas no lugar. Estava nervoso. Uma senhora apareceu, logo atrás uma garota gritava descontrolada o cabelo dela estava meio branco prateado, ou era azul? Não importava!

– Pois não?

– Estou procurando Melissa Sanders. – Pelo olhar da garota, esse era o último nome que ela queria ouvir no momento.

– Ela saiu, está no trabalho já faz uns quinze minutos.

– Você é o que dela? – A garota passou a frente irritada.

O que ela diria que eu era? Deixa quieto.

– Marido.

– Me faz um favor? A leve para o inferno, mas não deixe que ela volte, ou traga aquele monstinho com ela! – Gritou.

– Renata suba! – A senhora mandou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Olha o que ela fez no meu cabelo vovó! Ele está caindo horrores. – Começou a chorar. – Eu a quero longe daqui!

– Obrigado. – Foi tudo o que consegui dizer.

Melissa fez aquilo? Não segurei o riso quando entrei no táxi. Era possível ouvir os gritos da menina na esquina. Seguimos para a lanchonete, daria uma boa caminhada andando. Encarei o relógio. Uma placa iluminada me indicava o local, havia algumas pessoas na porta.

– Espero? – Perguntou o taxista.

– Espera. – Pedi.

Bati a porta e uma música alta invadiu o lugar. Empurrei quem estava na frente até conseguir entrar. Tinha comida para todos os lados, pratos e copos quebrados, pessoas sujas de *hambúrguer* e provavelmente refrigerante, crianças sorrindo – isso parecia divertido para elas. Um furacão passou ali. Do outro lado uma mulher tentava parar a bagunça e não demorou para eu reconhecer a pequena mais à frente. Mesmo de costas eu conhecia Melissa Sanders e não duvidava nada de que tudo isso começou com ela.

Segurava um copo com um líquido preto e balançava o corpo ao som da música. Tirando as crianças, ela era a que mais parecia se divertir, até que o som cessou depois que um homem magro puxou os fios da máquina e um coro soou indignado.

– O que pensa que está fazendo? – O homem gritou. Ela atirou o copo nele o fazendo se agachar de susto. Ela fez isso mesmo?

– Estou cobrando os meses infernais que eu passei aqui. – Ela queria chorar.

– Os dias que não pude me sentar, as folgas, as cobranças, a presença de vocês. Para mim já deu! Eu quero que isso se exploda com todos vocês dentro. Mesmo assim é pouco, não vai compensar minhas dores nas costas. – Atirou outro copo. – Minha falta de sono. – Atirou outro. – E nem minha fome. – Puxou alguma coisa do balcão e colocou na boca. – E olha que eu avisei, várias vezes.

– Você vai pagar tudo isso, ou vai presa.

– Vamos lá, chama a polícia. Eles vão adorar saber que os funcionários não têm férias e nem folgas.

O homem a encarou. Acabou os copos para serem jogados e o vi se levantar

indo em sua direção. Melissa fechou as mãos.

– Aqui você não fica mais.

– Com certeza não. – O enfrentou.

– E já que não saiu por bem, vai sair... – entrei na frente.

– Não vai tocar nela. – Tudo menos isso.

– Quem é você? – Me encarou.

– O marido dela.

Senti que se afastou. Me virei para encará-la, Apolo me empurrou para trás. Meu Deus, como ele estava grande, mas não foi isso que me chamou a atenção. Melissa tocou a barriga como se tentasse esconder o impossível. Cinco meses e grande desse jeito? Estava linda, apesar do olhar selvagem, os cabelos caindo no rosto e visivelmente cansada. Podia ouvir sua respiração alta.

– O que está fazendo aqui? – Perguntou cerrando os dentes.

– Por que não me contou?

Me empurrou me socando.

– Me deixa em paz você também.

Se virou empurrando quem estivesse na frente. O homem não me deixou sair até que eu pagasse pela bagunça. Lhe joguei um cheque e saí o ouvindo protestar pelo valor. Apolo pulava e latia e sim, eu senti a falta dele. Melissa seguia na frente a passos apressados. Corri e consegui alcançá-la.

– Pare!

– Me solte. – Me empurrou. Estava chorando.

– Você fez aquilo sozinha?

Fitou o chão.

– Que droga, Oliver! O que faz aqui? Precisa de mais algum serviço?

– Por que não me disse que estava esperando um filho meu?

– Minha! Ela é minha... só minha. – Me apontou o dedo. Tinha queijo no seu cabelo. Ela estava horivelmente engraçada.

– É nosso e não se discute mais. Quando ia me contar? Pensou nisso algum dia? – Eu queria fazer muitas perguntas.

Passou as mãos nos cabelos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Não estava nos planos uma criança, Oliver. Não poderia simplesmente mudar sua vida assim. Cara, você quer se casar se não já estiver casado com a mulher da sua vida. Uma criança atrapalharia em tudo e você mesmo disse que não queria crianças, que não queria nada que viesse de mim. – Isso doeu. Doeu em mim. – E entre arrebentar a sua cara por olhá-la sem amor e ir embora e fazê-la feliz. Eu escolhi a segunda opção.

– Eu falei sem pensar droga!

– Fizemos muitas coisas sem pensar, Oliver. Acha que eu queria estar grávida? Ou melhor, acha que eu queria estar grávida de você? Não. Eu não queria, eu não queria muitas coisas. Eu não queria ter uma grande responsabilidade, eu só queria a minha vida de volta onde eu podia mandar no meu nariz. Eu estaria bem com a possibilidade de morar na rua, mas agora eu tenho um bebê. Não posso simplesmente ser aquela garota que eu fui, isso me frustra e me irrita muito, porque... Eu estava bem aqui. – Fungou.

– Estava? Eu vi como estava. Você destruiu uma lanchonete sozinha e acabou com o cabelo da garota onde você morava.

Sorriu em meio às lágrimas. Essa era Melissa Sanders.

– Eu tive motivos.

– E eu tenho os meus, um deles é o meu filho e você vem comigo.

Segurei sua mão a arrastando para o táxi. Ela tentou me morder e se soltar, me bateu, me socou, gritou socorro, abraçou uma árvore, mas eu não a deixaria. Ela viria comigo e daríamos um jeito. Eu precisava. Por elas.

CAPÍTULO 21

OLIVER

– Solta a porta do carro e entra, Melissa. – Me encarou.

– Eu não vou com você. Se não me largar eu vou gritar. – Cravou as unhas na minha mão.

– Grite. O que você tem na cabeça? Você não está em condições...

– Se eu tivesse uma arma agora você ia ver o tamanho da minha condição.

Com muito esforço consegui colocá-la no carro, mas estava vendo a hora que o motorista me mandaria descer se ela não parasse de gritar e me bater. Seus cabelos estavam caídos, ela estava cheirando a batata frita e grudando. Segurei seus braços a fazendo parar, mas ela voltou a gritar pedindo socorro. Eu não sabia se a abraçava ou se batia a cabeça dela.

– Não ligue para ela, nos leve ao hotel mais próximo. – Pedi.

Ela parou por um tempo.

– Eu não vou com você!

– Você vai!

Cutucou o motorista se aproximando

– Ele está me sequestrando.

– Eu sou marido dela. – A puxei para trás.

– Não é não.

– Olha a aliança no seu dedo.

Ela voltou a usá-la.

– Esse é o problema? – Perguntou arqueando a sobrancelha a jogando pela janela.

– Isso não vai mudar nada. Ou vai jogar meu filho também? – Me socou e parou segurando a cabeça.

– Eu preciso pegar minha mochila. – Resmungou.

– E onde ela está?

Me fitou pela cortina de cabelo.

– No jardim da Molly. – Sussurrou.

Pedi para o taxista voltar. Melissa fechou a cara e mexia os dedos nervosa e eu tinha certeza que ela queria socar alguma coisa. Passou as mãos na barriga, eu queria fazer a mesma coisa, mas ela poderia arrancar minhas mãos. Então apenas observei. Paramos minutos depois na casa da senhora Molly. Melissa abriu a porta e saiu quase na ponta dos pés. Porque ela tinha culpa no cartório.

– Dá para ser mais rápida. – Perguntei.

– Dá para calar a boca? – Me fuzilou. Caminhou em passos lentos, parou e puxou a mochila escondida em um canteiro.

Meu Deus, o que Senhor foi me arrumar? Eu não sei se te agradeço, ou me enforco com minha gravata. No segundo andar a luz se acendeu e a porta abriu. Molly apareceu na porta e a garota de mais cedo gritou da janela.

– Sua desgraçada.

Melissa a encarou mostrando o dedo. Eu precisava tirá-la dali.

– Você destruiu o meu cabelo.

– Eu pretendia destruir a sua vida, mas pensei na minha filha. – Gritou.

– Melissa, vem. – Chamei.

– Cala a boca, Oliver! – Mandou me apontando o dedo.

Voltaram à briga, Melissa com certeza era boa de briga, encheu a mão de pedrinhas e atacou na janela pulando no lugar, mas errou todas.

– Vão embora você e seu bastardo.

– Do que chamou minha filha?

– Isso mesmo que você ouviu.

Melissa soltou a mochila, se sentou no chão tirando os sapatos e em segundos os dois chegaram no segundo andar. Ouvi o grito da menina.

– Eu vou acabar com você! – Desci do carro atravessando o jardim e a segurando antes que cumprisse com sua palavra.

– Oliver me solta. – Cutucou meu braço.

– Você já deve ter cegado a garota.

– Eu preciso ter certeza. – Segurei-a pelos ombros.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Pensa no bebê.

– Mas é pensando nela que eu quero ir lá. Eu estou cansada dessa garota. Eu estou cansada de todo mundo. Eu me comportei, juro que me comportei. Deus é testemunha.

– Não coloque Deus nas suas falcatuas.

Me socou.

– Melissa.

Seu olhar seguiu para a porta.

– Molly... me desculpe. De verdade, me desculpe!

– Eu vou chamar a polícia. – A garota gritou e Melissa mostrou-lhe o dedo. Abaixei sua mão e ganhei um soco.

– Melissa ouça seu marido, querida. Pense no bebê, eu me viro com ela.

Vi as lágrimas em seus olhos.

– Me desculpe. – Suplicou.

– Tudo bem menina. Agora vá e cuide bem da minha netinha.

Melissa sorriu.

– Pode deixar, eu vou cuidar.

Segurei sua mão. A garota sumiu da janela e antes que descesse e as duas saíssem rolando na grama, o que seria bem provável vindo da Melissa, eu a arrastei para o carro. Estava respirando fundo quando se sentou ao meu lado. E como imaginava, a garota chegou ao jardim. Mas já estávamos seguros no carro. Melissa colocou a cabeça na janela mostrando o dedo – de novo.

– Melissa...

– Não fale comigo a menos que seja para me dar comida.

– Está com fome?

– Muita. – Encarou as mãos.

Paramos no hotel, tirei minha mala e com certeza deixei o motorista traumatizado. Todos olhavam Melissa suja, mas ela pouco se importou, além de estar descalça. A arrastei comigo até a recepção, peguei a chave do nosso quarto e mais dez minutos de luta. Ela não queria entrar no elevador. Apolo se deitou a meu lado.

– Melissa, só tem quartos lá em cima. – Era a décima vez que via a porta do

elevador se abrir.

– Eu não vou entrar aí. – Abraçou a barriga.

– Eu te ajudo.

Gargalhou.

– Não dá. Eu não consigo, vou ficar enjoada e sufocada. Vai me dar ar? Acho que não. – Se encostou na parede. Às vezes me encarava e virava o rosto.

– E como vamos fazer? Aguenta subir as escadas?

Negou com a cabeça.

– Estou esgotada.

– Para quem destruiu uma lanchonete. – Sorriu, um sorriso de vitória. A porta do elevador se abriu e ela a encarou.

– Se eu vomitar, já aviso, não será uma imagem muito boa.

Arrastei a mala e ela me acompanhou. Apertei o botão do nosso andar, percebi que suava frio, balançava a camiseta deixando a barriga à mostra, era grande demais, por Deus. A porta se abriu e a vi saltar para fora. Se apoiando na parede.

– Tudo bem? – Balançou a mão. Esperei até sua cor voltar ao normal, às vezes seu olhar para as pessoas que a encarava era algo assustador.

Peguei a chave do quarto no bolso e esperei que entrasse. Coloquei a mala em um canto. Pela primeira vez ela parecia tímida. Sem jeito. Era um momento raro.

– Você precisa de um banho e eu também.

Me encarou.

– Não vou tomar banho com você.

– Eu não disse isso Melissa.

Mordeu os lábios. Peguei sua mochila.

– Tem roupa sua aqui?

– Tem. Mas pode deixar, eu pego. – Bufou.

– O que foi?

– Nada.

Se afastou abrindo a mochila em cima da cama, pegou uma camisola, mas

não parecia gostar muito da ideia de ter de usá-la. Segurei sua mão.

– Qual é o problema Mel?

– Eu estou enorme, e bom, por causa disso ganhei alguns hábitos, como dormir com pouca roupa, nada além de uma camiseta. – Segurei o riso para a cara emburrada dela. – Não pode arrumar um quarto só para mim?

– Não. Vem cá, você dorme sem roupa? – Sorri.

Deu de ombros seguindo para o banheiro. Ouvi o barulho do chuveiro, começou a cantar uma música, mas logo se calou. Apolo capotou de um lado, a barriga enorme de tanto hambúrguer que comeu. Pensei em pedir nossa comida, mas eu não sabia o que ela gostaria de comer. Liguei para Harry, não podia deixar de avisá-lo. No segundo toque ele atendeu.

– Pode me explicar o que está acontecendo? – Berrou. Melissa ainda tomava banho. Saí, andando pelos corredores.

– Achei a Melissa. – Ouvi seu urro e Mona perguntar o motivo da alegria.

– Eu fico muito feliz por isso, mas dá para me explicar o porquê foi atrás dela? Oliver... de novo não.

– Melissa precisava de mim.

– Sei, e por quê?

Respirei fundo.

– Melissa está grávida.

Silêncio.

– Harry?

– Isso é piada, não é? – Havia um toque de empolgação em sua voz.

– Piada é eu só saber disso há algumas horas. Melissa foi embora grávida, está com cinco meses mais ou menos, não sei, e a barriga enorme. Está linda, eu tenho que admitir. Mas o humor está multiplicado por mil. Ela destruiu uma lanchonete e acho que vai deixar uma garota cega e careca.

Harry riu.

– Essa é a minha selvagem. Onde ela está, eu e a Mona queremos falar com ela.

– Está no banho. Mas eu vou conversar com ela primeiro.

– Olha lá o que vai falar, se ela sumir de novo eu acabo com você. – Mona

avisou.

– Pode devolver o telefone ao Harry?

– Fala.

Bufei.

– Não conte a Anna e nem a ninguém. Apenas você e Mona sabem. Quando eu chegar amanhã, resolvemos tudo.

– Dá um beijo na Melzinha por mim. E vê se não falha, tenta acertar dessa vez, ou eu te acerto.

– Até mais Harry.

Desliguei. Voltei ao quarto depois de alguns minutos. Melissa vestia uma camisa enorme com uma mensagem que bem dizia seu humor, me olhava espantada.

– O que foi?

– Me assustou. – Se sentou na cama torcendo o cabelo na toalha.

– Vou tomar um banho e depois vamos conversar.

Me ignorou.

– Ouviu?

– Não sou surda.

Eu senti falta disso. Sua roupa jazia em um canto e seu sutiã estava pendurado na porta. Juntei tudo. Terminei meu banho em tempo recorde me lembrando de quem estava sozinha no quarto. Saí, ela estava sentada no mesmo lugar, arrumando alguma coisa, me aproximei.

– Posso pedir o jantar e depois conversamos?

– Podemos fazer as duas coisas. – Falou sem vontade.

Peguei o telefone.

– O que vai querer?

– Uma coca grande, uma porção de batatas fritas, uma fatia de bolo de chocolate grande e um sanduíche de peito de peru. – Ela só podia estar brincando.

– Tem certeza que é isso mesmo? Não deveria estar fazendo aquelas dietas...

– Tem mais coisa, mas não quero comer muito. E sim tem dietas, porém estou com desejo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Só fiz o pedido porque ela estava grávida e eu não sabia diferenciar desejo de fome em uma grávida. O pedido chegou minutos depois, vi um brilho em seus olhos quando pegou as batatas e o refrigerante.

– Bom... por onde começamos?

– Pelo fim. – Ironizou.

Bufei.

– Quando ia me contar, Melissa?

– Não sei. Não pensei nisso, você já era passado. – Eu sabia que era mentira.

– Sabe que isso é sério?

Deu de ombros e puxei o prato de batatas.

– Que droga! O que queria que eu fizesse? Que contasse quando você parecia não se importar com nada além da sua felicidade? Era algo meu e você não queria nada que viesse de mim. – Me encarou furiosa.

Mil vezes droga!

– Mas é meu filho também.

– Por mim não seria. – Colocou o refrigerante de lado e seguiu para o banheiro. Fui atrás, mas fechou a porta na minha cara.

– Abre Melissa.

– Quem te contou? Foi a America? Eu vou matá-la.

– Não, não foi ela... eu achei os testes na caixa de brinquedos do Apolo.

– Eu vou matá-lo. – Gritou. – Ouviu bem Apolo Sanders? Você é um cachorro morto!

Apolo me encarou. Fechou os olhos voltando ao seu cochilo.

– As coisas mudaram. – Me sentei encostado na porta esperando que ela abrisse. – Eu sei, mas vamos dar um jeito.

– Que jeito? Eu, você, Isabel e a minha filha? Isso vai ser incrível. Já vejo vermelho.

– Não vou deixá-la grávida por aí.

– Eu não estou por aí, Oliver. Eu tinha um lugar para ficar.

Sorri sem humor.

– Falou certo. Tinha. Você estava a ponto de matar a garota.

Ouvi um soluço.

– Eu não preciso de você, eu posso me virar sozinha.

– Você não tem emprego e muito menos casa. Se não for por você que seja pelo bebê então.

Chutou a porta.

– Já parou para pensar nas coisas, Oliver? Podia simplesmente fingir que não sabia de nada e me deixar em paz em vez de vir atrás de mim e dizer o que tenho que fazer ou não. – Ela estava gritando. Muito alto.

Bati na porta quando ouvi alguma coisa cair.

– Abre a porta, Melissa.

– Eu estou bem.

Não está, e a culpa é minha.

– Ou abre, ou eu arrombo.

Ouvi o trinco e abriu. Estava sentada na privada e o armário de vidro quebrado.

– Se machucou? – Negou. Tentei me aproximar, mas me impediu.

– Não.

– Não importa quem eu ame, é uma parte de mim agora, Melissa.

Secou a lágrimas com as mãos.

– Me desculpe... eu não queria estragar os seus planos. – O que eu poderia dizer? – Mas sou eu, não é mesmo? Eu estrago tudo, te faço passar vergonha e agora... grávida. Eu sei que não era isso que queria. Sabe... eu vou ser uma péssima mãe, sabe por que sei disso? Porque não preciso de muito para querer matar alguém, porque sempre dei trabalho às pessoas, porque eu sou assim. Eu devia ser boa, mas não sou, sou burra. E minha filha, o que ela vai pensar de mim? Era para ser apenas eu. Eu sabia que isso ia dar errado.

Fitou o chão.

– Não importa, ela é minha e só minha. – Se levantou.

A acompanhei, se sentou na cama e deixou a comida que pediu de lado. Puxou os dois travesseiros e se virou.

– Vamos resolver isso amanhã, quando voltarmos.

– Eu não vou voltar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

A fitei, parecia séria demais.

– Melissa...

– Eu vou arrumar um emprego sério. Em uma editora. Eu sei que vou conseguir, então não posso ir embora. Daniel, prometeu. – Piscou algumas vezes se ajeitando.

– Quem é Daniel?

Dois segundos e ela estava dormindo.

– Melissa?

Não respondeu, ou dormiu mesmo ou não queria responder.

....

Três da manhã, Melissa se remexeu na cama, já havia me chutado muito e acordei de cinco em cinco minutos. Acordou uma vez e correu até o banheiro, mas não me deixou entrar. Voltou sem a camiseta, apenas de top e minha boxer? Deitou um pouco afastada e dormiu de novo, mas voltou a reclamar.

– Mel, tudo bem? – Me sentei na cama. Resmungou alguma coisa.

– Está... abafado aqui. – Se virou para mim, abriu os olhos e voltou a me dar as costas. Passou a mão na barriga.

– Em que posso ajudar?

– Não sei, ela está incomodada. – Sussurrou.

– E o que ela gosta? – Respirou fundo.

– Não sei, ela não me ouve... quando quero dormir.

Eu corria o risco de ficar sem as mãos, mas, talvez ajudasse. Passei a mão por sua cintura e toquei sua barriga. Era... estranho.

– O que está fazendo Oliver? – Sussurrou com sono.

– Tentando acalmá-la, talvez, ela a deixe dormir. – Puxei-a para mais perto. Eu jurava que a senti mexer. Melissa parou de se remexer. E consegui dormir também.

Era estranho e bom. Muito bom.

MELISSA

Acordei com o braço de Oliver a meu redor. Respirei fundo e tirei seu braço de mim antes que eu voltasse ao modo automático, precisava ficar no

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

controle. Me arrastei para o banheiro, tomei um longo banho. Precisava relaxar. Oliver me achou e isso não seria fácil, ele não me deixaria em paz. Voltei ao quarto e ele ainda dormia, peguei minha roupa, seu celular estava tocando. Número desconhecido, segundos depois uma mensagem.

“Amor, onde você está? ”

Ótimo. Fingi não ver nada. Eu precisava ligar para o escritório do Daniel e dizer onde eu estaria agora. Eu precisava dessa chance, e de todas as pessoas naquele lugar ele havia sido o único que verdadeiramente quis me dar uma chance. Não sei se pela minha historia ser comovente, ou pela minha cara de necessidade mas ele quis me ajudar. Não havia nenhuma segundas intenções – pelo mesmo em todos os momentos que estivemos juntos – da sua parte.

Daniel era um homem jovem, um pouco mais novo que Oliver com toda certeza, era diretor de uma editora renomada na cidade, seus planos era me colocar em algum polo e ficaria tudo certo. e eu de verdade queria essa oportunidade e sua amizade, foi uma das coisas boas que descobri ali quando cheguei.

Sua secretaria – que pouco me lembrava – pigarreou quando disse meu nome por pelo menos duas vezes ate que pudesse ligar o nome a pessoa.

– Isso, Melissa Sanders. – Legal, ele não estava. – Esse é o número do meu novo endereço. Ele pode entrar em contato nele, ainda estou disponível sim, qualquer novidade e eu volto correndo. Tudo bem, fico aguardando. Obrigada.

Me sentei na cama e Oliver estava me encarando.

– Com quem estava falando?

– Com uma pessoa. – Meus ombros cederam.

– Que pessoa?

– Isso não é sua conta, Oliver.

Segurou meu queixo.

– Esquece, eu não vou te deixar.

Empurrei sua mão. Meu corpo parecia ter sido eletrocutado por alguns segundos.

– E não adianta me olhar com cara feia. Vou pedir seu café e vamos embora. Já pedi as passagens antecipadas, embarcaremos daqui a duas horas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Podia perguntar se eu queria ir. – Gritei.

Se afastou entrando no banheiro. Ouvi o barulho do chuveiro ligado. Quando voltou não parecia muito amigável, mas, quem se importa? Puxei a mochila arrumei as roupas da minha princesa, as minhas não importava se amassasse.

– Quem é Daniel? – Perguntou sério.

O fitei.

– Meu futuro chefe. – Sorri.

– Você não vai trabalhar.

– Vou viver de vento?

– Não se preocupe com nada.

Bufei.

– Da última vez que me disse isso, eu me casei de verdade e agora estou grávida. Então sim, eu me preocupo e muito. – Coloquei a mochila nas costas e soltei o cabelo, abri a porta. – Eu não vou ser dependente, Oliver. Eu não nasci para isso.

– Você não vai trabalhar para ele! – Gritou.

– É o que veremos. – Bati a porta.

Precisava comer alguma coisa. Precisava me acalmar.

CAPÍTULO 22

OLIVER

Melissa tinha a cabeça apoiada nas mãos quando a encontrei me esperando no primeiro andar. Tínhamos meia hora para estar no aeroporto, por um momento achei que ela ficaria feliz por voltar pra casa, mas não era o que via. Poderia comparar estar a levando ao corredor da morte se fosse o caso. Apolo parecia o único dali realmente animado com a volta, a cada meio segundo ele pulava sobre mim ou lambia minhas mãos para que pudesse retribuir o carinho com um afago.

Senti falta do meu garoto.

– Já comeu? – Perguntei puxando sua mala.

– Há meia hora. – Resmungou.

– Tudo bem?

Me encarou.

– Estou com sono.

– Estou sem fome. Podemos ir então?

– Não tenho escolha, tenho? – Perguntou colocando seus óculos.

Apolo era mais obediente que ela, isso eu tinha que admitir. Pegamos um táxi, Melissa nos fez parar no meio do caminho alegando estar passando mal, mas em um segundo parecia bem quando um grupo de adolescentes resolveu mexer com ela pelo seu estado caótico. E mais uma vez, seu vocabulário era incrível.

– Melissa. – Puxei sua mão.

– Idiotas. – Mostrou o dedo ao grupo que se afastava. – Passa o carro em cima deles, o universo agradece.

– Não dê ouvidos a ela.

– Eles nunca vomitaram na vida? Eu estou grávida, droga!

Eu tinha que controlar o riso, ou perderia o pouco do respeito que tinha. Chegamos ao aeroporto e vi sua cara fechar em segundos. Ela realmente não queria me acompanhar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Quando chegarmos, me leva para o apartamento da America. Eu vou morar com ela. – Cruzou os braços.

– Não, você vai ficar comigo.

– Não te entendo e nem tente tentar se explicar. Eu estou facilitando as coisas para você.

Nosso voo não demorou a ser chamado. Troquei de lugar com ela depois de muito insistir, mais tarde descobri sua intenção. Atirava amendoim no garotinho a frente e ele atirava nela – eu não sabia se isso era divertido para ambos, mas ela tinha um sorriso incrível. Peguei seu pacote.

– Parou.

– Esse pestinha está me dando língua. – Sorriu. – Até que ele é fofo.

Louca.

– Ignora ele.

– Eu sei que isso é infantil. Mas às vezes é legal demonstrar força. – Piscou. – Pelo menos alguém é divertido por aqui.

Sorri.

– Logo com uma criança?

– Ele começou.

– Dorme, Melissa.

– Preciso me distrair ou começo a surtar por estar dentro de um avião. Mas podemos conversar, começando por me explicar como vamos ficar nessa situação? – Ergueu uma sobrancelha.

– Ainda não pensei. – E não pensei mesmo.

Bufou.

– Mas eu já, vou ter minha filha, você vai vê-la, vai dar um: *Olá filha*. E depois volto para o Arizona e não adianta dizer que não. Se eu conseguir um emprego eu volto. Você vive feliz e eu vivo feliz. Não quero atrapalhar sua vida e você não atrapalha a minha.

– Não, Melissa.

– Não uma...

– Olha a boca. – Me deu as costas alisando a barriga. – No momento você não tem escolhas.

– Vai sonhando.

Algumas horas depois estávamos em casa. Durante o caminho até lá eu pude ver que ela não estava tão triste assim por estar voltando. Havia um brilho em seus olhos e eu gostei de ver isso. E mais uma vez a guerra para entrar no maldito elevador. Até Apolo estava irritado.

– Não me olhem com essa cara, porque vocês não estão grávidos.

A porta se abriu e entrou empurrada. Andava de um lado a outro e às vezes se encarava no espelho de lado. Suas caretas eram hilárias. Apolo ainda se lembrava de sua antiga casa. Correu para porta quando chegamos, assim que a abri, correu para o quarto. Voltou com um pato de brinquedo fazendo barulho. O telefone tocou, pensei mil vezes em atender – até eu atender.

– Alô?

– Oliver, poderia me dizer onde está? – Melissa me encarou, tirou a camiseta ficando apenas de top seguindo para janela. Não pude deixar de admirá-la. – Precisei viajar.

– Podem conversar, estou no quarto. – Avisou. Tentei pará-la, mas ela puxou o braço.

– Viajar? Para onde? – Isabel estava gritando e minha cabeça odiando isso.

– Longa história. Conversamos depois.

– Está no seu apartamento?

– Não. – Menti. – Nos falamos depois, Isabel. – Desliguei.

Ela ia me cobrar, mas no momento eu tinha que pensar em uma maneira de explicar o que estava acontecendo. Melissa estava colocando outra camiseta quando entrei, calçava chinelos, já que seus sapatos ela resolveu usar de tiro ao alvo.

– Aonde vai? – A segui.

– Na America.

– Estamos desde ontem tentando conversar e não está dando certo.

– Tá, me diz aí. O que você quer conversar? – Mexeu nos cabelos impaciente. Eu odiava profundamente o seu falso autocontrole. Ela tinha o dom e fazia isso incrivelmente bem.

– Não quero esse clima, podemos... ser amigo de novo.

– Amigos? – Riu. – Claro, vamos ser amigos. De verdade Oliver, eu torço pela sua felicidade. Faça um esforço e torça pela minha também. – Segurei seu braço.

– Pode me soltar? – Encarou minha mão.

– Eu a quero feliz, mas quero cuidar de você. Eu...

– Isso é difícil para mim, Oliver!

– Por quê?

– Porque... porque eu gostava de você. – Baixou a cabeça.

Ela gostava de mim... droga ela gostava de mim!

– De que forma, Melissa? – Eu sei de que forma e ela nem precisava me dizer. Agora eu sei.

– Da forma errada. – Puxou o braço. – Da forma mais idiota.

– Desde quando? Por que não falou?

– Não importa porque eu gostava, não gosto mais. Isso me fez mal e acabou com a minha porcaria de vida.

– Fala a verdade.

– Para que você quer saber? Não vai mudar nada, Oliver. Você ama outra pessoa e isso é muito bom, eu fico feliz por você de verdade. Não sinto mais nada, aprendi a esquecer nesses últimos meses. Eu estou bem e poderia ainda estar se não tivesse ido atrás de mim. Eu não quero essa vida de novo, já fui ao limite com ela.

Jogou o cabelo de lado me dando as costas, mas voltou dois passos quando Anna entrou no quarto. Havia me esquecido de trancar a porta.

– Melissa!

Ótimo.

– Você está grávida? – Anna tinha aquele sorriso que me assustava. E era uma péssima hora para ela aparecer.

– Não Anna. Não estou, é impressão sua. – Melissa tinha o brilho nos olhos.

Anna puxou-a para um abraço.

– E por que está chorando? Oliver! – Me encarou.

– Não Anna, por favor. – Pediu.

– Onde você estava Melissa? Por que sumiu? E minha nossa... você está

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

grávida... eu sabia. Eu... por que não falou? – Anna começou a gritar.

– Anna, não!

– Melissa, você devia ter contado. Passamos todos esses meses preocupados com você, sem saber como estava, onde estava. Se estava bem... por que fez isso? Não pensou em nós? Em mim?

Melissa segurou a cabeça. contei até dois para ela explodir e dar na cara dela. Eu não ia me importar.

– Chega Anna! – Alisou a barriga. – Não precisam se preocupar comigo. Eu não mereço preocupação. O que queria que eu fizesse? Que estragasse os planos do seu irmão? Eu não ia fazer isso. Eu sei me cuidar sozinha, eu faço isso desde os dezesseis anos, por que não faria agora? Então... não. Não se preocupe.

Eu vi quando seu corpo deu uma leve balançada, a primeira impressão era que Melissa se viraria para mim e gritaria alguma coisa irritada, mas tudo o que fez foi desabar em cima da minha irmã.

Anna gritou.

– Melissa! – A puxei de Anna. – Melissa acorda. – Bati em seu rosto.

– Eu matei ela? – Anna me encarava assustada.

– Não Anna. Liga para o Henry.

Ela estava fria. Peguei-a no colo e consegui colocá-la na cama. Anna chorava demais para seu futuro marido conseguir entender alguma coisa. Expliquei o que estava acontecendo, minutos depois, um batalhão invadia minha casa.

– Onde ela está?

– No quarto.

– Vocês ficam. – Henry parou o resto da família.

O acompanhei até o quarto. Melissa estava de olhos abertos, tirei sua camiseta, ela não gostava mais de roupas. Passou a mão na barriga.

– Melissa.

– Oi Henry. Senti sua falta. – Abriu um sorriso. Parecia que qualquer pessoa poderia ganhar aquele sorriso. Menos eu.

– Quem diria. – Sorriu. Melissa não me olhou. Henry mediu sua pressão. – Como se sente?

– Agora? Bem. Talvez sede. Não sei o que aconteceu.

– Se alterou, provavelmente.

Tentou se levantar e a segurei.

– Não.

– Eu posso andar. – A porta se abriu e Harry colocou a cabeça para dentro.

– Melzinha.

Melissa ficou vermelha. Ela ficava incrivelmente encantadora envergonhada.

– Você está grávida, selvagem? – Harry gargalhava.’

– Não Harry, eu comi demais. Ou você bebeu. – Me empurrou e ficou de pé.

Harry a abraçou, mas vi que queria apertá-la. Logo todos estavam ao seu lado. E era a procissão para vê-la.

– Você está linda, Melissa!

– Mel, me desculpe. – Anna choramingou.

– Tudo bem Anna, eu estou bem. – Melissa afagou seu cabelo.

Harry segurava uma caixa prateada.

– E o primeiro presente é do... tio Harry. – Cantarolou.

Meu irmão mais velho se dava muito bem com ela, isso era graças a idade mental. Harry nunca gostou tanto de uma... namorada ou qualquer relacionamento meu como gosta de Melissa. Ela cobriu o rosto ficando mais vermelha.

– Espero que goste. Fui eu que escolhi. Estava na hora dessa família ter uma criança de verdade.

Henry pigarreou.

– Bom, acho que essa mamãe precisa descansar.

– Precisa mesmo. – Falei.

– Já sei o estrago que fez no Arizona e daria qualquer coisa para ter assistido.

– Menos Harry. – O parei.

Melissa abriu a caixa em cima da mesa. Pegou o macacão branco com a frase “o tesouro do titio”, sério? Um par de sapatinhos e um livro infantil.

– Harry. – Mel o abraçou. – Você não existe, grandão.

– Relaxa, ele ou ela vai adorar.

– Eu juro que tentei impedi-lo. – Mona se explicou sorrindo.

Em parte, meu irmão estava realmente animado e Mona não ficaria para trás, era um longo tempo tentando trazer um herdeiro para família sem muita sorte. Eles poderiam estar mais felizes que o resto da família sem sombra de dúvidas.

– Eu amei. Obrigada. E sim, ela vai amar. É uma princesinha.

Melissa me fitou.

– Bom acho melhor a gente... – Henry começou.

– Oliver! – O som da voz se sobressaiu em alguns segundos.

Apolo rosnou. Isabel me encarava da porta.

MELISSA

Estava bom demais para ser verdade. Oliver parecia que ia desmaiar quando viu Isabel parada na porta, seu olhar de mim para ela. Anna a fuzilou.

– Atrapalho? – Perguntou.

– Muito. – Anna passou a frente.

– Anna. – Segurei sua mão quando avançou. Se bem que... ah deixa para lá.

– Não está vendo que a Melissa está grávida?

– Pelo que sei, Oliver está separado e esse casamento era de mentira. E não vim aqui para falar com... como você se chama mesmo?

– Quem sabe, não te interessa? – Dei um passo à frente.

– Não importa, é melhor. Eu vim falar com Oliver. – O encarou. – Não sabia que virou padrinho, Oliver.

Mona gargalhou.

– Não é padrinho, é pai mesmo!

Isabel parecia sem reação. Talvez ela esperasse que alguém dissesse que era tudo uma brincadeira, eu também esperei que alguém dissesse isso por meses. Mas era real.

– Isabel, podemos conversar depois?

– Vai Oliver. – Se você ficar, vai ver ela morrer. Me fitou.

– Melissa...

– Vai, Oliver. Anna pode me dar uma carona?

– Aonde você vai? – Me segurou.

Não respondi. Resgatei minha camiseta e puxei Anna comigo, deixando uma briga para trás. Elevador de novo. Vamos lá. Anna segurou minha mão.

– Ai Mel, está apertando! – Anna era o tipo de pessoa que você gostaria de sufocar em um abraço. E eu era meio agressiva com coisas fofas.

– Me desculpe.

Me abraçou.

– Senti sua falta.

– Eu também.

Ouvi sua empolgação até o apartamento de America, eu não sabia onde se desligava Anna Digori. Era cada ideia de “como vamos explodir Isabel”, mas eram ideias bem produtivas. Subimos as escadas, era horrível, estava acostumada com dez degraus e não sessenta até o apartamento. Educadamente chutei a porta e bati, eu queria vê-la. Pensar que ficamos tanto tempo longe me causava pânico.

– America, pode abrir essa porta! Estou com fome!

Anna gargalhou.

– Melissa, olha a barriga.

– Ela nem liga. – Senti minha princesa mexer.

Ouvi um

– Quem é?

– Sua avó! Abre logo isso!

Abriu a porta. Eu senti tanta a falta dela, eu queria simplesmente nunca mais deixá-la.

– Surpresa!

Vi seus olhos encherem de lágrimas em tempo recorde. A abracei pelo pescoço beijando seu rosto.

– Ah meu Deus, Melissa, é você mesma? – Gritou.

– Meu Deus não sou eu! – Gritei de volta.

– Que saudade!

– Eu também. – Sequei suas lágrimas. – Eu amo você garota. – Beije sua testa.

Eu tinha tanta coisa para falar, mas eu não conseguia. Eu só queria nunca mais ter de deixá-la outra vez.

– Nunca mais vai me deixar. Você não vai mais embora. – Beijou minha testa e minha barriga. – Parece que vai explodir, está linda! Olá princesa, tia Meri sentiu saudade, estava louca para te conhecer.

– Faz um.

Desvencilhei-me do seu abraço e segui para geladeira. Achei um pote de sorvete de creme. Derrubei as colheres quando fui pegar uma e em segundos estava chorando. Ainda não me esqueci dos motivos de estar aqui.

– Como você está? – Afagou meu cabelo.

Anna se sentou a meu lado.

– Preferia estar no Arizona, não vai ser legal e eu sei disso. E já aviso, vou morar aqui.

– Claro que vai. O que o Oliver fez?

– Além de deixar a vaca entrar e a Melissa sair? – Anna perguntou folheando uma revista. – Tudo.

– Melissa, se você tem a capacidade de destruir o mundo, por que não mata essa loira aguada? E não adianta tentar mentir para mim porque sei que gosta dele. Mesmo longe quando fingia não se importar, você se importava.

– Mas que droga, ele não gosta de mim! – Gritei.

– Ele está confuso, isso diz que você já mexeu com a cabeça dele.

Corri para o banheiro. O sorvete não parecia bom.

– Melissa, está tudo bem?

– Estou ótima. – Lavei a boca. America segurou meu ombro.

– E o que vai fazer?

– Fingir que está tudo bem. Não importa, não posso privá-lo de ver a filha dele. Mas assim que eu conseguir um emprego, eu vou embora.

– Melissa...

– Não, Anna. Eu preciso tomar jeito.

– Eu ouço isso há sete anos. – America falou séria.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

A encarei.

– Dessa vez é de verdade. – Abracei minha barriga. – Super serio.

– Vou fingir que acredito só porque um tal de Daniel ligou hoje.

Saltei do lugar.

– E o que ele disse?

– Que não se preocupe, qualquer mudança, ele avisa.

– Quem é Daniel, Melissa? – Anna estava me estudando.

– E por que ele parecia tão íntimo? – America tinha um sorriso malicioso.

Respirei fundo dando muita atenção às interrogações.

– Daniel é editor chefe de uma editora que achei quando estava procurando emprego. Deixei meu currículo na empresa e quando quase ganhei um não por estar grávida, ele aceitou ficar com ele para avaliar. Se ele me escolher volto para lá para fazer um treinamento.

– Aí vocês viraram amigos? – Anna perguntou.

– Digamos que sim. Ele parece uma pessoa legal.

– Ele é bonito? – America quase me empurrou com sua empolgação. Me apoiei na mesa.

– Quer me derrubar? – Gargalhou me abraçando. – E sim, ele é bonito.

– Se interessou?

– America eu estou grávida, acha que eu pensei nisso?

Deu de ombros. Passamos muito tempo conversando, mesmo assim minha cabeça ainda estava longe. Eu prometi não me importar com as decisões de Oliver e assim será até minha filha nascer.

Anna me levou de volta para casa, mas não subiu e isso era bom. Eu precisava descansar. Apolo me esperava na porta, comi alguma coisa e segui para o banheiro, enchi a banheira e relaxei, a barriga parecia flutuar.

– Vamos ficar bem meu amor. O papai está confuso também, mas quero que ele vá para o inferno com a confusão dele e leve a outra junto. Nós duas juntas somos imbatíveis. – Sorri.

A água esfriou, me enrolei na toalha e puxei o livro que Harry deu. Me deitei na cama, o sono veio logo depois e não me importei de ainda estar sem roupa. Estou grávida, não desejável. E Oliver está longe de me perceber.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO 23

OLIVER

Isabel estava calada, pelas suas feições eu podia jurar que queria matar alguém. Só que não me dava medo, Melissa Sanders estava encarregada disso. Parei em meu apartamento, que usaria quando deixasse Melissa com o outro. Deixei que seguisse na frente, eu sabia que Melissa não me ligaria, mas deixei um bilhete – a preocupação era em dobro agora.

– Entra. – Jogou a bolsa no sofá e me encarou.

– Pode me explicar o que eu vi? – Gritou.

– Melissa está grávida e eu sou o pai.

Bufou.

– Tem certeza? Eu não apostaria nisso, Oliver. Ela... ela passou meses fora. – Gritou.

– Já fiz as contas.

– Não foi você quem disse que ela esteve com aquele cara da boate? E as fotos? Quem te garante que é seu Oliver? – Não! Melissa já teria dito. Ela não faria isso! Nunca.

– Ela está te enganando.

– E se não estiver?

Gargalhou.

– Marque um exame de DNA, sei lá Oliver. Mande ela embora de novo, faça-a sumir, mas mande-a embora. Não gosto de dividir.

– Jura?

Segurou meu rosto com força.

– Há meses, você é o único homem com quem me deito. Então não duvide. Só estou com Felix porque meu pai está insistindo, mas já me decidi. Eu não vou me casar e vou mandá-lo embora. Isso muda alguma coisa. Promete que vai continuar me amando como sempre?

Está tudo diferente agora, eu não podia mais prometer nada. Harry marcou de me encontrar no seu bar preferido uma hora mais tarde, minha cabeça estava

a mil. Liguei para casa algumas vezes, mas ninguém atendia. *Pensa Oliver, só pensa, está difícil, mas pensa. Você agora vai ser pai e ela precisa de você.*

– Me dê um motivo para não quebrar a sua cara? – Harry me encarou.

– Estou com dor de cabeça. – Muita por sinal.

– Isso não é motivo, mas vou deixar passar. – Falou, me entregando um copo de vodca.

– Vou dirigir. Obrigado. – Harry realmente queria me matar.

– Como as coisas vão ficar agora?

– Isso é uma pergunta difícil. Eu não quero errar, me entende? Meu Deus, eu vou ser pai e isso não estava nos planos, Harry. Em nenhum momento estive. Mas ninguém me entende e não precisa de muito para me atirar a primeira pedra.

Bufou.

– Até ontem, tudo parecia bem e certo. Eu só queria entregar as coisas dela à America e dizer “*Estou bem agora*”. Mas não, não está nada bem. O nível de estresse está muito alto, minha vida está de cabeça para baixo. Me sinto andando em uma corda bamba, e sabe de uma coisa? Ninguém pode me ajudar porque a ajuda não está sendo bem-vinda.

– Então, essa criança não foi fruto de amor e nem sentimento?

– Eu gosto dela, mas aí eu penso na Isabel e vejo que não é a mesma coisa. Eu vou ser um canalha com as duas, consegue me entender? De todas as idiotices que já fiz na vida, essa consegue bater todas. A Isabel, eu conheço desde que me conheço por gente, estávamos a um pé do altar e eu pisei na bola cancelando tudo por causa de uma maldita viagem. Hoje as coisas poderiam estar melhores.

– E a Melissa?

Eu tinha que rir.

– Eu já devia ter percebido que ela não era muito uma... Princesa, quando a vi pela primeira vez. Ela tem seu jeito estourado, mas eu gosto dela, de alguma maneira eu quero cuidar dela e me preocupo quando estou longe. Ela pode colocar fogo na casa, matar alguém e esconder o corpo embaixo da cama, ou destruir outro estabelecimento e acredite, ela consegue isso sozinha.

Harry gargalhou.

– É como discutir programas chatos de TV: Melissa legal, Isabel chato.

– Entendeu o que eu quis dizer?

– Entendi que com a Melissa você quer ficar para cuidar e com a Isabel você quer se redimir. Isso é incrível, Oliver. – Zombou.

– Eu não amo a Melissa se é isso que você quer dizer.

– Então você a deseja, mesmo grávida? Se não a ama, deixe-a ser feliz, ela vai voltar para o Arizona e trabalhar como quer e você não poderá dizer nada.

Não!

– E quem vai cuidar do meu filho?

– Filha. Ela. Melissa sabe o que faz. Eu confio nela.

Gargalhei.

– Tá brincando? Não dou dois meses para me ligarem dizendo, sua ex está presa e sua filha em um abrigo. Melissa é sinônimo de perigo, Harry.

– E é isso que eu amo nela. E quero vê-la feliz e você não vai fazê-la feliz enquanto não cair na real. Ela não precisa fingir e nem enganar ninguém para ser agradável, Melissa Sanders não é artificial. – Bateu no meu ombro. – Preciso voltar ou a patroa me busca. Vá para a casa e não a estresse. Eu quero ver minha sobrinha nascer.

– É mais fácil ela me estressar. – Avisei.

Eu falei que não ia beber, mas acabei bebendo algumas coisas, poucas, para conseguir dirigir. Estava tudo muito quieto. Eu sabia que ela estava me odiando, que minha cabeça estava confusa demais para tentar explicar qualquer coisa, que eu não sabia como essas coisas ficariam. Precisava de um tempo para absorver tudo isso.

Há meses atrás eu só queria uma chance e olha no que deu, ganhei um filho, uma briga com a mulher que até então eu amava – não queria pensar em nada concreto no momento – ou pelo menos acho que amo e a mãe do meu filho que não pode ficar um segundo sem atenção ou destrói alguma coisa com seu humor dócil.

A luz do quarto estava apagada, Apolo latiu trazendo um brinquedo na boca, mas não estava muito a fim de brincar. Abri a porta e a luz do abajur era tudo o que iluminava o ambiente e ela estava lá, quem a via assim, não imaginava

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

como ela era acordada. Sorri, eu senti falta disso. Me aproximei e não consegui deixar de observá-la, realmente ela estava linda, apenas a barriga enorme a mudava, fora isso, continuava a mesma... e as roupas? Ela não gostava mais de roupas. Peguei o livro em sua mão com cuidado para que não acordasse. Uma gota de suor traçou um caminho por sua barriga e afastei o cobertor, não era preciso esconder o que eu já conhecia. Deus! Eu conhecia tantos detalhes nessa mulher, onde estava minha cabeça todos esses meses atrás?

– Boa noite, selvagem. – Beije seu cabelo. – Só me deixe cuidar de você, não me pergunte o porquê... Só me deixe. – Sussurrei.

Mais uma vez recolhi sua roupa no banheiro. O chuveiro estava pingando e ela usou minha toalha, em parte, eu sabia que isso era para me irritar – mais ou menos um “já que quer que eu fique, me aguento”. Tomei um longo banho e me deitei no sofá. Não queria incomodá-la. Mas ela queria me incomodar, acho que dormi por umas três horas e saltei do sofá quando ouvi barulhos. Apolo pulou em mim.

– Ah, droga! – A ouvi reclamar. Cheguei à cozinha, mas me empurrou. – Saí da frente.

Bateu a porta do banheiro e dessa vez me afastei antes que ficasse sem o nariz. Não precisou de muito para saber o que estava fazendo. Voltei à cozinha e vi a sujeira que ela fez, já era o pote de azeitonas e tinha molho pelo chão.

– Você podia me ajudar. – Apolo só observava. – Você come minhas coisas, por que não come comida? Estranho. – Melissa apareceu, estava toda molhada. Usava outra boxer minha, acho que vou doá-las a ela.

– O que você fez?

– Está calor e deixa isso aí, eu limpo. – Respirou fundo.

– Limpar? Como? Passando a barriga para as costas? – Soei irritado sem intenção e isso a atingiu. Jogou o pote de molho no chão sujando mais ainda.

– Já que faz questão.

Soquei o ar quando se virou. Deus me dê paciência!

– Ela está sempre assim agora?

Apolo deitou ao meu lado. Terminei a bagunça que ela fez e fui procurá-la,

estava calada demais. O abajur ainda estava aceso, mas ela não estava na cama. A porta do banheiro estava quase encostada e que se dane, a abri. Melissa estava com a cabeça apoiada no encosto da banheira que estava cheia e a barriga flutuando. Brincava com a espuma. Como não me mandou sair, me aproximei e me sentei ao lado.

– Banho às... – fitei o relógio. – Duas da manhã?

– Estou me sentindo abafada. – Seus olhos eram cansados. – Meu corpo está cansado e não sei quando minha coluna voltará ao lugar.

– Onde foi mais cedo? – Me encarou.

– Na America, vamos comprar um berço. – Sorriu animada..

– Não, Melissa.

– Vai ser melhor para mim estar com ela. E também, não quero mais causar problemas... Eu sinto muito.

Ela estava falando sério?

– Não importa, eu quero cuidar de você aqui. Eu já falei com ela... Não vou deixá-la por aí, Melissa. Que homem eu seria fazendo isso?

– Um homem que quer ser feliz... Você gosta muito dela, não é?

A resposta travou. Pela primeira vez eu não conseguia responder com convicção.

– Quando amamos, fazemos sacrifícios. Vá em frente Oliver, seja feliz. – Dessa vez foi sarcástica. Sorri. Toquei a água, estava morna, até tocar sua barriga. Fechou os olhos.

– Temos prioridades. – Sussurrei. – Ela se mexe muito?

Sorriu e me fitou.

– Ela já é cheia de vontades e às vezes eu fico gritando mandando ela me dar algum sinal. – Sorriu.

– E ela dá?

– Ela não gosta de gritos, então se irrita e me faz vir muitas vezes ao banheiro. Vamos ter uma longa conversa quando eu vê-la.

Joguei água algumas vezes e acariciei a protuberância onde devia ser ela. Melissa abriu os olhos para mim.

– Acho que vou dormir aqui essa noite. – Sussurrou.

– Podemos comprar mais ventiladores, diminuir o ar.

– O problema é comigo.

– Marquei uma consulta com Henry.

– Está doente? – Me fitou.

Bufei.

– Não, é para você. Ele quer ver como você está. Ele disse que pode cuidar de você.

– Estou bem.

– Chega de aversão a hospital. Não tem escolha. Agora você precisa de um médico aqui.

– É verdade. – Chutou a água de propósito.

– O que estava procurando na geladeira? Não me diga que era comida porque isso era o óbvio.

Sorriu, se sentou, cruzando as pernas.

– Azeitona, mas aí quando eu senti o cheiro, desisti. – Fez careta.

– E o molho?

– Esse entrou na frente de intrometido. – Sorriu. – Vai dormir, amanhã você trabalha, não é mesmo?

– E você, vai ficar aqui?

– Não vou morrer afogada, no máximo vou boiar. – Gargalhou. – Brincadeira, pega aquela toalha ali.

Se levantou segurando a cintura e respirou fundo fazendo uma careta. Entreguei-lhe a toalha e seguiu na frente. Rodou o quarto por um tempo, eu sabia o que ela queria. Me agachei na minha gaveta e peguei uma boxer azul a entregando.

– Valeu, amanhã eu lavo todas e te devolvo. – prometeu.

– Nem sonha.

– Gravidez não é doença. – Jogou a toalha na cama.

– Sua coordenação e equilíbrio são. Agora vem. – Puxei-a. – Deite-se e durma, ou quer comer alguma coisa?

Deitou. Me deitei a seu lado com uma certa distância e apaguei a luz.

- Oliver. – Sussurrou. Acendi o abajur e a fitei.
 - Você não manda em mim. – Bufei escondendo o riso.
 - Vai dormir, Melissa. E não me chute.
 - O sofá ainda está no mesmo lugar.
- Virou-se de lado e me chutou. Era seu modo de dizer, boa noite.

MELISSA

"Anna está chegando, deixei seu café pronto e comprei mais algumas coisas, se cuida e cuida da nossa filha. Vejo vocês mais tarde, qualquer coisa me liga, deixei a lista de números na mesa."

Gargalhei. Tinha uns vinte números, o que ele tinha na cabeça? Nada, eu sei. Liguei o som, e segui para o banheiro, adoraria um banho de banheira, mas a pequena não estava em concordância comigo essa manhã. Manhã? Encarei o relógio, quase uma da tarde! Tomei meu banho rápido, comi alguma coisa que achei na geladeira e quase enfartei quando vi Anna na porta.

- Melissa, respira. – Mandou. O pão desceu me sufocando. Tossi.
- Meu Deus, qual é o problema de vocês com o barulho de aviso que estão chegando?

Sorriu.

- Você que estava distraída. Vem, vamos logo.
- Ir para onde?
- Compras.

Me joguei no sofá.

- Daqui eu não saio, daqui ninguém me tira. Eu trabalhei por uma vida inteira, eu não tive tempo nem de dormir quarenta e oito horas, minhas pernas estão inchadas e tenho um vazamento na bexiga. Por favor, compras não.
- Melissa, hoje teremos um jantar, a mamãe está morrendo de saudades e não vê a hora de vê-la. Então, eu não vou aceitar um não como resposta. Prometo a melhor massagem no fim do dia.

E não teve jeito. Coloquei uma camisa de Oliver, que era grande e não me

apertava. Por mim seria sem roupa mesmo, mas não. Anna ficava me admirando.

– Já falei que está linda hoje? E precisando de um sol.

– Menos, Anna.

Abri as janelas e coloquei os pés para cima com muita luta. Anna me encarou, mas não reclamou, nessas horas era bom dizer “Estou grávida”. Sorri. Passamos na America e não demorou muito para a briga começar.

– Vamos comer alguma coisa primeiro.

– Você não é humana Melissa e nem engorda essa desgraçada. Você está grávida e comendo como um animal enjaulado.

– Eu sei que você me ama, não precisa jogar os elogios aos ventos.

No fim a mamãe Sanders ganhou, mas fui expulsa da lanchonete e dessa vez, não fui quem começou. Não resisti a defender uma atendente quando começaram a discutir atendimento – eu sei como isso era.

– Da próxima vez, eu desço para comprar a comida dela. – Anna gritou.

– Vocês vão me jogar em lojas atrás de lojas e não posso me divertir? Eu só defendi a garota.

– Bom, vamos passar naquela loja para ver o berço, eu vi uns no site ontem, acho que cabe se apertar um pouquinho.

As ignorei depois de cinco segundos. Tiveram que me esperar terminar de comer, e só aí fomos às compras.

– Pega aquele carrinho grande.

Anna soltou minha mão, mas America não deixou que prosseguisse.

– Não Anna, da última vez que andamos com um desses a gênio derrubou uma estante de bebidas caras e adivinha? Tivemos que pagar trabalhando até nas férias. – Gritou a última parte.

– Você deu a ideia, lembra?

Fomos para uma loja de carrinhos, mas eram caros demais e inventei uma desculpa para não comprar. Eu sinto muito, mas não quero nada que eu não possa reembolsar depois. Anna comprou algumas coisas rosa, dispensei a banheira. Compramos um vestido com uma caveira, quase me crucificaram por ser preta, mas eu amei – se não fosse para crianças, não estaria a venda em uma loja de crianças.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Melissa, rosa ou vermelho? – Anna saltitava no lugar.

– Lilás.

– Mas eu falei rosa ou vermelho...

America mandou ela esquecer, uma hora elas se cansariam e me deixariam em paz. Quem diria, eu entraria em uma loja de grávidas.

– Vem Melissa. – America me puxou.

Anna tinha mil vestidos nas mãos e sorriu abrindo a cortina do provador.

– Para que tudo isso? E por que todos azuis? – Peguei o primeiro e entrei. Fechou a cortina.

– Você precisa e o Oliver gosta de azul.

Ah claro. Abri a cortina a encarando.

– Não estou me vestindo para o seu irmão.

– Como quiser. – Fechou a cortina.

Eu não gostei, estava curto, apertado. O outro grande demais e cabia mais uma de mim mesmo grávida. E assim foi, até finalmente um decente aparecer no fim dos cabides.

– Perfeita.

– Vê se ele sobe quando eu ando. – Dei alguns passos.

– Não, está perfeito.

Andamos por quase todo o shopping na sessão "mamãe" e não consegui fugir dessa vez. Estava com fome? Sim, eu estava. Me sentei ao lado de uma garotinha, devia ter uns quatro anos. Sorriu e me ofereceu uma batata frita. *O mundo precisa de crianças assim*, pensei.

– Obrigada bebê. Me dá outra? – Ela sorriu para mim.

– Melissa! – America me puxou e era a segunda vez que ela fazia isso no dia.

– Me puxa de novo e arranco sua mão.

Enlaçou meu pescoço beijando minha bochecha.

– Respira e solta. Isso acalma.

– E o que acalma o estômago?

– Já vamos comer. Antes vamos a um lugar.

A cena era incrível. Eu não devia ter medo de escadas rolantes, mas estava

desesperada, me agarrei ao corrimão tendo duas idiotas rindo atrás de mim.

– Ri mesmo, eu não vou ficar grávida para sempre.

Respirei fundo quando chegamos ao chão. Anna segurou meu braço de um lado e America do outro, praticamente me arrastaram até uma sala onde havia umas dez grávidas.

– Podem me explicar? – Parei.

– Isso é uma reunião, Melissa. As mães vêm aqui para aprender e relaxar.

– Eu nunca fui muito esperta, então acho que não vou aprender nada, por que não vamos comer alguma coisa?

Anna me virou de frente as outras mães, até uma ruiva chamar meu nome. E como ela sabia meu nome?

– Sente-se aqui, querida.

Passei meu melhor olhar, era um aviso de “eu vou acabar com vocês duas um dia”. Sentei-me na roda.

– Sou Alejandra. Ajudo as mães a se sentirem bem durante a gravidez.

O que me faz sentir bem no momento é comida. Mas tudo bem, já passei por tantas coisas, por que não passaria por mais essa? Me entregou uma boneca e me mandou visualizar minha filha. Não mesmo minha senhora.

– Os bebês na barriga da mãe, ficam nessa posição. – Virou a boneca. Eu tenho certeza que a minha não ficava assim. Sorri.

– Algum problema senhorita, Sanders?

– Não, não. Estou bem.

Voltou à explicação, mas minha cabeça estava longe. Algumas mulheres já tinham mais de um filho e não, eu ficaria só com uma mesmo muito obrigada, destino. Alejandra nos fez deitar em colchões de ar e pediu a quem nos acompanhava para ajudar no exercício.

– Me dê um motivo para eu não chutar sua cara, America? – Ela estava rindo de mim.

– Violência não faz bem para a bebê.

– Essas mulheres não parecem normais. Se elas já têm mais de um filho, para que querem ajuda? Acho que não é disso que elas precisam.

– Shhh, quer ser expulsa daqui também?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

O exercício era algo como, se balançar de um lado a outro. Alejandra disse que isso relaxava o bebê, mas quem estava a ponto de dormir, era eu.

– Não dorme, Melissa.

– Não estou dormindo.

Puxou o forro do meu rosto.

– Agora quero vê-la dormir.

Fiquei mais de dez minutos tentando me recuperar. No fim aprendi como trocar fralda, fazer a criança arrotar e quase matei a boneca afogada. Ri nas horas erradas, quando eu devia ficar séria, mas algumas outras coisas realmente não me interessavam, como por exemplo, relação sexual na gravidez. Só se for uma relação muito séria com a cama e o travesseiro, ou com a banheira e a água fria. Começamos um vídeo de um parto ao vivo em uma piscina inflável, eu ainda pretendia comer alguma coisa, então não. Chega!

– Vocês ouviram o que ela disse? Uma grávida pode vomitar até trinta vezes por dia. Isso não é vida, se essa mocinha começar com graça, eu mesmo a tiro a força. – America fez os nossos pedidos. Anna tinha bem mais sacolas do que o normal, mas não questionei.

– America também vai jantar com a gente?

– Não sei, acho que vou para a casa recuperar meus pés.

– Meri, por favor. – Anna fez sua pior voz de fresca.

– A loira aguada vai estar lá?

– Não.

– Então eu vou.

Tivemos uma pequena divergência sobre carrinhos grandes e crianças em corredores proibidos. Escondi o riso no enorme urso no banco de trás, eu ia me explicar sobre isso. Dois segundos depois estavam gritando meu nome. Tá legal, dessa vez não fui eu, a criança estava fazendo a coisa mais incrível da vida dele, estava se divertindo – e eu também, mesmo levando algumas coisas ao chão.

Estava morta de cansada e me deixaram dormir um pouco quando chegamos em casa, acho que dormi demais. Apolo lambeu meu rosto.

– Eu estou acordando. – Me virei de lado. Segundos depois ele voltou. – Tá

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

legal, eu já levantei. Satisfeito? – Joguei seu brinquedo o fazendo correr. Bateu a cara na porta. – Cuidado, filho.

– Banho. – America falou me assustando.

– Misericórdia! Parem de me assustar.

America vestia um vestido branco com um cinto preto, Anna entrou toda de preto, os cabelos trançados e o sorriso que não morria. Colocou meu vestido azul na cama, me jogou a toalha e indicou o banheiro. Estava quase dormindo de novo.

– Tem certeza que eu tenho que ir mesmo para esse jantar?

– Tenho e já estamos atrasadas. Mamãe não vê a hora de vê-la.

Me arrastei para o banheiro.

– Mais tarde, certo? – Falei para banheira seguindo para o chuveiro.

Meu Deus, por que elas não me deixam dormir? Eu só quero dormir. Me enrolei depois de alguns minutos, America me ajudou com a roupa e calçou meus pés.

– Eu preciso de um sapato.

– E cadê os seus Melissa?

– Ela atirou numa garota no Arizona. – Anna gritou de dentro do armário.

Acho que fui dormindo até o carro, America me jogou um pacote de bala e se sentou na frente com Anna. Então eu acordei ao saber que estaria de frente a família Digori novamente, e como não confiava cegamente em Anna, eu tinha certeza que havia amigos e amigos de amigos, e uma legião na casa da família. Apenas respirei e respirei.

Era muito estranho estar perto de todas essas pessoas sabendo que todas já sabem que seu casamento não era de verdade. Mais estranho ainda, vê-los te ver literalmente grávida. Essa é a minha sorte. Anna estacionou. Harry e Mona conversavam na varanda e já vim preparada para pará-lo ou minha filha nasceria com seu aperto.

– Melzinha.

– Seja carinhoso e não me aperte.

Sorriu, beijou minha barriga e me apertou pelo pescoço. Até Mona me salvar como sempre.

– Como se sente?

– Um pouco cansada por causa da Anna, mas bem.

Segurei no braço de Harry e seguimos para dentro, e sim, havia mais que a família Digori ali. Mona abriu a porta e todos os olhares se direcionaram a mim. Até Oliver parecia nunca ter me visto. E acho que mudei a cor dessa vez mais rápido que o normal. Harry sorria e apertei meu braço no seu, se eu cair, ele me segura. É só um jantar Melissa, não xingue, não brigue e ignore qualquer comentário malvado se vier, se bem que de maldade eu entendo muito bem.

Que venha o jantar.

CAPÍTULO 24

MELISSA

– Meu Deus Melissa, você está linda! – Beijou o meu rosto.

– Obrigada, Tara.

– Vem sente-se.

Sim, a casa estava cheia. Alguns olhares me incomodavam. Mas um me chamou muito a atenção. Arthur Cortez. America bufou ao meu lado. Arthur havia um dia jurado que tínhamos alguma coisa depois de alguns shots de tequila, onde quer que estivéssemos ele estaria também provocando um lado assassino em mim. de alguma forma ele me esqueceu meses depois, e não estou reclamando disso. Foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido.

– Me conte tudo querida, você está se alimentando? Oliver está sendo gentil? Senti sua falta. – Harry se sentou no braço do sofá com um sorriso infinito.

– Harry, tenha modos.

– Ele virou o segurança da Melissa, mamãe. – Anna falou me entregando um copo d'água.

– Vocês sabem, ela não é muito boa com a coordenação.

O encarei.

– Eu estou bem, Tara. E também senti a sua falta.

– Estarei na cozinha comandando tudo, já sabem onde me achar.

– Tranque a geladeira que a Melissa está à solta. – Mais uma gracinha e Harry aprenderia a voar. Me beijou na bochecha e deu o fora. America segurou minha mão.

– Tenho que admitir, até eu pegaria o Digori. Todos na verdade.

– America... não!

– Só comentei, não vai dizer que você não observa? – É claro que observo, não sou cega. Só não fico com cara de idiota levantando uma placa que entrega meu vacilo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Preciso de ar, vou lá fora um pouco.

Fiz um pouco de força, mas consegui ficar de pé, minha coluna ultimamente me incomodava e não era exagero. Oliver parecia bem ocupado fazendo sala para algumas pessoas. Tara não se incomodaria de eu ficar no jardim, precisava de ar puro e tinha certeza que se me encostasse em algum lugar confortável, dormiria um pouco. Me ajeitei em um banco, fechei os olhos, ainda conseguia sentir o toque das mãos de Oliver na noite passada.

– Isso é traição filha. Você mexe com ele e não mexe comigo. Quem corre o risco de ficar com problema na coluna? Ah... é sua mãe.

– Melissa.

As pessoas ganharam o hábito de me assustar realmente.

– Arthur. – Sua cara de bobo já era marca registrada como sempre. Não podia acreditar que fiquei com esse cara um dia.

Eu estava bêbada.

– Você está... grávida. Bom, não sou o pai sou? – Sorriu.

Não querido, cometo muito erros, mas não sou louca.

– Você sabe, aquele dia na boate...

Ele sabe fazer contas? O mundo deu mil voltas desde que nos vimos.

– Graças a Deus não, não é seu.

– Você e o Oliver... nunca pensei... – Passou as mãos nervosamente pelo cabelo colado de gel. – Se bem que dizem que era de mentira o relacionamento de vocês. – Fez uma careta. Suas bochechas estavam coradas.

Arthur era o típico filhinho do papai, engomadinho, roupas de linha. Sem noção, super dependente. Era um completo idiota de marca maior que por ter tudo nas mãos, tinha uma forma doce de dizer que tudo o pertencia.

Meu Deus, eu só queria ficar sozinha!

– Dizem é? Que ótimo, uma verdade na sociedade.

– Mas você está grávida. – Apontou. – E... e muito bonita.

Bufei.

– Obrigada.

– Bom... – se aproximou, era minha deixa para eu me levantar e me lembrar de como Arthur dava seu bote.

Dei um passo atrás.

– Algum problema? – Ótimo. Oliver.

– Não. Arthur estava dizendo que a casa é muito bonita.

Por um tempo o vi mudar de cor, suas mãos apertadas em seus bolsos. Oliver ainda mantinha o olhar no pobre homem jovem. Arthur não conseguiu manter o olhar por muito tempo, levemente assustado ele nos deixou quando viu a cara de poucos amigos de Oliver Digori. Estava seguindo o mesmo caminho quando Oliver segurou meu braço.

– Vocês se conhecem? – Perguntou fazendo uma ruga se formar em sua testa. Assenti.

– Ele não é uma boa companhia...

– Eu o conheço muito bem, obrigada por avisar.

– Como assim o conhece muito bem?

Legal.

– Uma boate, algumas bebidas e um banheiro. Consegue entender por aí? – Dei as costas, mas ele me segurou de novo.

– Está querendo dizer que...

– Isso aí mesmo. Agora se me der licença, eu preciso fingir estar feliz.

Segurou a minha mão.

– Vai ficar ao meu lado. Não o quero por perto.

Gargalhei dando dois tapinhas em seu peito.

– Muito engraçado, mas não estou afim de piada. – Consegui me soltar e me agarrei à primeira pessoa que vi. Harry.

– Algum problema Melissa?

– Fome e sono.

Sorriu.

– Vamos, dona Tara já chamou.

Oliver até tentou me fazer sentar perto dele, mas consegui me refugiar com America.

– Muito obrigado pelo convite. – Um senhor no canto da mesa falou. – Belas moças a família têm. Essa eu ainda não conhecia.

Soltei o garfo quando percebi que era comigo. Tara sorriu calorosa do outro lado.

– Obrigada, mas não faço mais parte da família. Oliver e eu estamos... separados. – Oliver me encarou. Sinto muito, mas não ia mentir. Todos sabiam a verdade.

– Faz sim, Melissa. – Harry me atirou uma ervilha. – E daqui há alguns meses teremos mais uma.

O senhor sorriu.

– Então não estou tão errado assim. Oliver será um bom pai.

– Melissa também será uma boa mãe. – Arthur reagiu. O olhar encantado todo em minha direção. America quase vomitou.

Quem pediu a sua opinião?!

Seguimos o jantar em um assunto complicado para eu entender. Depois de algum tempo eu não entendia nada realmente, e já estava com sono. Anna e Henry dançavam no meio da sala, Tara e Edgar conversavam com as visitas.

– É impressão minha ou o mimado da classe alta deu em cima de você mesmo vendo que está grávida? – America o encarava do outro lado da sala.

– Antes fosse impressão. Vamos para a casa? Pode me levar?

– Posso, depois que avisar ao senhor incrível. Oliver me mandou ficar de olho em você. Isso tudo me confunde. Mas já entendi que ele só quer te proteger.

– Ele quer proteger o bebê dele.

America me deixou por dois segundos e o vi se levantar, se despedindo de todos. Não era para ele me acompanhar, era só para ficar ciente de que não sumi. Algo dentro de mim estava começando a temer Oliver mudar cada passo porque voltei, e eu sabia o que dava no fim.

– Vamos? – Falou.

– Não precisa me levar, podemos pegar um táxi. – Encarei America.

– Já deu por hoje por mim. Me esperem aqui, vou pegar uma coisa. – Apontou.

Tive que aturar as piadinhas de Harry, aproveitei para me despedir de todos e calar Anna sobre como aconteceu tudo ate a gravidez. A maioria das pessoas ali deveriam saber como tudo aconteceu desde o começo. Oliver voltou, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

segurava uma sacola enorme. Se despediu de todos com um aceno e nos guiou carro. America me passou um olhar no momento em que toda sua atenção atingiu níveis que nem eu mesma esperava ao segurar minha mão. Certo, isso era estranho.

– Me leve para o apartamento da Meri. – Segurei a porta.

– Não, você vai para casa. – Ergueu as sobrancelhas.

– Mas lá é minha casa.

– Olha bem vocês dois, não me surtem, certo? Melissa cala a boca e Oliver, não pira. – America gritou.

A encaramos.

– E não me olhem com essa cara!

Oliver abriu um meio sorriso.

OLIVER

Melissa e America riam de alguma piada que não consegui pegar. America a mandou calar-se e Melissa voltou a olhar para a frente ainda com um sorriso. Estava sem as sandálias baixas, mas ainda reclamava de que elas a machucou. Prendeu o cabelo em um coque alto e usou um papel para abanar-se. Minutos depois estávamos em frente ao prédio, pretendia deixá-la e depois levar America para casa, mas ouvi seu grito e a porta do carro se abrir.

– Scott! – Gritou. Scott estava em frente ao prédio encostado em uma moto. Abriu os braços para recebê-la.

– Scott seu infeliz, eu senti sua falta! – O socou no braço.

– Sempre carinhosa com as palavras. – America comentou. Bati a porta e acompanhei.

– Por que não estava aqui quando eu precisei? Não sabe o que eu passei com uma família louca! – Gargalhou. – Mas cheguei viva, obrigado.

– Do que ela está falando? – Perguntei.

America sorriu.

– Da ida ao Arizona.

Scott a abraçou novamente.

– E como essa pequena está? – Beijou sua barriga.

Não beije a minha filha!

– Passando dos limites com a mãe dela. – Sorriu.

– Está bonita, Mel!

Sua cor mudou.

– Não começa Scott. – Segurou sua mão. – Vem, quero te mostrar as coisas dela.

Scott me fitou.

– Só passei para vê-la, eu preciso ir, trabalho. – Fez careta.

Bufou batendo o pé.

– Scott!

– Eu prometo te buscar para um passeio, Judi também quer vê-la de novo.

– Quem é essa?

– Noiva dele.

Respirei fundo. Noiva? Legal. Sorri e America bateu em meu ombro.

– Eu não queria que fosse.

America se afastou.

– Também estou indo. Hoje vou entrar na Lux.

Melissa a encarou e bateu em Scott novamente.

– Seu desgraçado, vai levá-la à Lux? Eu me matava para você me deixar chegar na porta e agora vai levá-la?

– Eu até te levaria. – Scott sorriu.

– Você vai me levar lá um dia. E não venha com conversa e você traidora, venha me buscar amanhã, é muita coisa para eu levar sozinha.

America a beijou no rosto e Scott a abraçou.

– Eu amo vocês. E tomara que tenha um apagão e não tenha festa!

– Cala essa boca Melissa, olha a inveja!

America subiu na moto com um ultimo aceno. Melissa bufou e entrou no prédio. Não reclamou de entrar no elevador, ria sozinha algumas vezes. Abriu a porta e Apolo saltou em nós.

– Oi meu bebê, sai da frente porque a mamãe precisa ir até o banheiro.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Apolo pulou em mim.

– Hei garoto, vai lá buscar a bola.

Entrei no quarto e Melissa saiu do banheiro já sem o vestido. Coloquei a sacola na cama, onde havia mais umas dez.

– Vou tirar essa bagunça daqui, amanhã America me ajuda, é muita coisa. – Suspirou.

– Não, Melissa.

Deu de ombros. Pegou as sacolas e via em silêncio algumas coisas. Me aproximei.

– Comprou muita coisa?

Me fitou.

– Na verdade, Anna e America compraram, eu só precisava balançar a cabeça e decidir uma cor ou outra.

Se agachou para pegar um sapatinho e meu coração foi na boca. Depois de um tempo se cansou e a bagunça que dava para arrumar, parecia não ter mais jeito. Se jogou na cama fazendo caretas ao se esticar.

– Eu vou arrumar, só preciso relaxar. – Sussurrou de olhos fechados.

Apolo pulou na cama e deitou a seu lado com uma bola na boca. Melissa o puxou para cima dela e vi que ele não gostou do tamanho da barriga caindo de lado.

– Pode se acostumar que você vai cuidar dela. – Falou puxando as orelhas dele.

Tirei a camisa a jogando em um canto.

– Eu também comprei uma coisa... Espera aí.

– Não pretendo sair daqui. – Riu.

Chutei alguns brinquedos de Apolo no caminho e peguei a sacola no sofá. Voltei e os dois brincavam, na verdade ela estava mexendo com ele, o fazendo rosnar. Quando me viu, correu em minha direção, era como se agradecesse minha presença. Me sentei e esperei que fizesse o mesmo, mas continuava deitada roendo as unhas.

– Bom, eu não sei escolher muito bem, mas a vendedora disse que eles gostam, então... – peguei o urso, Melissa colocou a mão na boca.

– Oliver... isso deve ter sido muito caro. – Apertou a barriga do urso e ele cantou essas músicas de fazer o bebê dormir. – Meu Deus Oliver, ela vai amar.

– Bom, se você conectar um cabo em algum lugar dele, ele toca a música que você escolher. Quem sabe ela não gosta dessas de crianças.

Melissa o apertou.

– Sempre quis um desse, mas America nunca quis me dar.

Tentei não rir, sem sucesso.

– E comprei isso. – Peguei a pequena caixa tirando dois sapatinhos lilás. Os coloquei no dedo e toquei sua barriga.

– Ela vai gostar!

– Eu tenho bom gosto. – Sorri e puxou meu cabelo. Balançou a cabeça e desviou o olhar. – De que lado ela está?

Segurei minha mão colocando embaixo da sua. Era a primeira vez que sentia a carga que carregava em mim. Era a primeira vez que tudo parecia certo e encaixado mesmo com toda a confusão nos rodeando eu estava onde deveria estar.

– Aqui.

Fiquei ali por um tempo esperando que ela se mexesse.

– Ela deve estar dormindo.

– Ela mexe quando quer, está mais calma ultimamente.

– Talvez devêssemos falar mais com ela. – Tentei.

– Mais do que eu falo? – Soou indignada. – Quando eu grito ela me faz ir para o banheiro.

Pelo menos alguém te domina.

– Já escolheu um nome?

– Ainda não. – Melissa suspirou, talvez eu devesse tentar fazer parte disso. Dar um nome a um ser real que em breve estará conosco. Mas não tive coragem de dizer isso, então eu senti.

– Ela mexeu? Sério, isso foi ela? – Um pequeno chute.

– É, foi ela tentando me matar. – Resmungou com um sorriso.

– Isso é tão estranho. – Passou as mãos no cabelo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Eu que o diga. E de repente eu sou mãe. Nunca pensei que isso ia acontecer na minha vida. Quem vai querer um filho, meu?

– Melissa...

– Fala sério, Oliver! – Sorriu. – Eu sou encrenca. Ainda bem que tenho a America, se não fosse ela, acho que estaria surtando. Nem você me aguenta Oliver. – Sorriu cobrindo o rosto com um vestido da bebê.

Eu amava seus sorrisos espontâneos, havia tanta luz e inocência, mesmo Melissa não sendo um terço do que gostaria inocente. Havia algo encantador nos gestos mais comuns vindo dela.

– Não, acho que já te aguento. – Beijei sua barriga e segui para o banheiro. Ela me acompanhou. – Você só é teimosa, boca suja, encrenqueira...

– Já entendi. – Falou me encarando da porta. Jogou o cabelo de lado e me empurrou conseguindo sentar na privada. Bufou. – Me sinto uma caixa d'água de vez em quando.

A deixei em seu momento. Apolo me seguiu até a cozinha. Peguei algumas coisas na geladeira e logo a vi atrás de mim. Conseguiu resgatar uma caixa de donnuts, fez cara feia e a soltou no mesmo instante.

– Acho que quero um hot-dog. Ela tem vontades o tempo todo.

– Corre Apolo, corre. – Brinquei mesmo sendo péssimo em piadas eu consegui fazê-la rir. Apolo nos encarava.

Enquanto preparava seu lanche, ela comeu algumas coisas que achou pela frente. Irritou muito Apolo. Coloquei o lanche em sua frente e esperei que comesse tudo.

– Vai ficar me vendo comer? – Me encarou.

– Não posso?

Virou os olhos, comeu metade e no fim não comeu nada, correu para o banheiro. Xingou mil palavrões entre uma pausa e outra. Apolo estava ao meu lado. Porque ultimamente até nele ela dava medo. Abriu a porta e nos encarou, os cabelos caídos no rosto.

– Vai me dizer que vocês dois estavam aí?

Assenti. Bateu a porta e seguiu para a cozinha de novo, encheu um copo d'água que virou de uma vez na boca e voltou para o banheiro xingando baixinho.

– Será possível que vou ficar vazando? – Gritou.

Tirei as coisas da bebê da cama e coloquei dentro do armário, ajeitei do jeito dela. Arrumei os travesseiros, que por sinal, eu não tinha mais nenhum. Voltou com o cabelo preso em um rabo de cavalo, outra boxer minha e um top, mas ela ficava bem pouco com essas roupas, até o dia amanhecer ela já teria tirado tudo. Se aproximou, pegou o urso que dei a bebê, e que ela já se apossou.

– Quer que aumente o ar-condicionado?

Negou.

– America parece aceitar o fato de eu querer cuidar de você. – Comentei.

– America gosta de você, ela só quer alguém que me aguento. – Me encarou.

– Eu te aguento. Me desculpe por todas as idiotices que falei antes.

Suspirou afagando a barriga.

– Eu prometo ser melhor.

– É estranho, só isso. Era apenas eu e ela. Tudo, sabe? – Me fitou. – America era a minha sombra. – Sorriu. – Eu não tenho medo quando ela está por perto.

– Vocês se conhecem a muito tempo?

Melissa passou uma perna em cima da minha.

– Sim. Passamos por muitas coisas juntas. Meu pai costumava dizer que America era o meu cérebro.

Sorri.

– Todas as ideias malucas vinham de mim e ela era aquela que dizia: *Mel, isso vai dar merda*. E dava, ficávamos de castigo sempre. America sempre pareceu madura, acho que é por isso que nos damos bem.

– Ela parece bem preocupada com você.

Melissa suspirou.

– Ela sempre vai ser assim. Não é infantilidade, mas eu agradeço isso. Ainda mais agora, ela vai me ajudar.

– Eu também.

– Obrigada. – Afagou meu cabelo.

Se virou.

– Saudade de deitar de bruços. – Resmungou. – Boa noite, Oliver.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Apaguei a luz e liguei o abajur. E quando eu achei que ela ia dormir, ela ligou o ursinho e a musiquinha tocou por uns cinco minutos, quando parou ela o ligou de novo. Resolvi andar um pouco pelo apartamento e quando voltei, ele ainda tocava, mas ela já dormia. O tirei da cama com cuidado para que não acordasse. E consegui enfim fechar os olhos.

Eu estive no limbo por um longo tempo quando eles não estavam em casa. Eu amava tê-los em casa.

MELISSA

– Fala America. – Me sentei na cama. Oliver mexia no computador ao meu lado.

– O quê? Daniel ligou de novo! – Sorri. – Eu... – Oliver tomou o telefone.

– Não, Melissa. – Apontou.

– O quê? Ah seu desgraçado... me devolve isso Oliver!

CAPÍTULO 25

MELISSA

– America, ela te liga depois. – Desligou.

Respirei fundo.

– Me dê um motivo para eu não rachar a sua cabeça, Oliver? Mas tem que ser convincente. – Ficou de pé, bem mais alto que eu.

– Você não pode se estressar. – Segurou meus ombros. – E nem se empolgar assim, não faz bem para a bebê.

O soquei com toda a minha força. Até que cansei.

– O que não vai fazer bem para a bebê é crescer sem o pai dela que se matou com a própria gravata.

– Ameaças não fazem bem, Melissa. – Beijou minha testa seguindo para o banheiro.

– Isso não é uma ameaça. É um aviso.

Resgatei o telefone em meio as cobertas e liguei de volta a America. Certo, Daniel já tem noção do meu novo endereço e disse que não precisava me preocupar. Oliver saiu do banheiro e me encarou.

– Depois não diz que eu não avisei.

– Me diz, você pode sair, ficar com aquela lá e eu não posso pensar no meu futuro? – Voltou dois passos me encarando. Tinha que admitir que sua cara era engraçada.

– Você... Você estava pensando nele além do trabalho? – Me encarou.

– Não vou ficar grávida para sempre, Oliver. Mas em primeiro lugar eu estava pensando como uma mãe. Eu vou ser mãe!

– O que acha que vão pensar?

Peguei uma bermuda e uma camiseta na cadeira e segui para o banheiro

– Vão pensar que estamos cada um seguindo com suas vidas. Não é assim, desde o começo?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– As coisas mudaram.

– Ah sim, eu fiquei grávida, mas você voltou com a sua vida, eu voltei a ser eu. A Melissa de sempre.

– Você não vai sair com ele.

O encarei, estava espumando.

– Por que não?

– Por... porque está grávida de um filho meu!

Estendi-lhe o dedo do meio, porque cansei de palavras e ele foi esperto, se afastou antes de ficar sem o nariz. Tomei meu banho relaxante. Não me estressar, eu conseguiria se ele não fizesse isso. Meu estômago roncou. Oliver estava fazendo alguma coisa no guarda-roupas.

– O que está fazendo, Oliver?

– Evitando que cometa mais erros.

Colocando cadeado no guarda-roupas?

– Seu idiota as coisas dela estão aí dentro.

– Eu sei. Agora quero vê-la tirar qualquer peça de roupa dela daqui de dentro e levá-la para America. – Sorriu.

Isso é tão fácil, Oliver.

O deixei e segui para a cozinha, embaixo do armário havia uma caixa de ferramentas com um martelo. Aproveitaria para socá-lo na cabeça dele também.

– Está procurando isso? – Levantou a ferramenta. – E para de se agachar, ela precisa dos nove meses para nascer, não precisa adiantar o serviço.

– Isso não vai ficar assim, acredite em mim Oliver Digori.

Sorriu me fazendo querer realmente matá-lo.

– Está com fome? – Perguntou como se nada estivesse acontecendo.

– Não, mas ela está.

Eu juro que nunca mais engravido nessa vida, é bom que ela goste de ser filha única.

– Não vai trabalhar não?

– Não.

– Hoje eu vou ter que ficar olhando para sua cara?

Assentiu com um sorriso enorme. Ele não tirou o dia para me atormentar, tirou? Me sentei ao seu lado e peguei o controle da TV, mas ele o pegou de volta. Tudo bem Oliver. Voltei ao quarto e peguei o ursinho que ele me deu, ou melhor, deu para a bebê. Apertei a barriga do urso deixando aquela linda musica atormentá-lo por longos minutos até ele me devolver o controle. Assistimos uma serie chata, dormi na metade e acordei com uma massagem nos pés.

– Continua hibernando.

– Que horas são?

– Cinco. Anna já ligou umas cem vezes, America duas.

Voltei a fechar os olhos e senti algo vibrar nas minhas costas. Peguei o celular e um nome fez toda a paz se evaporar, o entreguei e puxei os pés. Oliver encarou o aparelho por alguns segundos, mas não atendeu.

– Não vai atender?

– Não.

– Bom, vou tomar um banho. Pode abrir o armário para eu pegar uma roupa?

–Pedi.

– Você usa as minhas e vive pelada, não tem nada para pegar lá. – Continuou encarando a TV.

Não era possível que ele faria isso!

– É sério Oliver, pelo menos uma camiseta.

O maldito telefone voltou a tocar e ele se aproximou com ele nas mãos. O jogou na cama e abriu sua cômoda pegando uma boxer azul e uma camiseta preta.

– Eu falei minhas e não suas.

– Da no mesmo, Melissa.

– Você tirou o dia para me infernizar, não é mesmo? Diz a verdade?

Me seguiu até o banheiro.

– E pare de andar atrás de mim. – Gritei. – E vai atender aquela porcaria antes que o destrua na parede. E vai ser bem melhor porque se essa mulher aparecer aqui hoje eu a jogo pela janela. Me querem calma e centrada, mas

ninguém colabora!

– Com ciúmes Sanders? – Sorriu. O maldito sorriso quase inocente.

Eu? Ciúmes?

– Só da minha sombra, Oliver. – Bati a porta.

Enchi a banheira e fiquei lá por um longo tempo o ouvindo tentar se explicar. Meu Deus, não me deixe virar uma assassina de verdade, eu pretendo criar a minha filha e ser um exemplo para ela. Ou pelo menos tentar. Oliver entrou no banheiro e seguiu direto para o chuveiro, e porque diabos não fechou a porta do box?

– Eu vou sair.

– E isso me interessa? – Sim, sempre interessa.

– Só queria avisar, caso precise de mim.

Puxei a toalha e me enrolei. Dois minutos e estava seca e cheirosa. Oliver voltou do banheiro com uma boxer branca, abriu a cômoda e pegou uma calça e uma camisa azul.

– Como estou?

– Em pé e se olhando no espelho.

– Muito obrigado pela ajuda.

Puxei os travesseiros e me deitei.

– Precisando, só chamar.

Se aproximou, beijou minha barriga e minha testa.

– Eu não demoro. Prometo ser rápido.

Dei de ombros.

– Não faça nada imprudente, não mexa com ele. – Apontou ao Apolo. – Nada de cochilar na banheira...

– Eu entendi Oliver, até amanhã. Porque sei que mais tarde você não vem e nem vai me fazer falta.

Seu sorriso sumiu. Saiu minutos depois com Apolo chorando na porta, o chamei para mim. Se deitou ao meu lado a cabeça encostada na minha barriga.

– Seja forte cara, somos os substitutos. Eu sei que gosta dele, mas ele já tem seu passatempo. E não, a mamãe não vai mais atrapalhar a vida dele. Vamos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

deixar as coisas como estão, certo?

Porque eu não amo mais Oliver Digori.

OLIVER

Uma semana depois...

– Acordem família linda.

Melissa me chutou.

– Quem a deixou entrar? – Sussurrou com a cara afundada nos travesseiros.

– Como você entrou, Anna?

– Andando Oliver, agora levante. Já fiz o café da manhã de vocês. Por que vocês nunca atendem o telefone?

– Eu não vou levantar porque estou grávida, porque passei a noite praticamente em claro e porque está frio lá fora e não, Anna! Não vou levantar da cama. – Melissa resmungou. Bateu a mão nas minhas costas nuas e isso ardeu. – A irmã é sua, se resolva com ela.

Anna puxou o cobertor.

– Eu falei para levantarem e não me darem justificativas.

Melissa se sentou, os cabelos caídos em seu rosto. A encarava.

– Ótimo, levantaram. Melissa, você tem uma consulta com Henry daqui a... – Olhou o relógio. – Meia hora e depois tem mais uma aula no espaço lá no shopping, já dei seu nome. E como a America está trabalhando e eu tenho que cuidar do atelier, o Oliver vai com você. Não é Oliver?

– Oi?

Me bateu com o cobertor fazendo Melissa gargalhar. O som de sua risada foi diferente para mim, isso... mexeu comigo.

– Você vai com a Melissa na consulta e na aula de preparação para mães de primeira viagem. – Falou batendo palmas.

– Eu não vou mais nessas aulas, Anna. Você precisa tomar as chaves dela. – Me encarou.

– Então, podem começar a se mover. – Falou saindo do quarto. Melissa deitou a cabeça no meu ombro. Afastei o cabelo de seu rosto.

– Eu não quero ir, pare ela. – Choramingou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Eu? – Bufeí.

– Por que ela é assim?

– Pergunta para mim? Vai tomar seu banho, vou preparar seu café. – Se arrastou da cama e eu voltei a fechar os olhos, até sentir um forte impacto na cabeça.

– Nem pense em fechar os olhos. – Melissa gritou com o travesseiro na mão.

– Tá, eu já me sentei.

Isabel ligou e precisei desmarcar nosso almoço e nosso jantar. Melissa usava roupas de grávida e ela ficava incrível com elas. Anna trançava seus cabelos e a vi de olhos fechados. Estava dormindo sentada.

– Acabei. – Falou a despertando. – Está linda.

– E cansada e com sono.

Deixou Melissa em paz e foi arrumar minha roupa.

– Você também está lindo, só para não dizer que não te elogiei.

– Ah, obrigado.

Ate o consultório foram longos minutos de silêncio. Era estranho para mim também estar indo ver aquilo que era meu e que em breve estaria ao meu redor. Não sabia como soava na cabeça dela, mas na minha era uma mistura de felicidade e surrealidade.

Melissa se sentou perto de outras mães assim que entramos no consultório, parecia meio perdida entre elas. Entreguei sua ficha e voltei a ela.

– O que foi? – Tomei a liberdade de segurar sua mão. Estava gelada.

– Você... vai entrar? – Me fitou.

– Vou. – falei.

Cruzou os braços em cima da barriga até Henry nos chamar. Sorriu ao vê-lo.

– Essa barriga está enorme. – Henry acariciou sua barriga.

– Cada dia maior.

– Vamos ver como essa princesa está?

Melissa pegou uma roupa verde e entrou no banheiro, ficou lá por alguns minutos e claro, se irritou com alguma coisa porque falou uns palavrões nada educados. Henry sorriu.

– Estou aqui.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Henry a ajudou se deitar. A vi suspirar.

– Quando foi a última vez que foi ao médico senhorita?

– Um mês, minha médica por acaso é do Arizona. – Me encarou.

– Não é mais querida.

Henry passou um gel em sua barriga e logo depois uma maquininha estranha deslizava por aquilo. Melissa encarou a tela por alguns segundos até uma imagem se formar, secou uma lágrima disfarçadamente e Henry aumentou o som do aparelho fazendo um som ecoar pela sala. Era rápido e forte.

– E essa mocinha é rápida. – Comentou. – Ela deve incomodar um pouco, não é? – Melissa não respondeu. Parecia hipnotizada pela imagem.

– Por que? – Perguntei.

Henry mostrou a imagem perfeita na tela, e é claro, não demorou muito para eu sentir uma coisa estranha. Meu coração bateu forte e isso era incrível. Eu queria vê-la.

– Ela está atravessada na Melissa. Está fazendo força para se virar e isso incomoda um pouco.

– Mas ela está bem, não está? – Melissa perguntou.

– Esta sim, só com muita pressa.

Henry passou algumas indicações, Melissa as escutou pacientemente concordando com quase todas. Ela saiu da sala feliz e levando consigo as balas que enfeitavam a mesa do consultório. Até tentei fazê-la devolver, mas ela não me ouvia, ela nunca me ouviu.

– Agora vamos a essa maldita aula que Anna me inventou, depois vamos comer alguma coisa, certo?

Assenti.

Quando chegamos a aula, vi sua cara de humor. E só havia mulheres ali. Uma ruiva se aproximou a puxando pelas mãos. Me aproximei segurando o riso.

– Belo marido, Melissa. Sou Alejandra. – Estendeu a mão.

Melissa balançou a cabeça. A ruiva começou uma longa conversa de primeiros cuidados nos entregando uma boneca. Se era para imaginar uma criança no colo da mãe, eu tinha certeza que não era daquela maneira que se segurava uma criança. Não como Melissa segurava.

– É assim. – A ajeitei.

– Preparado para sair daqui surtado? – Perguntou.

Sorri. Alejandra nos entregou uma banheira e na hora de simular o banho, Melissa soltou a boneca umas mil vezes. Se distraia fácil.

– Você não vai dar banho na minha filha. – Sussurrei.

– Eu sei dar banho em um bebê. – Me cutucou com o braço. – America e eu cuidamos dos seus irmãos gêmeos.

– Estou vendo.

Me jogou água.

– Melissa.

Sorriu.

– Agora, as mães sentam-se nos colchões, tem vários e coloridos, escolham uma cor que as alegre.

Melissa continuou do meu lado.

– Não vai pegar um colchão? – Bati meu ombro no seu.

– Nenhuma cor aqui me alegra.

Bufei e busquei um azul a puxando comigo.

– Deita. – Mandeí.

– Você não manda em mim. – Bateu no meu braço. A mulher a nosso lado sorriu. Meu Deus me de paciência.

– Os acompanhantes fiquem do lado, é bom que as mães estejam bem relaxadas.

Melissa gargalhou baixinho.

– Agora imitem o exercício. Respira, respira e solta.

Melissa ergueu a sobrancelha observando, em dois segundos já estava rindo. Seu rosto se comprimia vermelho e mais uma vez me peguei amando aquele som.

– Eu não vou fazer isso. – Secou as lágrimas.

– Isso vai ajudá-la muito querida. – Alejandra falou. – Agora repita. – Se afastou passando de mãe em mãe e Melissa ainda me encarava.

– Melissa, segue o exercício.

- Cachorros fazem isso Oliver.
- E mães também, agora faz. – Ela até tentou, mas ria das próprias palhaçadas e deixava palavras escapar.
- Isso é tão ridículo. – Sussurrou se sentando.
- Como se sentem? – Nós viramos para ruiva.
- Com fome. – Sussurrou com a mão na boca para disfarçar.

Alejandra fez alguns exercícios e dessa vez ela os acompanhou, como estender os braços, mexer o pescoço. Eu estava começando a gostar disso, via uma mulher mais centrada. No fundo eu sabia que depois que as palavras “cuidados médicos” foram inseridos, ela manteve isso em mente. Henry falou coisas como “pressão alta e complicações”. Eu a vi assustada com isso, agora eu sei que ela ficou.

- Agora eu quero que os acompanhantes se sentem atrás das mães. De preferência se encostem na parede, isso aqui é amplo gente, sintam-se à vontade.

Melissa me encarou.

- Assim. – Alejandra encenou com uma das grávidas. Se sentou encostada na parede e a grávida ficou de costas entre suas pernas. Antes que a miss simpatia me parasse, o fiz. Afinal, era uma aula de pais. Melissa ficou tensa.
- Relaxem, podem usar os joelhos dos acompanhantes para se apoiar. Agora coloquem as mãos na barriga e massageei como se estivessem moldando alguma coisa. Usem toda a extensão, e as mães relaxem. Algumas quase não tocam a barriga, não é mesmo?

Melissa me acompanhava.

- Tudo bem? – Perguntei. Suas mãos estavam frias.

Assentiu.

- Isso ajuda o bebê a identificar os toques, a conhecê-los.

Senti a pequena se mexer e Melissa riu baixinho. Apoiei o queixo em sua cabeça. Até que não era ruim essa aula. Ficamos assim por um longo tempo e durante todo esse tempo a senti se mexer. Era diferente, como se tudo estivesse se encaixando mais uma vez. Como se fosse certo.

- Esse exercício também é bom para os papais. É sempre bom se aproximar mais, as mães nessa fase ficam sensíveis.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Com algumas exceções. – Sussurrei no ouvido de Melissa.

O exercício acabou, mas éramos os únicos que continuava na mesma posição. Melissa se mexeu uma única vez e foi para me encarar, mas fingi que não a vi, apenas prestava atenção na aula.

– Alguém tem alguma dúvida?

– Bom, eu tenho. – Melissa levantou a mão e Alejandra a ajudou a se levantar. Caminhou até uma cadeira de coração e encolheu as pernas. – Eu não sei nada de como ser uma mãe, eu sei, estamos tendo aulas, mas, sou difícil de aprender. Bom, eu queria saber se dói muito... quando nasce e se tem uma maneira de não sentir dor?

Escondi o rosto no urso a meu lado. Melissa era absurda.

– Bom, querida estou no meu terceiro filho e posso te afirmar que é a melhor e mais agradável sensação do mundo. – Uma loira falou com um sorriso no rosto.

– Eu optei por um parto em uma piscina e foi incrível.

A cara dela era incrível. Ela fazia rugas formarem em sua testa sempre que seus pensamentos iam longe e seus grandes olhos ficavam incríveis.

– A maior alegria é quando você vê o rostinho e aquele ser tão pequeno e depois um dia te chamar de mamãe. Não há dor quando há um futuro.

– Mais alguma dúvida, Sanders?

Melissa balançou a cabeça e voltou a se sentar a meu lado. Depois precisei pará-la quando assuntos engraçados foram entrando na conversa e descobri que ela gostava de falar e muito. Ela ria de tudo e eu nunca ri tanto na minha vida como ria perto dela. Inventou uma conversa de que queria ir ao banheiro e me arrastou para o estacionamento algum tempo depois. Ainda ria.

– Eu acho que a aula não acabou.

– Tenho certeza que você não iria querer ver partos em todos os tipos de lugares. Nem eu quero ver para não me assustar cedo demais. Agora me leve para comer alguma coisa.

– O que quer comer? – Segurei sua mão. Me via na necessidade de fazer isso o tempo todo.

– Qualquer coisa.

Estacionei perto de uma cafeteria. Melissa se encantou com umas bonecas em

uma vitrine durante o caminho e aproveitei sua distração para comprar uma e depois a entregaria. Tomamos sorvete e depois seguimos para comer alguma coisa de verdade.

– O que desejam? – Uma senhora baixinha perguntou.

Fiz os nossos pedidos e um para viagem.

– Sabe, todas as vezes que fazem essa pergunta do “o que desejam”, eu tenho vontade de pedir uma cerveja ou algo bem forte. Meu Deus, a quanto tempo não sei o que é isso?

– Vai ficar sonhando.

Deu de ombros apoiando a cabeça nas mãos. A senhora voltou com dois chocolates quentes e biscoitos. Melissa atacou. Deixou uma marquinha de leite no lábio superior e isso a deixava infantil. Bonita. Eu sabia que lá no fundo, existia alguém louco para sair. Melissa se jogava para a vida, mas nunca ia até a superfície. Eu sabia que estava na hora de entender um pouco mais sobre sua vida.

– Não vai comer? – Perguntou.

– Não estou com fome.

Bebericou o chocolate.

– Se eu soubesse que tinha um almoço com a cobra... com a sua namorada, eu tinha pedido a America que me acompanhasse, ou eu teria vindo sozinha.

– Eu quis vir.

– Não precisa mudar seus planos por mim, Oliver. – Falou séria.

– Não estou mudando nada. Está tudo nos conformes.

– Ótimo e pode avisar a outra lá que não está nos meus planos atrapalhar os planos dela. – Sorriu sem humor.

Terminou de comer e pegou a caixa de rosquinhas para viagem da minha mão. Faríamos uma caminhada de alguns metros até a esquina. Parava sempre na caminhada para brigar comigo quando não a deixava fazer alguma coisa.

– Melissa?

A vi erguer o olhar e sorrir surpresa. Ela parecia extremamente feliz ao encarar o homem a nossa frente.

– Daniel? Oh meu Deus, o que faz aqui? – O abraçou. Esse era o Daniel?

– Resolvendo uns problemas, e nossa, está muito maior essa barriga.

Os meses passam idiota. Melissa sorriu.

– America me falou que você ligou, eu fiquei desesperada quando precisei me mudar e... – Ela estava atropelando as próprias palavras.

Ela estava realmente empolgada?

– Tudo bem. Estou fazendo o possível para te darem uma chance.

– Eu fico muito feliz com isso. – Ela estava tímida. Como isso era possível?

E eu aqui atrás?

– E essa menina, já tem nome? – Perguntou tocando sua barriga.

Primeiro, tire a mão dela. Segundo, isso não te interessa.

– Sim. – Sorriu. – Olívia, mas pode chamar de Olli.

Ela não me disse que já havia dado um nome!

– É lindo. Como o nome da mãe.

Sorriu ficando vermelha.

– Bom, estou indo até a cafeteria, não quer me acompanhar? – Perguntou.

Melissa me fitou. Que bom que ela percebeu que estou aqui.

– Claro. – Falou dando um passo à frente.

O que?!

– Pode indo para casa Oliver, talvez consiga mudar os planos e não cancelar tudo de vez. E antes que eu me esqueça, Daniel esse é o Oliver. – Saiu do meio, apertei sua mão com vontade de arrancá-la. Não me pergunte o porquê. Porque ele estava perto de uma sem juízo e minha filha.

– Vamos. – Melissa o chamou. – Nos vemos em casa, Oliver. – Acenou.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela se afastou feliz demais para perceber minha cara de reprovação. Fiquei uns dez minutos no carro, até que conseguir dar partida e voltei para casa. Joguei a boneca na cama e fui para o banho. Apolo apareceu pouco depois querendo brincar.

– Não quero brincar. – Falei jogando seu boneco longe. Mas ele voltou. – Não quero brincar! – Gritei e se deitou. – Peça a sua mãe quando ela chegar do grande passeio dela. Vou me deitar que eu ganho mais.

PERIGOSAS

O que ela acha que está fazendo? O que eu acho que estou fazendo?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO 26

MELISSA

Ainda não acreditava que via Daniel Aguiar na minha frente. Como um bom cavalheiro, ele me tratou bem e me surpreendi por ter me reconhecido e me convidado para um café – por mais que já estivesse estourando de tanto comer. Não olhei muito para a cara do Oliver e nem me importava com o que ele pensava. Normalmente não podia discutir quando ele decidia sair. Se eu queria me dar uma chance, eu precisava não deixá-lo interferir.

– Melissa. – Chamou. Daniel tinha um sorriso brincando em seus lábios e eu era a idiota pensando no cara errado.

– Me desculpe, o que disse?

– Você quer mais alguma coisa?

Balancei meu suco – que tomei apulso.

– Para mim já deu por hoje.

Sorriu.

– O Oliver, é o pai do bebê? – Perguntou fazendo seus olhos escuros me engolir.

Vamos falar do Oliver agora? Assenti.

– Mas relaxa, ele tem uma namorada, ou será sua namorada. Longa história. – Péssima para o momento.

– Mas... Vocês moram na mesma casa? – Uma ruga se formou em sua testa.

– Por mim eu moraria com a minha melhor amiga, mas no momento não dá. Ele quer participar da gravidez, sabe? – Fiz careta. – Então desde que voltei, eu moro com ele.

Sorriu.

– O que foi?

– Você gosta dele, não é? – Me fitou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Neguei.

– Não, já gostei, agora não. Eu vou ser mãe, e tudo começou como uma loucura. Filho não prende ninguém e essa não é minha intenção.

Me fitou e desviei o olhar.

– Ele tem a vida dele e eu tenho a minha. Somos completamente diferentes. Eu fui a barreira que entrou na vida dele. Então... sem chance, tudo o que temos em comum é a minha filha, nossa filha.

As horas passaram voando, mas consegui me abrir com alguém, pela primeira vez, que não fosse rir da minha cara ou me contradizer com alguma coisa, ou me chamar de infantil. Daniel era um cara legal e isso eu não podia duvidar.

– Você deve estar cansada e te roubei uma tarde toda. – Sorriu. – Posso te levar para casa? – Piscou.

– Pode.

No caminho me contou como funcionava a empresa, as pessoas chatas que costumam enchê-lo a paciência. Ri feito uma louca do seu jeito engraçado, menti uma vez, quando disse que já abri um livro para ler, mas só menti porque ele duvidou disso. Minutos depois estávamos em frente ao prédio do Oliver e para a minha surpresa, America me encarava.

– Não quer subir? – Perguntei mesmo sabendo que isso poderia causar uma guerra.

– Não, eu preciso dizer à família que não me perdi na cidade. – Sorriu. – Mas já sei onde mora. – Pegou um papel no porta-luvas. – E esse é o hotel onde estou. Se quiser pode ir até lá ou ligar. Estarei à disposição. – Cruzou os braços fazendo os músculos saltarem pela camisa.

Eu gostava muito dos seus olhos, como eles pareciam verdadeiros, eu não me senti um ser de outro mundo fazendo bizarrices como parecia quando estava com qualquer outra pessoa. Por Deus, Daniel me via como uma mulher, um alguém normal.

– Tudo bem. Até a próxima então. – Afagou meu cabelo e entrou no carro. Me afastei quando o carro começou a andar. Dois segundos e America estava ao meu lado.

– Pergunta logo! – Falei.

– Oh meu Deus, quem era aquele Deus?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Daniel.

Abriu a boca.

– Não faz essa cara. – A encarei.

– O que está acontecendo com você garota? Já não basta o gato do Oliver, agora mais um? E por que isso não acontece comigo?

A puxei para dentro do prédio ouvindo seus protestos de como ele era perfeito e de que capa de revista eu havia o tirado. Oliver e Daniel não eram diferentes nesse quesito. Daniel era bem mais forte fisicamente, tinha aquele mistério no olhar e aquele sorriso encantador. Oliver era perfeito – ambos me faziam me sentir uma anã – mas Oliver me fazia me sentir muito mais, eu sempre me sentia idiota quando ele me abraçava, quando me fazia rir ou quando era idiota o suficiente para me fazer rir. Eu odiava me sentir parte dele – com toda essa coisa de proteção – o que era uma droga. Abri a porta e Apolo saltou em mim não fazendo mais tanta força como antigamente. Estava tudo silencioso.

– Me diz como ele te achou? – Gritou.

– Na rua, estava vindo para a casa. Mas ele apareceu e foi um cavalheiro por me levar para comer alguma coisa, mas eu já tinha comido antes com o Oliver, então só o acompanhei.

– Quer dizer...

– Que eles já se conhecem. – Infelizmente ou não.

America se jogou no sofá e segui para o quarto. Oliver estava deitado, em silêncio, a luz do abajur acesa. Me aproximei para ter certeza de que estava dormindo. Por que ele tinha que ser tão... tão infeliz e desgraçado? Eu queria socá-lo enquanto dormia, e ao mesmo tempo me deitar a seu lado e ser o que minha natureza gritava diariamente, trouxa...

– Perdeu alguma coisa? – Perguntou abrindo os olhos.

Meu coração foi na boca.

– Que droga, Oliver! Quer me matar?

Se levantou passando por mim.

– Não seria uma má ideia. – Resmungou. Alguns segundos e senti a frieza em sua voz.

– Dá para me explicar a mudança de humor? – O segui até o banheiro.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Fechou a porta, mas chutei e ela se abriu. Me encarou se encostando na pia cruzando os braços sobre o peito.

– Que humor? – Fingiu desinteresse no assunto.

– Isso não cola comigo, Oliver. Me diz logo.

Se encarou no espelho me dando as costas e entrei na frente o empurrando com a barriga.

– Por que não vai lá contar para a sua amiguinha como foi seu passeio e me deixa em paz como estava há cinco minutos? – Me encarou.

– Então esse é o problema? – O empurrei até que me deu as costas mais uma vez voltando ao quarto. – É assim, Oliver? Está com raiva porque eu estava com outra pessoa?

America apareceu da porta.

– Vocês querem gritar mais alto? Lá do estacionamento ainda não dá para escutar.

– Cala a boca, America! – Gritamos. Oliver abriu o guarda-roupa pegando algumas peças de roupa.

– Quando você vai entender que eu também tenho uma vida?

– Quando você começar a ser responsável!

Atirei-lhe um travesseiro.

– Isso é mentira. Você não vai brincar comigo, Oliver. Essa atitude é ridícula.

– Eu? O que eu estou fazendo, Melissa? Eu respondo, estou evitando que me tire a minha filha. Você nem me contou que já tinha dado um nome a ela e contou a ele em dois segundos. Ela tem um pai e não precisa de outro.

– Não está nos meus planos fazer isso. Por mais que ela mereça um pai de verdade porque essa história é louca demais. E o nome eu decidi essa manhã e ia te contar.

– Tarde demais para pensar nisso. – Ele estava tentando me culpar. Avancei bufando de raiva e America entrou no meio nos separando.

– Eu não fico mais nesse maldito apartamento. – O empurrei. – Eu tenho uma vida fora da sua bolha idiota.

– Ah, fica!

– Quero ver quem vai me impedir!

America abriu caminho, mas ele passou na frente. Correu até a porta e puxou a chave.

– Se você não abrir, eu pulo a janela.

– São vinte andares. – Cruzou os braços.

– Não me diga, abre essa droga, Oliver. America, manda ele abrir.

– To fora, só me avise quando eu puder ir embora, estou lá no quarto vendo TV naquela tela plana.

Oliver estava emburrado. Continuava apoiado na porta me encarando.

– Sinceramente eu não te entendo. – Toquei a barriga quando senti Olivia se agitar. – Não percebe que não é só por mim? É por nós!

– Só coloque na sua cabeça que não te quero com o outro...

– Por quê?!

– Não gostei dele.

Jura?

– Também odeio profundamente a sua querida futura esposa, mas nem por isso vou te impedir de sair e dormir com ela. Nem por isso te mando calar a boca quando diz algo sobre ela. Nem... que droga, Oliver! É a minha vida e ela não parou de seguir. Você gostando de qualquer outro cara ou não!

– Sabe o que eu acho? – America apareceu da porta. A encaramos e voltou ao quarto. – Não está mais aqui quem ia dar opinião!

Respirei fundo.

– Vai me levar para sua casa também quando for se casar com a outra? – Fez cara de menino birrento. – Hein Oliver? Não, não vai porque eu já me decidi. Vou viver a minha vida ao lado de outro homem... ou não. E você, trate de cuidar da sua. essa brincadeira não é legal para nenhum de nós.

Bateram na porta e pelos gritos era Harry. Oliver me encarou por alguns segundos até abrir.

– Boa noite família. Melzinha, que cara é essa? – Me segurou pelos ombros balançando de um lado a outro.

– Graças a Deus alguém chegou. Bom, acho que agora posso ir para casa, não é mesmo? – America saiu do quarto.

– Seu irmão, esse idiota filho de uma. – Eu ia socá-lo – ...eu preciso respirar e

não é aqui que vou conseguir isso.

Minha cabeça estava explodindo e tinha água demais em meus olhos. Todo o meu dia se reduziu a nada.

AMERICA

Mona tentou pará-la quando ficou andando em círculos dentro do elevador e soltando seus palavrões. Meu Deus, Oliver ganhou tantos nomes que dessa vez até eu me surpreendi. Seguiu para fora do prédio batendo o portão e falando sozinha.

– Ela não pode ficar nervosa.

– Uma hora ela se cansa. Quer saber? Ela o ama e de alguma maneira, ele também gosta dela. Quer saber mais? – Assentiu. Obrigado Senhor por fazer alguém querer me ouvir. – Oliver está confuso, ele não sabe mais se ama a outra. Mas a convivência o faz dar mancada. É um casal estranho. Eles só não perceberam isso ainda.

Melissa chutou uma lata de lixo fazendo um gato correr na rua.

– Ela é a mocinha que não é uma mocinha e ele o príncipe encantado. Estranho, não é?

– Posso dizer que a Melissa o mudou. – Mona sorriu.

Mudou?

– Desde que se conheceram Oliver não é mais o certinho de antes. É mais solto, se bem que a mulher que ele arrumou é bem louca. – Sorriu. – Melissa é uma garota incrível e sabe esconder bem seu amor por ele.

– Não, ela não sabe. Ela se privou de todos esses momentos sentimentalista todos esses anos. – Eu sabia disso melhor do que ninguém. – Eu não me importava de ser a irmã mais velha e comandar tudo, ela sempre voltava e chorava no meu colo. Essa coisa toda de morar junto, ser mãe e se apaixonar nunca esteve nos planos dela. Ela sempre se recusou a ter tudo isso.

– Por quê? – Mona me fitou.

– Ela tem medo das consequências que isso traz. De perder tudo, sabe? Ela se transformou nessa... diversidade de emoções e Oliver e Olivia estão puxando o real sentido dela. Ela não está sabendo lidar, eu sei que se pudesse voltar atrás, infelizmente ela voltaria. – Melissa estava a metros de distância.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Seguimos seu passo até a praça onde se sentou no primeiro banco que encontrou.

– Está mais calma? – Perguntei.

– Calma? Como quer que eu esteja calma quando aquele infeliz me confunde? Se ele não me ama, por que não me deixa tentar gostar de outra pessoa e esquecê-lo de vez? Eu acho que mereço isso.

Mona a abraçou.

– Eu nunca amei alguém, como eu o amo. Mas também sei esquecer. Eu não quero isso para mim, gente eu...

– Ele também está confuso, Melissa, eu sei que é até estranho eu estar o defendendo, mas percebi isso desde que a citou mais que o normal nas conversas. Ele só quer o melhor para você e a nossa princesinha. Acho que vocês têm que sentar e conversar.

Melissa bufou.

– Sem tentar se matar, é claro. – Falei e vi um sorriso surgir. – Promete?

Cruzou os braços me encarando.

– Promete, Melissa Sanders?

– O problema não é esse, eu posso sentar e conversar, mas sempre vou ouvir que estou errada. Essa vida, isso tudo não é para mim e se não posso voltar atrás e mudar as coisas, posso pelo menos seguir em frente.

OLIVER

– Pode me explicar o porquê de ela estar daquele jeito? Você ouviu sobre a pressão dela e essas coisas doidas aí que o Henry disse?

Respirei fundo.

– Eu vou atrás dela.

– Não. – Me empurrou de volta fechando a porta. – Me responde.

– Ela está saindo com outro cara e na minha frente! Quando eu fico atencioso é isso o que ganho? Eu a levei ao médico hoje cara, eu fui a uma aula para grávidas e comprei coisas para ela. E o que ganhei? Um “vai para a casa Oliver”. É isso que ganhei enquanto ela estava com um cara que ela mal conhece.

Harry me encarava com um meio sorriso.

– Oliver mais uma vez com ciúmes.

– Eu não estou com ciúmes. Ela... ela me deixa louco. Só isso. Eu comprei um presente para ela e ela nem sabe, porque simplesmente me ignorou.

– O que Melissa não é, é idiota, Oliver. Quer um conselho? Dê o espaço que ela quer, com o tempo vocês vão ver que se amam e não sabem disso ainda. Só não vá fazer merda ou quem vai acabar com você, sou eu.

....

A porta se abriu meia hora depois. Melissa me encarou, os braços cruzados em cima da barriga. Mona sorriu e afagou seu rosto. Harry bateu em minhas costas com um pouco de força.

– Bom, já está na nossa hora. – Se juntou a Mona.

Melissa ficou ao lado da porta.

– Até mais.

– Qualquer coisa liga e, Melzinha, não pule a janela, não se estresse demais e não mate ninguém.

Melissa ficou vermelha.

– Pode deixar. Vou me comportar.

Fechei a porta e a vi seguir para o quarto deixando um silêncio enorme. Essa era a primeira vez que eu não conseguia conversar com ela. Eu não conseguia agir, com medo de errar. Respirei fundo, pediria desculpas, perdão. Qualquer coisa. Estava sentada na cama, e tinha a boneca nas mãos. Me sentei ao seu lado e me fitou.

– Outro presente para ela? – Perguntou me fitando. Seus olhos estavam vermelhos.

– Não, essa é sua... eu... comprei, mas não, você foi... você sabe.

– É bonita, eu gostei.

Segurei sua mão e me ajoelhei a sua frente.

– Me desculpe, eu não queria te deixar daquele jeito.

– Oliver, não precisa fazer isso.

– Eu sempre erro com você. Minha cabeça está uma loucura, me desculpe. Eu não faço mais.

Abriu um meio sorriso.

– Não prometa o que sabe que não pode cumprir.

Uma semana depois...

– Não Melissa!

– Você prometeu lembra? Não ia se intrometer na minha vida.

Onde está Anna quando eu preciso? Ela não ia a outro jantar com esse cara.

– Mas ir a outro jantar com ele é demais.

– E qual é o problema? Agora vai lá e abra o meu guarda-roupa ou bato na primeira porta e arrumo um martelo. Você escolhe.

– Vai lá, se você conseguir derrubar a porta e a vizinhança te odeia também.

– Sorri.

Era bem capaz de ela derrubar. Bateu o pé até a sala, chutou a porta e gritou. Me deixe pensar Melissa, só isso. Ela não vai se vender por comida e ela quer sair com ele!

– Não vai me deixar sair? – Me encarou.

Balancei a cabeça.

– Nem abrir meu guarda-roupa?

Menina esperta. Passou as mãos no cabelo e desfilou até a estante pegando um dos jarros que Anna me deu para mobiliar o apartamento.

– Não, Melissa.

– Sim, Oliver. – O atirou na parede a centímetros de mim. E seguiu para o outro. – Vamos lá Oliver, abra o meu guarda-roupa.

– Pare com isso.

Gargalhou e me atirou um chinelo.

– Você sabe que quando começo, eu não paro. Eu estou tentando parecer uma mãe decente, mas você não está ajudando.

Apolo correu para o quarto.

– Você pode machucar alguém sabia? – Me atirou o controle da TV.

– Esse é o objetivo, quando o "alguém" é você.

Me agachei atrás do sofá ouvindo minha casa sendo destruída. Ela vai

destruir tudo, mas não vou deixá-la sair de novo e voltar tarde.

– Não vai me dar as chaves? – Gritou.

– Não. Não vou.

A porta se abriu.

– Anna! – Melissa gritou. – Ainda bem que chegou.

Legal.

– Oh meu Deus, os jarros italianos! – Eu podia ver o desespero da minha irmã.

– Desculpa, mas precisei usá-los. Dá para colar alguns.

Levantei-me e Anna me encarou.

– Você estava tentando... deixa para lá. Podem me explicar o que estava acontecendo aqui?

– Oliver resolveu me trancar aqui. Não quer me deixar sair. – Falou cansada pelo ato de segundos atrás.

– E para onde você vai a essa hora?

– Um jantar, mas esse animal não quer abrir meu guarda-roupa. Não posso ficar andando por aí de calcinha e top, ou posso?

– Nem brinca.

Anna se aproximou tentando pegar a chave.

– Anna.

– Se não me der, eu vou contar ao Harry e vai ser muito pior porque ele vai pegar a chave com seu punho junto. – Falou calmamente.

Melissa me mostrou os dois dedos quando Anna lhe jogou a chave. Entrou no quarto e bateu a porta.

– Oliver... – começou.

– Não fala comigo.

– Eu falei que você ia se arrepender um dia.

Abafei o grito na almofada.

– Não se pode amar duas pessoas. – Sussurrei.

– O quê? Não ouvi. – Provocou.

– Não se pode amar duas pessoas droga! – Murmurei.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Fala mais alto. – Gargalhou.

A encarei.

– Você está certo. – Falou se levantando. – Não se pode amar duas pessoas. Mas a pessoa sempre sabe quem ama de verdade.

Sumiu no quarto. Quando voltaram, Melissa usava um vestido branco com uma fita preta, sapatilhas e o cabelo que estava lá em cima há minutos atrás, estava agora com uma trança até a cintura.

– Obrigada Anna. – Anna sorriu. E me encarou.

– Não precisa me esperar, ninguém vai me sequestrar. – Avisou.

Dei de ombros aumentando o som da TV pela TV, já que ela quebrou o controle. Ela bateu a porta ao sair, como sempre fazia para irritar. Anna voltou ao quarto, mas devia ter ido junto. Isabel ligou, mas desliguei o celular, estava sem cabeça para isso. Tomei um longo banho tentando pensar. Ela era livre para fazer o que quisesse, eu não devia estar no pé dela 24 horas por dia e nem proibi-la de sair. Anna me encarou, arrumava as roupas da Olli, como passou a ser chamada. Me deitei ao seu lado a observando dobrar cada pequena peça.

– O que foi agora?

– Já viu sua cara no espelho? Daqui a pouco está soltando fumaça.

Ignorei-a tentando ler um livro, mas ela andava de um lado a outro e isso me incomodava. Quando parou, depois de longos minutos, me atirou outro chinelo. Que droga!

– Faz meia hora que ela saiu daqui e você ainda está aí? – Gritou. Esfreguei a testa. – Sai dessa cama e vai dizer a ela que pelo menos você está confuso com tudo isso, sei lá. Diga que também a ama. Que vai pedir um tempo, eu não sei.

– Acha que ela vai aceitar essa confusão? – Eu tinha certeza que não.

– De uma coisa eu posso ter certeza. Ela te ama. Agora vá antes que a perca de vez.

– Eu não sei aonde ela foi.

Sorriu.

– Eu sei. Vamos, eu dirijo.

Anna me arrastou até o carro. Tinha um sorriso enorme em seu rosto, mas eu
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

queria que ela soubesse que as coisas eram difíceis. A dúvida poderia machucar e ela devia saber disso.

– Já sabe o que vai dizer? – Perguntou.

– Não, porque minha irmã me arrastou de dentro de casa. Pode me ouvir?

Assentiu e acelerou.

– Já faz algum tempo que não penso na Isabel...

– Isso é ótimo, conta mais.

– Mas quando estou com ela... eu não sei. Parece que tudo volta ao normal.

Bufou.

– Mas quando estou com a Melissa, eu quero cuidar dela. E não sei, eu arrumo um tempo para ela. Por mais que ela tente me matar por não entender isso. É isso que confunde, eu tenho medo de seguir em frente com uma e ver que na verdade era outra e acabar machucando as duas. Pode me entender?

Anna estacionou a alguns metros. Ficamos lá parados.

– Você sabe que as coisas mudaram, então pense e decida. Vamos lá.

Havia todo um discurso pronto na minha cabeça. Eu precisava dela, precisava ficar com ela e com a minha filha. E que talvez não fosse fácil – porque ela não é fácil – mas tentaríamos de todas as formas. Que não precisaria procurar mais o que tanto procura em outras pessoas e que não era posse, era um sentimento maior do que tudo no momento. E sim, eu estava com ciúmes porque ela estava linda e não era para mim.

Havia tanta coragem em mim que qualquer outra coisa foi cegada e não precisamos de muito para toda a coragem evaporar. Melissa com Daniel, na parte mais reservada do restaurante e ela estava linda, assim como saiu minutos atrás. Mas não estava linda para mim e sim para ele. Parei no lugar processando a imagem que mostrava que as coisas realmente mudaram – a partir do momento em que ela está beijando outro homem. Tudo mudou.

Arrastei Anna de volta ao carro. Minha boca estava amarga e meu coração mudo e a cena se repetindo. Tinha toda a certeza de que minha irmã deveria estar dirigindo, mas apenas segui. Me manter ocupado evitaria voltar atrás e tentar explicação de algo que eu não merecia.

– Não corre Oliver!

– Não estou correndo. Cala a boca Anna. – Apertei o volante.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Não quero morrer por causa dos seus ciúmes. – Me bateu.

Ciúmes? Eu não estou com ciúmes. Não há motivos para isso, porque minhas dúvidas só se fazem por esclarecidas. Melissa seguiu com a vida dela. Fim.

– Para onde estamos indo? – Me encarou.

– Vou te deixar em casa.

– Eu vou ficar com você! – Sua voz agora carregava pena.

Bufei.

– Olha que legal, eu não quero.

– Está assim porque você é um idiota. Acha mesmo que ela ia te esperar percebê-la? Não Oliver! Ela esteve lá todo esse tempo, foi embora, voltou e isso foi a vida te dando uma segunda chance....

– Acabaram-se as chances. A única coisa que me importa, é minha filha. Apenas isso. – Estacionei e Anna desceu batendo a porta.

– As coisas não precisam terminar assim.

– Já está feito.

– Oliver...

– Tchau, Anna.

– Não seja um idiota.... – Gritou quando a deixei para trás.

CAPÍTULO 27

MELISSA

Precisei de alguns minutos para entender o que tinha acontecido. Beijar outro cara era normal para mim há meses atrás, então de repente tudo mudou. Eu beijei meu quase futuro chefe. Mas isso não quer dizer que eu não tenha gostado. Por que estou pensando assim? Devo satisfação da minha vida a alguém? Acho que não.

O jantar ocorreu bem. Foi a noite mais diferente da minha vida. Eu não estava fingindo, não precisava falar corretamente toda hora, e acho que diverti alguém pela primeira vez na minha vida. Enlacei seu braço quando saímos, algumas pessoas me olhavam e sabiam quem eu era, sabiam toda a história que corria rápido demais para classe que se julgava melhor que as outras. Eu não pertencia a Oliver como ele não me pertencia.

– Está com frio? – Despertei com a voz de Daniel.

– Não. É quase difícil sentir frio com os hormônios como estão. – Sorri.

– Não posso esquecer de entregar o meu presente. – Abriu a porta do carro parando um passo a frente. Piscou um sorriso.

Daniel era gentil e atencioso, eu só queria esquecer tudo por um momento.

– Vamos falar sobre o que aconteceu? – Perguntei quando ocupei o lugar a seu lado. Por duas vezes ele conferiu meu cinto de segurança.

– Você quer falar sobre isso?

Sim, talvez eu devesse. Éramos duas ali, era uma vida louca diante de um cara legal e eu era quem estragava as coisas legais. Não queria estragar isso também.

– Você sabe... como minha vida é.

– Sim. – bateu os dedos no volante. – Você é uma mulher extraordinária a espera de uma menina extraordinária. Eu sou o cara que não é seu chefe e que sente um carinho por essas duas pessoas extraordinária.

Sorri.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Estou falando sério, Daniel. Não estou em busca de um relacionamento... não agora, enquanto... – Encarei minha barriga. – Enfim, é assustador para uma família de um cara legal saber que ele está saindo por aí beijando mulheres grávidas.

Daniel gargalhou fazendo seus ombros balançarem.

– As coisas acontecem no tempo certo, Mel.

– Eu não quero que pense...

– Que está fazendo tudo por um emprego? Se for não termine. Não seja absurda em dizer isso. Nos reencontramos por acaso, mesmo quando te vi da primeira vez eu sabia o quão incrível você era. Não estou dizendo isso porque você beija muito bem e eu gostei muito disso. – Senti minhas bochechas queimarem. – Estou dizendo porque você atrai as pessoas pelo seu jeito. Pela forma que você é e incrível. Nada disso foi planejado ou programado. Não se preocupe.

– Obrigada.

– Posso admitir agora que não via a hora de vê-la novamente. E que fiquei feliz por saber que você e seu ex marido não tem nada juntos.

Tentei um sorriso.

– Não vamos estragar a noite falando do passado. E pare de lutar com o seu sono, quando chegarmos eu te acordo.

– Obrigada por isso também. – Meu sorriso foi maior agora.

Relaxe e me senti mais tranquila. Estava me sentindo bem, não completamente, mas estava. O balanço do carro me fez dormir, fui despertada com um som de celular. Daniel tentou para-lo apressadamente.

– Me desculpe.

Já estávamos em frente ao prédio do apartamento de Oliver, era onde o mundo real colidia com ilusão que me obrigava a viver as vezes. Daniel desligou o celular, se virou para pegar uma pequena sacola no banco de trás e me entregou sem jeito.

– Comprei isso essa manhã. Espero que goste. – Uma covinha se formou em sua bochecha.

Então ‘Olivia havia ganhado mais uma boneca, porque se tudo desse errado, pelo menos uma loja de brinquedos teríamos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Essa menina vai ficar muito mimada com presentes caros.
- Não importa o preço Melissa, se for para alegria dela, vale a pena.
- Obrigada. De verdade a noite foi incrível e ela vai gostar. – Balancei a boneca. – Eu preciso ir. Está tarde.
- Essa é a parte ruim. A despedida.
- Um alguém mais dramático do que eu?
- Culpado. – Ergue as mãos. – É realmente ruim deixa-la ir, mas como diz o protocolo. Esta entregue. – Me beijou, dessa vez no rosto. Segurei a boneca esperando que abrisse meu lado da porta, ele me deixou na entrada do prédio e só saiu dali quando me viu passar pelos portões.

Acenei e segui com um sorriso idiota.

Leve, você esta leve Melissa. Aproveite porque é sempre temporário. Estava tudo quieto quando entrei, Apolo deitado no sofá, sua bola ao lado e o olhar mais triste que ele já poderia ter me dado.

- Hey garoto, está sozinho? – Me sentei ao seu lado e ele encostou a cabeça em meu colo. Além de tudo quieto, ainda estava tudo destruído como havia deixado. Oliver não saiu de casa.

Troquei de roupa e me preparei com vassouras e panos para limpar minha própria bagunça. Apolo não me deixou um segundo se quer desde que havia voltado pra casa, era como se eu pudesse trazer Oliver de volta, mas eu não podia. Não podia nada relacionado a ele.

- Segura para a mamãe. – Joguei o pano e Apolo pegou. – Só não vai babar tudo.

Vamos lá, vamos limpar essa bagunça porque você está grávida e não morta. Tomei nota que o apartamento estava mais sujo que as ruas do bairro, manter tudo limpo e organizado mantinha minha cabeça no lugar. Afastei o sofá que pesava uma tonelada, varri os cacos de vidro e cortei o pé com um. Era um momento propício para isso.

- Filho de uma... boa mãe. – Me sentei. –Aí que ódio, por que eu estou sentindo cheiro de sangue? – Choringuei não sabendo quem eu faria sair pela minha boca, uma criança ou meu jantar.

Apolo latiu

- Estou bem garoto. Isso é... sangue. – Me levantei marcando o caminho ate o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

banheiro.

Eu odiava sangue, cheiro de sangue, cor do sangue. Ele estava bem, dentro de mim. Lavei o pé ate parar de sangrar, mesmo assim o cheiro ainda estava ali. Voltei à organização quando tudo se normalizou. Tinha feito duas viagens entre o quarto e a sala recolhendo coisas de Apolo e Oliver pela casa. Não conseguia fazer mais nada quando o último grão de poeira foi limpo. Me deitei no chão e senti o sangue circular em meu corpo. Troquei de roupa e caí na cama, não literalmente, como eu queria, puxando Apolo comigo. Acho que o apertei demais.

Eu queria que ele soubesse que eu estava feliz, alguém havia me aceitado. Mas ele já havia escolhido, Oliver era sua escolha.

....

Oliver desapareceu, uma semana sem sinal de vida e todos achavam que ele estava comigo. Tentei seu celular depois de vinte e quatro horas, era a mesma coisa que nada. uma parte de mim dizia saber onde ele estava a outra estava em pânico. Por que ele sumiria assim? Até pra ir na esquina ele me dizia onde ia.

– Eu não sei onde ele está e posso afirmar que estou preocupada.

– Melissa já rodamos tudo e não o achamos, porque não falamos logo para a família que ele sumiu. – America estava impaciente.

Me sentei. Meus pés estavam inchados e isso era ótimo.

– Ele pode estar com a outra.

– E se não estiver? Que droga! O que ele tem na cabeça? – Nada era a resposta pra tudo.

– Está querendo fazer a Olli nascer mais cedo?

Bufei.

– Isso vai acabar acontecendo e depois eu vou matá-lo com as minhas próprias mãos e jogar aos cachorros. E não duvide disso.

Anna ligou, mais uma consulta, acabei perdendo. Não tinha cabeça para isso e passei a tarde chorando por um infeliz que devia estar muito bem. Tentei mais uma vez seu celular e dessa vez fui séria.

– Eu não estou mais tolerante Oliver, se você não aparecer, pelo menos der notícias eu vou alertar a Interpol até te acharem, seu animal. Eu não estou

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

brincando. – gritei.

Minha pressão devia estar no pé. Outra mensagem de Anna e isso estava ficando insuportável. E eu deveria parar de chorar também. havia acabado de me deitar quando tocaram a campainha incansavelmente. Abri a porta espumando e esperando ser Oliver, já de punhos fechados, mas não era.

– Melissa. – Daniel me estudou. – Está tudo bem? – Eu não ia chorar na frente dele.

– Daniel.

Sorriu.

– Atrapalho? – Abri mais a porta o deixando entrar.

– Não. – Beijou minha cabeça quando entrou.

– Por que está nervosa?

– Porque vou matar o Oliver. – Segurei o cabelo. – Ele sumiu. – estava lutando com meus hormônios. – Uma semana sem nem me ligar para dizer que está vivo. Tem noção de como esta minha cabeça?

Daniel afagou meu cabelo.

– Já avisou a família?

– Não. Mas se ele não me der notícias em 12 horas eu vou ligar para os pais dele e vou avisar. Chega.

– Melissa você não pode ficar nervosa. Isso faz mal ao bebê.

– Eu estou bem. Me desculpe por estourar assim, é só que... é demais para mim.

– Que tal um passeio para esquecer? – Segurou meus ombros. – Podemos ir até o parque.

– Eu acho...

– Que vai ser bom para passar o tempo.

– Tudo bem, eu só vou trocar essa roupa. – Que estava péssima. – Me dê dois segundos.

Apolo de alguma maneira não gostava muito dele, então precisava prendê-lo comigo no quarto. Sem querer me peguei xingando Oliver alto demais. Mas que se dane, ele merece muito mais. O telefone voltou a tocar e querendo ou não, precisei atender.

– Fala, Anna.

– Onde você está?

– Em casa.

Bufou.

– Liguei mil vezes para o Oliver, mas só cai na caixa postal e aí é a mesma coisa, mas acho que os dois não ouviram o recado que deixei não é mesmo?

Baguncei o cabelo em dois segundos.

– Que recado, Anna?

– Hoje é o dia de integração com os pais, acabaram de me ligar. – Ela estava tão empolgada que era crime gritar com ela como eu queria. – Vê se não se atrasa e nem foge da aula. Avisei o Oliver também.

Vai ter dez dele lá.

– Anna, hoje não.

– Hoje sim. Boa aula e cuide dessa princesinha.

– Anna...

Desligou.

– O que foi dessa vez? – Daniel estava tentando uma aproximação com meu filho mais velho de quatro patas.

– Anna e suas ideias. É a irmã do Oliver, uma pessoa incrível que você amaria ter o controle, mas nem ela mesmo tem. – Sorri. – Tenho uma aula bem legal essa tarde com uma professora mais legal ainda, mas não vou.

– Por que não?

– Anna não pode ir, America já se ocupa demais comigo e eu fico perdida. No fim isso não vai me ajudar em nada. é coisa de gente rica.. Não querendo ofender você e... Merda.

Daniel escondeu o rosto na almofada.

– Tudo bem Melissa, eu posso acompanhá-la. Não tenho nada essa tarde e aproveite minha companhia porque só tenho até semana que vem para ficar por aqui. Depois preciso voltar para o Arizona. – Segurou meu queixo.

Jura que meu coração resolveu bater mais forte dessa vez?

– Não quero...

– Eu insisto. Eu sei que o pai devia acompanhar...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Pode parando por aí. Vamos dar uma volta e depois vamos à aula.

....

Seguimos pelo parque, eu não queria brigar com as pessoas, mas sempre encontrava quem eu não queria, adolescentes engraçadinhos, pessoas que não andam rápido, pedras no chão. E Daniel apenas ria, ao contrário de Oliver que sempre reclamava.

– Não se deve mexer com uma grávida, não é mesmo?

– Vou te contar um segredo. – Mordi os canudinhos de chocolate. – Eu também era assim antes da gravidez. Mas estou aprendendo a me controlar. – Me fitou. – Tá legal, eu não me controlo, essa é a minha fama. Eu era uma garota livre e endividada de vinte e três anos e meio. As pessoas tentam me mudar, mas eu nunca vou mudar.

– Devemos aceitar as pessoas como elas são e não tentar impor regras a elas.

– Me ofereceu seu sorvete.

– Sempre quis ouvir isso, mas nunca ouvi. Acho que sou assim porque fui criada com no meio de garotos, exceto por America. E garotos são selvagens, meu pai dizia que eu devia ter nascido menino, porque meninas eram comportadas.

Sorriu.

– Cuidado para essa princesinha não ficar como a mãe.

– Estarei pagando por tudo o que fiz.

Daniel foi paciente quando precisei de outro sorvete. Posso dizer que ri muito com o passeio e até arrisquei a andar em uma das bicicletas de aluguel.

Era impossível não rir com as histórias que Daniel contava, mas quando chegava minha vez, era melhor ficar calada. Não podia me esquecer que no futuro ele poderia ser meu chefe e saber que não sou uma pessoa muito civilizada poderia implicar. Ele poderia não gostar de me ter na empresa, então apenas dei de ombros e contei algo que não me comprometesse tanto. Também evitei palavrões, mesmo quando eles ficavam coçando na ponta da língua. Me segurei como uma pessoa muito educada que eu não era.

Paramos para o almoço, parecia que o assunto nunca tinha um fim. Não era cansativo estar com ele. Eu não me sentia tão deslocada assim.

– Vai querer mais alguma coisa?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Meu Deus, não.

Fiquei na porta o esperando pagar a conta, voltou com mais um pedaço de sobremesa dizendo que era para o caso de eu querer no caminho. Era tão fácil conversar com ele, as coisas fluíam fácil. Em minutos estávamos no shopping. Por duas vezes o vi querer segurar minha mão, mas recuava. Não me importaria se o fizesse, não estávamos fazendo nada demais. Liberdade ainda fazia parte da minha vida.

– Eu vou sair um pouco louca daqui, então não se espante. – Empurrei as portas duplas cheias de fotos de bebês.

– Tudo bem senhorita.

Alejandra sorriu, mas olhou de um jeito estranho a Daniel, eu sei.

– Melissa... se aproxime.

Puxei Daniel comigo.

– Ela, parece espantada comigo.

Sorri.

– Aposto quanto que ela vai te elogiar como fez com Oliver? – Sussurrei. Daniel balançou a cabeça e a vimos se aproximar.

– Olá, sou Alejandra. – Sorriu. – Belo acompanhante Sanders.

Bufei.

– Falei.

– Ela é simpática. – O encarei. Eu sabia o nome dessa simpatia, já fui assim também, muito simpática.

– Bom, como essas mães estão? Espero que bem e hoje a aula vai ser maravilhosa.

– Ela sempre diz isso. – Avisei.

– Disse alguma coisa Mel?

– Não, não.

Daniel escondeu o rosto nas minhas costas.

– Bom, estamos com os nossos bebês aqui e hoje teremos um banho, mais uma troca de fralda e o mais legal, eles arrotam. – Gargalharam.

Que empolgante.

– Venham.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Daniel me acompanhou até uma das banheiras, sorriu ao ver a boneca. Eu sabia que eram estranhas e estava fora de cogitação imaginar minha filha nessas coisas.

– Sua bebê é linda.

Sorri.

– Agora tirem a roupinha com cuidado e a coloque na banheira.

Primeiro, eu quase arranquei o braço da boneca; segundo, eu soltei a boneca na banheira.

– Melissa, não é assim. – Daniel arregaçou as mangas da camisa e pegou a boneca. – É assim.

– Você tem filhos?

– Pretendo. – Sorriu ajeitando a boneca na banheira. – Entendeu como se faz? Você é terrivelmente encantador. Deus, você mandou o homem certo tarde demais.

– Não me dou bem com banheiras. – Resmunguei tentando fazer igual.

– E como pretende dar banho nela? A seco? – Gargalhou. Enchi a mão de água o acertando.

– Ela tomará banho comigo e juntas salvaremos o mundo.

– Qual é a possibilidade de deixá-la escorregar pelo ralo?

– Serei cuidadosa.

Rimos mais do que deveríamos, na hora de trocar a fralda, nenhum dos dois sabia o lado. Mais uma vez, ele não me mandou calar a boca ou ficou envergonhado. Essa era a segunda melhor sensação do mundo. A primeira foi ter estado pela primeira vez em um lugar que poderia chamar de família depois de tantos anos.

– Vai lá, agora quero ver.

Ele até tentou.

– Isso é complicado.

– Por que ela tem talco nos olhos? – Tentei tirar aquilo dela.

– Para protegê-la.

Gargalhei. A mulher ao lado olhou com uma cara que dizia: *you não deveria ter filhos*. Sim, eu sei disso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Vamos ver como ficou nossos bebês. – Levantei a minha e sim, estava horrível e a fralda caiu. Daniel gargalhou a meu lado.

– Me desculpem.

– Tudo bem, querido. Mamães sentem-se nos colchões confortáveis e relaxem.

– Ela diz isso porque não está grávida, não tem como sentar e relaxar e os colchões não são confortáveis.

– Qual será a da vez?

Provavelmente alguma coisa que me faz dormir.

– Estão confortáveis?

Não! Gritei mentalmente.

– Ótimo, agora me digam, o que as deixam relaxadas? Melissa?

Essa era fácil.

– Minha cama.

– Bom, então imagine estar na sua cama, o que gostaria de estar fazendo nela?

São tantas coisas, minha senhora.

– Dormindo, mas antes que diga imagine estar dormindo, já aviso que não é uma boa ideia. Eu durmo mesmo.

Gargalharam, mas era verdade.

– Ótimo, então me diga o que gostaria nesse momento.

– Uma massagem nos pés.

Segurou os ombros de Daniel o fazendo se sentar à minha frente.

– Bom aqui está um ótimo massagista. Sabia que algumas vontades que as mães têm, vem do bebê? E os incômodos também, as caminhadas não cansam apenas elas. Então se mostre um bom pai.

Ótimo.

– Ele não é o pai. – E você sabe disso.

– Oh, me desculpe.

Não!

– Mas ele também ajudará, eu tenho certeza.

Obrigado por deixar essa nuvem negra aqui. Me lembre de te trazer um chá chamado "se manque" da próxima vez. Daniel segurou meus pés os apoiando em seu colo.

– O que foi? – Perguntou.

– Nada.

– Foi o que ela disse?

– Não. – Eu sei que não sei mentir, mas negar também ajuda. As pessoas acabam acreditando.

– E como estou indo na massagem? – Sorriu de lado.

– Muito bom. Devia virar massagista.

Sorriu.

– Quem sabe um dia.

Passamos os longos minutos conversando. Descobri que não sou normal nesse meio tempo, mas eu devia saber disso há muito tempo. Alejandra passou mais alguns exercícios e insistiu em dizer que eu estava estressada. Também sabia disso, mas não queria tornar público o motivo. Mais uma vez, chegou a hora daqueles vídeos onde as mães presentes se encantavam com a vida de um bebê nascendo. Puxei Daniel comigo, eu não queria ver esse momento, sabia que teria o meu.

– Por que não quis ver? – Perguntou sorrindo.

– Cedo demais para se assustar, eu nunca fico nessas horas e me pergunto se elas veem o mesmo vídeo sempre. Acho isso assustador.

– E se não for?

Empurrei as portas duplas, sentindo o cheiro da poluição do dia, era horrível, mas nos trazia para realidade. Estava longe daquele lugar.

– Um dia eu vou descobrir.

Dois segundos e vi vermelho. Oliver estava a menos de dois metros me encarando como se ver o diabo fosse mais agradável do que eu naquele momento. e por que me encarava? Ele não devia fazer isso, eu devia fazer isso!

– Bom, acho que cheguei um pouco tarde. – Falou trincando os dentes. – Mas imaginei que teria...

– Não termina. – Avancei alguns passos e percebi que Daniel me acompanhou. – Está com raiva? Pode me explicar o porquê? – O cutuquei.
– Anna me ligou. Você me ligou. – falou com desdém.

Gargalhei.

– Que legal... você conseguiu ouvir as mensagens? Você sumiu, Oliver! Por uma semana, sabe como estou?

– Perfeitamente bem, em todos os sentidos. – Avançou tentando me tirar do caminho indo em direção a Daniel.

Daniel fez o mesmo. Mas que droga! Se fosse há meses atrás eu nem em importaria, até acharia dois brutamontes brigando algo agradável, mas não nesse momento.

– Parou, Oliver.

– Não estou fazendo nada. – zombou.

– Apenas sendo infantil. – Daniel sussurrou.

– Por que não fala mais alto?

Respirei fundo e afastei, Oliver. O gatinho resolveu virar leão.

– Para, Oliver.

– Presta bem atenção, é minha filha e ela não precisa de outro pai. Então fica bem quietinho no seu lugar.

– Oliver, eu não vou mais te mandar calar a boca. – Estava usando toda a minha força para mantê-lo longe.

Daniel abriu um sorriso irônico.

– Sei onde é o meu lugar.

– Não parece.

– É você quem está perdendo. Gosto de jogar e costumo ganhar.

Mais um empurrão e Oliver me jogaria no chão.

– Oliver! – Gritei. – Daniel, obrigada, eu adorei tudo.

– Claro que adorou. – Oliver ainda estava o encarando.

– Abre a boca de novo e vou cumprir com a minha palavra. Pode ir para casa, eu estou bem. Eu te ligo.

– Não terminamos Melissa, por que o está mandando embora? – Oliver me

encarou. Olhei bem dentro dos seus olhos e não entendi o que vi.

– Eu não quero que brigue. – Supliquei.

– E quem vai brigar? Só quero conversar.

Contei mentalmente até dez e o soltei.

– Quer saber? Faça o que quiser. Quero mais que se dane todo mundo seu idiota, bipolar. – Percebi que me acompanhava. – E não me siga! – Gritei sentindo a garganta arder.

....

Tomei um longo banho, antes de seguir para o banheiro eu vi as malas no quarto. Ele viajou, e não foi a outra cidade. Apolo me observava da porta. Eu estava uma pilha de nervos e confusão.

– Me dê um motivo para não o matar? – Latiu. – Eu sei que você o ama e como eu, ama a pessoa errada, mas no fundo eu sei superar. Já vivi com perdas maiores.

Terminei de me arrumar, me aventurei a comer alguma coisa, fui ao banheiro algumas vezes e cai na cama em segundos, cansada demais para prestar atenção em qualquer coisa além das minhas costas em protesto.

Algumas horas depois...

– Apolo, vai lá atender. – Abri um olho me recusando a abrir os dois e encarar a hora no relógio ao lado.

A maldita campainha não parava de tocar. Duas da manhã? Era isso. duas da manha. Apolo continuava deitado do meu lado. Puxei sua orelha de leve e me arrastei até a porta.

– Que inferno, já vai!

O porteiro me encarou da cabeça aos pés. E carregava um Oliver, bêbado? Obrigada Senhor, o que mais ele pode ter feito além de ter enchido a cara? Eu queria chorar e pedir clemencia diante da noite longa que com toda certeza eu teria.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Ele está bêbado. – Nem percebi. – Estava subindo e descendo o elevador.

– Minha mulher... – Tentou esticar a mão.

Bufei.

– Pode colocá-lo no sofá. – Isso dizia que eu ia dormir muito bem essa noite.

– Aqui está o casaco dele e a carteira.

Nunca interrompa o sono de uma grávida. Atirei suas coisas em cima dele e fechei a porta. Apolo lambia seu rosto.

– Que legal Oliver, por que não foi para a casa da sua namorada ou sei lá o que?

– Minha casa... – tentou se levantar.

Sinceramente? Não estava preparada para isso. Cadê o maldito Oliver certinho? Resolveu se revoltar de vez?

– Onde está... meu carro? – Eu devia rir. Mas eu estava cansada demais para isso.

– Não sei. – Abraçou Apolo, até o cachorro querer se soltar. – Solta ele. – Puxei suas mãos. Apolo correu. – Agora me solta Oliver.

Sorriu.

– Eu bebi um negócio colorido, era bom.

– Legal para você, podia ter ficado onde estava. Vai me deixar dormir, ou vai ficar pagando de louco?

– Precisamos... conversar... – me puxou.

Me soltei. Eu o segurei puxando-o pelo cabelo.

– Você precisa de um banho. – Quando estou com raiva, tiro força do além. – Se me jogar no chão eu esfrego sua cara no mesmo.

Ele era pesado.

– E colabora, por favor.

Chutei a porta do banheiro, a cadeira que deixei mais cedo ainda estava no mesmo lugar. O sentei e liguei o chuveiro amaldiçoando por não haver o modo congelando. Oliver segurou minha cintura com força e me puxou para mais perto beijando minha barriga.

– Ela... é minha.

– Eu sei.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– E.. não... e... e eu vou matar ele.

– Vai sim, te dou todo apoio. Agora fica quieto e colabora.

Gargalhou.

– Eu bebi... uma coisa colorida. E tinha... você é chata. – Me encarou. Eu ri, eu não queria rir.

– Obrigada por lembrar. – O segurei embaixo do chuveiro. Segurou meus seios. – Oliver! – Bati em suas mãos.

– Grandes.

Eles estão sensíveis seu animal!

– Para com isso. – Pedi calmamente.

Me fitou, droga, eu não gostava daquele olhar.

– Eu quero... te contar uma coisa... – me puxou para ficar a sua altura. – É.. Um segredo... – beijou meu rosto, descendo os lábios por meu pescoço.

Merda!

– Oliver...

– Não, não, não, não... – começou a gritar e tapei sua boca.

– Se não calar a maldita boca eu juro que te afogo na banheira!

O soltei e me molhou gargalhando. *Respira Melissa, respira.*

– Sabia... que vou acabar... com aquele idiota... sabia?

Me encostei na porta. Minha respiração estava pesada.

– Sabia que minha paciência está mínima? Sabia?

– Ele... não dança bem. E não... beija bem. – Tentou segurar meu rosto, mas afastei.

– Já o beijou antes? E me seguiu? Levante os braços, vamos tirar essa camisa.

Me abraçou.

– Oliver. A camisa.

– Tira... você também.

Segurei seu cabelo o encarando.

– Eu vou te deixar aqui se não me ajudar. Entendeu?

Levantou as mãos e puxei a camisa, voltou a envolver minha barriga.

– Minhas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– É uma só. Graças a Deus. Agora tenta tirar a calça, não consigo me abaixar.

– Não... quero.

Bufei espirrando água em seu rosto.

– Então fica aí.

Bateu a cabeça na parede quando caiu de lado.

– Quer mesmo se matar. – O endireitei. – Sabe o que eu devia fazer? Te mandar para a outra.

– Ele... tem que ficar... beeeeeeeem longe. Longe, longe, longe!

Era eu mesma, puxei sua calça quando consegui fazê-lo ficar de pé e se apoiar na parede. Era isso que eu merecia.

– Você... – segurou meu rosto. – Você não...

– Eu devia te dar um banho de café para ver se acorda. O quanto bebeu?

– Pouco...

– Tipo, tudo o que viu pela frente? – O ajudei a se levantar, consegui arrastá-lo até a cama e o joguei lá.

– Mel! – Gritou quando me afastei.

Bati com o travesseiro nele por uns dez segundos até perder as forças.

– Pare de gritar animal. Oliver para. – Me puxou conseguindo se sentar.

Me afastei tirando a camiseta molhada.

– Eu não estou a fim de te aturar, Oliver. Não estou afim.

Ficou sentado me encarando.

– E não me olhe com essa cara.

– Você beijou ele! – Gritou me assustando.

– E qual é o problema?

Negou.

– Olha, eu estou enjoando só de pensar em preparar um café para você, mas vou fazer esse esforço. Se você não melhorar pelo menos 45% eu não respondo mais por mim. Entendeu?

Caiu de lado.

– Ótimo. Isso é um sim? – Ajeitei seus pés.

– Vem... aqui. – Me puxou me fazendo cair.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Uma hora você me faz esmagá-la.

Enlaçou minha cintura com uma mão e me puxou para mais perto.

– Você... não podia beijá-lo.

– Oliver...

– Shhh, vou te contar... um segredo. – Sussurrou bem baixinho. Senti seu hálito quente em meu ouvido. Acariciou minha barriga. – Eu... eu tinha uma coisa pra... contar.

– O que?

– Eu... quero beijar você... – fechou os olhos. – Mas não é... só isso. Eu... – Suspirou.

– Oliver?

Sua respiração ficou mais lenta, ele não acordou e eu não consegui me soltar, estava cansada demais para fazer isso. Para o bem de todos, era melhor ele dormir à noite toda.

CAPÍTULO 28

OLIVER

Minha cabeça estava a mil. Abri os olhos e dei de cara com o quarto escuro e apenas uma fresta de luz entrava pelas cortinas, Melissa tinha uma das pernas enlaçando minha cintura. O corpo jogado de lado. Algo me dizia que ela estaria furiosa quando acordasse. Tirei sua perna com cuidado, e me endireitei para observá-la. Por que tão teimosa? Deus! Por que me apaixonei por ela? Quando foi que isso tudo começou?

– Oi filha. – Sussurrei tocando sua barriga. Melissa se virou de lado. – Acho que estou encrocado. – A beijei. – A mamãe me deixa irritado e confuso, você vai ver o que eu digo quando chegar. Ela grita, chora, te bate e você nunca terá razão.

Melissa me chutou ao se virar.

– Viu? Acabou de me bater. Sua mãe é uma louca, se eu tivesse sido esperto nunca teria cruzado o caminho dela, eu... devia ter entendido que naquele dia ela queria matar uma garçonete com uma faca de pão. Mas eu não me importei muito, na verdade eu acho que nem pensei muito naquele dia, em parte, havia acabado de descobrir que a mulher que até então eu amava estava namorando e em um mês estaria noiva, foi aí que fiz o pedido a sua mãe, para se casar comigo. Por que eu fiz isso? Porque a mulher que eu amava não gosta de dar o braço a torcer e eu sabia que ela me procuraria achando absurdo eu me casar. E eu estava completamente desesperado.

Ela se mexeu.

– É, as mulheres são assim, não gostam de perder e eu nunca vou entendê-las. E como imaginei, a tia Isabel me procurou, disse que me amava e que a mamãe não era para mim. – Se mexeu de novo. – Então a mamãe meio que não gosta dela, na verdade ela não gosta de muita gente. – Sorri. – Elas são inimigas mortais. O silêncio da mamãe me assusta, isso tudo é muito confuso meu amor, vou tentar te explicar melhor um dia. O que era para ser fácil se transformou em algo totalmente complicado... eu não sei, mas acho que eu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

gosto da mamãe, sabe, de verdade? Mas um idiota chegou, e do jeito que ela é, e as ideias que ultimamente ela está tendo, eu não quero que ela vá embora e te leve e que tenha uma vida com um cara que ela nem conhece. Isso parece egoísta, eu sou egoísta. Não sei o que eu faço, estou dando um tiro no escuro.

– Sussurrei. Melissa se mexeu quase acordando. – Bom, o papai vai tomar um banho e preparar o café do urso, tenho uma grande possibilidade de levar todo o café da manhã na cabeça, mas vou tentar me sair bem com a mamãe urso. – A beijei. – Papai te ama.

Corri para o banheiro, tomei um longo banho. Meu celular tocou algumas vezes, mas tinha um café para preparar. Troquei de roupa, peguei tudo o que havia na geladeira e em minutos, ouvi Apolo latir. Melissa estava parada na porta, ainda com a cara de sono e me encarando. Por Deus ela estava incrivelmente linda com a cara amassada e o cabelo bagunçado.

– Você... acordou. – Coçou a cabeça e voltou ao quarto.

– Melissa, algum problema? – A segui.

– Além de ainda absorver seu alcoolismo da noite passada, seu maldito celular tocando a cada dois segundos e essa mocinha me cutucando a noite toda? Todos os problemas do mundo.

– Me desculpe por ontem... eu não sei...

– Oliver, você é um péssimo bêbado. – Passou as mãos pelo cabelo e os segurou na nuca. – Da próxima vez, me avise antes para eu poder dormir fora. – Puxou uma bermuda minha da gaveta e seguiu para o banheiro. – Poderia liberar algumas roupas minhas? – Me encarou. – Acho que nunca mais terei minha coluna de volta. – Resmungou e bateu a porta.

Apolo me seguiu enquanto eu arrumava a cama. Melissa ainda estava no banheiro cantando algum rock anos 80.

– Vai entender. – Sussurrei a Apolo.

Ela voltou, os cabelos molhados, de tope e com uma das minhas bermudas. Jogou a toalha no ombro e seguiu para cozinha. Voltou pouco depois com meu celular tocando em sua mão, mas seu olhar era claro, ela o jogaria pela janela em segundos.

– Sabe, eu não quero mais ouvir esse barulho irritante, então me faz um lindo favor? Ou atende, ou desliga. – Bateu o celular no meu peito.

– Você está bem?

Me encarou mordendo metade do pão que tinha em mãos.

– Pareço estar? Sinto que ela deu uma volta dentro de mim. E eu estou assustada com isso.

Sua barriga estava um pouco estranha, levando em consideração que Melissa fazia o tipo magra, e a barriga agora ganhou um formato pontiagudo.

– Podemos ir ao hospital.

– Podemos, depois que eu dormir por umas três horas. Ela só está irritada por causa da noite passada. – Puxou uma camisa minha e a colocou no ombro. O que ela queria com a minha camisa? – Sem que eu me esqueça, você me seguiu semana passada?

– Eu...

– Não faz essa cara, só me responda.

Dei as costas e ela me atirou o travesseiro.

– E se eu tiver seguido? – Voltei a ela.

– Você não tem o direito de fazer isso! Qual é a sua, Oliver? Já conversamos sobre isso.

Eu também queria muito saber. Queria muito entender qual é a minha, mas posso fazer a maior besteira da minha vida se eu não saber em que campo estou pisando.

– Eu não confio naquele cara.

– Jura? Você é tão engraçado, Oliver. Até ontem você nem se importava com o que eu fazia ou não.

– Agora é diferente. Você está grávida e de um filho meu. Não quero a minha filha por aí.

Se sentou na cama me encarado.

– Vamos deixar as coisas bem claras e voltar lá no passado quando você disse que seria cada um de um lado e seríamos "grandes amigos". E pare de me seguir.

– Eu... não vou dar ouvidos a você.

– Faça como quiser, só depois não diga que eu não avisei.

Sentia meu sangue ferver.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Sabe o que vão pensar?

– Olha para minha cara e diga se sou do tipo de pessoa que se importa com o que outros pensam, Oliver. Não! E se você sumir com todas as minhas roupas, eu saio sem elas. Assim Daniel começa a se acostumar com o que verá.

Porcaria!

– Eu não vou ficar aqui te dando ouvidos.

– Ah, que legal ele percebeu que não estou afim de ouvi-lo. Valeu aí, estou gostando de ver.

A encarei antes de bater à porta do banheiro. Precisava de outro banho frio, ou faria uma loucura em segundos. O que ela achava que estava fazendo? Agindo assim sem se preocupar com as consequências. Como vou cuidar dela, se ela nunca vai entender? Que droga Oliver! O que acha que está fazendo? Me troquei, a vi quieta demais, tirei o cabelo de seu rosto e ela já estava no décimo quinto sono agarrada a minha camisa. Era nesses momentos que eu não tinha vontade de ir a lugar nenhum, queria simplesmente colocar tudo para fora e deixar rolar.

Queria dizer que havia uma grande – gigantesca – possibilidade de estar apaixonado por ela e que só o fato dela ter planos para me deixar sozinho novamente já me assusta.

– Vê se não mata ninguém até eu voltar. – Beijei seu cabelo, peguei minha pasta e sai trancando a porta.

MELISSA

Acordei já era tarde, eu tive um sonho ruim, não me lembrava o que era, apenas a sensação de que não havia sido nada agradável. Olli começou a me incomodar, como se eu fosse explodir ao mesmo tempo minha coluna se partia ao meio – como se todo o inchaço pelo corpo não fosse o suficiente.

– O que está acontecendo com você? Resolveu brincar dentro da mamãe?

Henry me obrigou a ficar de repouso, eu não acreditava que sete meses [\[DM3\]](#) já haviam se passado desde o maior susto da minha vida, desde que carreguei

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Oliver bêbado semanas atrás ela se mostrava incomodada com qualquer movimento brusco.

Apolo me encarava da porta do quarto, andava meio que com medo de mim desde que testei algumas roupinhas de bebe nele com America, mas se aproximava todas as vezes que me via de olhos fechados. Com a gravidez e todos os hormônios a flor a da pele, meu amor pela minha criança de quatro patas havia tomado proporções gigantescas onde eu realmente só queria agrada-lo. Mostrar que Olivia não era um afastamento, ele ainda seria meu filho mais velho para todos os efeitos.

– Hei, vem na mamãe. – Chamei. Mas continuou na porta com aquela cara de vou não vou. – Vou tomar um banho e depois ligar para a tia America e pedir para ela trazer algum doce, o que acha? – Latiu abanando o rabo. – Mamãe acordou com vontade de doce.

Enchi a banheira, liguei o som no máximo. Chutei alguns brinquedos no caminho. Oliver deixou um bilhete, mas Apolo o comeu. Triste, não é? Segui para o banho, passei algum tempo tentando entender minha pequena, ela não incomodava mais, de repente parecia muito certa dentro de mim, mesmo assim, havia alguma coisa errada.

Sai quando meus pés perderam a cor, eu não queria colocar roupa, mas precisava. As boxes de Oliver agora eram minhas já que ainda tinha meu guarda-roupa confiscado para eu não sair. Daniel me ligava duas vezes por dia, mas de alguma maneira eu não estava o correspondendo como deveria. Tudo por que Oliver Maldito Digori resolveu enlouquecer e me enlouquecer também. Então falávamos sobre o trabalho, Daniel estava orgulhoso das minhas horas de estudo, sim, eu estava estudando e muito. Usava o computador sempre que Oliver saia e ficava repetindo as lições online feito uma idiota por várias horas. Eu estava tentando por ela.

Tentei falar com Anna algumas vezes depois que larguei os estudos e Daniel desligou. quando meu corpo começou a responder como se nada tivesse acontecendo – tipo uma criança crescendo dentro de mim – isso começou a me assustador. Meus pés haviam começado a ficar maiores, assim como minhas mãos. Minha ultima opção foi America, mesmo sabendo que ela realmente não poderia me atender.

Desliguei e segui para a sala levando um pote de bolachas e uma garrafa de

chá. Apolo se deitou a meu lado, fiquei uns dez minutos mudando de canal, e puxando as orelhas dele.

– Sabia que aquele urso que você pegou é da sua irmã? – Resmungou irritado com a brincadeira. – Você me morde que eu te mordo. – Fechou os olhos. Era a forma que ele usava para me ignorar.

America estava vinte minutos atrasada e eu sabia que ela adorava assistir TV na enorme TV do Oliver. Apolo desceu e latiu algumas vezes para a porta. Dois segundos e a campainha estava tocando.

– A tia Meri, chegou!

Larguei tudo pelo caminho e acho que quebrei outro controle. Abri a porta com um sorriso que desapareceu no segundo em que a pessoa que eu menos queria ver, apareceu. Isabel, infelizmente em pessoa.

– Oliver não está. – Falei já fechando a porta, mas ela a segurou.

– Não é com ele que quero falar. – Me empurrou. Bom, se for comigo, me pegou em péssimo dia. Ou pelo menos ele ficou péssimo ao te ver. Encarou minha barriga por alguns segundos e por incrível que pareça, fechou ainda mais a cara.

– Olha, tenho certeza que não sou uma boa pessoa para conversar, e eu também não gosto de você. Pensei que Oliver já havia dito isso, se ele não disse, eu digo. Volte aqui mais tarde e converse com ele porque comigo, sem chance. Agora se me der licença. – Mais uma vez ela empurrou a porta e dei alguns passos atrás.

Respirei fundo. *Melissa, você não pode brigar. Não pode!* Apolo latiu.

– Eu falei que quero falar com você. – Chiou.

Seu perfume doce estava fazendo um belo estrago em meu estomago. Seu olhar era tão superior quanto eu me lembrava. Infelizmente eu não podia negar que a infeliz era bonita e que parecia ter o poder de te matar com os olhos.

– Tudo bem, pode falar se você acha que consegue viver o resto da sua vida sem seus dentes. Vai lá. – Cruzei os braços e ouvi a porta se bater.

– Por que está usando as roupas do Oliver? – Perguntou irritada.

– Porque ele não me quer com as minhas, então, peguei as dele. – Sorri. Seu olhar estava fervendo.

– Preste bem atenção no que vou te dizer. – Se aproximou e a empurrei com um dedo para não tocar em minha barriga. – Quero que vá embora, que fique longe do Oliver e da família dele. Ele não te quer por perto, e muito menos se conforma em ter essa coisa que vocês chamam de bebê, que logo será esquecido quando nos casarmos.

Mordi os lábios me segurando.

– Não me olhe com essa cara querida, sei que não é tão poderosa assim quanto aparenta ser. Oliver não te suporta, por isso viajou comigo, ignorou suas ligações. Mas você atrapalhou tudo quando o ameaçou. – Me empurrou e bati as costas na parede. Eu não vi nada, quando dei por mim, já estava com as mãos em seu pescoço.

– Nunca mais encoste um dedo em mim, entendeu? – Tentou se soltar.

– Você... você e essa coisa... vão para a rua. – Tentou me empurrar novamente.

– Quem vai me colocar na rua? Você? – Apertei mais. A desgraçada ainda conseguia sorrir. A soquei sentindo meus dedos inchados protestarem. A gravidez me deixou sensível.

– Vo-você me bateu? – Sussurrou o rosto.

– Só estou começando, sabe por quê? Você transformou meu dia em um péssimo dia. Agora se ainda quiser sair daqui viva, cale a droga da boca. Mas antes quero que ouça algumas coisas. Eu não amo, o Oliver, não sinto nada por ele, não quero o dinheiro dele e muito menos destaque como você quer. Mas ele é um idiota e acaba acreditando em qualquer uma, mas eu desejo lá do fundo da minha alma que vocês sejam muito felizes nos quintos dos infernos.

– Oliver também... não te ama... nem... te suporta. Porque ele me ama. E está comigo. Não sou qualquer uma... achada por aí.

Apertei mais seu pescoço. *Deus, eu vou matá-la se não me acalmar. Então é uma boa hora para o Senhor trazer America aqui.*

– Vocês... vão sair daqui. Ele vai vender isso e vai embora comigo. Isso está à venda, só que ele não ia te contar. – Seu rosto estava vermelho. – Você está aqui por pena... Acha que ele acredita que esse filho é dele? Ele só te acha uma irresponsável que mais cedo ou mais tarde vai estar presa por alguma coisa fora da lei. esta com raiva? – Riu. – Não imaginaria tudo o que ele já

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

me disse sobre você.

Segurei seus cabelos e a empurrei em direção a porta. Seus gritos chamaram a atenção, algumas pessoas nos olhavam. Pessoas que provavelmente chamariam a polícia para mim e ela seria a vítima. Porque eu não conseguia esconder o que eu era, não fazia parte da futilidade da maioria dos vizinhos de Oliver.

– Socorro, ela quer me matar.

– Nossa, você é muito esperta. Como adivinhou?

A porta do elevador se abriu, mas não a seguraram. Ela ia gritar mas soquei sua cara na parede todas as vezes que uma dor aguda rasgava uma parte invisível de mim levando toda a calma que meu corpo apresentou para o espaço.

– Meu nariz. – Gritou.

Um senhor se aproximou.

– Não. Eu vou colocá-la para fora. – Que se dane o que vão achar de mim.

– Você vai pagar.

Apertei mais seu rosto contra parede. Sentia meu sangue ferver e meu coração bater mais forte.

– Eu juro. – Sussurrei bem perto de seu ouvido. – Se minha filha nascer aqui, eu acabo com você.

A porta se abriu e a joguei para dentro. Segurou o nariz gritando descontrolada, algumas pessoas tentavam ampará-la, talvez por todo o sangue jorrando de seu nariz.

– Nunca mais, nunca mais cruze o meu caminho. Não vou ser tão tolerante assim com você.

– Você vai me pagar por isso. Oliver vai saber disso.

Mostrei os dois dedos deixando as testemunhas de boca aberta quando me arrastei de volta ao apartamento controlando meu choro. Eu não estava preparada para isso, não podia perder mais ninguém agora. Apolo me rodeava, meu coração batendo forte a ponto de doer. Me senti. Minha garganta estava começando a ficar seca.

– Eu estou bem bebe. – Tentei acalmá-lo. Não, eu não estou bem. – Filha, vai ficar tudo bem. Segura aí vai, por favor. Esta cedo ainda. – Minhas mãos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

estavam trêmulas, consegui me levantar, mas uma dor parecia me rasgar. – Inferno! Olivia!

A porta se abriu, America me encarava pálida.

– Melissa, o que aconteceu? Uma ambulância saiu daqui...

– Eu quebrei o nariz da Isabel, ela... ela vai me pagar. – Tentei controlar minha respiração.

– O que você está sentindo?

Meu corpo estava suando frio.

– Ela vai nascer... Ela vai nascer America! – Gritei a despertando. Eu queria chorar. Medo, raiva, desespero. Tudo ao mesmo tempo.

– Droga, Melissa! Você e essa mania de não obedecer. – Pegou o telefone. Não conseguia entender para quem estava ligando.

– Anda logo! Ela está me matando.

– Respira e solta. Respira e solta. Eu vou pegar as coisas dela. – Andava de um lado a outro.

– Esquece as coisas dela e me leve logo a droga de um hospital. Ela precisa nascer!

Ficou parada me olhando.

– Anda logo, America! – Gritei.

OLIVER

– Isabel, eu não estou entendendo nada.

– Aquela... aí... aquela desgraçada quebrou meu nariz! – Isabel gritava.

Entrei no carro.

– Quem?

– Aquela que você arrumou para ser sua falsa esposa, Oliver! Ela quebrou meu nariz, ela ia me matar. Todos viram!

Bufei.

– Onde você está?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Chegando no hospital. – Choramingou. – Vem ficar comigo, por favor. Está doendo muito. Ela acabou comigo!

– Eu estou indo.

Melissa, o que você fez? Liguei algumas vezes para casa, mas ninguém atendeu. Ela sabia que era eu, então se limitaria a me atender. Isabel voltou a ligar. Eu sabia bem do que Melissa era capaz e não me surpreendia dela ter batido em Isabel mesmo grávida, se ela me joga tudo o que vê pela frente a cada meio segundo.

Quando cheguei ao hospital me indicaram uma sala de espera. Melissa realmente conseguiu quebrar o nariz dela. Quase uma hora e meia depois me chamaram na sala. Isabel estava aos gritos, não sabia se pelo nariz ou pela roupa de alta costura agora machada de sangue.

– Eu vou matá-la, Oliver! Acredite nisso, aí! – Sua voz era abafada.

– Pode me explicar o que aconteceu? – Perguntei tentando mais uma vez ligar para a casa.

– Ela me atacou, não conseguiu perceber isso ainda? – Gritou. Uma enfermeira deixou o quarto.

– O que você foi fazer no meu apartamento?

Me ignorou.

– Hein, Isabel?

– Fui te procurar.

– Mas eu estava no escritório.

– Não! Não estava. Você está me esquecendo, Oliver. Se esquecendo do que conversamos, dos planos que fizemos. De tudo o que me disse... essa criança...

Respirei fundo, bem fundo. Ultimamente estava cansado dos gritos. Eu odeio gritos.

– Chega, Isabel! Não precisa gritar! Estou aqui ao seu lado. Você não devia ter ido até lá. E essa criança é minha filha você querendo aceitar isso ou não.

– Você nunca falou assim comigo.

– Eu preciso ligar para casa de novo para saber como as coisas estão...

– Não se atreva, Oliver! Eu digo que ela quase me matou e você vai ligar para

saber se ela está bem? Ela estava ótima. – Puxou meu celular. – Fica aqui comigo até alguém chegar.

Melissa precisava me atender!

CAPÍTULO 29

MELISSA

– Ah droga America, quer que eu dirija? – Eu não conseguia respirar, estava sufocando.

– Melissa, não me deixe mais nervosa. – Choramingou.

Eu não acredito que ela estava chorando.

– Seca essas lágrimas agora, America e corre ou ela vai nascer aqui mesmo. Mas eu juro que vou acabar... com aquela desgraçada. Escreve o que estou te dizendo, se alguma coisa acontecer com a minha filha!

Um grito rasgou minha garganta. Meu Deus, ela estava tentando me matar.

– Lembra o que a Alejandra falou? Respira e solta.

– Eu vou respirar e soltar a minha mão na cara dela. Isso... não adianta nada! Isso dói! – Gritei.

Contrações?!

Contei até cem, o carro parou e America correu como uma louca para chamar ajuda. Voltou pouco depois com duas enfermeiras e Henry. Me ajudaram a sair e me colocaram em uma cadeira de rodas.

– Tire ela agora! – Mandei.

– Calma Melissa, respira.

Eu já estava chorando. Será que eles não percebiam que respirar não adiantava nada?

– Eu.Não.Quero.Respirar! Só a tirem antes que ela me rasgue ao meio. Eu to falando sério!

Henry seguiu na frente abrindo as portas duplas. Me colocaram em uma maca. Minhas pernas estavam tremendo e minhas costas voltaram a doer.

– Isso é tão lindo. – America falou com lágrimas nos olhos.

– Lindo? Eu digo que estou morrendo aqui e você diz que isso é lindo? – Todos me olhavam. Eu estava ali sofrendo e todos achavam lindo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Aquelas mulheres mentiram. – Apertei o colchão. – O parto é mágico... mágico aonde? Na parte da tortura? – Respirei fundo fechando os olhos e mais uma pontada no meu interior. – Henry! – Gritei.

Abri os olhos e ele estava do meu lado com um sorriso. Por que diabos ele está sorrindo?

– Melissa, você está muito nervosa, precisa se acalmar.

– Eu estou falando sério, isso está me matando e eu sinto que ela precisa sair. Agora!

O Ouvi falar com algumas pessoas, sete, quase oito. Eram para ser nove! Ela não podia nascer agora!

Olivia!

Eu estava com medo.

AMERICA

– Melissa, não se levanta. – Tentei segurá-la, mas era impossível.

Melissa gritava e me socava todas as vezes que chegava perto. Eu tinha certeza que precisaria de atendimento também. Liguei para Harry e foi o único que me atendeu, mas desligou antes de eu terminar de falar.

–Ela... está me matando. – Choramngou. – Eu nunca mais tenho filhos... ninguém me disse... que essa parte da fase doía. Eu achei... que fosse exagero de cinema! – Resmungou e proferiu mil palavrões.

Eles a deixaram em um soro em uma sala, queria me sentir calma e tranquila, mas ela não me passava essa confiança. E apesar de estar sendo um parto às pressas, Henry disse que estava tudo sob controle.

– Eu estou aqui. – Encarou-me, eu podia ver a tortura em seus olhos.

– Isso muda muita coisa... America. – Arrastou a voz. Puxou a minha mão e a apertou com toda a força que tinha. E ninguém me ajudou.

– Melissa, está machucando a minha mão! Solta a minha mão, Melissa!

Ela tinha uma expressão torcida, minha mão estava perdendo a cor. Gritou e repetiu a sequência de respiração. Percebi que a cama estava molhada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Henry. – Gritei. – Melissa, eu não estou mais sentindo minha mão.

– Cala... a boca. – Falou trincando os dentes.

Henry chamou os outros enfermeiros e conseguiu soltar minha mão. Melissa o segurou pelo jaleco.

– Tire ela agora! Por favor, ela está vindo. – Murmurou.

– Onde eu arrumo gelo? – Perguntei segurando a mão.

– Não ligue para ela! – Melissa gritou.

A maca foi arrastada para as portas duplas novamente, bem na hora que Harry e Mona chegavam. Harry trazia mil balões rosa e um urso enorme. Ainda se podia ouvir o lindo vocabulário pelo corredor e minha mão continuava na mesma.

– Meu Deus, como ela consegue? – Mona perguntou com um sorriso e me puxando para um abraço.

Estendi a mão.

– Eu pensei que ela ia saltar da maca, me matar e deixar Anna viúva.

– Vou buscar gelo para sua mão.

– Essa Melzinha é demais. – Harry se sentou, abraçou o urso e abriu ainda mais o sorriso. – Mas, o que ela fez para a nossa princesinha nascer tão cedo? Pelo que Oliver me disse ela iria fazer oito meses ainda.

Me sentei ao seu lado. Meu cabelo devia estar lá em cima de tanto que Melissa me enlouqueceu.

– Pelo que eu entendi, a Isabel foi brigar com ela. Aí ela quebrou o nariz dela e a Olli que já estava muito apressadinha, resolveu entrar na briga também. Obrigada Mona. – Coloquei o gelo na mão.

– A Melissa quebrou o nariz da Isabel?

Assenti.

– E o pior é que ela ameaçou bater nela de novo. E quando ela promete, ela cumpre. Bom, por culpa dela, a Olli está nascendo cedo demais. Henry disse que não daria para fazer cesariana porque ela estava bem encaixada, é filha da Melissa vai sempre querer o caminho mais rápido. Isabel não vai querer estar no mesmo raio que Melissa quando ela se recuperar.

– Essa eu vou querer assistir de camarote. – Harry gargalhou.

– E o Oliver?

– Já tentei falar mil vezes com ele, mas nada. Está desligado.

– Eu não o vi na empresa.

Todos nós sabemos onde ele está Harry.

– Será que ela está sofrendo muito? – Mona perguntou.

– Com a força que ela está? Com certeza não deve ser tão agradável a sensação. – Eu não aguentei. – Mas estou preocupada.

A família entrou na sala pedindo para Anna não gritar, mas a baixinha era incontrolável. Trazia uma boneca de pano enorme e uma bolsa rosa. Roupas, pelo menos ela conseguiu pegar alguma coisa. Cumprimentou a todos animada.

– Meu Deus, eu não acredito que nossa princesinha já estará aqui. Como a Melissa estava? Ela estava calma? Estava seguindo os procedimentos certinhos da aula?

– Ela estava a ponto de matar seu futuro marido e quase quebrou minha mão. Falou todos os palavrões do vocabulário dos sem educação e tenho certeza que deve ter deixado metade do hospital surdo.

– E onde está o Oliver? – Tara perguntou beijando minha bochecha.

– Eu já tentei falar com ele. Mas nada. – Seu filho sumiu.

– O fato é que, o mundo todo vai ficar sabendo e ele não. Alguém quer apostar? – Tara chamou a atenção de Harry, mas mentalmente todos ali estavam fazendo a aposta.

MELISSA

Não conseguia enxergar mais nada. Estava tudo girando, estava tudo sendo dolorosamente difícil. Eu sabia que não devia estar falando tanto palavrão, mas era impossível não os proferir quando a dor que eu sentia era algo inimaginável. Eu jurei que não teria filhos, pelo simples fato de odiar sentir dor.

– Vamos lá, Melissa. Estamos quase lá.

Quase?

– Por... favor, só fale comigo quando for algo positivo. – Gritei.

Desisti algumas vezes. Meu coração parecia bater bem perto do meu ouvido de tão alto que estava. Minha respiração estava sufocante, eu não tinha força nenhuma e já havia se passado muito tempo desde que entrei naquela sala. Até eu lembrar quem havia me levado ali. Não sei de onde tirei força. Henry me incentivava até que ouvi um choro abafado. Deixei minhas pernas tombarem, sentia o roupão suado e o cansaço me matar em segundos.

– Bem-vinda à família princesinha! – Henry sussurrou. Abri os olhos e ele vinha com um embrulho em minha direção. – Dá um oi para a mamãe.

Uma lágrima escapou e meu coração bateu mais rápido quando Henry a colocou em meu peito. Era tão pequena e... linda.

– Tem certeza que ela saiu de mim? – Perguntei com uma risada nervosa. O quarto todo gargalhou.

– É sim Melissa, as mulheres da família são todas lindas. E você está entre elas.

Beijei sua cabecinha. Toda aquela coisa de bebes nascerem gosmentos havia desaparecido da minha cabeça, tudo o que conseguia ver era a peça que Deus havia pregado na minha vida na sua forma mais bela e pequena. O quanto tudo muda depois que você escuta e vê um filho.

– Agora precisamos ir, ela precisa passar por alguns procedimentos, mas já estará no quarto com você. Descanse um pouco. Já passou o lado difícil.

Graças a Deus, passou. Primeira e última vez. Ainda me sentia fraca, passei por outro procedimento, longo e demorado. O tempo todo eu perguntava por ela, por que ela não chorou alto? Para onde a levaram? Quem ficaria com ela? Ela estava bem? Aquele era seu tamanho normal? E então me levaram ao quarto. O quarto era branco demais e comecei a me sentir sozinha, ela não estava mais dentro de mim. Eu não me sentia sozinha com ela por perto. Uma lágrima escapou e segurei o choro, seria algo terrível e convulsível.

Eu a queria. A enfermeira voltou com uma planilha e anotava alguma coisa na cama. Sorriu, eu sei, eu fui demais. Antes que saísse, fiz meu pedido.

– Poderia me trazer alguma coisa... para comer. Sabe... ela resolveu nascer na hora que eu estava comendo e...

– Tudo bem, querida. – Sorriu. – Vou providenciar.

– Pode colocar de tudo, eu não tenho preconceitos com comida de hospital –

Sorri me lembrando de quando America ficou doente e eu comia a comida dela e comprava lanche na rua para ela. – Então, pode caprichar.

Eu não sabia quanto tempo levava ate me trazerem Olivia novamente, pelas contas estavam demorando. Henry havia me deixado sofrer por um longo tempo para não ter minhas filhas nos braços. Ficar sozinha me fazia pensar nos motivos que me levaram ate ali. Oliver vai vender o apartamento e vamos para a rua? Eu devia ignorar esse comentário, mas ela havia dito com convicção e ainda provou, sim, ele sumiu por uma semana e estava com ela como imaginei.

Devem ter falado mil coisas e entre elas, seria a venda do apartamento. Há dois dias uma carta de uma imobiliária chegou e o vi seguir para o quarto com o papel e depois não o vi mais. A parte que me reconfortava era ter America e saberia que na rua eu não ficaria. A enfermeira voltou com a minha comida e anunciou que em minutos autorizaria a visita. Comi como uma desesperada, precisava repor as energias que a dona mocinha tirou de mim. Henry entrou no quarto na hora da sobremesa, que deixei de lado em segundos.

– Pode terminar de comer, Melissa. – Riu de minha falta de jeito. – Ela não vai fugir.

Eu já estava chorando.

– Não quero mais. Quero me acostumar com ela nos braços, sabe, para não deixá-la cair depois. Por que demorou tanto?!

– Ela precisava se recuperar do esforço que fez para sair. Ficou de repouso em um lugar quentinho, medimos ela, tudo o que precisava ser feito. Ela é bem forte para quem nasceu cedo, mas vou precisar levá-la novamente em breve.

Sorriu a embalando. A enfermeira tirou a bandeja de perto, e Henry se aproximou com o meu pacote, balancei as mãos em uma ação idiota. Eu ainda me lembrava de como se segurava um bebe, Oliver e Daniel me explicaram muito bem, espero que pelo menos isso valha daquela aula idiota.

– Escolhi o macacão branco porque foi Harry que deu em uma de suas remessas. – Sorriu. – E se eu não escolhesse essa ele provavelmente falaria para Anna que você já está no quarto e sabe como ela é. – Sorriu.

– Ela está linda.

– Bom, tem uma família aí fora querendo entrar, eles não aguentam mais esperar e já se passaram algumas horas, ninguém arrastou o pé da recepção. – Sorriu. – Tara já chorou rios. Eu já vi minha princesinha, agora vou deixá-la com os outros. Depois volto aqui para buscá-la e a senhorita descansar um pouco.

Assenti.

O quarto ficou silencioso de novo, mas não vazio. Ela era tão pequena, já me via brincando com ela, sua mãozinha se fechou em meu dedo, outra lágrima escapou. Ela era o sonho que eu nunca sonhei.

– Você é muito linda sabia? Mas quase matou a mamãe. Isso é jeito de dizer, oi? Nunca mais faça isso. Certo, não ligue para a mamãe, às vezes não vou falar coisa com coisa, vou falar umas coisas feias. Mas não repita nenhuma delas, tia America quer te salvar. – Sorri.

Nunca pensei que no fim, sofrer valeria tanto a pena. Parece que no momento, ela foi a única coisa boa que fiz na vida. Foram longos anos apenas esperando as coisas acontecerem, sem me preocupar com o depois. Olivia jogou a realidade no meu colo, isso era estranho.

– Vamos morar com a tia America, e o irmãozinho vai cuidar de você. É, o irmão Apolo, tem o tio Scott também e agora a tia Judi. Você terá a melhor família desse mundo, eu prometo.

A porta se abriu e balões foram a primeira coisa que vi antes de Harry colocar a cabeça para dentro e Anna o empurrar resmungando. Harry socou o ar.

– Ai meu Deus, Melissa. – Anna se aproximou. Beijou meu rosto e logo voltou à atenção a pequena. – Ela é linda. Ela se parece comigo.

Gargalhei, é muito engraçada mesmo essa Anna.

– Parece é? Você que sofreu por horas. Por isso parece com você.

Harry a empurrou entregando os milhares de balões.

– Oi. – Fez a voz mais boba que já ouvi em toda minha vida. E era ainda mais engraçada por vir de um cara tão grande. – Anna está ficando louca? – Perguntou. – Ela é linda demais para se parecer com você.

Anna o socou.

– O tio comprou isso para você. – Escondeu o rosto atrás do enorme urso.

– E mais uma loja inteira de brinquedos. – Sussurrei e seu ouvido.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

A porta se abriu pela segunda vez, Tara já vinha aos prantos acompanhada de Edgar, America e Scott.

– Filha, como está? – Tara perguntou beijando meu rosto. – Eu fiquei tão preocupada, Henry disse que você precisava descansar e não nos deixou entrar.

– Me diz como aguentou três? – Todos riram, mas eu estava falando sério. Era a sensação mais louca da minha vida ter uma criança saindo de mim.

– Harry foi o primeiro. – Anna gargalhou. – Então, não foi tão difícil quando veio Oliver e eu.

Harry a encarou de lado e isso me fez rir. E eu não podia rir. Me sentia estranha. Tudo estava estranho na verdade.

– Pelo menos fui um feto desenvolvido.

– Meus amores, sem briga. – Tara pediu.

Edgar se aproximou, me beijou na cabeça e pediu para pegá-la, e então se formou aquela fila. Olivia estava tendo oportunidades extraordinárias com pessoas incríveis. Eles poderiam duvidar de mim depois de tudo, me ignorar, ou qualquer coisa que me afastasse mas estavam ali, reunidos para dar boas-vindas a um pequeno ser não planejado.

– E aí Mel, como se sente? – Scott se afastou para se sentar na cama. Esse era o meu Scott.

– Depois de sofrer por horas, estou ótima. Henry disse que ela vai precisar voltar com ele depois.

America puxou meu cabelo de leve.

– Sua desgraçada, quase arrancou minha mão. – Sussurrou em meu ouvido em seu abraço de ursinho.

– Me desculpe. Como amiga te aconselho a não ter filhos. É tão lindo o ato de adotar!

– Se eu tiver será cesariana. Não vou precisar me esgoelar e nem tentar matar ninguém. – Virou os olhos.

– Bom, eu comprei isso. – Scott me entregou um pequeno pacote. – É para colocar no berço dela.

Um amuleto.

– É lindo Scott.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mona chegou pouco depois com uma caixa de bombom, aí a briga começou de quem pegaria Olivia. Harry queria a vez só dele, Edgar impôs sua autoridade dizendo que era o avô e isso foi engraçado. America e Scott brigavam sobre quem seriam os padrinhos, eu só observava do meu canto com minha caixa de bombom que por enquanto seria intocada.

– Eu avisei o Oliver. – America se sentou a meu lado. – Mas o celular dele está desligado, sei lá. Não atendeu, mas deixei mensagem. – Tentou atenuar as coisas.

– Tudo bem, ele deve estar com a Isabel, afinal, eu quebrei o nariz dela, não é mesmo? – tentei sorrir.

America apertou minha bochecha.

– Estou aqui bandida. Não vou te deixar. E ela é linda. – Sorriu.

– Estou me perguntando com quem ela se parece.

– Com a mãe. – Scott falou pegando um bombom. – Eu fugi do trabalho apenas para vê-la mas agora eu preciso ir. volto amanhã, precisa de ajuda para quando for para casa?

– Eu não sei. Que horas são?

– Oito, quase nove. – Se levantou da minha cama.

Eu não acreditava que eles passaram o dia ali.

– Não some, Scott.

– Não vou. – Prometeu. Ficou alguns segundos no grupo que roubou minha filha e acenou da porta.

Henry não demorou a voltar e deu ordem de fim de visita. Tara colocou Olli no berço ao lado da cama. Me deu algumas dicas e repetiu quantas vezes era preciso eu pegar o telefone e ligar para ela. Ninguém nunca foi tão atencioso comigo, além de America, nos últimos anos. Insisti para que Henry a deixasse comigo mais um pouco e ele deixou.

– Qualquer coisa liga querida, virei correndo.

– Obrigada, Tara.

Anna queria ficar de qualquer jeito, mas conseguiram tirá-la. Harry babou mais um pouco até mais uma vez ser apenas nos duas. Eu pensei em que momento eu iria poder amamentá-la, mas ninguém me disse nada e ela só queria dormir. E parecia muito bem assim.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Essa é a família do papai. – Sussurrei tocando seu rosto. – Esses são os "educados", não sei como eles me aguentam. O tio Scott é o todo "poderoso" das baladas dessa cidade, ele tem um trabalho bem legal, acho que ele já rodou isso tudo e a tia America, ela tem os pés no chão e ajuda a mamãe a se livrar das confusões. Ela é a única família que me restou, sabe? Ela cuidou da mamãe quando o vovô nos deixou. Esteve com a mamãe quando a bisa simplesmente partiu em uma noite. – Aquilo doía. – Ela está sempre aqui e você vai amá-la... Tem o papai que você vai conhecer um dia desses e o tio Daniel...

Me ajeitei na cama quando a porta se abriu novamente. Daniel sorriu, segurava uma sacola rosa, deu dois toques na porta.

– Toc, toc.

– Pode entrar.

Se aproximou, beijou minha cabeça e seguiu para o berço.

– Oi princesinha, bem-vinda ao mundo louco em que vivemos.

Sorri.

– Eu te trouxe um presente, espero que goste. – Me fitou e entregou a sacola. A abri, um álbum. – Ela vai precisar, é a nova modelo da família. – Sorriu sem jeito. – Como você está?

– Cansada, mas bem. Eu não sabia que dava tanto trabalho ser mãe. Mas vale muito a pena.

– Ela é linda como a mãe. Posso pegá-la?

Assenti.

Daniel ficou com ela, contando histórias sobre como eram as coisas no mundo real. Contando como eu era e o quão legal seria sua nova vida. Como a maioria dos últimos caras que conheci, ele era alguém que eu não merecia.

– Bom, o horário de visitas já acabou e tem uma família inteira aí fora. – Sorriu. – Não posso demorar muito aqui ou eles entram. Prometo voltar, e não se preocupe, eu conversei com um dos editores e coloquei seu nome para treinamento, a vaga é sempre preenchida primeiro por quem é da cidade, mas se for o seu currículo a ser escolhido, entraremos em contato. Eu sei que você quer muito isso, uma chance de recomeçar. Estou torcendo por você, Mel. De verdade, você não precisa depender de ninguém é tão forte quanto aparenta

ser.

– Não some... sua amizade é importante... Não estou dizendo isso porque quero um emprego, é verdade.

Sorriu.

– Eu sei, entendo a situação, Melissa. E não vou sumir, vou voltar e iremos a muitos outros jantares. Sua companhia é importante para mim. – Afagou meu cabelo e beijou minha testa. – Não se sinta pressionada.

– Não estou.

OLIVER

Ouvi a mensagem de America assim que cheguei em casa. Melissa está no hospital e minha filha estava nascendo? Da hora que a mensagem chegou até agora, Melissa já devia ter tido mil filhos e com certeza me crucificariam. Estacionei no hospital minutos depois e peguei o elevador depois de me informar o andar certo. As portas se abriram e dei de cara com a família toda quase, em reunião. Me encararam.

– Onde você estava seu idiota? – Anna me bateu.

– Longa história.

– Estava com a Isabel enquanto a mãe da sua filha sofria aqui?

– Eu não sabia Anna, na verdade fui pego de surpresa. Melissa quebrou o nariz da Isabel e foi uma correria, pode me entender?

– Foi o nariz foi? Podia ter sido a cabeça. – Mona se aproximou. – Sem me esquecer, parabéns, sua filha é linda.

Fui cumprimentado com olhares de reprovação depois de tentar me explicar. Havia um sorriso diferente nos lábios de Anna quando anunciei que estava indo ver Melissa e Olivia. Abri a porta depois de um toque e entendi o seu momento de diversão. Daniel afagava o cabelo de Melissa com um sorriso idiota. O que ele estava fazendo aqui?

– Atrapalho? – Perguntei.

– Não, estou de saída. – Beijou Melissa na testa. – Fica bem, nos vemos em breve. – Pegou um casaco no pequeno sofá ao lado da cama. – Parabéns, é uma linda menina.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Acenou parando ao meu lado na porta e a ouvi se fechar atrás de mim depois que me afastei. Precisei de alguns minutos no lugar para não falar besteiras. Um choro baixo me despertou e me aproximei do berço. *Deus! Eu sou pai. Certo Oliver, você é pai.* Sim, de um pacote pequeno e vermelho.

– Oi princesinha, o papai está aqui agora, está tudo bem agora. – Melissa bufou. – Ela deve estar com fome.

– Me dê ela aqui. – Pedi.

A coloquei em seus braços. Por incrível que pareça, ela não a quebrou, sorri. Fiquei do meu canto observando a pessoa mais desastrada que conhecia ser a mais pratica que não conhecia.

– Me desculpe. – Pedi.

Melissa deu de ombros, parecia que dessa vez eu não existia realmente. Alguns segundos depois Olivia voltou a chorar.

– O que foi? – Melissa estava estranha.

– Eu não sei. Não está saindo leite, Oliver. – Me encarou. – Como isso é possível, se eu vivia vazando? Eu estou fazendo certo, eu acho...

Respirei fundo.

– Eu vou chamar alguém.

Vi uma lágrima.

– Chame o Henry. – Pedi. – Droga, eu já estou fazendo coisa errada?

Eu queria voltar e dizer que não – eu acho – mas ela só iria ficar mais ansiosa por ajuda. Não era nenhuma surpresa encontrar minha família todo reunida ainda ali. Havia um motim quando voltei ao corredor.

– Oliver, o que aconteceu? Que cara é essa? Vai me dizer que vocês brigaram? – Harry já estava preparado para me socar.

– Não, não e não. Preciso do Henry, Melissa não está conseguindo amamentar.

Anna foi buscá-lo antes mesmo de eu conseguir terminar a frase, voltei ao quarto. Melissa tinha um bico de quem ia começar a chorar, mas estava lutando contra isso. Afaguei seu cabelo e encostou a cabeça em meu peito.

– Não fica nervosa, Melissa.

– Eu vou matar ela de fome?

Sorri.

– Não. Não vai.

Henry voltou.

– O que aconteceu?

– Eu não tenho leite, não quer sair. – Gritou irritada. A pequena pareceu não se importar.

– Calma Melissa, você passou o dia estressada. Amanhã estará mais calma, aos poucos ele virá.

– E ela vai ficar com fome?

– Não, vou levá-la para ser amamentada e amanhã você poderá fazer isso mais calma. Às vezes com o nervoso as mães acabam se bloqueando. Fica calma.

– Ela não pode ficar? – Choramingou.

– Amanhã bem cedo ela estará de volta, ela precisa comer agora.

Fitei o relógio, como as horas voaram?

– Não demora. – Sussurrou. – A mamãe vai ficar aqui te esperando, certo? Eu amo você. – A beijou.

Henry pegou a pequena que reclamou um pouco e saiu. Melissa fitou as mãos vazias e suspirou.

– Por que brigou, Melissa?

Me encarou.

– Pensei que tinha ficado tempo suficiente com ela para saber o motivo, a não, esqueci que ela só conta a versão dela. Mas me lembrei de que ainda acredita nela.

– Eu não quero brigar, Melissa... é só que, você quebrou o nariz dela.

Sorriu. Claro que ela ia rir.

– Por que não me disse que ia vender o apartamento? Seria mais fácil, eu preciso me organizar...

– Ela te disse isso?

Assentiu. Isabel ouviu minha conversa?

– Eu ia comprar um maior, precisamos de um maior agora. Temos uma filha.

– Construindo planos?

Assenti esperando uma reação irônica da parte dela, mas tudo o que fez, foi suspirar.

– Vai para casa, eu estou bem. Ela deve estar precisando de você.

– Eu vou ficar.

Me encarou confusa. Arrastei o pequeno sofá para mais perto e me sentei.

– Me desculpe por ter te deixado sozinha... não vou me perdoar por isso. Vou passar a noite aqui. Assim te vigio e evito que destrua o hospital.

Se arrastou até ficar totalmente deitada e puxou meu cabelo com força. Fechou os olhos depois de alguns segundos, seus dedos finos tocando minha mão. Tinha a expressão cansada, os cabelos bagunçados como sempre, mas de um jeito único, o jeito dela. E não havia mais um globo que comandava sua barriga. Sorri. Isabel teria que me explicar o que disse, de uma coisa eu tinha certeza, Melissa não mentiria. Nem para o bem dela. Essa era a parte que eu mais amava nela.

CAPÍTULO 30

OLIVER

Deixei o hospital antes que Melissa acordasse, eu não sabia ao certo o que estava acontecendo, mas estava com muita raiva de todos os acontecimentos. Emily estava na sala de espera quando cheguei, foi a única que consegui avisar de toda a família. eu esperava pelos seus gritos, mas pretendia ser breve.

– Isabel está? – Perguntei.

– Está sim, está no quarto. Oliver...

– Preciso falar com ela. – Antes que me parasse, segui em direção ao corredor.

Emily sabia de toda a história, se achava no direito de dizer algo a respeito. Isabel se olhava no espelho, ainda com a proteção no nariz e um rosto inchado. Melissa fez um belo estrago.

– Meu amor, o que faz aqui? Parece cansado. – Sua voz soou anasalada.

– Minha filha nasceu, Isabel.

Me deu as costas.

– Quer que eu dê os parabéns? Você sabe o que eu acho disso tudo, Oliver...

– Chega! Você foi atrás da Melissa para perturbá-la? Isabel, minha filha poderia ter morrido.

– Mas não morreu, não é mesmo? O que está acontecendo com você?

– Vou pedir uma única vez. Fica longe delas.

Me encarou.

– Olhe como está falando comigo, Oliver! O que ela falou para você? Ela mentiu!

– Então ela não quebrou seu nariz? Não te colocou para fora do apartamento? Cruzou os braços.

– Se veio aqui para brigar comigo, pode ir embora.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Eu sou o único com o direito de estar com raiva aqui, Isabel. Quem te disse que eu ia vender o apartamento? Eu não fui.

– Eu ouvi você dizer. E para que esconder o que ela ficaria sabendo? Dê alguma coisa a ela e vamos embora logo, eu e você. – Mandou.

– Eu estou deixando isso ir longe demais. Um lado só vai ceder? Não, porque já estou começando a me irritar com isso. Estou pesando as coisas e não vou mais deixar isso ser levado. Eu cansei, Isabel. Cansei de esperar todos esses meses, ela foi embora e poderia ter tudo entrado nos eixos, mas você não fez nada. Não moveu um musculo como se isso fosse sua maior diversão. Eu não sou sua diversão e não vou ficar sentado esperando você tomar alguma decisão.

– Oliver...

– Já avisei.

Emily nos encarava da porta.

– Vocês... estão gritando.

– Não vou terminar pelo telefone, Oliver. Ele está viajando e você sabe disso, sabe que tivemos uma conversa séria. Eu briguei com o meu pai por causa disso, eu estou abrindo mão de muita coisa, mas não posso assumir isso tudo assim. Todos vão saber que sempre estivemos juntos antes e...

– Não vou ficar te esperando, Isabel.

– Você fala como se quisesse se livrar de mim! Sabe como me sinto com tudo isso?

Tinha meia hora para buscar Melissa. E ela era mais importante do que isso.

– Não deve ser pior do que eu. Eu preciso ir, só não esqueça o que eu disse, estarei no escritório, me ligue, espere eu retornar, mas não vá ao apartamento porque as coisas mudaram. É minha filha em jogo agora. – Eu não ia perdê-la por capricho.

– Você está me magoando Oliver.

– Eu preciso ir agora, até mais Emily.

....

America segurava um copo de café com as duas mãos e essa era a primeira vez que a via falar algum palavrão. Beijei-a na testa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– O que Melissa aprontou? – Eu já estava rindo muito antes de saber.

– Ela acha que eu vivo de vento? Ela já me roubou dois cafés em meia hora. Vou ficar por aqui até conseguir me alimentar sem que ela me tome alguma coisa.

Sorri.

– De onde ela tira tanta fome?

– Ela tem um buraco negro na barriga ao invés de um estomago.

– Ela já está pronta?

– Deve estar amamentando. Anna ligou e pediu para esperá-la, alguém devia avisar que é só uma saída de hospital e não um desfile de moda.

Gargalhei e entrei no quarto. Melissa segurava a pequena, ainda estava de pijama rosa com ursinhos que fez America buscar no apartamento. Pela risada, alguma coisa muito sem noção ela havia dito para a pequena.

– Oi meu anjinho, o papai chegou.

Melissa me encarava.

– Que foi? – Perguntei.

– Nada. Pega ela, vou procurar alguma coisa para comer. – Peguei meu pacote rosa e me sentei no sofá.

– Pelo que sei você tomou dois cafés da America, e ela está irada com isso. E não vai trocar de roupa não? Resolveu se instalar aqui?

Me bateu com uma fralda, mexeu nos cabelos indo em direção a mala que Anna trouxe. Melissa estava diferente. Não era a mesma mulher que conheci, parecia bem mais madura – isso parecia meio impossível apesar de suas ações vez ou outra não dizer muito isso. Quando se tratava de Olivia ela não comia, não dormia e simplesmente mudava.

– Pela mala que Anna trouxe, acho que ela queria que eu morasse aqui mesmo. – Sorri. – E sim, eu vou embora, mas me disseram que era para eu ir depois do almoço, ordens médicas. Alguém aqui se preocupa com a minha alimentação. Afinal eu quase não consegui comer ficando com ela no berçário.

Bufei.

– Pelo amor de Deus, Melissa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Eu me informei. – Riu. –E só saio depois do almoço. Acha que é fácil ter uma criança te sugando o tempo todo? Não é não, querido. – Jogou um vestido no ombro e calçou os chinelos. – Vou atrás da America, preciso esticar as pernas.

Bateu a porta sem querer, Olivia não se assustou, já estava acostumada com as loucuras da mãe nos três dias em que estavam aqui. Tinha os olhos abertos me encarando.

– O que a mamãe estava te dizendo? – Segurei sua mãozinha. – Pela cara dela, era algo traumatizante. – Sorri. – Liga não, tem pessoas normais na família, o resto não fala nada com nada, é tipo a mamãe.

Piscou.

– O papai vai te contar um segredo. É só nosso por enquanto, porque eu não sei o que vai acontecer daqui para a frente agora. Na nossa casa, você ainda não tem uma caminha, a mamãe não quis porque disse que ia comprar para levar para a tia America, mas como a mocinha resolveu adiantar sua chegada, elas não tiveram tempo. Mas a tia Anna comprou um berço menor, que cabe no espaço e já está lá te esperando. – Às vezes ela se mexia e apertava meu dedo. Pelo menos me dá atenção. – Mas, na outra casa que o papai comprou, tem tudo. Um quarto decorado pela vovó e um monte de brinquedos, até o irmãozinho tem um cantinho. Mas é um segredo, a mamãe e o papai tem uma história complicada como eu já te contei um dia, então nosso castelo pode virar areia.

Ficamos na nossa conversa até Melissa voltar com um copo em mãos e America reclamando atrás. Olli ainda tinha os olhos bem abertos. Melissa usava um vestido preto, os cabelos molhados estavam quase secando.

– Falem baixo. – Mandeí.

– Não me estresse também não, Oliver. – America falou me tirando risos.

– America vai tomar um suco. – Melissa mandou se sentando na cama e fazendo uma careta.

– Eu vou invadir a sala de medicamento e me encher de calmante. – Saiu do quarto, Melissa ria.

– O que você fez dessa vez?

– Nada.

– Sei. Henry já passou aqui hoje?

Assentiu. Me deu as instruções para arrumar a bolsa da pequena, sumiu por alguns minutos e voltou com o cabelo penteado ainda de chinelos. America voltou mais calma, pegou as malas e seguiu na frente para o carro.

– Essa princesa já vai. – Henry a pegou do meu colo depois de entregar um pacote a Melissa. – O tio Henry comprou um presente para você, espero que goste. Anna ainda não chegou?

– Deve estar procurando a roupa para passar no tapete vermelho. – Melissa sorriu.

Henry a levou para se despedir dos outros funcionários e voltou minutos depois me entregando. Melissa também voltou de algum lugar com um sorriso suspeito que preferir não perguntar

– Obrigada por me salvar nas horas difíceis, Henry. – O abraçou. – E essa foi a última vez que me teve em uma sala de parto. Nunca mais me verá em uma dessas.

– Você e Oliver são novos.

Melissa me encarou com um sorriso irônico.

– Boa piada, Henry. Vamos indo?

Bufei.

– Vamos. Até mais cara e dê algum calmante a Anna quando ela chegar.

MELISSA

Recebi alguns olhares quando chegamos ao prédio, mas ignorei, eu tinha o dom. America se jogou no sofá avisando para só chamá-la se o mundo estivesse acabando. Oliver seguiu para o quarto e fui surpreendida com uma espécie de berço. Colocou Olivia ali e mexeu em um brinquedo desses que bebês gostam de ficar vendo girar, tocando uma musiquinha de carrinho de sorvete. Me encostei na porta observando-os.

– Gostou? – Perguntou batendo no brinquedo. Apolo passou por mim e ficou em pé com as patas apoiadas no pequeno berço. – Olha a irmãzinha.

Não! Para! Oliver dizendo que Olivia era irmã do cachorro? É, a paternidade muda muita coisa. Apolo balançou o rabo, isso era uma aceitação. Cansei de
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

só assistir, bati palmas assustando-os.

– Que susto, Melissa. – Oliver colocou a mão no peito.

– Você fazia isso comigo quando eu não podia levar susto. Quem deu para ela? – Me aproximei.

– Anna. Gostou?

Era lindo mesmo.

– É lindo!

Oliver se sentou a meu lado e ficamos naquele silêncio, até Apolo latir.

– O que foi bebê? Vem aqui na mãe.

Ele estava estranhando minha barriga, era engraçado. America dormiu quase a tarde toda no sofá, toda torta. Até a família toda invadir o apartamento. Anna foi a primeira a gritar, aqueles gritinhos finos, Harry trouxe mais presentes e Tara nos presenteou com um pequeno quadro, Oliver, Olivia e eu.

– É lindo.

Anna voltou do quarto com Olivia nos braços. Sorria.

– Olha quem eu achei olhando para o nada.

Mona se sentou em um canto do sofá e America deitou a cabeça em seu colo. Já Harry como é muito carinhoso, quase a jogou do mesmo para ocupar $\frac{3}{4}$ do espaço.

– Era só pedir que eu me sentava. – Reclamou se encolhendo.

– Deve estar cansada, não é querida? – Tara perguntou.

– *Tá nada.* – Falei. America me encarou.

– Cala a boca, Melissa.

Eu sabia que ela estava, America era minha força. Olivia chorou quando resolveu que era hora de comer. Fiquei no quarto com ela, às vezes tinha esse momento só nosso, era quando caía na real e percebia que era mãe. E que ela era minha.

– O que foi? – Oliver me viu chorar novamente. Estava se tornado frequente ao longo das semanas.

– Não é nada.

– Hei. – Segurou minha mão. – Não quero que me esconda nada. É o leite de novo? Quer que eu chame a America? Está sentindo alguma coisa?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Nas últimas duas semanas, era assim que ele agia. Me sentia um planeta e Oliver meu arco. Ele estava ali o tempo todo, ele estava limpando a casa, cozinhando e passando algumas coisas, mesmo eu dizendo que conseguia lidar com tudo sozinha. Ele ficava com Olivia quando eu precisava dormir, ele contava histórias para ela. Ele estava me enxergando muito mais agora.

– Eu estou bem... eu só estou me sentindo incompleta com tudo isso. Eu ainda não acredito que tenho uma filha. – Isso estava doendo um pouco. E não havia minha melhor amiga ali para me abraçar.

– Por quê?

– Eu desisti disso tudo, Oliver. A muito tempo atrás, eu fui desistindo aos poucos.

– Desistindo de que?

– Você acha que se eu tivesse algum pensamento de família eu teria aceito isso? – Seus dedos envolveram os meus. – Minha mãe morreu de câncer eu tinha dez anos. Ela era a pessoa mais feliz desse mundo. – Precisei de um longo tempo. – Ela me dizia sempre que, as pessoas nunca entendiam porque ela era feliz o tempo todo e ela dizia que ganhou uma vida para isso. Para viver e eu a vi feliz até o último dia. E me orgulho disso, eu me orgulho de ser um espelho dela, mas muita coisa perdeu o valor para mim quando ela se foi.

– Eu sinto muito.

– Eu fui para o Texas morar com o meu pai, nunca perdemos o contato mesmo eu morando com ela. Eu gostava de tudo nele, eu sempre amei minha família incondicionalmente porque eles me ensinaram isso. Nesse tempo eu conheci America. – Eu vivia isso todos os dias. – Ela morava na casa da frente, eu estava passando pela fase de aceitação quando ela veio falar comigo. Eu queria dizer: *Garota, dê o fora daqui*. Mas ela não se importou, naquele tempo eu já me vendia por comida, ela me comprou com um copo de suco de limão. E viramos isso que somos até hoje, ela esteve comigo quando minha avó faleceu dois anos depois. Eu pensei: *vou viver assim para sempre?* Eu fui perdendo Oliver e isso foi me afastando dos princípios família. América era tudo o que eu tinha ali, o tempo todo.

Meus olhos estavam ardendo.

– Ele disse que nunca ia me deixar... – Tinha uma bola em minha garganta. –

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mas ele me deixou. Tudo o que eu fazia era gritar para todo mundo quantas perdas eu tive em tão pouco tempo. Eu sabia que meu pai estava cansado, eu sabia que não estava conseguindo administrar tudo. Eu só queria que eles estivessem aqui comigo agora. Por um segundo, eu daria a minha vida por isso, Oliver. E dizer que, eu tenho uma filha e ela é minha família. Que eu não estou sozinha.

– Eu estou aqui. – Me abraçou. – Eu sou sua família, Mel. Nós somos. Eu não vou te deixar.

– Eu sinto muito por estragar tudo.

– Você não estragou nada. Absolutamente nada.

....

3 meses depois...

Aderi ao modo zumbi. Olivia não era mais tão tolerante assim e acordava a noite toda, me pegava dormindo no chão, no sofá, em pé. Oliver resolveu colocá-la para dormir entre nós, só que ele se esqueceu que eu giro na cama e por duas vezes, quase a matei esmagada com meu braço, isso me fazia me sentar na cama e dormir sentada mesmo. Três da manhã e ela está me olhando.

– Filha, por favor, vai dormir. – Pedi. Oliver se sentou também.

– Eu vou fazê-la dormir lá na sala. – A pegou.

Me estiquei na cama, mas não dormi. Eu não conseguia mesmo tendo a oportunidade, ficava ouvindo Oliver conversar com ela até que depois de quase meia hora ele voltava e a colocava na cama.

– Tenta dormir. – Afagou meu cabelo.

Eu não conseguia, parecia que ela ia cair do berço, sair andando – mesmo isso sendo impossível –, parecia que todas as possibilidades eram reais quando se tornava mãe.

– Não consigo, sei que ela vai acordar. – Pisquei encarando o teto. Oliver continuava mexendo em meu cabelo, me virei afundado a cabeça em seu pescoço.

Era estranho como estávamos mais próximos, ele não era meu marido – mais

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– eu sabia que havia um relacionamento na vida dele, mas era confuso chamar aquilo de amizade quando esquecíamos isso. Ele estando sempre carinhoso, Olivia mudou a cabeça dele tanto quanto mudou a minha? Eu não sabia.

– O que está pensando? – Perguntou em um sussurro.

– Nada. Esperando ela chorar.

Sorriu e se afastou para me fitar.

– Você se tornou louca com isso.

– Pensei que eu já fosse.

Deu um tapinha de leve em minha coxa.

– Você nunca foi normal. – Fitou o teto. – Mas às vezes se supera.

– Olivia precisa de uma mente que funcione bem para instruí-la.

– E o papai dela é o cara.

Bati de leve em seu peito e Oliver se encolheu.

– Eu pensei que nunca seria pai. Trinta anos já é uma idade avançada, eu acho.

– Então, Olivia não foi um caso ruim?

Me encarou.

– Ela nunca foi. – Deu um tapinha na minha cabeça.

– Eu fui, talvez ela não devesse ser minha...

– Era para ser exatamente assim.

Olivia resmungou e começamos a rezar baixinho para que não gritasse. Então ela parou.

– 1... 2... 3... Ela acordou. – E aos berros. – Pode ficar aí, você vai trabalhar amanhã, eu fico com ela.

Peguei-a e voltei a sala, a deitei em minhas pernas, liguei a TV e fiquei vendo os canais passarem e meus olhos lutarem para permanecerem abertos. Continuava me fitando.

– Por que você faz isso com a mamãe? Você era tão boazinha. Muito boazinha por sinal. – Colocou a mãozinha na boca. – A mamãe não aguenta mais dormir a prestação. Vamos fazer um acordo? Você dorme agora e a mamãe promete te deixar comer a qualquer hora em qualquer lugar que tal?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Abriu a boca.

– Isso garota, vamos dormir.

Olivia resmungou um pouco mas aceitou quando a deitei em meu peito. Fechei os olhos e consegui dormir, acordei cedo, sem ela em meus braços e correndo dentro de casa sem saber onde ela estava. Meu coração foi na boca e voltou, Oliver estava tomando banho com ela. E cantarolava uma música animada.

Oito da manhã.

Respira Melissa, você não a deixou cair e ela saiu rolando por aí.

– Que susto, Oliver. Eu pensei que...

– Ela estava acordada. – Beijou sua bochecha. – Pega ela aqui porque é a vez do papai tomar banho.

Oliver aderiu ao banho de pai, Olivia não tinha banheira então tomávamos banho juntas. Coloquei-a na cama e peguei um macacão amarelo.

– Que tal esse? – Mostrei. Ela só me encarava. – Acho que ela não gosta de sorrir. Não gosta não!

Oliver riu do banheiro.

– Dá um sorriso para a mamãe. – Pedi, mas tudo o que ela fazia era me encarar.

A troquei. Oliver saiu do banheiro já de terno. A virou na cama e voltou à conversa matinal.

– Eu sofri por ela e ela nem sorri para mim. Sem contar meus cabelos que ela puxa. Sabia que nessa fase ela já devia sorrir? Pelo que Henry me falou, ela devia sorrir para quem sorri para ela e olha que eu faço isso. O tempo todo.

Oliver empurrou minha cabeça.

– Liga para ela não meu amor. Papai vai trabalhar agora, depois a gente conversa. – A pegou no colo. – Qualquer coisa liga para o papai, tá?

– Ah sim, ela vai ligar para você, Oliver. Ela ganhou um celular ou ela já anda até o telefone?

Oliver saiu, hora de limpar a casa e agora não havia mais desculpas. Anna me deu uma roupa mamãe canguru e como Apolo não queria colaborar dessa vez, eu precisei usá-lo. Olivia passou a resmungar umas coisas sem sentindo, às vezes me esquecia de que estava com ela, às vezes a pegava me encarando

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

com seus enormes olhos. Olhos de Oliver, ela fazia aquela expressão... Meu Deus, por que ela era como ele? Ainda faz parte do castigo?

– O que você quer? Um dia é você que estará fazendo isso. Vida de classe média é isso.

Parei para comer alguma coisa, de vez ou outra molhava o dedo na água e colocava em sua boca ou ela não parava de me encarar. Entreguei-lhe um mordedor e voltei a organização, até Anna invadir a casa.

– Obrigada Anna, chuta mais, eu nem me importo. – Já devia me acostumar com isso.

– Oi minha princesinha, a titia veio te buscar para um passeio.

– Jura que você vai fazer isso? – Era a melhor notícia que Anna poderia me dar.

Assentiu com os olhos brilhando. Tirei-a da roupa canguru, Olivia começou a chorar me querendo de volta. Ela aprendeu isso, se chorasse conseguiria me escravizar, não dessa vez.

– E começou a fase do "só quero a mamãe". – A apoiei na minha barriga sentindo seus pezinhos tentando se firmar. – Colabora com a mamãe? Vai com a tia Anna, a mamãe precisa de um banho, de comida no estômago e três dias de sono profundo e eu não sei o que é isso há três meses.

Colocou as mãos na boca. Beijeí sua bochecha a apertando.

– Vai lá, meu amor. – A entreguei a Anna e voltei a limpar a bagunça que ela fez.

– Melissa. – Abriu a bolsa. – Me entregaram na recepção.

Algumas cartas de Oliver e uma minha. Eu nunca recebia carta. Esperava que fossem as cobranças alertadas do meu novo endereço, mas era discreto demais. Daniel era discreto demais. havíamos combinado de tratar os assuntos da minha mudança assim, Oliver não deixaria nenhuma correspondência chegar em minhas mãos se viesse titulada com o nome de Daniel. Anna estava distraída com Olivia para seu senso curioso vir atrás de mim quando abri a carta.

Oi Melissa, me desculpe não ter ligado mais, ando meio ocupado e precisei sair do país de ultima hora. Te deixei algumas mensagens, mas você não retornou, queria saber como você e a princesinha estão? Bom, fora isso e o

meu sumiço, quero que saiba que não te esqueci e que trago boas notícias. Precisamos de uma auxiliar no escritório e como pedi, fui informado antes da vaga ser preenchida e já coloquei o seu currículo na mesa. Pode comemorar sem destruir a casa. Eles entrariam em contato, mas avisei que você está em seu período maternidade, isso poderia dificultar alguma coisa, então coloquei minha assistente no lugar de reserva até você poder vir. O certo são seis meses, já se foram três. Chegarei à cidade em dez dias, não se preocupe com nada. Você quer uma chance e terá. Daqui três meses começa o seu treinamento. Estou ansioso para vê-la novamente. Boa sorte.

Daniel.

Um sorriso bobo se prostrou em meus lábios, eu tinha certeza. Anna me encarava sem entender.

Respirei fundo.

– Pode me dizer por que está tão feliz? – Perguntou pegando Olivia.

Ainda não Anna, precisava conversar com Oliver primeiro. E seria muito difícil. Pela primeira na minha vida, as coisas estavam indo bem. Eu tenho um emprego de verdade – ou quase.

– Nada. Vocês não estão atrasadas para o passeio? – Me encarou desconfiada. Ajeitei a toca na pequena. – Te amo meu amor. – E mais uma vez ela puxou meus cabelos. – Vou me lembrar de prendê-los com mais frequência.

Assim que Anna saiu corri para falar com America. Conteí tudo, mas não a vi muito empolgada com a notícia mesmo sabendo que ela iria comigo. Eu precisava dela.

É, eu me tornei responsável por alguém.

OLIVER

– Pode deixá-la entrar. – Pedi quando anunciaram a visita de America.

América me visitando era preocupante agora que tinha Olivia, Melissa poderia ter colocado fogo na casa ou em alguém. Sorriu ao me ver.

– Que boa visita.

– Eu espero que seja boa mesmo. – Ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha. – Tenho uma coisa para contar, mas você não pode repassar isso para

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mais ninguém. – Afastou a cadeira a minha frente para se sentar, apoiou a mochila no colo e me encarou. – Melissa vai embora.

Ela sabia bem como dar uma notícia para alguém, se eu fosse cardíaco estaria morto com toda certeza.

– O que disse?

– Melissa vai embora, em parte estou feliz por ela. De verdade e adivinha. – Fingiu empolgação. – Ela vai me levar junto.

– O que você está dizendo, America? Por que ela vai embora? – Já sentia o clima mudar.

– Ela conseguiu o emprego que Daniel prometeu, daqui a três meses ela estará partindo. – Imitou um avião com a mão. – É o seguinte, por ela ser minha melhor amiga e por estar tomando jeito, ela se esforçou. Abriu um livro para aprender alguma coisa, eu nem acredito que ela realmente fez isso. Eu quero que ela vá, por outro lado tem a Olli e as coisas que podem dar certo. Pelo amor de Deus, Oliver, o que você sente por ela?

– Ela não pode ir embora, America.

Respirou fundo.

– Responde minha pergunta, por favor.

– Eu estou apaixonado por Melissa Sanders e me arrependo todos os dias por só ter percebido isso agora. – No exato momento em que tive a novidade de que ela estaria indo embora.

– Ah, não brinca. – Zombou.

– Sem sarcasmos. Estou falando sério. Ela me deu os melhores três meses da minha vida e eu pensei que estava tudo bem. Ela disse que estava, eu...

– E a Isabel? – Seu olhar era acusatório.

– Chamo de qualquer coisa, menos amor. Não existe mais nada, andamos nos ignorando desde que Olivia nasceu. Eu não dou o braço a torcer e ela também não. Eu não ia ficar esperando para sempre. E se ela está esperando por isso, ela está completamente enganada. Não existe Isabel desde que Olivia entrou na minha vida. Eu não podia escolher entre elas.

– Ótimo, você se abriu e revelou seu segredo do coração. Mas não é para mim que você tem que dizer isso. Melissa está começando a se ligar em Daniel, afinal, o homem que ela amava nunca percebeu ela. Eles andam

próximos, mensagens, e-mails e me desculpe, mas ele é um cara legal.

– Eu... não sabia.

– Percebe-se, e se você soubesse estragaria tudo. Melissa esta se dando uma chance, essa coisa de morarem juntos mexeu muito com a cabeça dela. Olivia a madureceu bastante a ponto dela estar próximo de um cara não para te irritar e sim, recomeçar. Bom, se prepare, ela vai confrontá-lo ainda hoje. Então prepare o coração porque quando ela bate o pé e se decide, ela faz. Melissa está feliz, Oliver. Como nunca vi antes e acredite eu estive nos piores momentos da vida dela. Olli é sua vida agora, então se for por ela, ela irá para qualquer lugar.

– Anna vai te buscar as oito. – Falei discando o número de Anna. Precisava falar com ela.

– E onde aquela louca vai me levar? – Me encarou.

– Temos um jantar hoje, é coisa da empresa para a campanha do próximo mês. Vou fugir da Melissa por essa noite. Ela não vai conseguir me contar nada nem que para isso eu encha a cara.

America bateu na minha mão.

– Só não a magoe, ou eu mesma te mato.

– Fica tranquila. Harry já está encarregado disso.

– Ótimo. Preciso voltar ao trabalho, até as oito, Oliver.

Acenei.

Avisei Anna, e contei tudo ao Harry. Estava decido, eu vou me declarar a Melissa, ou pelo menos contar a verdade. Eu sei que não vou me arrepender disso.

....

Fiquei parado na porta por alguns minutos, podia ouvir o som alto vindo da sala. Melissa tirou o dia para irritar algumas pessoas, ou estava feliz demais por estar indo em breve – ou achava que iria.

– Oliver. – Me virei para a voz da minha vizinha da frente. – Tudo bem?

– Margot. Estou ótimo, e você?

Margot era a mulher do síndico, as vezes falava mais do que sua boca permitia. Era responsável por espalhar o ódio sobre Melissa, em fingia de inocente em não saber disso, mas estava claro que suas seleções.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Estou bem. Queria mesmo falar com você. – Se aproximou. – Esse som é do seu apartamento? – Apontou as unhas vermelho cintilante para minha casa.

– Sim. – Peguei minhas chaves.

–Não sabia que você gostava de tanta bagunça. – Cuspiu uma falsa risada.

– Minha esposa digamos que, adora uma bagunça.

–Esposa? Eu pensei que...

–Sim, minha esposa. Mae da minha filha e dona da casa, sabe como são as mulheres. Elas mandam e nós obedecemos.

– Eu jurava que eram apenas amigos e... Enfim, essa bagunça... – Torceu o nariz. – Incomoda muita gente, inclusive seu bebê, ela deveria...

– Melissa é uma ótima mãe, não a deixe escutar seu questionamento. Ela fica furiosa com isso. – Murmurei a ultima parte. – Sabe como é.

Assentiu se afastando.

– Agora se me der licença, preciso ver as mulheres da minha vida. Um adicional a bagunça. Boa noite.

– Mas... você poderia abaixar o som...

– Quer perguntar a ela?

Suspirou.

– Tudo bem, Oliver. Foi um prazer falar com você. tenha uma ótima noite.

– Você também.

Abri a porta, Apollo se agitava ao som e Melissa sorria. Coloquei a pasta no sofá e segurei firme a caixa com o vestido que Anna escolheu. Me encostei na porta do quarto e a cena era uma Melissa descabelada dançando com Olivia em seu colo. Eu tinha certeza que minha princesinha estava tonta de tanto a mãe saltar e girar ao som de ACDC.

Melissa era meu oposto, oposto de toda a minha vida. Uma bagunça literalmente e eu sempre soube que amava isso. Olivia enroscava o cabelo em sua mãozinha e puxava. Melissa dava pequenos gritinhos e chamava sua atenção. E depois voltou a beijá-la no pescoço na tentativa de fazê-la rir com uns sons estranhos, elas eram perfeitas juntas. Até que me viu.

–Você chegou.– Se endireitou ajeitando o cabelo.

E já estamos de saída.

– Alguns minutos, mas...

– Oliver, precisamos conversar. – Falou pegando Olivia na cama. Aproximei e a beijei na cabeça.

– Oi minha princesinha, papai estava morrendo de saudades.

– Me ouviu? – Me encarou.

– Sim, mas vamos deixar isso para depois. – Peguei Olivia lhe entregando a caixa.

– O que é isso? – Perguntou balançando a caixa.

– Seu vestido, temos um jantar importante para irmos essa noite. – Nunca um jantar pareceu tão importante.

Me encarou segurando a caixa.

– Vamos conversar, isso é mais importante.

– Não Melissa, não é. Vou dar banho nessa mocinha aqui. Harry passa em meia hora, depois você entra, certo?

Ela ia começar a falar, mas dei as costas antes que conseguisse. Peguei a toalha da pequena e segui para o banheiro, antes de encostar a porta a vi se sentar na cama e puxar uma folha que estava embaixo do travesseiro.

– O papai vai fazer certo dessa vez, confie em mim. – Olivia soltava umas bolinhas quando tentava balbuciar alguma coisa. – É sim, esquece a confusão. Eu já me decidi com quem quero ficar. E vai ser a mamãe, eu pretendia dizer isso em breve, mas precisamos adiantar isso. – Sussurrei em seu ouvido e ela puxou meu cabelo. – Acho que você gosta de puxar cabelos.

Terminei o banho dela e voltei ao quarto. Melissa bufou, bateu a caixa na minha cabeça e seguiu para o banheiro.

– Oliver, por que não chamou a Isabel? – Perguntou.

– Porque a mãe da minha filha devia me acompanhar.

– Isso seria obrigatório se fôssemos casados, não acha? – Colocou a cara na porta. – Coisa que não somos mais.

Dei de ombros. Peguei o macacão roxo na cama, troquei a fralda e coloquei o vestido. Peguei Olivia depois de calçar seus sapatinhos e penteei seu cabelo. Estava linda. Nunca me senti tão nervoso em toda a minha vida.

– Agora sim.

Melissa saiu do banheiro, os cabelos pingando e ajeitando o vestido. Estava linda.

– Quem vai estar nessa festa? – Cruzou os braços se apoiando na cômoda.

– Família e alguns novos parceiros para a próxima campanha do mês. Estamos trabalhando com uma marca importante.

Coloquei Olivia na cama e como um bom menino, Apolo subiu na mesma para ficar a seu lado.

– Isso aí, garoto.

Melissa colocava os saltos e de vez ou outra encarava o travesseiro onde estaria o maldito papel. Segui para o banheiro, passei quase dez minutos treinando em silêncio no espelho o que dizer. Eu sabia que precisava achar as palavras certas, para não parecer apenas que eu a queria por perto como se fosse algo meu, um sentimento de posse. Ouvi a campainha tocar, alguns segundos e Harry estava socando a porta do banheiro. Troquei o terno e sai, Melissa me jogou minha gravata. Tentava se maquiar.

– Quer saber? Eu odeio isso. – Guardou tudo e se encostou na cômoda. Me aproximei e ela tentou me ajudar com a gravata, mas parecia irritada e quase me matou enforcado.

– Deixa que eu termino.

Harry se aproximou.

– O primeiro sorriso foi para o tio Harry, como o tempo passou. – Harry falou. – Essa pequena está grande e é a coisa mais linda do mundo. Vamos marcar um convento para você em breve. – Olivia sorriu.

Melissa olhou incrédula.

– Mentira que ela sorriu.

– Perdeu Melzinha e olha que eu posso fazer de novo. Observe. – Harry parecia bem idiota falando coisa com coisa. E sim, Olivia sorriu, mas acho que era da cara dele.

A campainha. Mona.

– Oi família, Melissa, você está linda. Onde está a menina mais linda da tia?

– Essa traíra que riu para o idiota do tio dela? – Melissa a deixou passar.

Harry me seguiu até a sala passando Olivia para Mona as deixando ir para o quarto. Ele percebeu meu nervoso. O medo de tudo dar errado era enorme.

– Vai contar a ela? – Perguntou.

– Acha mesmo que vou deixar esse Daniel tirá-las de mim? Já aturo os telefonemas Harry... – Soquei o ar só de pensar.

– E a Isabel?

– Dei um ultimato a ela, mas nem preciso mais dele. Já tomei minha decisão. Me sinto um idiota por ter perdido tanto tempo da minha vida. Melissa estava aqui o tempo todo. O que eu tinha na cabeça?

Harry me abraçou.

– Pela primeira vez na sua vida, parece entender o que é certo. Estou ficando orgulho do meu irmão mais novo. Mesmo ele sendo um idiota de marca maior.

O empurrei.

– E se ela não quiser me ouvir?

– Aí serão as consequências do seu atraso, mas veja pelo lado bom. – Sorriu.

– Você é um cara insistente. Correu atrás da Isabel por todos esses meses sem valer a pena, arrumou algo que realmente vale agora.

– Seja o que Deus quiser.

CAPÍTULO 31

OLIVER

Melissa estava feliz, de uma forma que nunca vi antes. Enquanto estava com Mona o assunto parecia fluir, uma parte de mim perguntava se a traíra da minha cunhada já sabia das novidades a outra me pedia calma e me lembrava que Melissa era realmente assim, espontânea perto das pessoas. Entramos os cinco no elevador, algumas pessoas nos encaravam, na verdade, ainda estavam digerindo a última briga. Melissa colocou a mão na cintura e encarou a senhora que virou o rosto sem jeito.

Sorri.

As portas se abriram segurei sua mão, ela me fitou, mas não a puxou de volta.

– Nos vemos lá então. – Melissa pegou a Olivia de Harry.

– Cuidado para ela não cair. – Harry falou.

– Vai me ensinar a ser mãe agora?

Harry deu um passo atrás.

– Ótimo. – Olli sorriu. – Ah meu Deus, você riu pra a mamãe.

– Vamos. – Chamei.

Coloquei a pequena na cadeirinha, quando ela percebeu que ficaria sozinha no banco de trás, insinuou começar a chorar. Melissa se virou para encará-la, fazia caretas e sim, ela estava sorrindo.

– Oliver, olha isso, ela está rindo. – E eu estava rindo dela, era como se tivesse descoberto algo incrível. – Eu pensei que ela nunca sorriria para mim.

– Choramingou.

– Ela estava esperando o Harry.

– Eu não me conformo com isso ainda. – Balançou um brinquedo para ela. – Será que ela vai ser igual a mim?

Gargalhei.

– Não Senhor, não faça isso. – Brinquei.

– Só não te bato porque você está dirigindo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Voltou à brincadeira no banco de trás. Olivia a encarava e às vezes dava seu sorriso, elas se completavam. Quase se idolatravam, eu via o significado de mãe em cada ato de Melissa – o que não parecia possível um dia.

Melissa suspirou, se fechando em seu mundo particular e encontrei seu olhar, pega de surpresa.

– Que foi?

– Nada. – Sussurrou. Mas eu sabia que era um tudo.

Por favor, Melissa, não. O sinal abriu e voltei minha atenção ao caminho deixando apenas as duas se divertirem. Melissa ligou o som e começou a cantar mexendo os bracinhos da pequena de um lado a outro ao som da música, às vezes cantarolava o refrão. Minha vontade era de dar meia volta e ir para qualquer lugar com as duas e ter a certeza de que não me deixariam.

Estacionei minutos depois, Melissa se ajeitou colocando os saltos, a ajudei descer e peguei Olivia. Melissa ajeitou a faixa em sua cabeça e beijou sua testa.

– Está linda, já sabe nada de beber. – Brincou.

– Melissa.

Gargalhou.

Segurei sua mão e mais uma vez ela não me parou, estava feliz demais para isso. Entramos os três no salão, dessa vez George – um dos meus melhores cliente – escolheu o Garden para a festa, um dos melhores salões da cidade e o mais caro também. Melissa apertou minha mão quando viu o tanto de pessoas que haviam ali.

– Isso tudo é para a campanha? – Sussurrou me encarando.

– A maioria, mas também vamos contar as esposas e filhos, certo?

Deu um leve tapa em meu peito. Sorri. Harry se aproximou enlaçando seu pescoço quase a jogando no chão. Melissa segurou minha mão o com mais firmeza.

– Quer me jogar no chão?

Harry gargalhou.

– Seria engraçado.

– Eu prometi ser uma pessoa calma e estou sendo nos últimos meses, então não vou fazer nada com você. Pare de tentar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Prometeu foi? Para quem?

Apontou Olivia, em meu braço.

– Ah, para. Eu gostava da Melissa Hulk.

O empurrei e Melissa agradeceu. Minha mãe abriu um sorriso enorme vindo em nossa direção.

– Ah meu Deus, que coisa linda!

– Eu sei mãe, tomei banho direito e lavei atrás da orelha também. – Harry falou sorrindo.

Melissa o encarou com um sorriso engraçado.

– Parabéns filho, mas estou falando da boneca da vovó. –Entreguei Olivia a ela, mamãe ficava encantada com ela. – Ela riu, ela sorriu para a vovó. Edgar vai ficar com ciúmes disso.

– Ela riu para mim primeiro. – Harry entrou na frente nos empurrando. – Não é princesinha? – Riu de novo. – Viu. Nem preciso fazer esforço.

– As crianças gostam dos palhaços. – Melissa falou batendo em seu ombro.

Segundos depois Anna gritava atrás de nós. America me passou um olhar cheio de significados.

– Melissa, está linda!

– Obrigada, Anna. America?

– É, me arrastaram para cá. – America falou se juntando a nós. – Está linda!

Melissa ficou sem jeito.

– Venham, eu guardei uma mesa para nós.

Melissa ainda tinha nossos dedos entrelaçados e seguimos sem problemas até a mesa. Arrastei sua cadeira e me sentei ao seu lado. A mesa dos Digori era onde havia mais barulho, tudo porque a pequena fazia parte dela. Melissa brincava de um lado, Harry do outro. E assim foi.

– Está conseguindo lidar com ela, Melissa? – Henry perguntou.

– Apolo me ajuda quando Oliver não está. Ela não me deixa dormir e adora puxar cabelo. Acho que dá para fazer uma peruca com os meus que ela já arrancou.

– É normal as crianças da idade dela não terem horário para dormir até os quatro meses, mais ou menos, trocam o dia pela noite.

Melissa parecia espantada com a notícia.

– Isso é tão legal. – Harry brincou lhe jogando um guardanapo.

– Acho que já está na hora dessa mocinha dormir na casa da vovó. – Sorriu.

Uma conversa começou, às vezes me pegava a observando, eu devia ser muito idiota mesmo por nunca tê-la percebido. Ou nunca querer tê-la percebido. George se aproximou da mesa, brincou com Olli antes de falar com o restante da família.

– Senhorita Digori. – Falou com Melissa. – Essa é sua herdeira?

Melissa assentiu sem jeito, mas algo me dizia que ela sorria internamente.

– Mais uma vez estou certo de que as moças dessa família são encantadoras.

Melissa me fitou.

– Meus parabéns Oliver, sua família é linda.

– Obrigado.

– E você está muito bem, senhorita Sanders.

– Obrigada.

George se afastou com Edgar. Melissa mostrou o sorriso que estava guardado.

– O que foi? – Sussurrei em seu ouvido.

Se aproximou.

– Minha herdeira. – Sorriu. – Tenho cara de quem parece ter alguma coisa?

– Nossa herdeira.

Virou o rosto ainda sorrindo.

– Você tem a casa do seu pai.

– Eu tinha.

– Você tem, acha mesmo que ia ficar com uma coisa sua?

– Mas eu falhei, não fiz nada que combinamos. – Todo o humor havia sumido de seu rosto.

– Acha que isso foi uma falha? – Olivia nos encarava.

Melissa abriu um meio sorriso.

– E não foi para você? – Me fitou.

– Não seja absurda. Foi a melhor coisa que me aconteceu e não vou perdê-

las.

– Preciso ir ao banheiro. – Sussurrou. – America vem comigo?

America estava meio perdida e na segunda vez entendeu o recado. Melissa calçou os saltos disfarçadamente e saiu da mesa. Droga! Harry se aproximou.

– Eu ouvi, acho que todos aqui ouviram.

– Fala mais alto. Ela está fugindo é isso? – Fechei os olhos.

– Talvez só confusa. Mas os olhinhos dela brilharam.

Sorri.

– Ela é uma comédia.

– Eu sei. Sabe, não é que eu nunca tenha percebido nela, as pessoas vão me taxar de tudo o que for possível. Mas ninguém estava aqui no começo de tudo, não estava nos planos um filho nem nada disso. Nem sentimentos. Foi um acordo nosso, dos dois e então de repente, só o Oliver errou? Anna vive me chamando de idiota e dizendo que a magoei, mas não foi assim, Harry. Eu não a obriguei a se casar comigo e nem entrar nessa história e por ela ser a maior atingida nisso tudo, ela não está como a maioria. Estávamos em pleno acordo com tudo... as coisas só desandaram e por que continuei apertando a mesma tecla sobre a Isabel? Porque queria ter a minha vida de volta. Aquela onde éramos o casal perfeito, você se lembra.

– Você ficou mal cara, até implorou para voltar. Eu achava loucura. – Harry pegou uma uva na mesa. – E bem idiota.

– Eu tinha construído planos, para quem está de fora é muito fácil apontar o dedo e julgar.

– Verdade, mas olha o lado bom disso tudo. – Sorriu. – Você foi idiota o suficiente para arrumar uma esposa de mentirinha para fazer ciúmes nela, só que acabou arrumando mais que uma solução. Ganhou uma luz no fim do túnel, uma princesinha, uma mulher incrível. – Gargalhou. – Achou a mulher certa para você. Melissa é uma mulher incrível, eu gosto de mexer com ela porque ela tem a atitude. Ela é uma boa pessoa.

Sorri.

– Isabel sempre foi tão sem graça, desde o colegial. Por isso a anã a odeia. Anna sempre odiou suas namoradas e olhe agora. Só falta se fazer de tapete para Melissa passar. Se você realmente a quer, não a perca. Porque se ela for

embora, vai levar muita coisa com ela.

– Como falo com a Isabel sem que isso não atrapalhe?

– Sei lá, deixa a Melissa bater nela e já é.

– Sempre tão prático. Não quero terminar com uma guerra. Não quero que nada estrague o que já estou quase perdendo e uma briga pode causar isso. Isabel pode mentir.

– Isso com certeza. Ela afunda e leva alguém junto. Que ninho de cobra você entrou meu irmão, mas pode apostar. Ela não chega nem perto da Melissa. Aquela urso é uma coisa de louco.

Olivia balbuciou alguma coisa, era Melissa se aproximando. Elas tinham um sensor incrível.

– Oi meu amor, a mamãe já voltou. – Melissa a pegou.

Harry saiu do lugar que era dela depois de ganhar um olhar mortal. Olivia se enganchou em seu cabelo. O jantar começou a ser servido, George deu algumas palavras, Harry e depois foi a minha vez. Levei Olivia comigo, me sentia completo assim. Melissa riu da minha cara por alguma coisa que eu devo ter dito sem perceber. Voltei e me sentei.

– Me dê ela aqui, Oliver. – Pediu quando percebeu que só balançar Olivia não estava adiantando muito.

– Pode terminar de comer. – Falei, mas ela bebeu um pouco da água e estendeu as mãos.

– Ela vai reclamar até começar a dar show. E ela é boa nisso.

– Dá uma batata para ela. – Harry mandou. E ele estava falando sério. – Ela deve estar com fome.

– Não dê ouvidos a ele. – Henry passou a frente.

– Mas ela está com fome.

– Ela ainda é novinha para isso Harry, pelo amor de Deus. Ela tem limites. – Melissa gargalhou pegando a bolsa dela e seguindo para o banheiro.

– Eu ainda acho que ela queria uma batata.

– Ela não quer, meu amor. – Mona afagou seu rosto.

Deixei meu prato intocado e a segui depois de alguns minutos. Melissa estava sentada na bancada da pia no banheiro, jogou o cabelo de lado e conversava

com a pequena enquanto ela era amamentada. Parecia mais calma agora.

– Eu sei que está com fome, a mamãe também estava. – Sorriu. – Com essa correria toda que o papai aprontou, eu até me esqueci da sua comida.

Apenas observava sem realmente adentrar o banheiro.

– A mamãe ainda não falou com o papai, mas eu vou falar. Não se preocupe, ainda temos três meses. Mas a mamãe precisa se preparar, estudar mais um pouquinho se bem que isso é bem chato, mas se quisermos uma casa grande com muita bagunça, a mamãe precisa trabalhar direito. E sim, o papai vai te ver sempre.

Respirei fundo, isso doeu.

– Vai ser bom sabia? Aqui também é bom, mas a mamãe e o papai não podem ficar juntos. Ou a mamãe vai acabar matando a futura esposa dele. Não nos damos muito bem, na verdade eu a odeio, por ela ter a sorte de tê-lo e mesmo assim o enganá-lo. Bom, essa história é tão longa, já faz tantos meses e as coisas ainda estão como estão e aposto que ela vai se casar, mas não vai ser com ele. Ela não o ama, porque se amasse estaria ao lado dele e não com o outro. Mas o problema do papai é ele ser paciente, ele a ama demais só pode.

Não, não amo mais.

– Bem, a vida nem sempre é como queremos e por essa causa a mamãe vai dar uma chance ao tio Daniel na primeira investida, não que eu seja oferecida, jamais. Mas é porque eu preciso de alguém ao meu lado que goste de mim de verdade e que me ajude a esquecer... você sabe, daqui a uns dias ele vai estar de volta e acho que vamos conversar. Eu consigo dar uma chance a ele. Eu posso dar uma chance a ele.

Entreí no banheiro ao lado. Lavei o rosto e respirei fundo algumas vezes. E fui de encontro a elas. Melissa me encarou assustada.

– Oliver... estava chorando?

– Eu? Não. Bom... é... ela estava com fome.

– Sim, estava e graças a Deus dormiu. Pega ela aqui. – Olivia se contorceu e a ajeitei em meus braços. Melissa ajeitou o vestido, pegou a bolsa. – Não precisava vir.

– Faço questão.

Ela seguiu ao meu lado, Anna pegou a pequena. Conseguimos comer e ela parecia não acordar nem tão cedo. Mas estava tudo perfeito, para ser verdade. Harry e America se encaravam e com um simples virar de cabeça, encontrei Isabel, o pai e as irmãs. Melissa estava distraída demais para prestar atenção.

– Estava pensando em voltar a casa de campo. – Mona começou o assunto. – O que acham? Quero levar nossa princesinha até lá, ela precisa de ar puro.

– Mona... – Melissa ia começar.

– Quando? – Perguntei.

– Na próxima semana. Vamos, vai? Vai ser legal.

Melissa queria falar alguma coisa, mas se calou.

– Por mim, tudo bem.

– Eu também vou. – Anna estendeu a mão.

Harry jogou uma ervilha em Melissa.

– Será que ganho, outra sobrinha?

– Harry... menos. – Melissa sussurrou o fazendo gargalhar.

Uma música começou, logo quase todos ali dançavam. Estendi a mão e Melissa a encarou, desconfiada. Suas feições eram incríveis.

– Anda, Melissa.

– Estou olhando a pequena.

– Pode ir Mel, eu faço isso. – America me encarou.

Obrigada, America. Melissa segurou minha mão, a levei até os outros e ignoramos as piadinhas de Harry. Enlacei sua cintura e ela abraçou meu pescoço.

– Você sabe que não sei dançar. – Murmurou. – Não esse tipo de música.

– Eu te ensino. – Não demorou muito para ela vê-la e querer se afastar, mas a segurei.

– Já viu quem está aqui?

– Sim.

– E não vai ficar com ela? – Me encarou. Me aproximei de seu ouvido e sussurrei.

– Prefiro a minha família.

Sorriu sem jeito.

– Bebeu demais, Oliver? – Sua risada era contagiante. Ela devia me odiar e não parecer tão... amiga? O jogo virou, não é mesmo?

– Não.

Me fitava, mordeu os lábios e voltou a encarar Isabel sem disfarçar. Balançou a cabeça.

– Precisamos conversar. – Sussurrei.

– Eu sei, mas você não me deixou falar. E o meu caso é importante.

A aproximei mais, podia sentir seu perfume, e ela não me afastou. Eu sabia a corda bamba que estava andando.

– Quero te fazer uma pergunta.

Assentiu com a cabeça em meu peito.

– Eu te magoei muito, Melissa?

Me encarou fazendo uma ruga se formar em sua testa. Parecia que eu havia feito uma pergunta estranha.

– Ter minhas opiniões sobre você, não quer dizer que esteja me ferindo Oliver, tivemos momentos que eu verdadeiramente queria sumir. Não queria acreditar que tudo o que eu estava vivendo era real. Mas mudei esse pensamento. Eu entendo tudo, desde o... começo. Eu não podia simplesmente te jogar uma culpa quando não fui obrigada a isso.

– Tem certeza?

– Já falamos sobre isso.

– Mas aquele dia...

– Eu também tenho meus momentos de sensibilidade. Também sou uma mulher como qualquer outra, não dê ouvidos ao Harry.

Sorri.

– Eu sei.

– Por que está fazendo essa pergunta agora?

– Precisava saber. – Beije-lhe a testa. – Eu... só preciso consertar tudo, Melissa.

– Consertar o que?

– Nossa vida.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Não tem o que consertar, está tudo indo bem. Nem estamos brigando mais. E eu preciso dizer que...

Não deixei que terminasse. Não deixei que colocasse algo na frente. Era ela que eu queria e isso era certeza. A senti sem ação por alguns segundos, até aceitar o meu beijo. Suas mãos puxando meu cabelo como sempre fazia. Me sentia bem e um peso parecia deixar minhas costas, me perdi naquele momento sem me importar com onde estávamos ou quem estaria nos olhando. Isso pouco importava. Se afastou confusa, sem me soltar.

– Oliver... o que você fez?

– Te beijei. – A puxei para mais perto. – Beijei a mulher que merecia toda a minha atenção. Atenção a qual desperdicei por muito tempo com quem... talvez não me desse valor.

Fechou mais as mãos em meu cabelo.

– Não sou um brinquedo, Oliver. – Sussurrou.

– Eu sei... eu sempre soube. Por isso quero conversar, eu e você. Apenas.

MELISSA

Estou acordando de um sonho? Eu tinha certeza de que Oliver não bebeu mais do que uma taça de vinho e isso porque ia dirigir, agora ser cuidadoso e dizer mais ou menos que sou importante para ele, isso me fazia pensar que ele estava bebendo escondido... sem contar que me beijou. Ou seria mais uma porque Isabel estava por perto?

– Oliver... estou confusa e tenho certeza que você também está.

Sorriu. Não, ele não parecia confuso.

– Não, eu não estou. Estou fazendo a coisa certa, Melissa. E a coisa certa é ficar ao lado das mulheres que amo.

Ele me ama? Até Mona parou a dança ao nosso lado e o encarou confusa e foi engraçado. Eu não era a única bêbada sendo assim.

– Eu bebi demais ou...

– Não Mona, você não bebeu.

– Oh céus, deve estar chovendo canivete lá fora. – Harry gargalhou a puxando de volta para a dança.

– Vamos para casa, vamos conversar. – Segurou minha mão me tirando da dança.

America estava aplaudindo do lugar.

– Eu estava gostando tanto, por quê pararam?

– Porque vamos para casa. – Oliver estava recolhendo nossas coisas da mesa.

– Só não vai me arrumar outro afilhado porque mãe e filha já tiram meu juízo o suficiente.

A encarei.

– Brincadeirinha. – Cantarolou.

Oliver me beijou pela segunda vez no dia e dessa vez vi o olhar mortal de Isabel, se isso tudo fosse brincadeira, eu pelo menos poderia dizer que saí com um gostinho de vitória. Ser trouxa de alguma forma estava no meu DNA.

– Vou indo, vem com a gente, America? – Oliver perguntou pegando Olivia.

– Vou sim. – Minha melhor amiga estava radiante. Tao radiante que me assustava. – Não posso perder essa carona, amanhã a classe baixa trabalha cedo.

Segui para se despedir de todos, trocou meia dúzia de palavras com Harry e depois sumiu do meu campo visual. Ainda me via perdida. Estava tentando ligar o Oliver que saiu para trabalhar pela manha com o Oliver que além de me tirar para dançar simulou uma declaração. Sabíamos bem que jamais houve declarações, nem quando ele esteve bêbado. Nem quando encaminhamos Olivia ao mundo.

– Vamos ao banheiro comigo. – Chamei America.

– Meu Deus, Melissa, você tem dois te competindo e eu nem resfriado to pegando. Sabia que isso é trágico na minha vida?

Enlacei sua cintura e a arrastei comigo para o banheiro. Prendi o cabelo em um coque, lavei os pulsos. Precisava respirar, estava tudo girando em confusão. Parte de mim estava feliz a outra me mandava recuar me fazendo lembrar de todas as coisas que estavam por vir, trabalho, vida nova, Daniel. Uma vida solida para minha filha. America segurou a porta para mim

enquanto usava um dos banheiros.

– Me diz, o que você sentiu quando o beijou? – Cantarolou.

– A língua dele. – Sorri e ela chutou a porta.

Ajeitei o vestido e sai.

– Estou falando sério, retardada. – Me encarou pelo espelho.

– Senti aquele sentimento me dando "oi". Mas estou no controle, então não se empolgue.

– Eu sabia que esse sentimento não tinha morrido. Tenho certeza que dessa vez, vai.

– Mas eu tenho os pés no chão, não posso me deixar levar assim. Isso não significa nada, America. Sabe, minha vida esta se encaminhando agora.

– Por que não?

– Porque é Oliver Digori. Se isso tudo não for mais um planinho para deixar a outra com ciúmes? O que eu faço? Mato ele ou mato ele?

America gargalhou arrumando o vestido enquanto se olhava no espelho.

– Não acho que seja. Aquele olhar foi muito sincero. Mas pelo amor de Deus Melissa Marie Sanders, cuidado com a Isabel. Está na cara que ela não vai deixar desse jeito.

– Ela não é um problema meu. Eu ainda não posso atestar nada, Oliver pode estar bêbado...

– Tá, mas se ele não estiver? Ele esta radiante te mostrando para todos e esquecendo todo o lance do casamento de mentira. Ele esta feliz com você do lado dele. Pensa por um segundo que não é sobre fazer ciúmes na Isabel. Pense nos últimos meses onde ele esteve como um laçaio a sua disposição.

–Temos Olivia.

– Isso mesmo, temos Olivia.

A porta bateu nos assustando. America proferiu um palavrão e colocou as mãos no peito. Nunca fale no diabo alto demais, ele sempre aparece. Isabel estava furiosa, eu sabia que era questão de tempo para nos esbarrarmos, ela não iria deixar pra lá.

– Vamos, Melissa. – America segurou meu braço.

Sentia meu interior se revirar, eu não ia brigar. A menos que ela quisesse. Eu

jurei a mim mesma ser um exemplo a Olivia, isso estava tomando tudo de mim, mas eu precisava por ela – mesmo eu querendo muito acertá-la. Eu não podia. Mas ela bateu a porta novamente e voltou a nos encarar.

– Mas é muito esperta mesmo. – America sussurrou segurando o cabelo no alto da cabeça. eu conhecia esse gesto. Era meu lado sensato. – Eu estava te livrando de uma agora. – Bateu as mãos ao lado do corpo irritada.

Tentei esconder o sorrisinho, mas não aguentei, ele sempre saía. America me olhou com aquela cara de "NÃO, MELISSA". Mas eu juro que ia acompanhá-la, só precisava abrir a porta antes.

– Precisamos sair. – America disse ficando um passo a frente.

– A porta ainda esta no mesmo lugar caso queira sair. – Isabel torceu o nariz recém-reformado. – Meu assunto com ela. –Me encarou.

– Que se dane. – America me soltou.

– Obrigada. – Sussurrei. – Seu nariz está um pouco torto.

Isabel tocou o nariz.

– Eu ainda não me esqueci disso.

– Nem eu. Dou risada todas às vezes que lembro. – Em parte era verdade. – Mas olha, eu não estou a fim de ouvir sobre suas plásticas. Preciso ir para casa, tenho alguém importante me esperando.

– Já falei que só sai depois de termos nossa conversa. – Falou firme batendo sua bolsa na bancada.

Em parte, eu tinha que concordar que a maldita era bonita, Isabel com toda certeza era mais velha do que eu, talvez a idade de Oliver. Ela era bem madura visualmente – mesmo cheia de plásticas, ainda era bonita. Escovou os cabelos loiros de lado e me estudou, senti America impaciente atrás de mim.

– Conversa logo com ela, Melissa. – Falou como se dissesse "soca a cara dela e vamos logo embora".

Cadê a garota que não gostava de me ver em brigas? Sinceramente, todo mundo resolveu mudar.

– Certo, vamos lá. Diga-me o que você tem a dizer.

AMERICA

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Melissa estava espumando, eu tinha certeza, o sorriso falso que se fosse para mim, já teria me deixado doida, era a prova disso. Soltei seu braço. Desde que não me batessem e ninguém chegasse na hora, eu precisava ver Isabel precisando de outra plástica. Eu vi a evolução de Melissa nos últimos meses e ela estava equilibrada. Esteve tão equilibrada que chegou a me assustar.

– O que faz aqui? – Isabel perguntou.

– Vim ver o movimento. – Melissa fingiu bocejar.

– Sempre tão engraçada e sem argumentos. Não se cansa de passar vergonha?

– Vergonha é algo que não está no meu sangue. Mas enfim, vamos fazer o que não é mesmo?

Isabel a fuzilou.

– Só quero te dar um aviso.

– Pode dar até dois, vamos, estou ouvindo.

– Fica longe do Oliver.

– Isso é quase impossível, porque moramos na mesma casa e dormimos na mesma cama. – Melissa Sanders estava me assustando com toda a calma.

– O que disse?

Melissa me encarou com uma cara que dizia "ela quer mesmo que eu repita?"

– Eu vi! – Isabel gritou, suas mãos se fechando em punhos. – você o atacou no salão. Você falou com pessoas importantes achando que pertence a isso, coisa que jamais acontecerá. Você é uma carta fora do baralho e isso será questão de tempo. Você e aquela coisinha gosmenta. Será que não percebe que você não faz parte desse mundo? Oliver não te suporta, fica procurando saída para as coisas darem certo. Você atrapalha tudo, tudo entendeu? – Isabel estava a intimidando. Tão perto que não passava uma agulha entre elas. – Se eu fosse você, seria bem esperta, pedia um bom dinheiro e se mandava antes que ele peça sei lá, um teste de DNA e descubra que essa coisinha que vocês chamam de bebê não é dele. E se você sonha que ele te ama, é bom apenas sonhar. Porque isso é uma coisa que nunca vai acontecer.

– Acho que não, hein! – Falei.

– Cala a boca que não estou falando com você. – Me encarou. Podia ver todas as veias em seu rosto saltarem.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Melissa deu um passo à frente depois de ouvi-la falar cada palavra.

– Pense duas vezes antes de mandá-la calar a boca e primeiro eu não preciso atacar ninguém, ele me beijou foi porque quis, pode perguntar depois, você tem o número dele, só não sei se ainda é um dos nomes na agenda; segundo, um sobrenome não vai mudar o que eu sou, e eu sou isso aqui que você vê sem precisar de rótulos e nunca fui uma carta em jogo. – Melissa já tinha tirado os saltos e eu nem percebi. – Agora se me der licença, eu tenho mesmo que ir, vamos marcar outro horário. Assim estarei mais calma e não precisarei quebrar a sua cara de novo em tão pouco tempo.

Isabel a segurou. Melissa encarou sua mão em seu braço. Mordeu os lábios e fechou os olhos, ela estava contando.

– Pode me soltar? – Pediu.

– Um último aviso, pense no que eu disse, vai embora e leve a sua fedelha junto, ou eu mesmo vou fazê-las sumir.

Foi rápido demais para minha mente conseguir captar o ato. Melissa a jogou no chão com um soco e segurou a mão.

– Ah droga... – Balançou a mão. Isso doeu.

– Querida, você vai precisar de outra plástica. – Avisei me sentando na bancada da pia. Melissa não ia perdoar as humilhações assim. E eu tentei ajudar.

A encarou no chão.

– Fale de mim, mas não fale da minha filha, entendeu? Pareço um mostro com raiva? Eu viro o cão quando falam dela.

Isabel se levantou e avançou. Melissa bateu na parede, mas conseguiu se equilibrar a puxando pelo cabelo. Tá aí porque Olivia ama um cabelo.

– Socorro!

Mas já? Sempre tirei Melissa de suas brigas, não dessa vez.

– Grita. – Melissa bufou. – Grita bem alto que você vai precisar de ajuda.

E elas estavam no chão. Duas coisas que Melissa fazia eu tinha a total certeza que doía: a mordida e o soco. Já fui cobaia duas vezes das suas iras. Tentei separá-las em algum momento quando Isabel parou de resmungar, mas era impossível.

– Agora você vai retirar o que disse! Me xingue, fale de mim, mas nunca da

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

minha filha!

Como ela vai dizer Melissa, se você está quase a matando?

– Oliver vai... ficar sabendo disso.

Gargalhou.

– Eu conto ou você conta? Acho que posso fazer isso, você vai precisar esperar essa sua cara desinchar e outra plástica no nariz até conseguir falar.

Isabel a arranhou no pescoço quando tentou se soltar. Eu juro que queria separar a briga, mas não conseguia sozinha. Melissa bateu em seu rosto, umas quatro vezes e a porta se abriu. Mona fazia um "o" com a boca.

– Vai retirar? – Melissa conseguiu levanta-la e a prensou na parede.

– Não.

Corajosa ela.

– Ótimo, ainda tenho muita força.

Mais uma vez a porta se abriu. Anna.

– Melissa!

– Não me segura, Anna. – Mandou a encarando entre a cortina que seu cabelo fazia.

E em menos de cinco segundos Harry entrou no banheiro acompanhado de uma mulher e dois rapazes. Ele queria assistir ao show, mas precisou fingir que se importava com duas mulheres brigando. E foi bem difícil segurar Melissa.

– Meu Deus, Melissa, está com complexo de Olivia, arrancando os cabelos das pessoas. – Harry brincou.

– Me solta, eu ainda não acabei. Vou fazê-la engolir todos os seus dentes até sufocar para ela nunca mais colocar minha filha nas conversas podres dela. E muito menos insinuar o que não sabe.

Um dos rapazes abraçou Isabel, já Melissa, estava uma fera. Harry tentava não deixá-la passar.

– Isso não vai ficar assim. – Isabel sussurrou.

– Isso vai ficar roxo. – Anna tocou o dedo em rosto dela como se fosse algo estranho fazendo uma careta.

– Tire as mãos de mim. – Isabel a assustou e gargalhei sem querer.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Tire ela daqui, Santiago. – Harry pediu.

Três segundos e o viva dentro do banheiro. Melissa estava com os cabelos lá em cima, ela chorava de raiva. Isso era normal. Ao mesmo tempo eu sabia que cada palavra havia feito um estrago em sua cabeça. já havia feito um dia, não seria diferente agora.

– Por que me segurou? – Socou Harry no braço.

– Aí! Eu precisava ou iam dizer que eu estava gostando da briga. Oliver estava preocupado com a demora. Que estrago em Melzinha? – Harry bagunçou ainda mais seu cabelo. Melissa abriu a torneira, lavou o rosto os braços e ficou agachada por alguns segundos recuperando a respiração.

– Desgraçada, me arranhou. – Se encarou no espelho.

– Em compensação você quase a desfigurou. Me diz aí, já lutou antes? – Harry tinha um enorme sorriso brincando em seu rosto.

– Faixa preta em briga de boate. – Falei descendo da pia. – Podemos ir agora? Amanha eu trabalho, galera.

Anna a ajudou. Parecia tudo bem quando deixamos o banheiro e passamos pelo salão, Melissa não estava tão ruim quanto Isabel mas era perceptivo, as pessoas pareciam não perceber ou sabiam disfarçar muito bem. Na saída tirou os saltos, quase os jogou do banco de trás se esquecendo da pequena.

– Ah droga! – Resmungou.

Oliver a encarava sem entender.

– O que aconteceu? – Oliver nos encarou. Melissa abraçou os joelhos, e vi as lágrimas.

– Ela está com raiva. – Avisei.

Oliver deu partida e acariciou seu cabelo. Melissa riu depois de alguns minutos de silêncio. Ela estava bem novamente.

– Para garota, você é louca. – Falei.

Ficamos em silêncio por um longo tempo, apenas trocas de olhares eram feitos. Eu estava esperando ela contar, mas isso não aconteceu. Oliver também não forçou. Com todas as mudanças eu tinha medo que ela realmente não lhe desse ouvidos. Era um pouco egoísta talvez, eu querer que ela lhe desse alguma chance quando todas as outras foram desperdiçadas.

– Agora podem me dizer o que aconteceu? – Oliver a encarou. Melissa

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

encarou as mãos. estávamos parados em frente ao meu prédio.

– Melissa bateu na Isabel, pronto contei.

Oliver colocou a mão na boca fitando-a. Melissa continuava olhando as mãos.

– Mas já aviso, ela provocou. Dessa vez essa aqui não fez nada. – Abri a porta me retirando. Eles estavam se encarando. – Vão para casa, não se matem, não grite, não façam mais filhinhos caso se empolguem e Oliver, já sabe!

– Cala a boca, America! – Melissa me encarou. Oliver deu partida com um sorriso de canto a canto.

Isso garantia que ele não se importou com a surra da noite. E que amanhã eu não acorde com vontade de matar ninguém. Amém.

CAPÍTULO 32

MELISSA

Assim que Oliver estacionou, saltei do carro. Eu queria gritar, mas não queria Olivia acordada na madrugada, então reprimi isso. Oliver desceu e a pegou. Segurei a bolsa o esperando, ele sorria.

– Qual é a graça?

Deu de ombros. Andei de um lado a outro dentro do elevador e vi Oliver abrir mais o sorriso, ele não sabia como estava minha cabeça. Ele não fazia ideia da gravidade da situação. Assim que a porta se abriu, respirei melhor. me entregou a chave e segui na frente. Uma das vizinhas – que não gostava muito de mim por ali e havia se comovido com o drama que Isabel havia feito – me encarou e Oliver me empurrou para frente.

– Eu vou perguntar qual é o problema que ela tem comigo, qualquer hora dessas. – Abri porta e Apolo saltou em mim. – Oi meu amor, estava com saudade da mamãe?

Joguei o salto em algum lugar e preendi o cabelo seguindo para o banheiro. Oliver trancou a porta e seguiu com a pequena para o quarto. Puxei uma camiseta pendurada na porta, me encarei no espelho depois de lavar o rosto. Desgraçada mil vezes, meu pescoço estava arranhado. Oliver entrou sem camisa, o cabelo bagunçado. Eu ainda não havia me esquecido do que aconteceu. E queria acreditar que se não fosse a bebida, ele estava usando drogas. E da pesada – para não dar ouvidos a America.

– Ela está dormindo e acho que agora podemos conversar. – Falou calmamente se pondo a minha frente.

Cruzei os braços nos separando. Só precisava acompanhar sua linha de raciocínio. Colocou as mãos cada uma de um lado me prendendo contra parede, sua respiração batendo em meu rosto.

– Oliver... você está bem? – Não, ele não estava.

Sorriu.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Agora estou.

– America não estava brincando, eu bati na Isabel e acho que ela vai precisar de outra plástica. Eu juro que não foi minha intenção, ela apareceu e me encheu com suas idiotices, eu poderia ter deixado para lá, mas ela falou da minha filha. E dela eu não aceito. Olivia não faz parte dessa bagunça, eu prefiro mantê-la longe disso. Eu não me importo que falem de mim, mas ela é outro caso.

Oliver apenas me observava. Eu odeio esse olhar compreensivo porque vindo dele, isso me assustava.

– Oliver, eu estou falando sério.

– O que quer que eu diga?

– Não sei, o que você costumava fazer? Correr atrás dela para saber se não danifiquei muito, ou ligava para reverter as coisas. Isso. – Baixou a cabeça com um sorriso. Segurei seu cabelo levantando sua cabeça para fitá-lo. – Você não está me levando a sério e isso prova que bebeu demais sem que percebêssemos, agora dá o fora que eu preciso de um banho.

Antes que eu conseguisse colocá-lo para fora, me levantou, me sentando na bancada da pia, ficando entre minhas pernas. Segurou meu rosto com as duas mãos e olhou dentro dos meus olhos. Deus, ele não está bem.

– Você quer que eu faça isso? – Perguntou sério.

– Não é isso que você sempre faz?

– Fazia, no passado. Eu nunca devia ter feito em nenhum segundo. Você sempre teve razão Melissa, eu estava tentando ter minha vida antiga de volta sem querer tentar viver algo novo. Sem me tocar que tudo o que eu tinha sempre esteve ao meu lado, aceitando minhas loucuras e sendo humana. Eu perdi muito tempo não querendo enxergar que a mulher da minha vida estava na minha frente a todo instante, que não me exigia nada, que me conquistou aos poucos e de repente me ganhou, eu apenas me privei disso... do ato de aceitar até me tocar que eu poderia perder e eu não vou perder, eu não quero perder.

Ele estava falando sério?

– Quem é essa?

Bagunçou meu cabelo.

– Para de graça, Melissa. Eu estou abrindo meu coração e não estou mentindo. E acredite, isso não aconteceu de uma hora para outra... eu só estava esperando o momento certo. Isso veio crescendo aos poucos, e quando me dei conta de como as coisas estavam indo. Quando descobri sobre a gravidez e como passamos por isso todos esses meses. Isso me mudou, me fez ver as coisas com outros olhos.

– Oliver... a gente não esquece uma pessoa da noite para o dia. Até ontem você era louco por ela e de repente muda tudo?

Apertou minha cintura. Suspirei.

– Acho que comecei a esquecê-la há muito tempo. Apenas não queria admitir com medo de ser um erro. Mas está claro que já a esqueci, eu não tenho motivos para seguir com isso adiante Melissa, eu tenho a minha filha. Eu tenho você e por mais que pareça confuso para você, está mais do que claro para mim. Eu te amo e posso levar um não, mas não vou desistir de tentar de novo e de novo até eu conseguir.

– E o que eu digo agora? – Me encarou e não consegui segurar o riso. Me puxou para mais perto.

– Que me aceita, ou pelo menos vai me deixar tentar. – Oliver me beijou. De verdade, como se nunca tivéssemos feito isso antes.

Deus, se ele estiver drogado, corte o efeito dessa droga agora!

Afundi as mãos em seus cabelos o puxando para mais perto, eu gostava da sensação que isso me trazia, eu gostava do perfume dele – eu o amava, era normal ser idiota assim. O ar pouco me importava. Eu precisava pecar até Deus me mandar para o inferno de vez. Enlacei sua cintura quando começou a se afastar. Apolo saiu da frente ou seria atropelado. Me afastei puxando seu cabelo para que pudesse olhá-lo.

– Eu não disse sim. – Falei.

– Eu amo você. – Me roubou um beijo.

– Estou falando sério, Oliver. Ainda dá tempo de fingir que não me disse, pela sua filha, ainda dá tempo.

– Eu amo você, Melissa Sanders.

Eu estou sonhando, isso.

– Se estiver mentindo, eu juro. – Respirei fundo. – Eu acabo com você.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sorriu.

– Não estou mentindo. Eu provarei isso todos os dias a partir de hoje.

OLIVER

Suas mãos se afundaram em meu cabelo. Seus olhos tinham um certo brilho que cheguei a ver um dia e que a muito estava escondido. Beijei-lhe a testa ao colocá-la na cama e ouvi sua risada engraçada. Me fitou mordendo os lábios.

– Estou falando sério, Melissa. – Ela estava de guarda montada. Eu não deveria esperar algo diferente disso.

– Mas...

Puxei suas pernas para enlaçar minha cintura.

– Oliver... não será uma ideia muito agradável acordá-la. – Encarou o berço.

– E eu ainda acho que esta bêbado.

– Ela não vai fazer isso. – Beijei o vão em seu pescoço. Puxou meus cabelos arfando. – Ela é minha parceira. E eu não estou bêbado, estou lutando comigo mesmo desde que o dia começou. Eu precisava dizer tudo.

Gargalhou.

– Oh sim, sua parceira. – Conseguiu se afastar. Prendeu o cabelo e colocou as mãos na cintura. – Isso tudo é muito estranho.

Me sentei fitando-a. Melissa tinha aquele poder sobre qualquer pessoa quando falava sério. Deus, eu era apaixonado por todos os defeitos, qualidades e modos dessa mulher e só percebi isso agora? Eu sou um completa idiota.

– Lembra quando eu perguntei se queria saber meus defeitos e você dispensou? – Perguntou.

Assenti puxando o urso da pequena perdido em meio aos cobertores. Ela não sabia o que estava fazendo com meus sentidos fazendo cara de inocente, por mais inocente que não fosse.

– Então, depois de algum tempo você pareceu se arrepender terrivelmente de ter me colocado na sua vida. Não está com medo disso acontecer de novo?

– Naquela época eu era louco.

Gargalhou jogando a cabeça para trás.

– Só naquela época?

Assenti e me mostrou o dedo.

– Estou falando sério Oliver. – Se agachou bagunçando de novo o cabelo. – Não quero dar razão a ninguém, mas uma coisa eu admito. Eu tenho tantos defeitos que não há qualidade em mim. Eu falo besteiras o tempo todo, xingo, brigo, costumo estourar em segundos. – Sorriu. – E costumo ferrar com a vida das pessoas. Olha a America por exemplo, eu chamo isso de amor, porque só ela me atura. Algumas pessoas me acham imatura, mas que se dane, eu não estou mandando ninguém gostar de mim e não vou mudar por ninguém. Porque aí estarei deixando de ser quem eu sou. E eu sou o tipo de pessoa que não se encaixa na sua vida Oliver... sou totalmente fora de prumo. As pessoas que você conhece, seus amigos, vizinhos, todos que fazem parte dessa vida sabe disso. Essa vida não é para mim...

Joguei o urso de lado.

– Não me importo. Não quero uma pessoa para surpreender a sociedade. Quero uma pessoa que represente quem eu sou, isso parece clichê, mas há certos clichês que são mera realidade.

– Eu sou um problema. – Se levantou. A segui prensando-a contra parede.

– Problema que caiu na minha vida e terei de resolvê-lo. Esquece tudo o que disse um dia, todos os erros. Eu quero tentar começar do zero nem que para isso precisemos sumir um pouco. Eu, você e a nossa pequena. Não me importo. – Beijei-lhe de leve. – E pode me matar se eu estiver mentindo. – Enlaçou o meu pescoço.

– Olha que eu mato. Será um desperdício, mas eu te mato. – Sorriu mordendo meu lábio.

– E então?

Pensou por um longo tempo: – Vamos tentar. Só não me faça me arrepender.

Tomei seus lábios, suas unhas arranharam meu pescoço e me esqueci completamente do que era dor. Era apenas nos dois e mais ninguém. Podia ter passado meses, mas algo me mostrava que eu nunca esqueci esses toques, essa pele. Apenas estava tentando achá-los na pessoa errada e praguejei por isso – era isso que faltava. Ela estava ali, o tempo todo. Melissa Sanders não

era a pessoa mais correta do mundo, mas tinha moral, tinha palavra, diferente de muitos. E agora, nesse momento, tê-la embaixo de mim, sentindo seu coração bater tão perto, eu tinha a certeza que perdê-la seria como morte súbita. Eu não podia perdê-la. Eu não queria e não iria perdê-la. Estava decidido.

– Me promete uma coisa? – Toquei seu rosto enquanto recuperava a respiração. Suas mãos desenhavam círculos em minhas costas. Assentiu. – Nunca mude. Mesmo quando achar necessário... não mude o que você é.

– Por quê?

Toquei-lhe de leve os lábios.

– Porque foi por essa mulher por quem me apaixonei. E é com essa que eu quero ficar. Não precisa usar salto, falar direito, ter qualquer status que for. Isso são rótulos e a mulher por quem me apaixonei é autêntica. – Sorriu. Seu corpo vibrou embaixo do meu.

– Pensei que seria excêntrica.

– Um pouco. Mas perfeita para mim. E vou passar o resto da minha vida me redimindo por todo o tempo que perdi.

Sorriu me puxando para outro beijo. Seus dedos habilidosos me livrando de minha calça. Eu sabia que devia manter meus olhos fechados e apenas me concentrando na forma que nossos lábios se tocava, ou perderia todo o controle se olhasse dentro de seus olhos. Parei um segundo e ela percebeu.

– Eu estou tomando meu remédio. – Deu tapinha de leve em meu braço. Eu não me importava.

Ela sorriu fazendo uma sensação diferente crescer em minha barriga, eu amava isso também. Poderia fazê-la sorrir a noite toda para apenas ter essa sensação me dominando. A toquei mostrando que não poderia esperar mais, e aqueles olhos me deram toda a permissão do mundo. Porque ela era minha e eu mostraria todos os dias, que eu podia ser dela e mais uma vez nos víamos entregue. Éramos um só, apenas isso.

MELISSA

Me sentia presa em um sonho, ultimamente estava quase acreditando em

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

conto de fadas, príncipes e cavalos brancos. Abri os olhos e constatei que não estava sonhando pelo fato de estar sem roupa. Me sentei na cama, respirei fundo algumas vezes esperando o bipolar entrar no quarto e pedir desculpas como sempre fazia, como fez até ontem. *Vocês precisam conversar, você tem um emprego. Ele não vai nem se importar. Use as desculpas dele para uma saída sem brigas, certo? Certo.* Ouvi sua voz e meu corpo estremeceu me traindo. Apolo estava na porta do banheiro e balançava o rabo.

Pouco depois Oliver saiu, usava uma bermuda mostrando o caminho perigoso ao qual me aventurei noite passada. Bufei mentalmente. Segurava a pequena com um braço enrolada em sua toalha rosa de coração que Anna deu. Olivia tinha os olhos abertos, observando tudo.

– Olha quem acordou cedo meu amor. – Se aproximou. Beijou-me demoradamente. Certo universo, eu não sonhei. Mas já pode parar. – Não faz essa cara de desconfiada. – Sussurrou ainda em meus lábios. Nos encarávamos.

– Só estou vendo se não estou sonhando. Não vai haver os pedidos de desculpas?

Olivia reclamou.

– Sim. – Suspirou me fitando. – Me desculpe Melissa Marie Sanders por não te receber todas as manhãs dessa maneira. – Beijou-me de novo e parou quando mais uma vez, Olivia reclamou. – Agora vou cuidar da outra mulher da minha vida.

Me deitei de novo. Oliver colocou Olivia do meu lado e se afastou, ela me observava, me aproximei sentindo o cheiro de sabonete de bebê e shampoo de camomila. Ela tocou meu rosto balbuciando coisas sem sentindo.

– Também te amo se for isso que estiver dizendo.

Oliver voltou com uma fralda e um vestidinho lilás. Fiquei conversando com ela, uma conversa animada que não entendi nada até Oliver terminar. Pegou-a no colo.

– Pode tomar banho, eu vou enrolar ela lá na sala. – Avisou.

Joguei o cobertor de lado e segui para o banheiro. Apolo, Oliver e a pequena me encaravam.

– Eu gosto de andar natural. – Falei antes de bater à porta.

– Isso mexe com as imaginações. – Oliver gritou. Gargalhei.

Liguei o chuveiro e deixei a água lavar a alma, mas não queria esquecer nenhuma sensação da noite passada. Sonho, por favor, não vá embora. Terminei, puxei uma bermuda perdida na cama e uma camiseta. Oliver, Apolo e Olivia se perdiam em um desenho bobo. Fiquei da porta observando. Hei pai, resolveu mandar meu anjo da guarda para me ajudar? Ou eu fiz a coisa certa? Olivia reclamou. Então ela gritou.

– Hei, pode parando. – Falei cortando o clima. – Já estou aqui.

Oliver sorriu a entregando. Apolo antigamente me dava o lugar no sofá, hoje ele nem se move.

– Obrigada Apolo, eu fico com esse cantinho. – Puxei sua orelha, e ele me encarou sem humor deitando a cabeça na perna de Oliver. – É esse o respeito que ganho por ter cuidado de você? – Olivia sugou meu peito. Cruzei as pernas para deixá-la mais confortável.

– Não ligue para ela bebê. – Oliver afagou seu pelo. – Por que ela sempre te encara? – Perguntou se aproximando e passando o braço por trás de meu pescoço. Olivia segurava meu dedo.

– Não sei, ela gosta de ficar me olhando. – Balancei o dedo e ela sorriu.

– Nunca pensei que veria essa cena um dia. – Sorriu.

– Não estava nos planos. – Sussurrei. Tocou meu rosto.

– Estaria perdendo esse momento onde a mamãe urso fica calma.

Fiquei sem jeito. Mas eu não atento assim.

– Não vai trabalhar hoje?

– Tirei o dia de folga. Temos compras a fazer e alguns passeios. O que acha?

– Acho que precisamos de sol.

Foi uma briga para fazer Olivia entender que não vivo de vento. Oliver saiu um pouco com ela me deixando com Apolo, acabei me esquecendo de comer porque ele aprendeu a roubar o controle da TV.

– Lembra que você sumiu com os malditos testes e eu não achei? Ai de você se sumir com o maldito controle.

Quando Oliver voltou estava os dois no chão em uma luta onde ele ganhava porque me mordida, mas consegui o controle de volta.

– Isso vai ficar roxo. – Comentou.

– Obrigada por lembrar. – Joguei o controle no sofá. – Engole agora, eu não quero mais.

Oliver colocou Olivia no sofá e Apolo se deitou a seu lado. Ela o encarava e tentava pegar sua orelha. Oliver se trocava, resgatei os chinelos embaixo da cama. Prendi o cabelo e estava pronta. Ajeitou o cabelo no espelho e sorriu

– Deixa de ser besta, você vai ao supermercado e não a um desfile. – Me atirou um urso.

– Essa casa precisa ser arrumada. – Reclamei. Mas não havia vontade de arrumar em mim. Só sono, coisa que eu não fazia com muita frequência. Dormir.

– Por que será?

– Porque seus filhos não deixam.

Coloquei Olivia no macacão e Oliver o prendeu para mim. Ela me encarava.

– Vamos.

Dessa vez levamos Apolo, mas ele ficaria no carro. Beijou minha testa e a Olivia. Apolo e a pequena foram no banco de trás. Oliver começou uma lista do que deveríamos trazer, mas deu briga.

– Vamos deixar para ver isso quando chegarmos lá. – Falei já amassando a lista.

Olivia voltou para o seu posto e Apolo esperou no carro. Peguei um carrinho, mas Oliver logo o tomou de mim.

– Por onde começamos? – Perguntei.

– Pela fralda.

Isso era tão difícil. Oliver parecia saber de tudo, só parecia.

– Vamos levar essa. – Pegou um enorme pacote.

– Por que essa?

– Porque é rosa, é mais bonito e ela gosta de rosa. – Falou.

Coloquei a fralda no lugar.

– Oliver, ela vai usar isso com três anos. Ela é pequena.

– Mas é rosa. – Pegou de volta. – Você gosta dessa minha princesa? – Olivia sorriu. – Viu ela gosta.

– Jura que ela gosta?

A paternidade fez um bem enorme para seu cérebro. Esperei seu minuto de distração e a coloquei no lugar. Peguei todas as do tamanho P que achamos. Depois seguimos para os essenciais, mas parecia que tinha um adolescente em casa com tanta porcaria que compramos.

– Faz um bom tempo que não bebo e nem fumo. Eu já havia me esquecido dos meus antigos costumes.

– É mesmo, continue assim.

Sorri. Oliver segurou minha mão e com a outra empurrou o carrinho. Olivia roubou a atenção e Oliver tinha uma cara de bobo, voltamos ao carro.

– Vamos aonde?

– Parque, dar uma volta. Depois vamos para casa.

Apolo não tirava os olhos da pequena. Seguimos em silêncio, assim que chegamos Oliver o soltou e o deixou correr. Olivia piscou com o sol, mas logo se acostumou. Oliver segurou minha mão e as pessoas nos olhavam. Era estranho. Era estranho porque eu não mantinha esse quadro em mente, ele nunca se passou em minha cabeça. Beijou meu rosto.

– Estava pensando... que tal férias de uma semana? – Afagou as bochechas de Olivia.

– Onde?

– Na casa de campo, podemos ir primeiro. O que me diz?

Parei no meio caminho. Oliver me fitou com um meio sorriso. Eu sabia que ainda tínhamos muito o que conversar, parecia que o sonho não tinha fim, então estava aceitando a realidade.

– Só nós?

– Sim.

– Mas o Harry vai querer ir junto com a gente. Ele não se cansa de ser engraçado. – Não sei como ainda está vivo. – Eu às vezes me sinto o brinquedinho favorito dele. – Sorri.

– Podemos enrolá-lo. Mona pode fazer isso. – Oliver sorriu. – Harry conseguiu a irmã que ele sempre quis para atormentar e que não fosse correr para resmungar em um canto. Ele te adora.

Sorri.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Já sabe que ele vai ficar insuportável depois, não sabe? Estamos tirando toda a sua diversão.

Assentiu.

– Então se prepare para as piadinhas. E vamos arrumar as malas. – Me puxou pela cintura.

– Deixa comigo.

CAPÍTULO 33

OLIVER

Melissa me fez comprar balões coloridos durante o passeio, Apolo destruiu o jardim do parque, Olivia descobriu que gritar literalmente a colocava no poder. Eram quase quatro da tarde quando voltamos para casa. Olivia ainda gritava eu sabia que iria precisar lidar com ela no futuro.

– Estou com fome. – Melissa reclamou. – Mas vou dar a comida dela primeiro, aí você me arrasta para o banheiro porque vou estar desmaiada depois que ela roubar minhas energias.

Gargalhei alto seguindo para o quarto. Amarrei os balões no pequeno berço, achei a carta embaixo do travesseiro, mas não disse nada. Estava esperando ela me contar, mas até agora nem pensou no assunto. Puxei as malas embaixo da cama, Melissa apareceu da porta, sem camisa e segurando a pequena que ainda mamava.

– Quando eu falei "Estou com fome", foi um aviso de "Oliver me traz alguma coisa para comer".

Deixei a mala na cama e me aproximei tocando de leve seus lábios.

– Não lembro do meu nome estar na frase.

– Sujeito oculto, mensagem direta. Mas tudo bem.

– Posso fazer alguma coisa, se quiser.

Encarou as malas.

– Vamos viajar hoje?

– Se preferir podemos ir amanhã de manhã. Você que sabe.

Mordeu os lábios.

– Não faz isso.

– O que?

– Sensualizar.

Gargalhou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Tomou muito sol na cabeça? – Olivia reclamou quando a tirou do peito. – Ah filha, por favor. Só preciso de um banho.

A peguei e Melissa se jogou na cama agarrando Apollo que logo correu. A deixamos dialogar com o teto e seguimos para cozinha. Olivia tentava engolir as mãos e me observava de vez em quando. Coloquei uma panela no fogo e peguei o macarrão. Comida rápida e fácil. Melissa começou a cantarolar no banheiro, ela mais gritava do que cantava e isso me fazia rir.

– Liga não, ela é ainda pior do que isso. – Olivia forçava os pezinhos em meu peito para ficar em pé, mas não tinha sucesso com isso. – Está cedo para escaladas, mocinha. – A beijei fazendo soltar aquela risada que só bebês conseguem. – Sabia que eu já sonhei com você? Só não sabia que ela seria sua mãe. – Meu celular tocou, Isabel. Respirei fundo e desliguei. – Eu devia acabar com isso agora, mas ela pode acabar com o nosso dia em segundos. Ela me fez esperar tanto tempo sem me dar explicações, pode me esperar pelo mesmo tempo também.

Melissa me encarava da porta. Cabelo bagunçado, e uma camisa enorme – minha. Se ela soubesse o quanto mexia com minha cabeça usando minhas roupas. Sorriu.

– Vai esperar a água secar? – Perguntou.

– Me distrai com a minha princesa.

Passou a frente pegando o macarrão e despejando na panela.

– Sabe cozinhar? – Provoquei.

– Não Oliver, nem sei. Eu passava fome quando morava sozinha.

Ela ficava linda com raiva, ela nem imaginava o quanto. O telefone tocou na sala, fui atender e pela risada era Harry.

– Fala. – Voltei a cozinha no viva-voz. Melissa me encarou.

– Oi família.

Bufou.

– Cadê a princesinha do tio, Harry?

– Está com o papai. – Falei.

– E a Melzinha? Está mais calma? Matou alguém no caminho? Ela ainda está verde? Responde aí Melissa Hulk. Essa criatura precisa ser estudada. – Gargalhou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Gargalhei. Melissa respirou fundo e voltou a atenção para panela.

– Melhor não, Harry.

– Ainda está brava? Meu Deus Oliver, dobre essa mulher. Destruam a casa, sei lá. Eu e a Mona...

– Harry, eu não te dei o direito de falar sobre a minha vida sexual. – Melissa quase gritou vermelha. Eu não sabia se de raiva ou vergonha. Harry gargalhava do outro lado. Salvo por uma ligação de telefone.

– Ah para, vai me dizer que não destruíram a casa? Só não traumatizem minha princesinha. Mas vamos lá, se divirtam. Sejam felizes no mundo maravilhoso do...

– Chega, Harry! – Mandou.

– Eu ia falar amor.

– Sério, às vezes me pergunto como a Mona te aguenta.

Sorriu.

– Amor demais.

– Harry, o que você quer? – Perguntei.

– Só liguei para saber das novidades, como anda o movimento... se sabe, os detalhes.

Melissa me encarou.

– Eu não disse nada. – Me defendi.

– Ele não vai te falar nada, Harry.

– Aí Oliver, já é um começo. Melzinha te mandando. Se acostume, mas lembre-se, ela é pior que a Mona. Nos vemos amanhã no escritório bem cedo, então aproveitem bastante e usem a sala, minha princesinha tem prioridade no quarto.

– Harry! – Desligou. Melissa me encarava vermelha. – Sério mesmo que ele está interessado em saber?

Assenti.

– Sim, Harry é o problema da família.

Coloquei Olivia no berço e voltei para ajudá-la. Melissa sorria perdida em pensamentos. Beijei-lhe o ombro e se arrepiou.

– Oliver...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Oi.

– Está me desconcentrando.

A virei para mim, sentei-a na bancada e beijei seu pescoço.

– Eu não estou fazendo nada. – Sorriu invadindo meus cabelos

– Imagina... isso... é injusto. Estamos com fome.

– Muita fome. – Mordi de leve seus lábios. Seus olhos estavam escuros e isso me atentava ainda mais. E ela ainda queria me parar.

– Está seguindo as dicas do Harry? – Perguntou.

Neguei.

– Não preciso. Sou bom nisso sem precisar de ajuda. – A peguei e segui para o quarto. Sua risada ecoou.

– Esqueceu que ela está acordada? – Perguntou segurando meu rosto com as duas mãos. Tinha um sorriso em seus lábios.

– Não podemos namorar enquanto ela não grita?

Gargalhou.

– Ah, só namorar. Entendi.

Mordisquei seu pescoço.

– Podemos entrar na missão "fazer a pentelha dormir". Aí podemos ir além de um simples namoro. – Enlaçou minha cintura.

– É. Podemos.

Suas mãos arranharam minhas costas. Olivia reclamava no berço, mas nenhum de nós parecia disposto a quebrar aquele momento. Melissa reclamou e mordeu meu ombro se desvencilhando.

– Já vai. – Gritou.

Caí de lado na cama escondendo o riso. Melissa a pegou.

– Você, precisa parar com isso. – Se sentou a meu lado, ainda respirava fundo. Apertei de leve sua cintura e ela me encarou. – Eu estou com ela nos braços, não se esqueça disso.

Me sentei a seu lado.

– Vou buscar nosso jantar. – A beijei de leve. Suspirou me fazendo rir ainda mais.

Não conseguia tirar o sorriso bobo da cara. Me sentia tão bem, que se eu soubesse que era assim teria terminado com isso a muito tempo. Agora vou recuperar cada segundo perdido. Coloquei os prantos na bandeja e voltei ao quarto, mas ela não estava. Apolo latiu me levando ao banheiro. Melissa estava na banheira e a pequena em seu colo. Ria. Fiquei da porta observando molhá-la e beijá-la. Conversavam, era a mesma cena, de quando tinha uma bola na barriga, só que dessa vez a tinha nos braços. Até que não era tão desequilibrada assim vendo por esse ângulo.

– Dá um sorriso para a mamãe. – Pediu. – Só um. – A pequena sorriu e Melissa a beijou. – Isso minha vida.

Me viu observá-la e virou a pequena para me encarar.

– Precisava de um banho. – Sussurrou.

Me sentei ao lado da banheira e Apolo me acompanhou, se escondia atrás de mim, já que Melissa o molhava para chamar sua atenção a ela.

– Ela gosta de uma banheira.

– Ela nem deve estar com frio.

Melissa massageava seu pequeno corpo a fazendo rir com as cocegas que sentia. Ficaram nessa brincadeira por um longo tempo até Olivia começar a cochilar deitada em seu peito. A água ainda estava quente e isso a relaxava.

– Eu... me sinto tão completa com ela. – Sussurrou beijando-lhe a cabeça. – É a única coisa que não me arrependo nessa vida.

– Eu me sinto completo com vocês. Não preciso de mais nada. Apenas das duas e eu prometo não fazê-la se arrepender disso. Só peço que me diga qualquer decisão antes de tomá-la. – Me conte por favor.

Assentiu.

Comemos, Olivia dormiu e continuamos de onde havíamos parado. Minhas palavras se fizeram verdadeiras. Eu me sentia completo com ela, com seu toque, seus beijos. Seus sorrisos sem nexos. Era tudo simples e certo para mim. Completo. Minhas.

MELISSA

– Hei, acorda. – Oliver sussurrou em meu ouvido. Mordiscou meu pescoço e traçou um caminho da nuca até o meio das costas nua. Sorriu.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Cedo.

– Não quer mais viajar? – Me virei para encará-lo. Tinha os cabelos molhados, e sim, ele já estava arrumado.

– Que horas são?

– Oito.

Certo.

– Está aprendendo com a sua filha me acordar cedo? – Me beijou me puxando para cima dele. – Estou sem roupa. – Resmunguei deitando a cabeça em seu ombro. Suas mãos apertaram minha cintura. – Oliver... – Sorriu.

– O que? – O beijei como se fosse morrer se não fizesse isso.

– Vou tomar banho. – Me levantei. Me encarei no espelho. – É. – Segui para o banheiro.

Meu corpo era fraco, estava absorvendo tudo e queria muito mais. Comecei a perceber o motivo de Isabel o querer tanto. Ele era bom, realmente bom quando queria fazer isso direito, isso eu não podia negar. Antes que eu começasse a enlouquecer dentro do banheiro, puxei a toalha e sai na hora que Oliver abria a porta. Ouvi America xingá-lo por algum motivo que não sei.

– Gostei de ver a casa em pé, Harry me ligou ontem e disse que te deixou bem nervosa. – Se jogou no sofá ao lado da cama. – Diz aí, foi ou não?

Ah meu Deus, já não basta o Harry?

– Você e Harry é um caso complicado. E sim, foi, mas eu não destruí a casa como ele deve ter contado porque nós não tocamos no assunto com ele.

America gargalhou.

– Não acredito que você está corada.

– Por favor, America.

– Vão viajar?

– Vamos, isso é segredo e não conte ao Harry. Casa de Campo, vá com a Mona. Já combinamos tudo.

– Eu trabalho Melissa.

– America, ninguém vai morrer por causa de uma semana.

– Só uma semana. Uma semana! O que tem de bom nessa casa?

Oliver entrou com a pequena.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Segura ela que vou preparar o café. – America a pegou o encarando. Oliver ria.

– Perdi alguma coisa? – Perguntei.

– Não. E você pequena, como conseguiu dormir, hein?

Ignorei seus comentários e voltei a me trocar. Um short e uma camiseta, estava ótimo.

– Quer saber quem está na parte pobre da cidade, para ser mais direta a cinco quadras da minha rua? – Perguntou balançando Olivia.

– Quem?

Abriu um sorriso.

– Eric!

– Eric? O Eric?

Assentiu ainda gargalhando.

– Não acredito, meu Deus. Sabe, eu prometi que não voltaria mais com esse assunto, mas eu preciso do meu carro de volta.

– Conta outra piada, Melissa.

– Aquele filho de uma mãe, vai ter que me devolver meu carro.

– Você bateu o carro dele.

Obrigada por me lembrar.

– Eric é um cara legal, existe uma parte dele que vai dizer que o certo é devolver o meu carro.

– Sonha, isso se aquela lata velha ainda existir e só para te lembrar. Você não pode dirigir por causas daquelas baixas na carteira e multas e...

– Tá, eu já entendi.

Eric estava de volta e isso trazia meu carro com ele. Eric era parte da minha infância e adolescência. Depois que America e eu deixamos o Texas, ele apareceu anos depois. No começo trabalhava com desmanche de carros, nada do que uns meses na prisão não o ajudasse a entender que essa não era a melhor forma de ganhar dinheiro. Depois abriu sua própria oficina e foi aí que perdi meu carro.

– O Scott já sabe? – Perguntei.

America me seguiu até a cozinha. Oliver terminava de preparar uma bandeja

e a levou para sala fazendo America me esquecer.

– Sabe. Parece que veio a gangue toda. – Sorriu.

Bufei.

– Do que estão falando? – Oliver se sentou a meu lado.

– Scott e um bando de garotos do Texas. Estão na cidade.

– Meus amigos. Estou pensando em fazer uma visita.

– Depois que voltarmos. – Oliver me beijou e America tossiu.

– Eu estou aqui, obrigada por lembrar. Não me façam vomitar meu café da manhã de classe alta.

America me ajudou com a mala, Oliver saiu para passear com Apolo e a pequena nos deixando a sós, era aí que entrava o modo "me conta tudo senão não durmo essa noite". E tive que contar, lá no fundo eu achava que tinha perdoado muito rápido, mas aí me toquei que não havia o que perdoar. Vou perdoar o cara que me fez uma proposta e eu aceitei de comum acordo? O que tem para ser perdoado aí? Nada. Era essa a resposta. Eu apenas me dei uma chance. Apenas estou tentando.

– Presta atenção. – Falou segurando meu rosto. – Isabel não parece deixar para trás o que acontece, toma cuidado que ela vai voltar. Vai tentar fazer alguma coisa.

Me afastei.

– Dessa vez eu não vou bater nela com as mãos.

– Só não esqueça isso. Ela é perigosa e falsa. Assistimos ao show dela e sabemos bem que ela é boa atriz.

– Sou melhor que ela. Adoro um terror. – Puxei a mala para sala e America levou a bolsa da pequena.

– Já contou ao Oliver?

– Não. Não tive tempo, quer dizer, tive entre aspas. Mas não consegui contar. Vou deixar as coisas se caminharem, se ele pisar na bola no meio do caminho eu não vou perder tudo de uma vez. Não que eu não confie nele, e nem que vou correr atrás do Daniel, acho que isso esfriou um pouco. Mas às vezes agimos sem pensar, meu pai sempre me dizia: Nunca se desfaça de todos os planos, uma hora eles se tornam útil.

America me abraçou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Vai dar tudo certo.

– Obrigada.

Oliver não demorou, levou as malas para o carro. America se apertou com Apolo e Olivia no banco de trás. Oliver começou a tirá-la do sério com suas conversinhas. Até que era engraçado porque nem eu a tirava do sério assim.

– Sabe, só acho que essa criança aqui do meu lado vai crescer com problemas.

– Por quê? – Oliver perguntou com um sorriso brincando em seus lábios.

– Você ainda pergunta? Não se esqueça que vai me deixar no meu trabalho.

– Quer dirigir? – Oliver perguntou.

America levantou as mãos.

– Desculpa, só queria avisar. Você e a Melissa se dão muito bem. Meu Deus, eu não mereço isso.

Paramos no sinal, do outro lado nada mais nada menos que Joana. Ter todas as emoções da antiga Melissa em mim desencadeou uma onda de lembranças que jurei enterrar no meu íntimo. Um sorriso brotou em meus lábios e Oliver me encarou. Ele se lembrava dela. O sinal abriu.

– Freia ou atropela? – America perguntou enlaçando meu pescoço no banco de trás.

– Atropela. – Falei. Oliver estragou toda a graça parando e esperando ela passar. E ela nos viu parando no meio da rua.

– É, o choque de realidade, vamos Oliver, passe por cima. – America bateu na cabeça dele.

Sua expressão era de surpresa e inveja, America apertou a buzina e ela correu para a calçada. Oliver me encarava.

– Você teria coragem de passar em cima?

– Vamos evitar esse tipo de pergunta. – America respondeu por mim.

Agora era a sensação estranha de que não estávamos indo seguir um roteiro falso. Eu estava indo a uma semana com Oliver.

– Vou ficar aqui atrás. – Avisei.

Por dois motivos, primeiro; Olli acordaria com fome e ela gosta de dar show; segundo, quando me desse sono eu ia poder dormir. Com o tempo a paisagem

foi mudando, paramos algumas vezes para abastecer. Olivia acordou mais algumas, mas eu não vi porque estava dormindo só então quando ela gritou alto que Oliver precisou me acordar. E ela voltou a dormir quando a peguei. Apolo saiu do carro e correu entrando na floresta que cercava a pista e Oliver foi procurá-lo voltando 20 minutos depois parecendo ter voltado da guerra com um cachorro que tinha a língua para fora mostrando o quanto havia corrido.

Ficamos parados alguns minutos, até que insisti e Oliver me deixou dirigir se arrependendo depois de alguns quilômetros.

– Pare de correr!

– Não estou correndo.

– Então me explica isso? – Apontou ao painel.

Diminui a velocidade para não enfiá-lo. Oliver começou a cantar uma música boba do tempo da minha avó. Olivia o observava e balbuciava coisas. Liguei o som, ACDC.

– Isso é música.

– Nada contra, mas isso é grito e ela gosta da música do papai.

Começamos aquela competição de quem cantava mais alto, até que tudo o que se ouvia eram risadas. Até Apolo se agitou.

– Quer saber de uma coisa?

O encarei.

– Nem quando a viagem era com o Harry, eu me sentia tão feliz como estou agora. Estamos completos, nós quatro. Melhor que encomenda.

Sorri. Eu também não me sentia assim a muito tempo.

– Como fui idiota todo esse tempo.

– Foi não, você é. – Resmungou me fazendo rir.

– Estou feliz. – Sussurrou.

– Eu também... não quero que isso acabe.

– Não vai. Só confie em mim.

Eu confio.

OLIVER

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Tomei o controle da situação depois de algumas horas de viagem. Melissa dormia no banco de trás e Olivia ressonava na cadeirinha. Apolo estava quieto depois me fazer correr no meio do mato para pegá-lo. Realmente, nunca me imaginei nessa situação. Era visto como certo diante da sociedade e seus holofotes, desde sempre levando a fama pelo pequeno império que meu pai havia construído para nossa família. No meio em que trabalhamos, estar visível não era uma opção. E eu queria viver como meu pai aprendeu a viver.

Era dessa maneira e estou vivendo como o mesmo. Melissa sempre seria assim? Espero que sim. Realmente era uma mulher incrível. Com tudo o que tinha, era como olhar todos os dias um livro aberto, talvez isso não fosse assim, dado a sua vida e todas as suas perdas. Ela tinha a vida que perdeu dentro dos olhos, eu não entendia porque America conseguia suportá-la até perceber que era isso, ela precisaria de alguém que enxergasse além das suas consequências. As pessoas não estão preparadas para esse tipo de ser humano, nunca estão preparadas para sinceridade e julgam isso. Melissa era isso.

Chegamos.

Soltei Apolo fazendo sinal para que não fizesse barulho. Peguei as malas e segui para nossa casa. Onde tudo começou de verdade. Levei Olivia e depois acordei a urso hibernando.

– Hei. – Beije-lhe o ombro. – Chegamos. – Resmungou se virando de lado. Sério que ela não sentia o pescoço doer? – Melissa adormecida, acorda.

Tirei o cabelo de seu rosto e mordisquei sua orelha, sorri quando se arrepiou.

– Tem uma cama grande e confortável te esperando. – Sussurrei. – Agora vamos que deixei nossa filha sozinha porque nosso filho voltou à loucura da liberdade.

Abriu os olhos mordendo os lábios.

– Só mais cinco minutos?

– Já chegamos, Melissa.

Encarou a janela. Como sempre, chutou a porta do carro e sorriu. Fui na frente segurando seu sapato.

– Não me acorde da próxima vez. – Resmungou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Gargalhei.

– Estava tendo um sonho incrível. Eu não entendo o sentido de o ser humano acordar as outras sempre que temos sonhos incríveis. Agora quando é um pesadelo só falta dizer: morre desgraça.

Eu ri, porque isso realmente era verdade.

– E posso saber que sonho foi esse? – Olhei para trás para encará-la.

– Não.

Parei.

– Por que não?

– Porque não quero te contar. – Sorriu. – Vou tentar sonhar com isso de novo.

– E se eu te obrigar?

Deu dois passos atrás.

– Nem tente.

Larguei os sapatos e andei lentamente em sua direção.

– Pode parando.

Neguei.

– Oliver.

– Você vai me contar.

– Não.

Correu. Ela era rápida, isso eu não podia negar. Gritava me mandando parar.

– Só paro quando me contar.

– Mas eu não quero te contar. – Falou parando atrás de uma árvore. – Fica aí ou vou te apresentar uma pedra. – Gargalhou nervosa. – Tá bom Oliver, parei. Eu sou mãe, estou virando uma pessoa madura. Pare com isso, eu preciso manter essa fachada pelo menos para mim. – Sorriu.

– Sério?

Quase a peguei, mas ela foi mais rápida, até Apolo aparecer e achar que era tudo uma brincadeira e nos jogar no chão. No fim foi de grande ajuda. Segurei suas mãos acima da cabeça. Ela arfava cansada.

– Pronto, agora me conta.

– Eu vou te matar Apolo! – Ele latiu e voltou a correr. – Será que não posso

guardar meus sonhos para mim?

– Não quando eu faço parte dele. – Sorri.

– Como tem tanta certeza que faz parte dele?

– Você disse que foi um sonho incrível. Eu sou incrível.

Gargalhou ficando ainda mais linda.

– E então?

Mordeu os lábios.

– Eu... sonhei com uma família... minha filha. Todo mundo junto e... até meu pai estava lá e ele disse: Isso aí garota. – O imitou. – Foi incrível. Ultimamente eu ando sonhando muito com ele.

Toquei-lhe os lábios.

– Não vai estar cem por cento real, porque eles não estão aqui. Mas vou fazer o máximo para manter isso, nossa família. – Beije-lhe a testa. – Eu te prometo. – Soltei suas mãos e ela as envolveu em meu pescoço. Era um aperto medroso como nunca ganhei antes.

– Obrigada. – Sussurrou.

– Vamos que deixei uma mocinha sozinha.

– Vai buscar meus sapatos depois ou o Apolo irá comê-los. – Bateu em meu braço. – Mas agora, vai me levar nas costas porque me fez correr.

Me agachei para que subisse. Melissa era sinônimo de desastre.

– Você é alto demais. – Resmungou tentando se equilibrar.

– Você que é baixa. – Puxou meu cabelo.

– Me respeita que estou no controle. – Gargalhou.

Fomos almoçar quase quatro da tarde. Melissa levou a Olivia para conhecer cada canto, encheu a cabeça da mesma de besteiras que só ela conseguia inventar. Subiu em uma árvore, correu atrás do Apolo. Me contou suas armações, eram engraçadas. E sim, as coisas começaram a se mostrar claras para mim. Com Isabel sempre foi diferente, era um presente para lhe abrir um sorriso, uma boa noite em um hotel caro para ouvir um eu te amo, ou pelo demonstrar que estava do meu lado. Não havia assunto que não fosse aquele carro que eu vi, ou aquela casa é grande e perfeita. Éramos como duas pessoas pensando em como gastar dinheiro ao longo dos anos, do que um

casal vivendo um momento.

Nunca pensei que quando conheci Melissa as coisas seriam assim, passava a maior parte do tempo em jantares importantes, trancado no escritório, ou me degradando por não ter até então mulher que eu pensava ser a mulher da minha vida. Não me arrependo de ter quase a atropelado aquele dia. Nada disso seria possível e talvez, se eu pensasse nessa proposta toda com outra pessoa, ela seria fácil de ser descartada. Não chegaria tão longe. Com Melissa, eu descobri outro mundo que não fosse o que estava acostumado a viver. Descobri que as mulheres são perigosas quando entram em uma briga, que nem todas são fracas, que podem ser apaixonantes do jeito que são. Mais tecnicamente, descobri várias mulheres em uma só, a que defende um filho, que não leva desaforo para a casa, a que gosta de diversão, uma mulher presa no corpo de uma menina. A encenqueira, a mamãe urso. Eu não podia esquecer dessa. Melissa é tudo isso sem precisar fazer esforço.

Literalmente, a opinião dos outros não é nada quando a dela é dada. Isso a torna diferente. Isso a torna única, não precisa ser para os outros, já é o suficiente para mim. E eu estou completamente apaixonado com cada detalhe disso.

– Oi. – Se deitou a meu lado. – Ela dormiu, vou colocar ela no berço. – Conseguimos trazer o berço desmontável que Anna deu. Melissa a pegou com cuidado, como se evitasse qualquer coisa. Sorriu perdida no mundo dela. – Boa noite, meu amor.

Apagou a luz deixando apenas o abajur aceso. Se jogou a meu lado repousando a cabeça em meu peito. A apertei ali, de repente tive medo de perdê-la agora que essa possibilidade parecia válida para mim.

– No que estava pensando? – Me fitou, os olhos brilhado mesmo no escuro.

– Tantas coisas.

– Resume.

– Em uma palavra só?

Assentiu.

– Se conseguir.

– Você. Estava pensando em você.

– Todo esse tempo?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Assenti. Beije seu cabelo sentindo seu perfume. Seus dedos finos desenhando círculos em meu peito. Estava calada.

– O que foi?

– Não quero acordar desse sonho. – Murmurou.

– Por que acha que isso é um sonho? – A puxei um pouco mais para cima. Enlaçou minha cintura e apoiou a cabeça na mão.

– Começando pelo "eu nunca me apaixonei antes por alguém..."

Toquei-lhe os lábios a calando.

– Apaixonada?

De repente parecia arrependida do que disse.

– Oliver eu...

– Shhh, eu preciso falar uma coisa. – Respirei fundo ainda surpreso. – De verdade, eu não esperava que estivesse apaixonada por mim... nem que houvesse essa possibilidade depois de tudo. Porque, eu pensei que nem me amava mais... como America e Anna me dizia. – Toquei seu rosto. – Eu pensei que estava tentando me amar de novo e você me surpreende com um "estar apaixonada". Isso foi a melhor coisa que eu ouvi, isso me tirou um grande peso das costas que me jogava para baixo me dizendo: você a perdeu de vez.

– Então... não está chateado por eu estar apaixonada por você? Quer dizer, estamos indo com calma...

Como ela podia achar isso? Segurei seu rosto pequeno em minhas mãos. Aquela dúvida em seus olhos a deixava ainda mais inocente. Escondia aquela agressividade usada para se defender, que existia dentro dela.

– Como eu poderia estar se acabo de dizer que só a possibilidade de pensar que não me ama já me joga em um abismo? Eu te amo garota, sempre amei. Apenas fui um cego como muitos por aí. Só que enxerguei, porque eu não queria perdê-la. Não quando estou incondicionalmente e irrevogavelmente apaixonado por você.

Sorriu, um sorriso tímido e eu podia jurar que estava corando. Eu queria senti-la, fundi-la a mim como um só. Daria meu ar, cometeria as maiores loucuras só para senti-la mais perto. Não permitiria que a me tirasse, era minha. Eram minhas. Parte de mim e da minha vida. A sempre aqueles casos

onde o amor que não duram. Sim, o amor, não dura. Mas como tudo tem uma explicação, também a uma explicação para isso. O amor não dura quando não é bem cuidado e eu pretendo cuidar do meu, como meu coração precisa bater para me manter vivo. Enquanto ela fosse a razão para me manter feliz, eu faria o mesmo para mantê-la.

– Eu te amo. – Sussurrei. Tocou se leve meus lábios. – E eu a quero. Agora. Preciso... – Não me deixou terminar. Senti sua lágrima tocar meu rosto. – Você está sendo o melhor de mim.

CAPÍTULO 34

MELISSA

Uma semana fez que chegamos e posso dizer que foi a melhor semana que já tive em toda minha vida. Ainda não acreditava que esse Oliver se dizia apaixonado por mim, que esse Oliver me olhava com intensidade a ponto de fazer meu coração ser absurdamente louco e constrangedor batendo dentro de mim. Via-me completamente ligada a vida que tinha em meus sonhos – que matei anos atrás.

– Por que está me olhando desse jeito? – Perguntei. Oliver estava na rede com Olivia em seu peito, mais acordada que dormindo. Eles ficavam bem juntos.

– Quero ver onde vai dar essa sua invenção.

– Sei subir em árvores. Sou profissional. – Sorri. – E se não fosse o senhor incrível jogar meu sapato aqui, eu não teria subido.

Escondeu o rosto no livro quando viu que eu tinha razão. Oliver havia atirado meus sapatos em uma brincadeira com Apolo.

– Eu vivia escalando as árvores com os meninos. Era bem legal. – Joguei meus sapatos depois que consegui alcançá-los e me sentei. – Os garotos gostavam de passar horas e mais horas com meu pai, ele tinha carros para arrumar de vez em quando. Era a diversão deles. Eric, o que está na cidade, uma vez ele me jogou de uma um pouco maior que essa.

– O que será que você fez?

– Ele sempre foi esquentadinho e sempre estávamos brigando, ele por ser mais velho gostava de estar liderando. Ele me empurrou porque bati nele uma semana antes com um galho que dava coceiras. Ele não foi acampar com meu pai e os outros e precisou ficar em casa. – Gargalhei ao me lembrar. Mas doeu. – Eu só acho que eu devia ter sido criada cercada por garotas. Mas desde cedo elas já me odiavam.

E não era mentira. Se não fosse America na minha vida, eu nunca teria tido

amigas, a não ser minha mãe, mas mãe não conta vendo por esse ponto de vista. Olivia resolveu despertar para a vida e me fazer descer da árvore. Ultimamente ela só me queria na hora que o estômago roncava, depois voltava para Oliver e chorava se não o via.

Oliver deitou a cabeça em meu colo e voltou a ler o livro que de vez ou outra eu virava a página só para irritá-lo.

– Posso ler meu livro? – Me encarou.

– Você está deitado em meu colo, eu estou alimentando sua filha e preciso me distrair.

Abriu seu meio sorriso e voltou ao livro. Quando fiz menção em mexer de novo ele segurou minha coxa dando um leve aperto que me fez tremer, aquela típica cócega que te pega de surpresa e te deixa fraca.

– Não, Oliver. – Ri nervosa.

– Se não me deixar ler...

– Volte a dar atenção ao seu livro. – Puxei seu cabelo. – Estou com ela nos braços, não se esqueça disso.

Cócegas é o meu ponto fraco.

A tarde passou rápida, o bom de estar no fim do mundo é que o som pode estar sempre no máximo e ninguém vai reclamar. Olivia sossegou, Oliver ficou com a limpeza dos cômodos de cima e me virei com o que restou nos cômodos de baixo. Vez ou outra nos esbarrávamos no meio do caminho, Oliver me puxava para ele e Olivia gritava apenas por vê-lo – Vamos com calma, Olivia, não faz tanto tempo que comecei a ganhar essa atenção.

Almoçamos juntos no meio da sala, Oliver me falou sobre seu trabalho – o que nunca falamos antes, eu apenas sabia que ele tinha dinheiro junto com sua família e que Harry e Mona eram advogados da empresa. Oliver trabalhava diretamente com pessoas afim de crescer seus negócios com a publicidade e isso lhe dava bastante dinheiro. Ele estava sempre em reuniões importantes e todas elas definiam seu trabalho.

Falamos sobre tudo um pouco, e percebi que essa foi a primeira vez que falamos demais. Contamos sobre nossas vidas – ele contou mais sobre a dele. Estava sendo estranhamente familiar.

Comecei a lavar a louça e Oliver a secar. Olivia estava no carrinho e nos

olhava como se nos achasse dois idiotas – na verdade Oliver descobriu o humor e agora sabia como me irritar.

– Se me bater de novo com esse pano eu faço você engolir ele.

Beijou meu pescoço.

– Você está lavando a louça, a cozinha ou tomando banho? – Se apoiou na bancada me fitando. Ele estava conseguindo.

O encarei e voltei ao trabalho.

– Nota para dona de casa...

– Começa que eu deixo essa louça aqui para você.

Gargalhou.

– Posso dar a minha nota?

– Não.

– Não está curiosa?

Neguei. Eu queria rir, mas ele não ia conseguir.

– Mas eu vou dar mesmo assim ...

Joguei-lhe um copo d'água. E Olivia riu, foi uma risada mais gostosa que ela tinha dado desde que descobriu que podia fazer isso, eu afogaria Oliver só para vê-la sorrir de novo.

Olivia me encarou.

– Você não devia ter feito isso. – Sussurrou. Larguei tudo para trás e corri para o outro lado da bancada.

– Você que começou. Nem venha. – Sorriu, aquele sorriso de "vou te pegar".

– Eu só queria dar a minha nota.

Gargalhei.

– E eu não queria.

Pegou a lata de chantili na mesa e sorriu.

– Você não é louco! – Olivia parecia animada observando tudo.

– Pede desculpas.

– Não! – Dois segundos em que olhei para o lado, senti o jato de chantili em meu rosto. E sua gargalhada.

– Um ponto para o papai, filha.

– Oliver! Eu lavei meu cabe... – Outro jato. – Oliver seu filho de uma...

– Não vale xingar a mãe.

Enchi a mão de espuma, mas era inútil. Não tinha a mesma intensidade. Me virei e quase joguei tudo do armário até achar uma lata de chantili para mim também – estoque de chantili. Ótimo.

– Agora corre seu infeliz, eu não vou parar.

– Só estava tentando empatar. – Falou levantando as mãos.

– Gosto de ganhar bonitão, então corre.

Parou para pensar se levava Olivia com ele ou corria. Quando consegui quebrar a tampa da maldita lata ele correu.

– Vamos filha, você vem comigo.

Corri pela casa arrastando Olivia no carrinho. Seus olhinhos curiosos estavam espertos. Vi Oliver correr para sala.

– Não vale lá em cima. – Gritei pegando um atalho pela cozinha. Oliver se escondeu atrás da estante. Tirei a camiseta molhada.

– Não acredito que está correndo com ela. – Falou escondendo uma gargalhada.

– Ela precisa aprender que quem manda, é a mamãe.

– Não quer levantar a bandeira da paz?

– Não, Oliver.

Deixei o carrinho em um ponto estratégico e corri até a estante conseguindo acertá-lo. Mas ele correu e precisei voltar para pegar a pequena. Ela sorriu depois de fazer uma cara estranha.

– Culpa do papai. Mas relaxa, só paro quando terminar com essa aqui. – Balancei a lata. O chão da cozinha estava escorregando, uma mistura de água, chantili e sabão. – Já falei que aí em cima não vale, Oliver! – Gritei deslizando pela sala. O difícil era frear com os pés escorregando.

Oliver me atirou uma almofada conseguindo me encurralar na parede e acabar com uma lata de chantili em meu cabelo.

– No cabelo não! – Choraminguei.

– No cabelo sim. – Me beijou. – Você está gostosa. – Correu.

Abri os olhos e ouvi sua gargalhada. Olivia me encarava passando a língua

no chantili em sua boca, como ela conseguiu se sujar. Deus, eu vou matar o pai dela por isso.

– Você sujou a minha filha! – Limpei o rosto dela.

Correu saindo do seu esconderijo e escorregando na porta me fazendo rir ainda mais.

– Papai está vivo, amor. – Se levantou e sumiu na cozinha.

Ouvi o armário ser batido de leve e lá vai outra lata. Oliver colocou as latas no peito em uma imitação de seios e isso me fez cair de tanto rir. Eu não sabia se ria ou chorava pelo insulto.

– Que ridículo! – Minha respiração estava presa em minha caixa torácica. – Você está me superando.

– Não gostou porque são maiores que o seu?

– Idiota.

– Retardada.

– Vou te fazer comer a lata. – Eu não conseguia levantar e muito menos parar de rir. – Você me paga, Oliver.

Virou a lata de chantili na boca me mostrando o dedo. Me segurei no carrinho, tirei o chantili do cabelo de Olivia e corri em sua direção. Oliver deu algumas voltas na sala e acabei com minha lata também, subi no sofá pulando em suas costas e caindo nas almofadas espalhadas no chão. Consegui me sentar em cima dele, comi um pouco de cabelo com chantili no meio de toda brincadeira. Olivia fez barulhos estranhos e bateu seu chocalho no apoio do carrinho.

– Perdeu. – Gritei. – Agora peça desculpas a mim e a sua filha suja de chantili. – Gargalhei ao ver meu bebê com uma ruga se formando em sua testa. Oliver passou o dedo em minha bochecha e colocou na boca.

– Bom.

– Oliver.

– Acho que destruímos a casa.

– Cadê o pedido de desculpas?

Deu de ombros me encarando com um sorriso.

– Seu... – Me beijou.

– Sem palavras feias. Ela está ouvindo. – Sussurrou feito idiota. – Mas posso pedir desculpas se ouvir minha nota.

– Oliver! – Tentei puxá-lo pelo cabelo. A porta se abriu.

– Fa...mília. Meu Deus, o que vocês fizeram? Destruíram a casa?

Legal! Harry e companhia limitada.

– Por que eu acho que ele vai fazer piadinha? – Sussurrei para apenas Oliver ouvir.

Suas mãos espalmaram em meu traseiro.

– Porque ele vai.

– Obrigada.

– Meu Deus, porque não esperaram escurecer mais um pouco e foram para o quarto. – Harry deixou as malas de lado e pegou a pequena no carrinho. – Até você eles sujaram, esses selvagens! Liga não, o tio te protege.

Oliver escondeu o riso e saí de cima dele.

– Inovando com o chantili, mas não precisam mostrar tanto amor não ...

– Cala a boca, Harry. – Falei antes que ele começasse.

– Aí irmãozinho. – Bateu na mão de Oliver que logo se encolheu com meu melhor olhar. – Liga não, Melzinha. – Ele ia me abraçar mas recuou. – Você está nojenta.

A casa foi invadida, Anna que segurava um pequeno bolo e uma vela de número 4.

– Meu Deus, cadê a nossa casa? – Perguntou.

– Sabe, é que eles...

– Harry, não. Bom, estávamos... resolvendo problemas. – Falei e Oliver riu assentindo. Harry sussurrou um: "mentira", atrás de mim. Eu vi pelo espelho na parede.

– Bom, eu não quero saber dos selvagens dos papais, eu vim ver minha bonequinha.

Certo, agora vamos ficar sendo chamados de selvagens por causa da imaginação fértil de Harry Digori.

– Eu pensei que vocês estavam fazendo um bolo para ela. Hoje essa boneca faz quatro meses. – Anna bateu palmas. E uma roda se formou. Harry só

faltou levantar a pequena para ninguém tocar.

Oliver me puxou nos sujando ainda mais.

– Quatro meses. – Sussurrou em meu ouvido. – Como passou tão rápido?

– Porque você começou realmente a viver agora. – Sussurrei.

– Eu amo vocês. – Beijou minha testa.

– Vamos gente, vamos cantar para ela.

Anna começou aquela música de aniversário me fazendo rir com sua empolgação. Olivia gostou da bagunça, sorria de vez em quando ou olhava todo mundo como se tivéssemos vindo de outro planeta. Incrível como eu ainda achava que essa coisinha que confiava tanto em mim não era minha. Isso era uma loucura.

– Pula a parte do "com quem será". Porque ela não vai casar com ninguém. – Oliver falou.

– Não mesmo. Tem uns conventos maneiros, vamos dar uma olhada mais tarde.- Harry bateu em sua mão.

Não, eu não estava ouvindo isso.

– Muito legal, mas é a vez do tio Henry pegar essa princesinha. – Henry conseguiu tirá-la de Harry. – E a Tia Mona vai buscar seu presente.

– Gente, ela só está fazendo quatro meses. – Falei entrando na roda.

– Cala a boca, Melissa! – Gritaram.

Mona e America saíram e voltaram pouco depois com uma cadeirinha rosa cheia de ursinhos.

– Presente para essa bonequinha linda. – America falou me empurrando. Por alguns segundos, Oliver e eu apenas assistíamos.

– Gostaram?

– É linda.

Henry colocou-a sentada, ela gostou porque não ficava totalmente deitada. Só não curtiu o cinto.

– Uma Melissa da vida! Não deixe essa garota tirar carta antes dos dezoito! – America falou séria.

Sorri.

– Isso ajuda, Melissa pode deixá-la aqui, até dar o que comer. Anna queria

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

comprar essas enormes, mas ela ainda é novinha para ficar com as costas tão reta, mas como sei que ela é apressada e adora levantar a cabeça. Compramos essa. Vai ajudar no dia a dia e dar folga ao Apolo.

Apolo estava lambendo o chantili do chão.

– Está aposentado, amigão. – Harry falou.

– Eu que escolhi. – Anna falou. Ela vinha para um abraço, mas recuou também.

– Como sempre, não é Anna? A minha era muito mais bonita. – Harry tinha os braços cruzados mostrando o quanto estava chateado.

– Uma cadeira do futuro amor. – Mona o beijou.

Henry continuou alheio a nós brincando com a pequena.

– Vou tomar um banho e lavar o cabelo. – Resmunguei. Oliver se afastou de mansinho e o segurei pela camisa. – Eu primeiro. Tem vassoura atrás da porta, baldes e pano na despensa. Pode limpar aqui.

– Por que eu?

– Porque você começou.

Harry gargalhou.

– O senhor-grande-engraçado pode ajudar também.

Subi de dois em dois os degraus e corri para o banheiro. O pior era que minhas roupas ficaram na casinha. Achei uma bermuda e camisa na gaveta do quarto do Oliver e segui para o banheiro. A festa continuava me fazendo sorrir.

Isso era tão diferente.

....

Mona se aventurou na cozinha, Oliver, Harry e Henry se perderam no videogame.

– E então Melissa, como foi essa semana de tranquilidade? – America perguntou.

– Foram dias de paz. E eu tenho medo, porque está tudo bem e quando está tudo bem é porque vai dar merda. Sabe o que ele me disse?

Anna enlaçou meu pescoço.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Que está apaixonado por você.

A encarei.

– Eu já sabia, eu que aguentei as dores de amor que ele sofria e fazia questão de reprimi-las.

– Agora nos conta, como foi essa declaração. – Riram maliciosas. Meu Deus, eu não sabia que minha vida sexual agradava tanto a família.

– Foi incrível. E... perfeito.

– Aí, pelo menos desse jeito alguém te domina.

– Ou não. – Dei uma risada nervosa.

Oliver e eu tivemos alguns dias apenas nosso. Olivia estava no conflito familiar de quem ela pertencia primeiro.

Por um segundo eu queria perguntar sobre Isabel, como as coisas ficaram entre eles, se ela estava insistindo em voltar para o que tinham. Mas isso era acabar com a paz que estava boa demais para ser destruída. E citar Daniel como uma volta. Oliver falou de algumas possibilidades de emprego depois que insisti muito sobre o assunto, eu realmente queria fazer algo.

As tardes eram regadas por histórias de família, segredos que Oliver não me contou. E America resolver contar todos os meus podres para o mundo. Eu amava essa garota.

– Todas as confusões vinham da Melissa. Uma vez ela disse que era seguro fugir pela minha janela, caímos do telhado e ela caiu em cima de mim. Quebrei o braço.

– Não foi minha culpa.

– Foi seu corpo. – Me encarou. – Roubamos o carro do meu pai uma vez, ela disse que seríamos rápidas. Duas horas depois estávamos na delegacia e o carro tinha sido guinchado.

A abracei.

– Eu te amo.

– Eu sei.

America era meu porto seguro. Eu devia muito a ela.

– Me pergunto como você está viva. – Mona ria do outro lado da sala.

– Todo mundo se pergunta isso, amor. – Harry me atirou uma almofada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Eu não saberia explicar em anos como America era especial para mim. Ela tinha motivos para me ignorar eternamente, mas estava ali o tempo todo. Eu seria eternamente grata.

OLIVER

– Oi mãe, estamos indo amanhã cedo.

– Como está Melissa e nossa princesinha?

Olivia me encarava.

– Estão ótimas.

– Mas porque já estão vindo?

– Duas semanas longe da empresa e Harry está aqui também. Então aquilo deve estar uma bagunça e Henry tem plantão essa semana. Chegaremos na hora do almoço.

– Oh meus amores, vou providenciar tudo. E antes que eu me esqueça, perdi a chave do apartamento. Acho que a deixei cair quando fui à loja ver algumas tintas.

– Tudo bem mãe, tem outra no quarto de Anna, ela ficou encarregada de levar algumas coisas para lá. Pode pegá-la, depois te dou outra.

– Tudo bem filho, venham com cuidado. Amo vocês.

– Eu também mãe.

Anna me assustou quando desliguei saltando em minhas costas.

– Ah meu Deus, nem acredito que o demente resolveu sua vida.

– Muito engraçada.

– Quando vamos contar para ela?

– Até tudo ficar pronto, a reforma no apartamento está complicada porque haviam quebrado a parede errada. Mas com muita calma tudo se resolve, só falta os quartos serem pintados e os móveis novos. Ela escolheu tudo de novo. Três semanas no máximo.

Sorri.

– A mamãe tem bom gosto.

Melissa nos observava da porta e a chamei. Anna deu espaço no sofá, mas ela

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

preferiu meu colo e deitou a cabeça no vão em meu pescoço.

– O que foi? – Perguntei.

– Nada, só senti sua falta. – Sussurrou. Eu sabia que estava cansada, Olivia não a deixou dormir essa noite.

– Vamos para casa. – Chamei.

– Boa noite para vocês. – Anna acenou.

Segurei sua mão com firmeza, peguei Olli e voltamos para casa deixando a luz do casarão sumir. Melissa se deitou ao meu lado na cama, fechou os olhos e deixou uma lágrima escapar. A pequena dormiu entre nós e as puxei para mais perto.

– O que foi meu amor?

– Estou com medo. – Sussurrou. Coloquei Olivia no berço e voltei puxando-a para mim.

– Medo de que?

– De voltarmos a estaca zero. De uma hora você acordar e ver que foi loucura dizer que ama a garota mais sem noção que existe nessa face da terra. – Se afastou sentando na beirada da cama me dando as costas. – Oliver e a garota cheia de defeitos e com uma lista enorme de confusões que já se meteu. Esse é um motivo para você despertar... sei lá... de uma hora para outra. Isso é tão comum, acredite já conheci pessoas como você onde fui passatempo. Mas naquela época eu nem me importava, nunca gostei de relacionamentos sérios. Mas agora, nada é apenas eu. Eu tenho a Olivia, é mais difícil de lidar.

Me levantei indo me agachar a sua frente. Sequei a maldita lágrima que parecia machucá-la.

– Presta atenção. Eu te amo e já falei que status e rótulos não me interessam. Você é mãe da minha filha, nossa filha. A vida é minha e eu escolho quem eu quiser nela. Então pare de pensar nessas coisas. Você é minha. – A puxei para mim. – Coloque isso na sua cabeça.

– Aqui parece tão bom. – Sussurrou, sua mão acariciava meu cabelo.

– E vai continuar sendo lá também. Nada vai mudar, Melissa. Eu prometo. – Seu olhar acabou comigo ali. Eu daria a minha vida para tê-la sorrindo como sempre.

– Me promete uma coisa?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Assenti.

– Um dia... quando não me amar mais... promete que vou ser a primeira a saber?

– Prometo. Mas quero que saiba que a única outra mulher que amo nessa vida, depois de você, é Olivia.

Me abraçou.

Só dormi de verdade depois que a vi fechar os olhos e suspirar profundamente. Estava claro para mim que eu não a deixaria. Que em breve ela voltaria a ser oficialmente a Sra. Digori, estaríamos na nossa casa. Enfrentaríamos a loucura do dia-a-dia juntos, veríamos nossa filha crescer. E se um dia o amor acabar, eu vou ter certeza que vivi os melhores momentos dele, com tudo, não posso reclamar de nada.

CAPÍTULO 35

OLIVER

Acordamos depois de levar um susto. Apolo resolveu aparecer e Harry quase derrubou a porta. Melissa lhe atirou um copo que estava ao lado da cama branca de susto.

– Quer me matar idiota? – Gritou.

– Desculpe acordar a Melissa adormecida, mas é que o tempo está fechando sabe e temos meia hora para pegar a estrada. Então casal maravilha, vamos levantar?

– Harry, poderíamos estar... indisponíveis agora.

Ele gargalhou: – O problema é de vocês.

Para piorar a situação puxou-a pelos pés e correu. Olivia não estava no berço, isso é, alguém já havia entrado ali. Melissa voltou a se deitar me puxando para junto dela e resmungando baixinho.

– Nunca vi Harry tratar ninguém assim, além de Anna. – Sorri. – Ganhou um irmãozinho.

Bateu em meu peito.

– E um segurança. Harry é super protetor.

– Percebe-se. Isso é bom.

– Recado dado, temos meia hora.

Deitou em cima de mim e apoiou o queixo em meu peito. Tocou meu cabelo e sorriu.

– Sério?

Assenti.

– De volta à civilização. – Sussurrou e a puxei quando ia se levantando.

– Eu te amo, não se esqueça disso. – Sorriu me beijando.

– Não vou.

Tomamos banho juntos relembrando o último banho de banheira, mas era hora de ir. Henry foi procurar Apolo e Harry me ajudou a colocar as coisas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

no carro. Melissa voltava da casa com uma garrafa de refrigerante de dois litros embaixo do braço pela metade dançando uma música enquanto America vinha atrás fazendo a batida – dupla perfeita. Harry já gargalhava.

– Meu Deus, você precisa ser estudada.

– Ser mãe é alimentar seu filho e senti-lo te tirar até a alma depois das energias. – Se sentou no banco ao meu lado.

America me empurrou entrado.

– Eu vou com vocês. Não estou a fim de matar ninguém.

Harry!

Apolo foi no carro com Anna e Henry e pegamos a estrada. Chegaríamos na hora certa se não parássemos. Depois de alguns quilômetros passamos Harry e Mona, America colocou a cara na janela e gritou um "OTÁRIO".

– Acho que o pneu furou. – Falou empolgada.

Melissa acabou com o refrigerante sozinha, depois ligou o som e ficou batendo a garrafa ao som da música acompanhada de America fiel companheira.

– Mais alto! – Gritou a famosa Hey, Ho, Let's go. E me bateu com a garrafa gargalhando. – Desculpe amor, me empolguei.

A música terminou, paramos duas vezes para abastecer e comer alguma coisa. Melissa dormiu dando paz. Eu sabia que ela estava odiando voltar, todos os nossos monstros moravam na cidade.

– Cadê a urso? – Harry se aproximou.

– Dormindo e não a acorde pelo amor de Deus. – America pediu.

Voltamos à estrada mais uma vez minutos depois, meia hora e estaríamos em casa. Melissa acordou quando a pequena chorou. Paramos para ela amamentá-la e depois voltamos à estrada. Henry e Anna chegaram primeiro, logo estacionamos e Harry veio atrás. Melissa ainda estava sonolenta quando a ajudei. Parecíamos ter sumido por anos ao invés de semanas.

– Meu Deus, como meu amor está grande. – Mamãe a pegou de Melissa.

– E mandona. – Melissa reforçou.

– Como está querida?

– De verdade? Morta de cansaço. Parece que meu relógio biológico odeia a

cidade.

Harry bateu a garrafa de refrigerante na cabeça dela ao passar.

– Acredita que ela bebeu sozinha?

– Acredito, também fazia isso quando precisava alimentá-los. A fome é terrível. – Mamãe nos deu as costas.

Melissa empinou o nariz, contamos como foi a viagem. Paz era o que havia ali. Isabel me mandou centenas de mensagens, uma delas era para encontrá-la. Ela queria uma explicação do meu sumiço e eu daria.

Voltamos para casa, ajudei Melissa com Olivia e caímos na cama cansados demais até para conversar. Apenas repeti o que sempre dizia.

– Eu te amo.

Se aconchegou em meu peito.

– Eu amo você também.

MELISSA

Olivia me acordou aos gritos. Oliver não estava mais, consegui fazê-la se acalmar e dormir de novo. Era quase uma da tarde e parecia que eu não havia dormido nada. Cansada. A cidade me deixava cansada. Achei um bilhete de Oliver na geladeira.

"Bom dia amor, não quis acordá-la. Dei mamadeira a pequena antes de sair então ela vai acordar tarde. E não brigue comigo, Henry recomendou e não me espere para o almoço. Tenho reunião então vou sair daqui só mais tarde. Amo vocês."

Oliver.

Sorri um pouco boba demais. Limpei a casa durante a tarde e resolvi passear com Olivia. Estava saindo quando o porteiro que me-ama-demais me chamou – ninguém nunca me chamava ali.

– Pediram para entregar isso. – Me entregou um envelope.

– Faz muito tempo?

– Não muito, senhorita. – Falou sem olhar para mim.

Dei de ombros.

Rasguei o envelope, Olivia me observava e tentou pegá-lo uma vez me

fazendo equilibrar o papel o mais longe que conseguia dela.

– Vamos ver o que é.

"Olá Melissa, como vai depois de passar uma longa semana fingindo ser alguém? Bom, não me interessa certo? Só queria avisar que quem avisa amigo é e você não me ouviu quando avisei. Acha mesmo que Oliver sente alguma coisa por você? Dessa vez não estou falando para conseguir nada, porque ele eu já tenho. Só queria te avisar que o almoço que tivemos hoje foi incrível e antes que comece a espumar, te dou uma dica. Espere e verá que a enganada nessa história é você e comece a se acostumar sendo apenas mãe da filha dele, um erro que aconteceu no meio do plano idiota de vocês e agora ele se acha obrigado a ter responsabilidades. Ele só está levando as coisas, até conseguir o que quer e sabe bem a mãe desequilibrada que você é, então digamos que é questão de tempo para tudo voltar ao normal. Não sei, mas acho que hoje ganho minha aliança, estou empolgada com isso. Se não acredita, espere-o chegar e procure você mesma nas coisas dele. Te garanto que achará muita coisa que prove o que digo, eu só quero te ajudar e só vou fazer isso porque você não merece o que está acontecendo. Beijos querida."

Isabel.

Isso tudo não passa de uma mentira. Oliver está em reunião. Ele não mentiria, ele prometeu. Isso tem que ser mentira!

– Eu não posso fazer isso. – Encarei o telefone. – Mas se eu não fizer, não vou conseguir dormir.

Quando liguei para seu escritório, uma dor tomou meu peito. Cada toque não atendido me fazia querer desaparecer. Até que caiu na mesa de sua secretária. Oliver havia saído de último hora.

– Tudo bem, eu ligo depois. – Desliguei.

Sentia como se fosse cair a cada passo. Me sentia fraca, uma vontade desgraçada de chorar. Eu devia de vez em quando colocar tudo para fora, mas isso iria me fazer matar muita gente na hora da fúria. Oliver não podia estar brincando assim comigo. Ele prometeu, ele jurou e parecia verdadeiro. Foi verdadeiro. Guardei o envelope na mochila, Olivia me encarava. Eu não podia agir como queria, pelo simples fato de tê-la agora.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Torce para isso tudo ser mentira e se for, acredite, não vou deixar uma célula do corpo dela viva para contar história. – Beijeí sua testa. – Não abandone a mamãe nunca, ninguém vai te tirar de mim.

Caminhei até o parque, o sol estava fraquinho e ela precisava disso. As pessoas que me conheciam me encaravam. Era quase como se perguntassem: Quem foi a louca que deixou essa criança com essa garota? Ou, ela é filha dela? Apertei Olivia em meus braços sem conseguir segurar a lágrima. Puxou meu cabelo, mas nem me importei dessa vez.

– Você é a única coisa boa que fiz nessa vida... e acredite, a mamãe não se arrependeu. – A virei para o lago onde os patinhos nadavam, ela gostou porque riu e me encarava. – É o bichinho. – Falei apontando. – Quer ir lá com eles? – Me aproximei fingindo que ia jogá-la e soltou uma gargalhada. Beijeí o vão do seu pescoço. – Vamos ficar bem. Eu sei que você confia em mim, eu estou melhor por você. Eu sou boa para você.

Me sentei em uma das mesinhas para piquenique, comprei um sorvete e dividi com ela. Sim, eu não era uma mãe normal segundo a visão das outras mães que passavam por nós. Mas quem se importa? Olivia tinha a bochecha suja de chocolate, era engraçado como ela tentava lamber o sorvete.

As horas passaram rápido, o sol estava indo embora e a tinha nos braços, cochilando. Passei um longo tempo fitando o nada, era como antes, só que agora eu tinha Apolo e ela como companhia. Minhas tardes não estavam vazias, eu não me sentia um nada na vida das pessoas e nem ficava horas esperando alguém me perceber. Tinha as duas coisas mais valiosas da minha vida, eles não se importavam com meus defeitos.

– Vamos para casa garoto? – Perguntei e Apolo balançou o rabo.

Ajeitei Olivia em meus braços e voltei para casa contra minha vontade. Eu não queria vê-lo, sabia que faltava um pouco até vê-lo e tentaria dormir antes disso. Pensei em confrontá-lo simplesmente entregar tudo, mas pensei na possibilidade de ele inventar algo que pudesse me esconder a verdade, ou simplesmente dizer que realmente era isso, e que seria melhor ele ficar com Olivia. Sabíamos como tudo começou e agora eu não tinha nenhum pensamento correto a respeito, desde os últimos acontecimentos. Eu estava entregue a tudo, então preferi me calar, uma hora ele teria que falar.

Só não sei se vou aguentar. Respirei fundo quando chegamos ao prédio,

ignorei o mundo e segui para o elevador.

Olivia se remexeu em meu braço procurando o peito, mas a ajeitei para esperar chegar em casa. Apolo correu na frente e assim que abri a porta, correu para o sofá para o seu lugar de sempre. Segui para o banheiro, abri a torneira e deixei a banheira encher. Coloquei a pequena na cama e tirei sua roupa vendo se encolher de frio. Beijeí sua barriga e ela reclamou se encolhendo. Sorri. Era tão pequena e linda, ainda me perguntava como não a deixei cair ainda. Tirei minha roupa e a peguei, sentindo sua pele quente na minha. A banheira estava no ponto. Me sentei com cuidado e a deixei repousar a cabeça em meu peito até vê-la abrir os olhos e piscar algumas vezes.

– Está bom, meu amor? – Sussurrei beijando sua cabecinha. – Minha teimosa, não seja igual a mamãe. Tenha controle e seja independente. Você me mantém sabia? Cada segundo que passa eu penso: O que vou fazer da vida? Eu vejo minha vida completa. De verdade, eu não me sinto mais sozinha. Hoje eu poderia estar no meu velho apartamento olhando para cima, sem saber o que fazer e pensando o quanto a vida era uma droga. Então agora eu tenho você, e parece que tudo faz sentido. O certo seria eu me desesperar por ter uma filha e um romance de novela. – Uma lágrima escapou. – Mas eu comecei essa história toda sem pensar, certo? Então por que vou fazer isso agora?

Quando despertou, consegui dar banho nela, e ainda dentro da banheira permiti que se alimentasse. Repousou a mãozinha em meu peito e me fitou bem dentro dos olhos. Era incrível como ela conseguia me tirar do chão em um piscar de olhos. A água começou a mudar a temperatura, enrolei-a na toalha e a deixei na cama, logo puxando a minha e me enrolando também. Peguei suas coisas e joguei na cama.

– Vamos colocar a fralda de ursinho que a mamãe comprou?

Como uma boa menina ela me deixou trocá-la. A puxei pelas pernas, ela gostava disso. A aninhei a mim, Apolo se deitou a meu lado. Em minutos ela dormiu novamente.

– Isso aí garota. Só acorde amanhã, por favor. – Pedi.

Coloquei-a no berço. Me troquei andando de um lado a outro no quarto me segurando para não revirar tudo dentro do guarda-roupa de Oliver e procurar

o que tanto me atormentava. Eu não ia fazer isso. Eu não vou fazer isso!

– Não vou!

Me joguei no sofá com Apolo, um copo de vinho e meu cigarro, ou do Oliver, tanto faz – eu os achei em suas coisas um tempo atrás. Liguei o som baixinho e deixei tocar. Minha cabeça estava girando e as lágrimas vieram sem aviso. Isso doía, de verdade, estava doendo. Sentia cada toque, ainda conseguia senti-lo em mim e isso era terrível. Eu devia reprimir, liberá-lo um dia, quem sabe. Fechei os olhos por um tempo, não queria pensar. Queria me perder. Isso era tão fácil no passado. Despertei com o telefone tocando, o cigarro quase queimando meu dedo.

– Droga! – O joguei no cinzeiro e acendi outro. – Já vai porcaria.

Apolo me seguiu andando ao meu redor.

– Alô?

– Olá. – Isabel.

– O que você quer?

– Que modo educado de atender uma pessoa.

– O que você quer? – Eu queria gritar.

– Recebeu meu presente? Espero não a ter magoado tanto.

Respirei fundo.

– Me dá um motivo para não ir até aí e te arrastar ao quinto dos infernos?

Gargalhou.

– Não pode ficar muito nervosa, tenho certeza que ama sua filha, não é? Oliver está quase chegando. Pensei que fosse esperta, Melissa. Pelo menos aparenta ser.

– Não ligue mais para minha...

– Casa? Tem certeza que você vai ter alguma coisa? Você não foi esperta quando eu te aconselhei. Não quis me ouvir...

– Não vou dar créditos ao que você fala, porque enquanto você está aí se doendo, quem passou a semana na mesma cama que ele foi eu, quem ele disse que amava, fui eu. Então me esquece e vai fazer seu noivinho de otário. Não vou mais avisar, se continuar me perturbando dessa vez eu acabo com você sem te dar a chance de gritar. Você sabe que posso fazer isso.

Seu silêncio era uma prova de medo.

– Pense como quiser. Já foi até o armário dele? Te garanto que vai achar o que procura. E me surpreendi, foi além de um almoço, jantamos juntos também. Da hora que me deixou em casa, ele deve estar chegando. Em breve terá uma linda surpresa, mas antes que diga que não avisei. Temos um jantar importante na terça e é claro, irei acompanhá-lo, será na Garden, ainda se lembra? Pode ir até lá e verá o que digo. Até mais e lembre-se, faça isso pela sua felicidade.

Bati o telefone com toda minha força me segurando para não ir até lá e mata-la. Me agachei segurando a cabeça. Enchi outro copo de vinho e segui para janela, meu sangue fervendo e tudo se revirando dentro de mim. Meu castelo desabando a cada nova batida. Eu não tinha medo por mim, eu podia lidar com isso, eu superaria como superei tantos outros. Mas eu sou o que na sociedade além da mulher que estava tomando jeito? Se eu o confrontasse, esse seria o argumento perfeito. E se tudo isso for verdade, eu já sabia como seria no fim. E eu não ia aceitar. Ninguém iria tirar minha filha.

Minutos depois ouvi a porta se abrir, Apolo latir. Mas continuei no meu lugar sem ter tempo até de secar a lágrima que ousou descer. Oliver soltou a chave na mesa e foi até o quarto, foi vê-la primeiro. Voltou segundos depois, beijou minha nuca fazendo meu corpo tremer.

– Está bebendo? – Me encarou. – E fumando?

Me afastei.

– Algum problema?

– Eu pensei que havia parado.

– Não estou mais grávida. – Respirei fundo e virei o resto do vinho da boca. Apaguei o cigarro e segui para o banheiro. Precisava de outro banho.

Oliver me seguiu, mas entrei primeiro. Liguei o chuveiro e segundos depois ele entrou.

– O que está acontecendo?

Encarei a parede.

– Nada.

– Não parece nada.

Sorri sem vontade, mas não segurei a lágrima.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Eu preciso de um banho, estou cansada. Agora, pode me dar licença, preciso de um tempo só meu. – Me encarou por dois segundos e entrou no box comigo. Segurou meu rosto se molhando todo.

– Me diz o que está acontecendo! – Mandou.

– Você é surdo? Não entendeu o que eu disse? – Me beijou. Eu queria afastá-lo, mas não queria. Afundei os dedos em seu cabelo e o trouxe para mais perto. Sua mão puxando minha cintura. Arfei.

– Por que está assim droga?

– Não posso ter os meus motivos? – Sussurrei encarando-o. Ele não podia ver as lágrimas com a água.

– Pode... só não esperava que seria tratado assim. Passei a tarde toda pensando em chegar em casa e vê-la.

Não mente para mim!

– Não estava em reunião?

– Sim, estava. Isso não me impede de pensar em você, ou impede?

– Não sei, Oliver. Eu só preciso dormir para ver se fico melhor.

Sorriu me puxando para outro beijo.

– Coisa de mulher. – Sussurrou em meu ouvido.

Totalmente, pensei. Me troquei quando fiquei sozinha, mas não consegui segurar o choro por muito tempo. O vi entrar no banheiro e pouco depois o chuveiro ser ligado. Seu celular ficou ao meu lado, me chamando, mas me segurei, por pouco tempo. Segui para as chamadas e havia números desconhecidos e nas mensagens, o mesmo número e marcando encontros. Eu já podia imaginar de quem era. O coloquei no lugar e voltei a me deitar, apaguei a luz. Meu coração batia forte, quase me sufocando. Fechei os olhos e senti sua mão envolver minha cintura.

– Não Oliver... não... – Sussurrei ainda de costas sem saber sua reação. Apenas beijou meu cabelo e voltou a seu lugar, mas eu apostava que estava me olhando. Eu tinha certeza. Dormi, mas chorei boa parte da noite.

Isso tudo era um plano, como manter Melissa de guarda baixa. Como tirar tudo o que eu tinha. Apenas isso e isso estava doendo.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO 36

MELISSA

Uma semana depois...

– Minha cabeça vai explodir. – Resmunguei fitando o teto. Olivia me encarava deitada ao meu lado. – Vamos sair, eu preciso de um carro e sei quem vai me arrumar um.

Peguei a primeira roupa que achei. Troquei Olivia e deixei Apolo dormindo quando sai. Minha cabeça estava girando. Uma semana, estava sendo terrível dormir ao lado de Oliver, estava sendo difícil não deixá-lo me tocar. Por mais que eu me afastasse. Ele já estava desconfiado, me questionava, ficava de lado. Sou uma péssima atriz, mas veja pelo lado bom, estou segurando para não cometer loucuras. America me ligou e me encontraria no caminho.

– Entra.

Ela havia comprado uma cadeirinha para a pequena e isso facilitava minha vida. Não consegui conter as lágrimas, porque sei que ela me faria perguntas. E segurei sozinha as pontas por uma semana.

– Oliver me ligou e me procurou, ele não sabe o que está acontecendo com você. Você pode me dizer por que o está ignorando? – Me encarou.

– Então ele já percebeu que estou ignorando ele? Ótimo.

– Mel, por quê?

Tirei o maldito bilhete da mochila.

– Por isso!

America segurou o volante com uma mão e leu o bilhete. Me encarou.

– Pode ser mentira Melissa.

– Eu também queria que fosse, eu adoraria que fosse, mas não é. Oliver me deixou um bilhete no mesmo dia dizendo que teria reunião o dia todo e não poderia almoçar em casa, então pouco depois do almoço eu recebo isso. E a noite descubro que jantaram juntos também. Mas ele não me contou nada. Nem uma palavra e simplesmente disse que estava em reunião e meu Deus, eu vou explodir. Eu não aguento mais America. Eu não aguento senti-lo me

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tocar e simplesmente fingir que não me importo, porque eu me importo. Se ele está me enganando, eu ...

– Melissa, presta atenção. Ele pode ter ido terminar com ela.

– E por que ele não me contou? Eu não entendo, apenas não quero acreditar, mas eu estou com medo. Estou com medo de confrontá-lo e ele se revelar. Você sabe que ele pode me tirar ela, não é? Ele tem dinheiro. Eu conheci um Oliver que não era "apaixonado" por mim.

– Ele nunca faria isso, você precisa se acalmar.

Segurei a cabeça.

– Por que não faria? Hã?

– Sei que prometi guardar segredo, mas desde que contei sobre Daniel e você ir...

– Você contou? AMERICA!

– Melissa! Por favor, tenha calma. Eu contei, ele estava arrependido eu vi isso, certo? e depois de tudo... Ele esteve com você. Estava tudo indo bem...

– Ele só esta me mantendo, America! Agora tudo faz sentido. Desde o começo... ele... egoísta!

– Mel...

– Ele foi a um jantar na terça passada. – Tentei secar minhas lágrimas. – Ela estava lá, ela sabia. Hoje, outro jantar com pessoas do trabalho. Ele não me levou. Não que eu me importe, mas saiu apressado. Eu sei onde é, se for um jantar da empresa, ela não vai estar lá, certo?

America coçou a cabeça.

– Por que não vamos até lá tirar isso a limpo?

– Porque ela me disse que ele irá pedi-la em noivado no dia do fechamento da campanha da empresa. Eu vou esperar, eu vou esperar America. E eu juro, isso não vai ficar assim.

– Ela te liga?

– Sempre que algo novo acontece. Sempre para me machucar um pouco mais porque ela sabe que está me atingindo e sabe que se não fiz nada ainda, é por causa da Olivia. Eu não me importo de perde-lo para ela, mas jamais deixarei ele levar Olivia e aquela... ela não vai chegar perto da minha filha. Não vai.

– Isso nunca vai acontecer, certo?

AMERICA

Seguimos para oficina de Eric, parei atrás de uma moto observando a movimentação. Melissa desceu e peguei Olivia. Não vi rastros de lágrimas em seus olhos, ela estava se segurando ou voltando a ser o que era antes. Um pouco mais fria do que sentimental. Ajeitou a touca na cabeça da pequena, beijou sua bochecha e seguiu na frente. Reconheci Eric embaixo do carro. Melissa chutou seu pé e o ouvi xingar. Se agachou para encará-lo.

– É assim que me recebe?

Eric deslizou debaixo do carro com um sorriso brincalhão.

– Melissa Sanders!

Melissa abriu os braços em um gesto de "eu mesma". Eric a abraçou a tirando do chão.

– Terrorista!

– Oi George.

– Melissa!

– Oi Bruno.

Por alguns segundos, vi minha amiga calma. Eu tinha medo por ela, medo de Melissa surtar de vez.

– E quem é essa aqui? – Bruno perguntou se pondo a meu lado.

– Olli, minha filha.

Todos a encarou e começaram a gargalhar.

– Tá legal, conta outra.

Melissa colocou a mão na cintura encarando cinco idiotas.

– Tá falando sério? – George perguntou.

– Estou. É minha filha, eu sei, é linda demais. Mas é minha.

E a roda se formou ao meu redor. Olivia não estranhou nenhum deles, até Bruno toma-la de mim.

– O que conta Mel? Casou?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Preciso de um carro. Você pegou o meu lembra?

– E você apresentou o meu a um poste, lembra? Estamos quites. E não vou ser imprudente. Esquece Melissa. – Melissa sentou no capô do Chevette que Eric arrumava.

– Você ainda não disse se está casada.

Melissa gargalhou sem humor.

– Estive um dia. Uma história longa e complicada que não faço questão de contar.

– Precisa de um lugar para ficar Melissa? Pode morar com a gente. – Bruno balançava Olli em seu colo.

Gargalhei.

– Certo, vocês são bons na piada. Mas não, ela não vai morar com vocês. Melissa já não presta sozinha, com vocês ela tende a piorar.

– Eu só preciso respirar um pouco. Preciso voltar ao normal. Mas com urgência, eu preciso de um carro. – Pediu. Ela sabia que estava fora de cogitação pegar o meu.

Eric bateu o pé e disse não. Melissa nos deixou a sós, pouco depois um dos carros saía da garagem.

– Prometo que não demoro. – Gritou da janela.

Droga!

– Quem deu a chave para ela? – Eric perguntou.

– Ela disse que você deixou. – Bruno falou com a pequena no colo.

– Ótimo. – Peguei Olivia. – Vou atrás dela. George vem comigo. Eu vou matá-la. Acredite. – Coloquei Olivia na cadeirinha. Melissa devia estar correndo porque a perdi de vista.

– O que deu nela, hein?

– Amor. Sabe o que é isso? – Quase gritei.

George gargalhou.

– Mas ela é demais, vamos concordar. Quem ela quer matar dessa vez?

– Uma vaca chamada Isabel e seu ex e quase futuro marido Oliver Digori.

George me encarou.

– O Digori? Da campanha de meias confortáveis.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Bufei.

– Sim, o todo poderoso dono da empresa que fez essa campanha. Longa história. Só acredite que eles se amam. Mas tem sempre o vilão da história. Agora o que eram rosas, está virando espinho. E sim, corremos o risco de Melissa atropelar os dois.

George ainda ria enquanto eu me via em desespero.

– Não tem graça garoto.

– Eric vai surtar se ela destruir esse carro. Já consigo ver a cena. Vai ser chocante.

Soquei seu braço. Acho que não respeitei o sinal, entrei na rua da Garden, avistei o carro de longe. George saiu primeiro e pegou a pequena. Melissa estava parada, encarava o restaurante e sim, eu vi Oliver e a Isabel. Estavam na mesma mesa e havia algumas pessoas. Mas essas eu ainda não conhecia. E logo a viatura parou ao lado do carro.

– Droga! – Gritei assustando George.

– Tá louca? Eu quase a deixei cair. – Gritou.

Apertei o passo. George logo atrás. Eu devia deixar claro que Melissa tem a fixa suja com nada mais nada menos que Terense? Sim, o policial à paisana.

– Estava dirigindo senhorita Sanders?

– Eu...

– Não. – Falei entrando na frente. – Na verdade esse carro é do meu namorado. – Puxei George. – Melissa estava nos esperando, fomos dar uma volta. Ela sabe que não pode dirigir. – Melissa tinha uma lágrima nos olhos. Terense nos encarava desconfiado.

– Tipo, se eu matar alguém agora, eu vou presa? – Perguntou.

– Com toda certeza.

– Não ligue para o que ela diz. – Falei.

– E de quem é essa criança?

Melissa levantou o dedo. Terense sorriu.

– Qual é, por que ninguém acredita que ela é minha? – Passou os dedos pelo cabelo.

– Apenas estranho. E eu espero de verdade que você não esteja dirigindo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Você é louco para me prender.

Não, ela não ia começar. Terense não era tão ruim, ele sempre nos liberava quando havia brigas, que por sinal, eram começados por ela.

– Acho que eu devia ter feito isso a muito tempo. Mas você é uma pessoa legal.

Melissa gargalhou o abraçando.

– Obrigada, também te acho legal. Sabe minha vida está uma droga. Mais uma droga mesmo.

George gargalhou com a cena. A segurei pelo braço.

– Vamos para casa.

– Me deixe America! – Segurou a cabeça e voltou a encarar a janela de vidro.

– Sabe aquela loira ali?

Terense assentiu.

– É ela que eu vou matar, eu vou passar o carro em cima dela umas mil vezes, depois vou puxar o cabelo dela, fio a fio com uma pinça. Vou passar carro de novo em cima dela, eu vou matá-la, aí você pode me prender.

– Está falando tanta besteira e nem está bêbada. – George gargalhou.

– Vai para casa Melissa, pense um pouco no que acabou de me dizer.

Melissa gargalhou.

– Me dê um motivo para eu não entrar com o carro nessa porcaria e matar os dois?

– Você não pode dirigir e sua filha não vai querer uma mãe presidiária.

Melissa nos encarou secando os olhos e pegando a pequena dos braços de George.

– As pessoas não me entendem, simplesmente me enganam. Mas eu vou mudar, só acredite nisso.

– Ótimo. – Terense afagou a bochecha da pequena. – America, a leve para casa.

– Eu vou levá-la. Vem Melissa. George leve o carro, eu vou no meu.

E o idiota ia me beijar.

– Coloque essa boca em mim e eu quebro os seus dentes.

Se afastou sem jeito. Melissa me seguiu até o carro, estava em silêncio, as

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

lágrimas falando por si. Deixei-a em casa, ela queria ficar sozinha e a deixei. Algo me dizia que isso estava errado, de alguma maneira.

OLIVER

– Quero ir para casa.

Harry se sentou ao meu lado.

– Ela não vai desistir?

Isabel disfarçava muito mal na ponta da mesa. Às vezes nos encarava.

– Sua irmã é sua desculpa. Não posso simplesmente mandar Santiago não trazê-la, Emily o fará mudar de ideia.

– Cobra criada sabe onde se enrolar. Mas esquecendo ela, como anda você e a Melzinha?

– Ela está diferente, eu não sei explicar. Ela está distante, disse que é coisa de mulher. Mas quase não me deixa tocá-la e senti algo diferente quando a beijei.

– Mulher tem sexto sentido cara. – Sorriu. – Vai que ela tem alguma dúvida, sei lá.

– E você acha que ela não teria explodido? Melissa fala o que quer na hora que quer. Mas vou mudar isso. – Sorri. – Mamãe terminou o quarto da Olivia, temos a campanha daqui quase finalizada e enfim, vou estar no altar com a mulher que eu amo sem me preocupar com mais nada. – Falei alto essa última parte. Era para ser ouvido.

– Isso aí animal, vamos enfim ter a Melzinha de volta. Vê se não a perde de novo.

– Não vou. – Não podia. – Já comprei as alianças. Vou deixa-las com a Anna, não quero que ela veja.

– Faço questão de servir de chofer mais uma vez. Vai ser divertido.

– E será.

Saí na primeira oportunidade. Estava me sentindo nervoso na mesma companhia que Isabel. Era algo terrível. Cheguei em casa minutos depois, a luz da sala estava apagada, a luz fraca da cozinha que iluminava alguma coisa

e a porta do quarto estava aberta onde uma luz fraca iluminava, provavelmente do abajur. Tirei a gravata, a camisa e segui, mas apenas Olivia dormia tranquilamente. Apolo me encarou e voltou a se deitar ao pé do berço. Melissa? Voltei à sala, liguei a o abajur e a vi deitada no sofá, vestia minha camisa, a mais surrada. Tinha lágrimas nos olhos e um copo de vinho quase no fim.

Me agachei a seu lado e beijei seu rosto.

– Gostaria de saber o que se passa na sua cabeça. Onde foi que eu errei?

Eu não sabia.

– Por favor, não tome decisões sem me contar. Por favor. – Deitei a cabeça sentindo seu coração bater e percebi que acordava. Tocou meu cabelo, mas logo parou, levantei a cabeça para fitá-la.

– Melissa... você está bem? – Uma lágrima escapou. – Está doente? Está sentindo alguma coisa? Alguma dor?

– Eu... eu vou para a cama. – Se levantou e a puxei sentindo seu corpo bater contra o meu.

– Eu não estou mais aguentando essa nova Melissa.

– Ainda sou a mesma, burra e otária.

– Por que está dizendo isso?

Sorriu sem humor.

– Porque eu te amo. – Me empurrou e apertou o passo até o banheiro. Respirei fundo e a segui.

Encarou o espelho e a virei para mim.

– Se acha burra e otária por me amar?

Desviou o olhar e a fiz me encarar.

– Eu me acho um cara de sorte por tê-la. Acho que eu que me encaixo no "burro" e "otário", por ter demorado tanto a perceber isso. Não faz isso Melissa, se quiser podemos voltar a casa de campo... lá parece que as coisas são diferentes e... – Envolvi seu corpo em meus braços. Seu choro era baixo. – Isso não é mais coisa de mulher Melissa... me diz o que está acontecendo. – Por favor, não vá para esse maldito emprego. Fica comigo. Eu não vou deixá-la ir.

– Somos tão diferentes.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Me diga quando peças iguais se encaixaram. – Segurei seu rosto tomando seus lábios. – Já falei que não existem diferenças entre nós. Que não me importo com isso.

Aceitou meu beijo, mas isso parecia difícil para ela. Estava sendo difícil para ela me beijar? Puxei seu corpo ao meu ignorando sua rejeição, eu não queria saber. Só queria tê-la perto de mim, e dormiu pouco depois.

....

Três dias depois...

– Anna?

– Oi Oliver.

– O que faz aqui? – A beijei no rosto e peguei Olivia do seu colo.

Sua cara não era muito boa.

– Vim ajudar a Melissa e ia ficar com a princesinha, mas já que você chegou.

– Ajudar? Em que?

Melissa saiu do quarto. Acho que fiz um "o" com a boca, usava uma saia alta, blusa branca, jaqueta, salto, o cabelo preso em um coque alto deixando alguns fios soltos. Meu coração foi pela boca. Abriu um meio sorriso e pegou a pequena bolsa no sofá.

– Vai sair? – Me pus de pé.

– Não Oliver, ela está linda assim para dormir.

Ignorei Anna e me aproximei tocando seu rosto.

– Está... linda.

– Obrigada, mas estou atrasada.

Beijou a pequena. A puxei para beijá-la, Anna pigarreou, mas não a soltei. Sussurrei em seu ouvido.

– Não me trate assim. – Pedi. Eu estava a um passo de chorar ridiculamente ali na frente delas.

Beijou meu rosto.

– Não me espere.

Olivia queria chorar e não movi um músculo, queria que ela fizesse seu show, mas Melissa lhe deu um beijo e ela sorriu. Sentia meu coração se apertar dentro do peito.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Bom, por que eu acho que esse clima está tenso? O que você fez Oliver? – Anna gritou.

– Pela primeira vez eu não tenho o que te dizer, porque dessa vez não fiz nada. Eu juro.

– Tem certeza Oliver?

Assenti.

– Melissa está estranha há três semanas, desde que voltamos da casa de campo. Me sinto entrando em um filme de terror e te garanto, estávamos em um de romance.

– Isabel não está metida nisso está?

– Não temos mais nada. Eu nem sei por onde se passa Isabel mais nessa vida.

– Olivia puxou meu cabelo. – Mas tem uma coisa que está tirando meu sono.

Anna se jogou a meu lado.

– O que?

– Melissa conseguiu um emprego com aquele cara que ela conheceu no Arizona. Eu li a carta, mas America me avisou primeiro. Eu senti que estava perdendo tudo, então me declarei. Esse foi um dos motivos fortes. Mas ela não me contou em nenhum momento sobre a carta. Ela nem tocou no assunto, então descartei essa possibilidade e...

Anna cerrou os olhos.

– O que foi?

– Bom, Melissa me ligou dizendo que tinha um jantar. Eu pensei que fosse com você e quando cheguei aqui ela disse que era com esse tal de Daniel. Mas, ela parecia tão perdida Oliver. Eu não sei.

Meu sangue ferveu.

– Que droga! Será que esse cara não percebe que ela é minha?

– Eles são amigos, às vezes só foram conversar. Por mais que eu quisesse, não era comigo que ela queria se abrir. Talvez ela esteja confusa, sei lá Oliver, você pisou tanto na bola que ela deve ter medo de jogar tudo para o alto e depois você descarta-la.

– Isso é impossível.

– Espere ela chegar. Deixe as coisas se acalmarem e conversem. Às vezes

pode ser só dúvida.

– Mas ela não tinha essa dúvida tão difícil antes.

– As mulheres tem o cronograma complicado. Vai dar tudo certo, acredite. E falta bem pouco para vocês estarem no grande castelo. – Suspirou. – A mamãe está fazendo um ótimo trabalho e eu já preparei tudo para a festa.

– Que festa Anna?

– A de noivado/casamento. Não diga nada, apenas aceite. – Beijou minha bochecha. – Estou com você. E se eu descobrir que a Isabel está nessa eu arrasto a cara dela no asfalto quente. – Sorriu inocente.

– Obrigado.

– Cuide dessa princesinha e não surte. Preciso ir, tenho um noivo que está me esperando.

– Vai lá.

Pegou a bolsa na mesa e acenou da porta.

– Amo vocês.

Respirei fundo algumas vezes e escorreguei no sofá levando Olivia comigo. Brincou com meu cabelo, gritou chamando atenção, colocou meu celular na boca, até que deitou em meu peito e ficou quietinha enquanto acariciava suas costas. Seus olhos abriam e fechavam lentamente.

– Pode me contar o que ela tem? O papai está ficando louco já com isso.

Dormiu sem me responder. Acho que dormi também, minhas costas estavam doendo, as luzes estavam apagadas quando abri os olhos. Olivia não estava mais em meu colo e senti um incômodo. Vi o reflexo de Melissa passar pela cozinha, me sentei, passei as mãos no rosto e fui atrás dela de repente parecia que tudo havia mudado. Fechava a geladeira quando me viu e deixou o copo cair. Meu Deus, ela me enlouquecia vestindo minhas roupas.

– Você me assustou.

– Não vai me xingar por isso?

Deu de ombros e se virou para pegar um pano. A puxei olhando bem dentro de seus olhos. Segurei sua nuca com força colando sua testa na minha. Sentia sua respiração pesada. Eu estava com a porcaria de um medo me dominando.

– Por que saiu com ele?

- Ele... é meu amigo.
- Melissa... não faz isso comigo.
- Oliver...

Preensei-a contra parede.

- Eu não vou te perder.
- Por que diz isso se você...
- Se eu?

As palavras não saíram, toquei seus lábios com urgência não querendo pensar na possibilidade daquele cara tê-la tocado. Suas mãos puxaram meus cabelos e me vi quebrando uma grande barreira. Sentia falta do seu perfume, sua pele macia, sua raiva.

- Senti... sua falta.

A ergui e consegui chegar ao quarto. Ela tentou resistir e que droga! Eu não sabia o porquê, duas vezes, duas malditas vezes. Mas eu precisava dela, e sabia que ela precisava de mim. Será que era tão difícil entender que éramos um só? Eu estou dizendo. Somos um só. Abafei seu grito, ela se entregou a mim e eu senti todo o amor.

- Eu quero saber o que se passa na sua cabeça maldita! – Segurei seu rosto. – Quero que exploda todas as suas frustrações mas não me deixe no escuro.

- Você vai saber...
- Independente de qualquer coisa, eu amo você.
- Não diga nada, apenas fique comigo essa noite.
- Todas as noite. Eu prometo.

Uma semana e meia depois...

- Oi America. – A cumprimentei. America abriu um meio sorriso e entrou. Anna já tinha enchido a sala de balões, Melissa estava no quarto com Olivia e Mona.
- Vai me tratar assim também? Já não basta ela para me enlouquecer? – Apontei. Seu olhar era baixo, respirou fundo.
- Ela tem seus motivos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Ótimo. – Segurei seus ombros. – Me conte um deles.

Encarou o quarto.

– Por que você é idiota?

– Isso foi uma pergunta?

Sorriu sem humor, mas não parecia estar com raiva.

– Responda para si mesmo. Eu não posso me intrometer sempre, Oliver. Vocês são adultos, é difícil de acreditar, mas são. Eu trai sua confiança uma vez, na vou fazer isso novamente. Melissa precisa de mim. – Se afastou. Jogou uma almofada em Harry no caminho. Me afundei no sofá.

– E então?

– Ela disse que ela tem os motivos dela e que não iria trai-la. Droga cara o que está acontecendo? Melissa vem falando com esse Daniel, ela passa horas em frente ao computador, eu a vejo empenhada nisso. Ela está pensando em ir embora, eu sinto. Falta tão pouco para isso estar assim.

– Oliver, tem certeza que você não fez nada de errado?

O encarei.

– Vivo no escritório, almoçamos e jantamos quase sempre juntos. Não saio para qualquer outro lugar. Eu me atiro na frente de um trem por essa mulher. Minha cabeça está a mil e parece que tem uma venda nisso tudo.

– Espero que não tenha feito nada de errado mesmo.

Anna bateu palmas quando Melissa saiu do quarto com Olivia.

– Ah minha princesinha, vem com a titia.

– Não sei para que festa.

– Isso merece comemoração. Dependendo de mim, ela sempre terá seu bolo.

Anna a levou para onde um pequeno bolo havia sido montado. Cantaram os famosos "parabéns" e a pequena gostou, sorria, acho que já até sabia o que era festa. A campainha tocou e um bando de garotos entrou. Melissa sorriu, os abraçando. Um dos garotos seguiu para Olivia que estendeu o braço para ser pega.

– Cuidado com a minha filha Bruno! – Melissa falou. A pequena já o conhecia. Scott me encarou, mas me cumprimentou, assim como os demais.

– Bom, esses são Eric, Bruno, Saul e George. Não destruam a casa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Eric bateu na cabeça dela e Melissa xingou. Ela estava voltando ao normal, ou estava diferente apenas comigo. A campainha tocou mais uma vez, dessa vez era o Daniel. Ele sorriu, Melissa abriu um meio sorriso e o deixou entrar. Quem o convidou? Respirei fundo não escondendo meu desagrado. Anna partiu o bolo, todo o falatório começou, Bruno ajudou a pequena a comer e sorriu ao meu lado.

– Ela é gulosa cara. – Falou achando graça.

– É. Ela é.

– Puxou a passa fome da mãe dela. Sério, a Mel come por um time.

Realmente.

Mona colocou uma música e Harry a tirou para dançar. Melissa sorria com a cena, mas era encantamento, então a tirei para dançar também. Pensou por um tempo, mas aceitou minha mão. Deitou a cabeça em meu peito e senti como se o ar voltasse aos meus pulmões. Acho que todos perceberam o quanto me senti em paz com ela ali. Eu não queria que esse momento acabasse. Eu queria poder ler seus pensamentos, apenas isso.

– Está com raiva de mim? Seja sincera. – Sussurrei para apenas para ela ouvir. Daniel nos observava calmo demais.

– Não tenho...

– Não parece. – Beijeí sua testa. – Está me evitando. Por três semanas, quase Melissa, já faz bastante tempo. Você quase não fala comigo e...

Sorriu sem humor.

– Não Oliver... hoje não.

O telefone tocou a fazendo se afastar. America a acompanhou depois de uma troca de olhares.

– Melissa tem refrigerante? – Bruno perguntou se pondo ao meu lado.

– Tem sim.

Scott bateu na cabeça no garoto.

– Não tem problema Scott, vou pegar para você. – Falei e me aproximei de Melissa. – Aonde vai?

– Aqui embaixo, não demoro.

Encarei Daniel.

– E não brigue, tudo bem?

Beijei sua testa.

– Não demora.

Não respondeu, mas percebi sua raiva na força que usou para fechar a porta.

MELISSA

Me sufoquei por todo esse tempo tentando não pensar em nada do que já presenciei. Eu devia simplesmente confrontá-lo, mas não conseguia, uma parte de mim queria ter certeza de que ele teria coragem de me magoar desse jeito. Mas sempre fui realista, a prova disso era que nunca coloquei fé no amor. Eu sempre perdi com isso. E ultimamente me sentia apenas um passatempo. E sim, eu o amo. Mas não posso continuar.

"Já comprei nossas alianças, espero que tenha tomado sua decisão. No dia da campanha farei meu pedido e não a Melissa não irá."

Oliver

Li e reli esse bilhete, foi a única coisa que achei em seu armário perdido em um dos seus ternos há cinco dias atrás. Um dia depois de termos feito amor, ou aquilo foi apenas sexo? Eu não sei. Me sinto confusa, sinto como se parte de mim tivesse sido enfeitado com arco-íris. Não me encaixo no estilo apaixonada. Eu nunca quis me apaixonar, agora me vejo presa a ele. E ainda mais forte quando tenho ele. Respirei fundo e sai.

– Aqui senhorita. Pediram para entregar.

Peguei o envelope e segui para escada. Fiquei lá por um tempo, as lágrimas vieram, mas não permiti que escorressem. Rasguei o envelope e peguei a folha. Minha vontade era de rasgá-la, mas ia adiante.

"Como está querida? Espero que bem. E a sua adorável filhinha? Está grande segundo Oliver. Bom, tenho três novidades para dar, uma é que na sexta eu serei a futura mulher do Oliver, não sei onde cabe tanta felicidade. Segundo, meu anel é incrível, eu sei que ficou curiosa. Você vai poder vê-lo, Oliver deve ter guardado no lugar de sempre, em algum terno para não esquecer. E terceiro: já viu meu novo apartamento? Grande e perfeito, com quartos confortáveis, inclusive um especial, para meu futuro filho. Oliver vai querer um garotinho, mas não se preocupe. Vou me lembrar de comprar uma

caminha montável para quando sua "filhinha" passar um fim de semana conosco. Você sabe onde fica o apartamento não é mesmo? Se não sabe procure na carteira do Oliver, acho que ele ainda tem o cartãozinho de lá. Bom, eu sei que estão em festa, não quero atrapalhar, só queria dar o meu recado. E não ache que quero aparecer, mas está convidada para o meu noivado. Tenha uma boa tarde Melissa e parabéns pelo dia especial. Eu vou adorar ter o meu."

As lágrimas estavam a ponto de me sufocar. Coloquei o capuz e saí, até ouvir America me gritar. Meu coração estava doendo. Eu não sabia explicar.

– Melissa! Me espere.

– Volta.

– Melissa. – Segurou o meu braço. – O que aconteceu?

Estendi o bilhete.

– É verdade, America. Isso tudo é verdade, eu... eu que confundi tudo. Eu que me deixei levar. Oliver me enganou todo esse tempo, ele queria tempo. – Murmurei. – Tempo para ter minha filha por perto. Tempo para tirar Olivia de mim. Apenas isso! Ela sumiu, ela sumiu porque tudo isso faz parte do plano!

– Filho de uma... Que droga! Melissa, olha para mim.

– Eu preciso respirar.

– Eu vou matá-la.

Eu queria matá-la. Ainda me perguntava por que não fazia isso. Porque eu não posso, porque dessa vez vão chamar a polícia.

– Me leve a um lugar. – Pedi.

– Onde?

– No Pallace, eu achei um cartão ontem com o número do Oliver, é um prédio. Eu sei onde fica, pode me levar?

America pegou a chave e seguimos em silencio.

– Se formos rápidas eles não vão nem perceber.

Apenas balancei a cabeça. Paramos depois de alguns minutos, tirei o capuz e pedi que me esperasse, mas ela me seguiu. Empurrei a porta de vidro e o recepcionista abriu um sorriso educado.

– Em que posso ajudá-la?

– Eu queria saber... qual é o apartamento do senhor Digori.

Mexeu em alguns papéis.

– Apartamento 35, mas não há ninguém lá. A senhorita Digori acabou de sair daqui.

– A senhorita Digori?

– Sim. Não tem muito tempo, acho que estão de mudança.

– O...Obrigada.

– Quer deixar algum recado?

Neguei e sai. America segurou minha mão e me arrastou de volta ao carro. Chorei por uns dez minutos até conseguir voltar. E fingir que estava tudo bem, mas estava na cara que não estava.

– Algum problema Melissa? – Daniel perguntou.

– Não.

Ele não acreditou. Me abraçou. Forte.

– Eu preciso ir. Meu voo é daqui a pouco. Qualquer coisa, me liga. E não se esqueça, você foi ótima na entrevista.

Assenti. Tenho três dias. Eric e os garotos foram embora pouco depois. Mona me abraçou apenas, eu gostava disso, ela não me cercava. Consegui ir até o quarto e em um ato de coragem abri o guarda roupa e procurei as alianças. E elas estavam lá, escondidas. Peguei Olivia de Anna, sem nada dizer. Só queria minha filha perto de mim e avaliar tudo. E em pouco tempo deixei claro para mim mesma que as coisas pareciam certas. Não me encaixo nisso e ponto. Eu posso até achar, mas os outros não. Ele não.

– O que aconteceu Melissa?

– Nada, só tive meus velhos tempos onde eu sou a Melissa que alguém resolveu colocar no lugar. – Tentei sorrir.

– Bom, vou dar um banho nessa pequena.

– Deixa ela aqui... um pouquinho.

Harry me encarou.

– Se precisar desabafar sobre qualquer coisa, até sobre as garotas que você bateu, ou um crime que cometeu. Não vou te julgar, faria o mesmo, estarei

aqui. – Me abraçou apertado. Eu já sentia falta dele.

Anna parecia querer enxergar minha alma. Me senti mais tranquila quando foram embora deixando um pequeno vazio. Que mais tarde se tornaria algo grande. Oliver passou o resto da tarde com Olivia, deitei um pouco. Dormi cedo. E foi assim nos três dias. Ele acordou animado e passou quase a manhã toda ao telefone. Fingi não ouvir e não ver nada. Levei Olivia para o quarto. Estava irritada, os três dias.

– Hey, por que está assim? Não vai ficar doente vai? – A sentei. Estava tão grande. – Está com fome?

Oliver me encarava da porta.

– Hm, eu vou dar uma saída. Não demoro, qualquer coisa me liga.

Evitava encará-lo. Droga! Apenas assenti, mas ele se aproximou e me beijou. Por que eu aceitava? Porque o amava a ponto de não conseguir me desligar rápido. Eu conseguia, quando era fácil. Agora está tudo mais difícil. contei mentalmente até dez, a porta se fechou. Peguei o telefone, pensei, e segui em frente. No segundo toque, tive a certeza da minha decisão.

– Boa tarde, uma passagem para o Arizona. – A mulher me esqueceu por alguns segundos.

– Uma passagem no voo das 20h15?

– Pode ser.

A essa hora Oliver estaria longe. Mais meia dúzia de palavras e estava tudo certo.

– Obrigada. – Agradei. Desliguei já discando outro número. Cinco toques e caixa postal. – Daniel, sou eu, Melissa... eu estou chegando. – Controlei a voz. – Chego amanhã, pela manhã... eu... vou arrumar algum lugar para ficar e tentar entrar em contato de novo. Estou chegando... – Deixei o telefone cair. Meu coração não aguentava.

Apertei Olivia em meus braços.

– Somos só nós duas agora. – Sussurrei.

Ela não parou de chorar. Isso estava me deixando desesperada. Arrumei sua bolsa e peguei tudo o que tinha que coube perfeitamente em minha mochila. Joguei tudo embaixo da cama. Bateram na porta, peguei a Olivia e Apolo me acompanhou.

– Melissa Sanders?

Assenti.

– Entrega.

Flores.

– Obrigada.

Coloquei Olivia na cadeirinha e abri o bilhete.

"Para a mulher da minha vida"

Endereço errado Oliver. Deixei as flores na mesa e o telefone tocou.

– Lindas flores, não?

– O que você quer?

– Só saber se havia gostado, Oliver tem bom gosto. Apenas sorria, ele se preocupou em te dar alguma coisa.

– Você ainda pretende ficar noiva certo? Então pare de me atormentar ou não vou te deixar chegar ao altar sua desgraçada. Não brinque comigo Isabel. Você sabe que não aguenta.

Bati o telefone. Controlei a respiração algumas vezes. Precisava dormir um pouco, precisava esquecer tudo. Sentia como se tivessem arrancado minha alma, não sabia de onde havia tirado coragem em mim. Não vi quando Oliver chegou, o céu já estava escuro, ele já estava arrumado. Arrumava o cabelo diante do espelho. Me mexi e ele sorriu.

– Já dei a mamadeira dela. Não quis acordá-la.

Abri um meio sorriso. No fim, era difícil odiar com intensidade quando se amava com intensidade.

– Já estou saindo, mas prometo chegar cedo. Volto o mais rápido possível.

Eu sei que não irá chegar.

– Será apenas um jantar simples, o que será grandioso é mais uma vitória.

Sei disso também.

– Coloquei as flores na água. – Se sentou ao meu lado. – Não gostou delas?

– Eu... gostei.

Me abraçou.

– Obrigada por tudo.

– Não precisa agradecer. Nem sei o que está agradecendo. – Sorriu.

– Só queria agradecer.

Segurei as lágrimas.

– Preciso ir. Até daqui a pouco.

– Oliver... – As palavras queriam sair. Eu queria perguntar. Mas me calei. – Boa sorte.

Sorriu: – Estou vendo a minha Melissa de novo. Obrigado.

As lágrimas voltaram e ficaram na carta enquanto a escrevia. Eu devia não deixar nada, mas não podia me esquecer que não estava indo de mãos vazias. Partilhávamos de algo juntos. Olivia estava em meu colo tentando pegar a caneta e deixando minha letra ainda mais terrível com o nervoso.

"Sou péssima em quase tudo, sou errada. Antissocial, cabeça oca, cheia de defeitos. Já parou para pensar que teria sido muito mais fácil você ter chegado até aí sozinho? Já parou para pensar que apenas entrei para colocar adrenalina nessa história? Eu já. Nunca pensei que sentaria em uma mesa onde as pessoas falam perfeitamente bem, onde haveria pessoas com muito dinheiro. Na verdade, nunca pensei que ficaria tanto tempo com uma família, eu já nem me lembrava o que era isso... Apesar de tudo, essa é a parte boa, eu conheci uma família. Eu havia esquecido o quanto isso é bom. Seus irmãos são incríveis, Mona e Henry são pessoas de sorte por estarem na família. Você tem pais maravilhosos, uma família encantadora que me aceitaram do jeito que eu sou, toda errada, completamente sem sentindo porque sempre tive medo disso, de lidar com uma família. E com toda essa loucura, eu me apeguei e aprendi. Não vou dizer que Olivia foi um erro, mas no meio disso não poderia ser um acerto. Ela foi um acaso. Algo como, uma família? Sim, ela é minha família, assim como America que sempre aturou meus erros atenuando tudo. E eu parei para pensar que não aceitei sua proposta por dinheiro. Foi mais por curiosidade. Como seria ter uma família sua mesmo que de mentira? Não seria uma intrusa na família dos outros, como sou para America. Como as coisas seriam? Você nunca me magoou Oliver, até chegarmos aqui. Até depois de eu dizer mil vezes a mesma coisa e você repetir mais mil dizendo que "me amava". Eu até cheguei a acreditar, mas tudo mudou. Apenas me pergunto o porquê não me contou a verdade? Por que não disse que estava a ponto de um noivado? Precisei de Isabel para

isso. Por quê? Tinha medo de que eu tirasse Olivia de você? Ela é sua filha e não posso negar isso. Eu tenho meus defeitos, posso até parecer infantil e imprudente a maior parte do tempo, mas sei da realidade. E sei que chegou a hora de cada um seguir seu caminho. Estou feliz por você. Estou feliz por enfim você estar com a mulher que ama, espero que fique feliz por mim também. Me segurei todo esse tempo para não explodir, esperando que me dissesse algo, mas sei que é difícil para você, então decidi eu mesma fazer isso e o prazo de provas terminou hoje. Boa sorte Oliver e não se preocupe, não precisa se sentir mal e procurar uma maneira de me explicar depois. Desde o começo dessa história, você me dizia quem ocuparia esse posto. Eu não vou sumir, mas preciso de um tempo... Obrigada por minha alegria, Olivia foi o melhor de tudo... até mais Oliver.”

Melissa Sanders.

CAPÍTULO 37

MELISSA

– Filha, não chore por favor. – Olivia não parava de chorar. Senti sua temperatura quente e isso quase me enfartou. – Presta atenção. – A peguei na cama. – A mamãe precisa ir, mas eu prometo que o papai vai te ver sempre. Pode ajudar a mamãe? Eu estou fazendo isso por você, estou morrendo de medo disso tudo.

A apertei em meus braços sem saber ao certo o que fazer. Parecia que tudo estava girando. Tomando outro rumo. Me sentia sufocada. Me sentei e dei de mamar a ela. Me encarava como sempre fazia, uma lágrima escorreu.

– Como você sabe que estamos indo embora hein? Vai ficar tudo bem, eu prometo.

Apolo se deitou ao meu lado. Também não parecia feliz, nem destruiu nada hoje. Olivia dormiu, peguei sua bolsa e arrumei minha mochila. Estava tudo pronto. Escrevi uma carta a America e deixei um recado a Scott. Não tinha dinheiro para o táxi, na verdade, quando foi que eu tive dinheiro? Peguei a pequena na cama, nossas malas, Apolo e a cadeirinha que me ajudaria. Me equilibrei dentro do elevador com todo o peso e rezei para ela não acordar. Apolo ia correr quando a porta se abriu e acabei gritando.

– Infeliz, não faça isso. – Murmurei para não acordar Olivia.

Coloquei tudo no chão e ajeitei a mochila nas costas. Olivia resolveu que dormir em pé era melhor e logo atendi a seu pedido. Enrolei a coleira de Apolo na mão e entreguei a chave na recepção. Eu não ia ficar com ela.

– Quer que eu chame um táxi? – O garoto da recepção perguntou.

– Não obrigada.

Sentia meus braços protestarem, Olivia pesava, Apolo se distraía com qualquer coisa e eu ainda carregava uma cadeirinha que era o dobro de tudo que levava nas costas.

– Quero ver como vou fazer para deixarem te levar dentro de um ônibus. – Apolo me encarou. – Mas eu não vou te deixar. Nunca.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Me afastei muito, estava escuro e os carros buzonavam. Eu devia ligar para America e pedir ajuda, mas ela ligaria para o Oliver na primeira oportunidade e adeus vida normal. Ele descobriria que já sei de tudo, tiraria Olivia de mim e provavelmente conseguiria isso. Scott estava do outro lado da cidade com os garotos e só voltariam amanhã, mas até amanhã... Me sentei um pouco e descansei os braços, encarei o relógio. Tenho meia hora. Meia hora.

– Vem garoto, temos cinco quadras ainda. Onde moram os ricos, não existem ônibus. Apenas táxi. E não temos dinheiro para um.

Olivia acordou e precisei cantar para ela até que esquecesse o modo "chorar". Encostei meu queixo em sua testa para ver se ainda estava quente. Não estava. Suas mãozinhas foram para minha boca, sorriu sozinha fazendo uma lágrima escorrer. Pode me dar uma força pai? Mandar um anjo? Parei mais algumas vezes, até chegarmos no ponto mais próxima que havia. Me sentei e não segurei a lágrima por muito tempo. Basicamente via minha vida dar uma volta enorme, se fosse só eu, se fosse como no começo. Eu enfrentaria numa boa e até mataria os dois. Mas não é o começo. É o fim. E no fim, não terminei sozinha.

– O que foi meu amor? – Olivia balbuciava umas coisas e pulava em meu colo. Me perdi nessa brincadeira. – Se você estiver feliz, eu também estou. Nunca pensei que Deus seria generoso e me deixaria colocar uma criança no mundo. Mas ele foi e me deu a menina mais linda dessa terra. – Beije seu rosto e ela gargalhou – Você é minha vida. E se não voltei lá e acabei com todo mundo, foi porque tenho você. E corro o risco de te tirarem de mim caso eu vire uma criminosa. E você garoto? – Apolo balançou o rabo. – De novo na estrada com a mamãe? – Sorri. – Agora a nossa pequena vai assistir a viagem e preciso que me ajude a cuidar dela como um bom irmão que você é. Um ônibus vinha, peguei tudo e acenei, mas ele não parou. E eu sabia que teríamos uma longa hora ali.

– Filho da mãe! Para essa porcaria! – Buzinou, mas não parou. – Que a merda do seu combustível acabe seu otário.

Voltei ao meu lugar, Apolo se achegou mais. E me senti completa. Ele nunca me abandonaria. Era por isso que não podia deixá-lo.

– Somos uma família, mãe delinquente, filho rebelde e uma aprendiz no meio disso tudo. – Sorri. – Mas uma família.

AMERICA

– America.

– Fala. – Terminava de limpar duas mesas quando Senna me chamou.

– Um garoto pediu para te entregar. – Me entregou o papel.

– Estranho, quem será?

Arrastei a cadeira e deixei o pano de lado. Reconheci a letra de cara e meu coração bateu irregular.

"Oi senhorita, eu sei que devia ter aparecido pessoalmente e não ter apenas mandado essa carta. Mas eu precisava seguir sem que você me parasse, o que iria acontecer com certeza. Eu tomei minha decisão há algum tempo, só estava esperando a oportunidade de colocá-la em prática. Quero que saiba que te amo muito e que gostaria de agradecer todas às vezes que me aturou e me impediu de cometer loucuras. Sei que nunca vou funcionar direito sem você por perto, mas vou evitar tentar matar as pessoas e ficar bem longe de viaturas policiais. Ainda me lembro de como esconder um corpo depois daquela série policial. Brincadeira, não vou cometer loucuras. Eu sei também que prometi que a traria comigo, mas não quero mais atrapalhar sua vida. Eu vou ser a adulta, não sabe o sacrifício que isso será, mas eu serei adulta. Um dia ainda vou dar orgulho a alguém, assim espero. Só queria dizer que te amo muito, que não vou sumir, vou ligar assim que arrumar um lugar para ficar e um telefone. Olivia vai ficar bem também, ela está obediente. Não se esqueça de mim, por favor. Não se esqueça! Nem me odeie por não ter aparecido. Foi apenas mais fácil. Eu vou ligar em breve. Obrigada por tudo garota, obrigada por me aturar todos esses anos e por nunca ter me deixado, mesmo quando eu merecia. Te amo."

Melissa.

– America, tudo bem?

Eu não conseguia pensar direito.

– Eu preciso ir. Faz tempo que entregaram o papel?

– Uns quinze minutos, mas você estava lá em cima. Aconteceu alguma coisa?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Pode ficar no meu lugar?
- Claro, mas está tudo bem?
- Não.

Tirei o avental, peguei a chave do carro e saí. Eu queria correr, mas não conseguia. Me sentia lenta. Por que você fez isso Melissa? Por que não me esperou? Por que não confiou em mim? Eu ia com você. Sim, eu não respeitei as leis de trânsito. Corri mais que o normal. Saltei do carro e corri para o elevador. Oliver havia me deixado com uma chave, caso a casa estivesse pegando fogo, alguém ir até lá e salvar os moradores. Estava no corredor quando a senhora fofoqueira me parou.

- Não há ninguém em casa. Eu acho que a mocinha foi embora.
- Não te perguntei nada sua velha fofoqueira e o nome dela é Melissa. – Tentei conter as lágrimas.

Abri a porta, estava tudo apagado e calado. Mesmo assim a chamei.

- Melissa?

Acendi a luz da sala e corri até o quarto. Tudo normal. Em cima da mesa na cozinha tinha outra carta. Li cada palavra. Realmente, essa era a Melissa adulta. E minha cabeça estava confusa, talvez ela tenha ido por medo. Se Oliver pegar a Olivia? Não, ele não faria isso. Se bem que ele deu provas o suficiente para mostrar o quanto mentiu. Peguei a carta e voltei ao elevador. Eu ia acabar com isso de uma vez por todas, mesmo sendo tarde. Sequei as lágrimas e voltei ao carro. Nem percebi que caminho seguia até o telefone tocar. Anna.

- Fala, estou dirigindo.
 - Nossa America, o que eu fiz?
- Solucei.

- Está chorando?
- Oliver Digori acabou de assinar sua sentença de morte!
- Pode me explicar o que está acontecendo?
- Estou indo para empresa, depois falo com você...
- Estou a duas ruas, eu fui te buscar, mas... – Desliguei e pisei fundo no acelerador.

Até quando ele ia enganá-la? Vi o carro de Anna minutos depois chegar logo atrás do meu. Parecia nervosa, ou assustada. Peguei todas as provas da farsa desses dois.

– Pode me explicar o que está acontecendo? – Perguntou quando entrei na empresa.

– Oliver vai ficar noivo.

– Eu sei. – Sorriu.

– Você sabe?

– Só que é um segredo, a Melissa não pode saber.

– Por culpa dele, ela foi embora e tudo o que me deixou foi uma maldita carta! Por que ele a enganou Anna? – Eu queria gritar.

Sua cara era de espanto.

– Como assim, foi embora? – Perguntou confusa.

Entreguei-lhe o bilhete que Melissa achou no guarda-roupa.

– Isso está errado. – Anna me encarou.

– Não. Não está! Tivemos provas. Isabel nos deu, ela ligava todas as semanas. Às vezes eu achava que era tudo uma armação, eu até tentei falar com Oliver. Mas ela estava assustada, Olivia estava no meio disso tudo. E a Melissa foi embora. Quando ele ia contar?

– Ele não pode ter feito isso... não era esse o plano. Não era ela...

As portas se abriram e encontramos Harry.

– Meu Deus que caras são essas?

– Oliver mentiu, Harry! – Anna o abraçou. – Ele e a Isabel ainda tem um caso.

– O quê?

– Ele mesmo confirmou. Olhe o bilhete. – Anna o entregou.

Harry praguejou, o seguimos ignorando as pessoas que falavam com ele. A porta no fim do corredor foi aberta quase em um chute. Oliver nos encarou, não sorria, assustado talvez. Harry avançou, o puxando pelo terno. Eu não queria uma briga familiar, mas eu não estava me importando no momento.

– Por que você fez isso? – Gritou.

– O que eu fiz? – Perguntou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Anna passou por mim, só vi quando bateu em Isabel.

– Desgraçada. Sua... desgraçada.

– Anna, o que ela fez? – A outra loira entrou na frente.

– Ela destruiu tudo, Emily!

– Pode me explicar o que está acontecendo? – Oliver perguntou vermelho pelo aperto que Harry fazia.

– Melissa foi embora porque você a enganou de novo. – Harry gritou tão alto que doeu meus ouvidos e o jogou de volta a cadeira.

– Melissa... embora?

Assenti.

– Por quê?

– Você ainda pergunta? Que droga Oliver, ela só tem a mim. Ela confiou em você.

– Eu não estou entendendo nada, pelo amor de Deus. Por que ela foi embora?

– Por isso! – Jogue-lhe as cartas e os bilhetes.

A raiva que existia dentro de mim foi tomando outro rumo quando ele terminou de ler uma a uma. E uma lágrima escapou, ódio. Foi assim que olhou para Isabel escondida atrás da irmã.

– Eu. Não. A. Enganei! Eu não fiz isso. Eu... eu amo aquela mulher. Eu não fiz nada.

– Não foi o que pareceu para ela. As ligações da Isabel, os bilhetes que batiam com tudo o que você fazia: almoços, jantares, flores, um apartamento novo no Pallace. Esse bilhete no guarda roupa, as alianças. Tudo Oliver. Isabel disse que ia provar para ela que ela estava sendo enganada, ela aguentou calada todo esse tempo, sabe por quê? Porque ela te ama. Porque não queria agir sem ter noção de tudo. Mas então, as alianças e o novo apartamento, fechou tudo de vez. E ela foi embora... – A voz falhou. – Ela foi embora com medo que você pegasse a Olli. Porque você estava a mentindo para que não fosse embora e tivesse a vida dela!

Oliver avançou para cima de Isabel que gritou assustada. Segurou-a pelos braços sacudindo seu corpo como se fosse de boneca.

– O que você fez, sua desgraçada?!

– Oliver se acalme.

– Me deixe Emily. Quero que ela fale. Como sabia o que eu estava fazendo? Como seguia?

– Oliver...

– Fala droga!

– Eu te amo. Você não podia ficar com ela. Ela não serve para você.

Oliver gargalhou sem humor completamente transtornado.

– Coloque uma coisa na sua cabeça. Seu brinquedinho ganhou vida. Eu não quero nada com você. Posso até dizer que tenho nojo e pena por ser tão idiota a ponto de achar que pode ter o mundo nas mãos. Mas não tem! Sabe o que você foi para mim todos esses anos? Apenas um objeto, que dava algum valor a imagem. Conformidade, acho que era isso. Amor? Amor eu sinto por Melissa Sanders que pela primeira vez se deixou levar por alguém. Que foi enganada da maneira mais suja! Levando minha filha, sua desgraçada.

Isabel o olhava assustada.

– Presta atenção. Se eu perdê-la, se ela tiver entrado no maldito avião eu acabo com você. Te faço se arrepender de todo o tempo que me fez perder. Eu acabo com você Isabel, sem nem piscar. Todo o tempo que perdi, eu vou cobrar.

– Está me ameaçando Oliver?

– Estou. E torce para ela estar lá me esperando. Ou as coisas não vão ficar boas para você. Ela é a mulher que eu amo, ela vive. Sabe o que é isso? Você não sabe, porque você vive a felicidade dos outros, um poço de inveja. Por quê? Porque eu aprendi a amá-la sem ela ter feito esforço para isso! Sim, eu me apaixonei por ela. Porque ela é diferente. Ela é minha! E é ela que eu quero! – Oliver a empurrou e Emily a segurou. – Me desculpem todos, eu preciso ir. Eu preciso consertar isso. Eu não posso perdê-la. Eu não posso perdê-la!

Segurou minha mão me arrastando da sala. Ainda chorava, era algo sufocante vendo agora. Bateu com força nos botões do elevador e deitou a cabeça em meu ombro. Anna chorava do outro lado. Harry entrou antes da porta se fechar.

– Diz que isso é mentira? – Sussurrou.

– Ela não estava em casa.

– Mas ela estava lá. – Gritou.

– Talvez ela tenha esperado você sair.

Tudo parecia correr mais lento agora.

– Vamos no meu carro. – Oliver avisou.

– Me dê a chave que eu vou no seu. – Harry pediu e joguei a chave para ele. Mona nos encontrou na saída.

....

– Tudo faz sentido agora.

– Pensou a mesma coisa que eu? – Anna perguntou.

Harry e Mona vinham logo atrás.

– Lembra quando a mamãe disse que perdeu a chave? Ela pegou. Quando fomos essa tarde comprar as flores, vimos Emily e Cristina lá. Isabel devia estar observando. De repente ela decide ir a todos os eventos da empresa acompanhando a irmã. Isso tudo começou quando você terminou com ela. Ela apenas foi mais esperta e pediu para que Melissa esperasse que ela provaria que estava certa. Ela jogava um passo à frente. É claro que Melissa não o questionaria porque ela iria querer pegá-lo no pulo. Mas às vezes... – Anna bufou. – Talvez ela tenha ficado com medo de você querer tomar a pequena quando o confrontasse. Que droga! – Choramingou.

– Tudo está fazendo sentido. Tudo!

– Mas eu não vou perdê-las, Anna. Melissa precisa me ouvir.

Harry passou a frente. Costuramos alguns carros, Oliver tentou ligar para o aeroporto, mas estava dando ocupado.

– Estamos chegando.

Soltei meu cinto. Oliver estava suando e tudo parecia querer gritar. O carro parou em uma freada violenta. Saltou de um lado e Anna do outro. Apenas fiz o mesmo.

– Que horas são? – Corremos.

– 20h25.

– Droga!

Correu na frente empurrando algumas pessoas e quase sendo atropelado pelos

táxis de plantão. O saguão estava razoavelmente cheio. Era hora de embarque. Correu para a recepção, estava tremendo.

– O próximo voo para o Arizona.

– Saiu faz dez minutos, senhor.

– Pare ele. Não sei, mande voltar.

– Já decolou senhor.

Respirou fundo algumas vezes. Puxou o microfone da sua frente, respirou fundo secando as lágrimas.

– Senhor!

– Eu só preciso de alguns segundos! – Gritou a fazendo recuar.

Encarava algumas pessoas que estavam ali como se fosse acha-la. O avião já havia decolado. Anna chorava ao meu lado e Mona tentava acalmá-la. Oliver ficou por um tempo com o microfone, não sabia o que dizer, ou não sabia por onde começar.

– Lembra... lembra quando eu te conheci? Quando eu quase te matei atropelada? – Abriu um meio sorriso triste. – Acho que comecei a me arrepender da minha vida ali. Quando eu quase perdi a mulher da minha vida. Por favor, esteja aí, em qualquer lugar. Apareça e diga que pensou melhor, que não quer ir. Que confia em mim. Por favor, Melissa, não me deixe...

Harry estava chorando?

– Não faz isso Mel, não vá. Eu prometi que seria diferente e foi. Apenas fomos vítimas de uma armadilha, mas eu escolhi você. Eu a quero comigo para sempre, eu sei... já errei muito para ganhar sua confiança, mas dessa vez eu juro por tudo que é mais sagrado... Juro pela nossa filha que não fui eu. Eu comprei um apartamento novo, nosso, uma aliança para ser oficial o que eu quero e o que quero é você! Eu... eu preparei tudo, se eu soubesse... Teria feito antes. Mas eu queria fazer uma surpresa. Só quero que saiba que você é a mulher da minha vida. É só você... – Deitou a cabeça no balcão. – Volta...

O quadro de voo mudou os horários. Ela já havia decolado. Balancei a cabeça apenas quando me olhou. E eu vi medo pela primeira vez em seus olhos. Soltou o microfone o deixando cair. Arrastando os passos até nós.

– DESCE AQUELA PORCARIA AGORA! – Um grito rasgou a saída de embarque.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Dois seguranças seguravam uma garota pelos braços a tirando do chão enquanto ela se debatia.

– ME COLOQUEM NO CHÃO SEUS MONSTROS!

Melissa Sanders em grande estilo. Oliver parecia sem reação. Um sorriso bobo. Melissa pegou a cadeirinha onde Olivia estava e colocou em cima do balcão voltando aos seguranças. Estava sem um sapato, as meias coloridas rosa e amarelo, os cabelos indomáveis.

– Eu paguei pelas porcarias das passagens. Coloque aquela lata no chão ou eu vou colocar. – Gritou nas pontas dos pés para dar altura.

– A senhorita chegou atrasada.

Bufou.

– Já andou de ônibus na vida? Aquilo é o meio de transporte do demônio. Eu quero viajar. Eu preciso viajar. – Choramingou. – Por favor, eu tenho uma criança cansada aqui, isso é importante!

Uma das aeromoças lhe entregou o sapato que foi arremessado de novo. Harry gargalhou do meu lado.

– Essa é a Melzinha. Ela vai bater neles, alguém aposta?

Anna saltitou.

OLIVER

Eu só podia estar sonhando ou Deus estava sendo bom demais comigo. Ela não pegou o voo! E lá estava a mulher da minha vida, a responsável pelo meu desespero e culpa eterna. A mulher que não podia sair da minha vida, não sem um motivo real para isso.

– Olha aqui, eu estou louca para matar um hoje. Então não força.

– A senhorita perdeu o voo.

– Não me diga. Eu não sabia dessa. – Colocou as mãos na cintura respirando fundo.

Gargalhei. O segurança do fundo riu e ela lhe atirou o outro sapato.

– Cala a boca! – Gritou. – Por favor, me arrume um voo. Eu pago o dobro. – Suplicou.

Balançaram a cabeça.

– Que droga de aeroporto é esse? Eu quero o meu cachorro!

Voltaram com Apolo. Que latiu ao me ver. Meu garoto estava se divertindo.

– Eu desejo do fundo de minha alma que...

Apolo correu em minha direção a fazendo se virar. Soltou o sapato. Parecia de repente sem jeito e assustada.

– A onde pensa que vai sem ouvir o que tenho para dizer?

Encarou Olivia que me olhava curiosa. Me aproximei do balcão pegando mais uma vez o microfone.

– Um segundo – Pedi. – Por um tempo eu pensei que havia perdido metade de mim. Você não tem noção do quanto corri para chegar aqui, do quanto me segurei para não matar um até chegar aqui. Um dia você me disse algo sobre dar valor e perder. Eu deixei entrar por um ouvido e sair pelo outro, porque estava completamente cego por algo que nunca valeu apenas. Então eu descobri o sentido dessas duas palavras no segundo em que descobri que a havia perdido. Tem noção do que me fez sentir? Tem noção do quanto já me mudou? Sei que não mereço confiança, sei que fui um idiota por muito tempo. Mas tudo mudou quando você entrou na minha vida e deu razão a ela.

– Droga, eu estou chorando. – Eu não sei viver sem você, eu não sabia o que fazer quando a vi longe. Eu... eu tinha certeza que não tinha errado. Única, lembra?

– Vai Melzinha. – Harry urrou.

– Essa é sua família, a família que você mudou. Que simplesmente tirou os rótulos. Minha, única e eterna! Ou quanto tempo durar. Eu prometi que te diria quando você não fosse mais a razão da minha existência, e mesmo assim, não ficaria triste com quem ocuparia o cargo. Mas esse dia não chegou e se depender de mim nunca irá chegar. Porque a quero para sempre e se o sempre for dois, três, dez anos. Iremos vivê-los. Se for até ficarmos velhinhos, ótimo, vamos vivê-los também. Eu só não vou permitir que saia assim da minha vida. Que saia por uma mentira, que nos enganaram. Sou cheio de falhas e erros, mas ainda tenho caráter. Consigo ser um menino sem jeito de dizer tudo isso. Esse menino amadureceu para fazer sua escolha e não se arrependeu em nenhum segundo. E agora é o homem que está falando e eu digo que a quero comigo, que me dê uma chance de explicar tudo. Que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

acredite em mim e não vá embora... eu te amo Melissa Sanders... eu escolhi você!

Mordeu os lábios, as lágrimas me fazendo sentir inveja. Eu só queria abraçá-la e fazer minhas pernas pararem de tremer.

– Obrigado. – Agradei a mulher do microfone e fui em sua direção.

Mesmo que me rejeitasse, eu precisava dela. Puxei-a pela cintura, afundado as mãos em seus cabelos, sentindo seu perfume. Meu Deus, eu não podia deixá-la ir.

– Não... me deixe. – Pedi.

– Mas... ela...

Segurei seu rosto.

– Olha para mim. Isabel é meu passado, ela apenas se aproveitou de momentos para tirá-la de cena, a assustou a fazendo acreditar em coisas que nunca aconteceriam. Ela roubou a chave do apartamento, ela me seguiu na floricultura com Anna, ela passou a seguir meus passos para poder usá-los depois. Por isso ela pediu para esperar. Ela queria apenas enganá-la. E conseguiu pelo visto... por que não brigou como sempre fez? – Beije seus olhos.

– Eu... fiquei com medo de me tirarem ela de mim.

– Não seja absurda. Eu nunca faria isso.

Me afundei em seu pescoço.

– Nunca mais ouse me deixar, entendeu? Eu não vou deixar Melissa.

– Eu... vou matá-la. – Me beijou.

– Sinta-se à vontade.

Apelo latiu, corria pelo saguão.

– Eu preciso de testemunhas. – Gritei. – E acho que tenho o suficiente aqui, e só por curiosidade, tem algum padre ou juiz de paz? – Tentou me parar corando. Um senhor de cabelos brancos surgiu.

– Eu menino. – Se aproximou.

– Ótimo.

Melissa me encarou. Estava corada e não resisti.

– Não faz assim. – A beijei e secou minha lágrima com a ponta dos dedos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Respirei fundo e me ajoelhei. – Melissa Sanders... aceita se casar comigo e viver para sempre ao meu lado.

Estavam todos nos encarando.

– Posso pensar? – Brincou.

Harry gargalhou e Melissa piscou para ele.

– Aceito. Eu aceito ser feliz ao seu lado para sempre.

Beijei sua mão. Me pus a seu lado.

– Eu os abençoo meus filhos, e que essa jornada seja de grandes alegrias ao casal.

O senhor que julguei ser um padre simpático nos abençoou. Anna avançou para o meu pescoço me abraçando, quase me tirando o ar. Então foi a vez de Melissa. Nos perdemos nos aplausos e Apolo continuava a correr dando trabalho aos seguranças.

– Não nos mate mais do coração Melzinha e aproveita o padre aqui e vai se confessar. – Harry a soltou.

Melissa socou seu ombro.

– Vamos para casa, precisamos avisar a mamãe. – Anna gritou.

– Pelo amor de Deus Anna, não grita. – Mona pediu com o dedo no ouvido.

Melissa segurava minha mão com força. Harry ia na frente com Mona segurando seus sapatos que ela atirou nos seguranças. Estávamos na saída quando uma voz nos gritou. Uma mulher gordinha corria com uma cadeirinha em mãos e uma pequena sorridente. Olivia batia palmas.

– Vocês estavam esquecendo a criança. E aquele monstrinho ali. – Sorriu.

O segurança grandão trazia Apolo no colo. O único jeito de pará-lo. Harry não se aguentava de tanto rir.

– Essa família é louca mesmo, esquecendo os monstrinhos.

Melissa coçou a cabeça.

– Ah, eu esqueci. Ela não deu show para dizer "mamãe tô aqui".

Peguei minha pequena. Me sentia aliviado por tê-la em meus braços. E ela nunca sairia dali, era uma promessa.

– O papai não esqueceu de você.

Melissa me encarou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Vamos família. Tô com fome. – Harry resmungou.

– Eu também. Eu estava muito nervosa pra comer, pessoal.

– Quando é que você não tem fome Melissa? – Mona gargalhou e Melissa lhe mostrou o dedo.

America parou de chorar depois de alguns minutos e proferiu mil palavrões. Eu ri. Era engraçado. Olivia foi no carro com Mona e Harry. Melissa estava sentada em meu colo mesmo havendo um lugar no banco. Chorou baixinho, mas disse que não era de tristeza. Eu sabia, era medo e alegria. Perdê-la me causou a mesma sensação. Suas mãos acariciando minhas costas, seu perfume me inebriando. Beijou meus cabelos.

– Eu te amo. – Sussurrei em seu ouvido.

Sorri. Harry nos mandou uma mensagem, Mona, ele e a pequena fazendo palhaçada no carro. America buzinou.

– Essa vai para estante da mamãe. – Anna comentou. – Harry nunca vai crescer.

– Ele tem síndrome de Peter Pan. É normal na idade dele.

– Não mesmo America. – Gargalhei.

Chegamos logo depois. Mamãe já estava aos prantos, primeiro sufocou Melissa em um abraço, depois foi a vez da pequena. Melissa ficou em um canto com as meninas. Papai já ia começar os sermões, mas Harry me defendeu.

– Que bom que está aprendendo.

– Eu aprendi pai.

– Ela é uma boa garota, Oliver. E hoje em dia, está muito difícil achar pessoas assim. Não a perca, por isso sou feliz. – Fitou a mamãe. – Nunca perdi a minha.

Não vou perdê-la. É uma promessa.

CAPÍTULO 38

MELISSA

– Promete que nunca mais vai fazer isso Melissa? – America gritou abraçada ao meu pescoço.

– Prometo te levar. – Sorri e me bateu.

– Não vou deixá-la ir embora. Não vou deixá-la perder esses momentos, Mel. Você merece isso e muito mais.

Oliver gargalhava com Harry, ele não me soltou em nenhum segundo até eu precisar de um pouco de espaço. Meu coração batia irritantemente me avisando que nada passou de um susto.

– Vai ser difícil eu querer ir embora. Ainda se lembra de como tudo começou?

– Com você perdendo o emprego. – Riu. – E no dia seguinte oficialmente noiva.

Assim mesmo.

– Você o ama, não é?

Assenti. Incondicionalmente.

– Você precisava ver ele ameaçando aquela víbora desgraçada. Foi incrível.

– Oliver? Ameaçando Isabel?

Assentiu.

– Até ela ficou com medo.

Gargalhei alto demais.

– Medo ela vai ficar quando me ver.

– O que vai fazer?

– Colocá-la de vez no lugar dela.

Mona enlaçou meu pescoço.

– Oh meu Deus, vamos ter mais um MMA na família?

– Talvez, quem sabe.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Anna me contou toda mimada que havia batido em Isabel, foi engraçado ela contando. Harry se aproximou com uma cara de quem estava aprontando. Oliver logo atrás. A pequena nos encarava desconfiada.

– O que vocês fizeram com ela?

– Observe.

Harry a entregou ao Oliver. Mostrou-lhe um limão e ela pediu. Olivia colocou na boca e fez a careta mais linda que já vi na minha vida. E ela ainda riu.

– Oh meu Deus! – Mona bateu nele.

– Ela gosta, amor.

– Harry não pode ter filhos, ele acha que são brinquedos. – Mona sorriu.

Fomos embora depois do jantar que por sinal, saiu tarde pelo horário que chegamos. Me sentia ligada demais, elétrica demais. Oliver fez Olivia dormir, me puxou pelos pés me beijando. Eu só queria chorar e sorrir.

– Como isso é bom. – Sussurrou.

Segurei seus cabelos.

– Muito bom.

Me soltou.

– Um segundo. – Sussurrou em meu ouvido. Bateu o pé quando ia saindo e xingou baixinho.

– Eu ouvi isso.

Gargalhou. Me joguei na cama fitando o teto. A essa hora eu estaria no avião, eu teria perdido tudo. Aguentei todo esse tempo porque tudo o que se passava na minha cabeça era: ele tem dinheiro, ele pode tomá-la de você. Mas agora, com tudo esclarecido, eu posso exterminar até o último ser da terra se eu quiser. Oliver me assustou se jogando em cima de mim. Tapei a boca abafando o grito.

– Quer me matar?

– Olha que se fosse há meses atrás eu até queria. – Sorriu. – Hoje pretendo te matar de outra maneira.

Enlacei sua cintura.

– Muito engraçadinho. – Beijou minha testa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Pronta para o seu presente? – Perguntou.

– Presente?

Colocou uma caixinha na minha frente.

– Uma noiva precisa de uma aliança.

– Oliver...

Me beijou.

– Não diga nada... apenas aceite.

Afundei os dedos em seus cabelos.

– Obrigada.

– Eu que agradeço... não sabe o que senti quando vi que não estava aqui. E é bom que aquele Daniel entenda que não tem nada aqui. Porque você é minha.

Daniel! Eu precisava falar com ele.

– Sua? Quem te disse isso?

Segurou meu rosto.

– Eu estou dizendo. É bom não se esquecer disso.

– E você vai fazer o que se eu esquecer?

Mordeu meu ombro.

– Esse joguinho é perigoso.

– Eu amo o perigo...

Seus olhos faiscaram. Eu sabia que a noite só estava começando e foi a noite que realmente eu percebi o que é amor, foi a noite que nos amamos por muito tempo. Em pequenas e grandes promessas. Foi um momento que me fechei, onde ninguém poderia entrar. Era nosso mundo. Era meu e dele.

– Eu te amo. – Me puxou para mais perto.

Eu ia irritá-lo, mas estava cansada demais. Perdida demais para isso.

....

Sete da manhã. Que diabos Anna me acordava às sete da manhã?

– Melissa, levanta daí! Já! Não sou obrigada a ver essa bunda branca em plena manhã. – Me jogou o lençol. – Acordou?

Meu cabelo devia estar lá em cima.

– O que você quer a essa hora pelo amor de Deus?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Compras baby, compras. Agora vá tomar um banho, ficar bonita antes que America e Mona subam aqui e te arraste lá para baixo e não se preocupe, Olivia está com a mamãe. Foram a um passeio e o Oliver está no escritório com o Harry.

Me arrastei até o banheiro.

– Precisa de um sol.

– Olha quem fala! – Gritei batendo a porta.

Tomei um banho rápido, em minutos já estava pronta. Anna me arrastou até o elevador. Eu quase dormi em pé. America foi a primeira a protestar. Elas deviam saber que Olivia gritou a noite toda.

– Bom dia para você também amor da minha vida.

– Da próxima vez eu vou te acordar.

Gargalhei. Anna passou uma lista de lugares aonde iríamos, eu quase morri.

– Vamos começar pelas lojas de vestidos.

– Eu já me casei de vestido Anna.

– Mas era de mentirinha. Esse vai ser de verdade. E já tenho vários em mente.

Me encostei.

– Me chamem quando chegarmos.

Minutos depois Mona me arrastava do carro.

– Sabe, acho que meu cabelo não precisa mexer. Ele está bom.

– Pare de loucura Melissa, seu cabelo está horrível, morto, feio...

– Eu entendi Mona. Vamos cuidar dele também.

Anna me levou a uma loja de sapatos, me encantei pelos dez primeiros. Mas ela queria que eu levasse um que eu tinha certeza que cairia e levaria quem estivesse do meu lado.

– Por que o meu não pode ser igual ao da America?

– Olha o olho gordo Melissa, fica com o seu.

Anna olhava o relógio de minuto a minuto.

– Vamos ver o seu vestido.

– Eu posso escolher dessa vez?

– Que seja algo decente.

Rodamos quase todas as lojas e eu não achei o que queria, até Mona aparecer com um que parecia perfeito.

– Eu gostei.

– Vá ver como ele fica.

Passamos mais um tempo na loja, Anna não reclamou e até gostou do modelo. Me levaram a um salão que quando coloquei o pé, já queria sair. America gargalhou da minha cara.

– Para ficar bonita tem que sofrer.

– Eu já sou bonita.

– Então vai ficar um pouquinho mais.

Não gostei quando começaram a puxar meu cabelo de um lado a outro. America parecia tranquila do outro lado, aí que eu achei que era uma conspiração contra mim. Outras duas mulheres fizeram minhas unhas, mais um tempo de molho e me soltaram.

– Está linda Melissa.

E sentindo que arrancaram minha cabeça. Anna virou a cadeira e sorriu. Me encarei no espelho por alguns segundos.

– Tá legal, meu cabelo estava horrível. Mágica, eu adoro isso.

Percebi a diferença no olhar das pessoas. Mas eu nunca me importei muito com isso, eu era a estranha no meio de três lindas mulheres, eu sou aquela amiga que mesmo cheia de reboco ainda pareceria diferente. Mona dirigiu dessa vez, eu queria uma lanchonete simples de beira de estrada, mas elas optaram por uma no centro. Estacionamos e segundos depois um carro, logo a nossa frente.

– Que lindo! – America comentou.

Gargalhei quando vi quem desceu.

– Que lindo mesmo. – Anna ia descendo quando a parei. – Espera.

– O que você vai fazer Melissa? – Mona me encarou.

– Relaxa, não vou pisar no acelerador de propósito para atropelá-la.

Na rua estava acontecendo as obras do metrô onde um pequeno trem passava em manutenção. Seria terrível se um desses passasse em cima de uma

belezinha [\[DM4\]](#)daquelas.

– Fiquem aqui. Já volto.

Anna já ria sem nem saber o que eu ia fazer. Joguei o cabelo de lado, arrumei a roupa, certo, estou longe de ser "aquela deusa", mas vai. O manobrista ia dar a volta quando me aproximei da janela.

– Oi.

– Boa tarde senhorita.

– Não precisa estacionar, eu esqueci a carteira e vou ter que buscar. É rápido.

– Mas...

– Sei, minha prima pediu. Isabel. Eu cheguei primeiro, só estava esperando elas. Quer que eu vá chamá-la? Mas já aviso... Vai perder a gorjeta por não confiar na minha palavra.

Respirou fundo e saiu me entregando a chave.

– Só tome cuidado, não pare na vaga da esquina porque estão em obra e é até pecado um carro desse ser destruído.

– Obrigada pela dica.

Eu precisaria de um banho depois que saísse daquele ninho de cobras. Parei ao lado do carro de Mona e elas abriram a janela.

– Me esperem. Não demoro. – Pisquei.

– Você roubou o carro?

– Não.

Dei duas voltas para passar o tempo e estacionei bem na vaga onde não devia. Uma placa indicava que o trenzinho passava de vinte em vinte minutos. Como não estava nos planos eu ficar ali, temos dez minutos. Estacionei e saí, lindamente. Bati no vidro e Mona sorria.

– Melissa, o que você fez?

– Eu? Nada. Apenas uma demonstração do que posso fazer agora que sou mãe.

Anna enlaçou meu braço no dela. Entramos, mas só fizemos hora. Assim que Isabel me viu, me levantei. Eu não aguentava muito tempo. Eu aguentei tempo demais.

– Olá. – Apenas me encarava. – O que? Agora não tem palavras? Senti falta

das suas ligações, por que resolveu parar?

– Por favor. – Uma das loiras começou.

– Meu problema não é com você, é com ela. – Bati as mãos na mesa. – Vou te dar um último aviso, escute bem, para não se esquecer. – Isabel se afastou um pouco. – Se cruzar o meu caminho, ou tentar tomar o que é MEU, você vai ir mais cedo para o inferno. Porque eu mesma vou te mandar. Dessa vez não vai haver plásticas para consertar nada. Não vou te dar esse gostinho. – Segurei seu rosto colocando toda minha força. – Espero que tenha me entendido. Porque se não fiz nada antes por medo, eu vou fazer por coragem. Vamos, perdi a fome.

Elas deviam estar se perguntando "por que você não bateu nela?". Porque ela era idiota o suficiente para me seguir. Abri a porta sentindo o ar puro. Isabel segurou meu braço.

– Isso não vai ficar assim. Ele é meu, entendeu bem? Ou acha que ele vai ficar para sempre com uma vadia aproveitadora?

Apenas a acertei, senti meus dedos queimando ao se chocar contra seu rosto. Isabel estava no chão me encarando e respirando fundo.

– Está vendo isso aqui? – Mostrei a aliança. – É o anel da aproveitadora futura Digori. – Sorri. Dois minutos. – E para reforçar o que eu disse lá dentro. Esquece o que é meu, ou vou começar a cumprir com o que digo.

Um apito forte soou e o impacto foi digno de cinema. Seu carro deslizou pela rua até parar. E adeus carro de luxo.

– Meu carro! – Gritou.

– Estamos entendidas agora? – Me encarou. – Ótimo, estamos.

Segui na frente. Uma roda se formou onde o carro parou acionando o alarme no que sobrou dele. Ainda queria voltar lá e falar tudo o que segurei, ainda queria fazê-la sentir o que senti. Mas estava sendo o suficiente, por agora. Abri a janela e acenei.

– Pense pelo lado bom, podia ser você lá dentro. Tenham uma boa tarde.

As três me encaram sem acreditar.

– Eu ainda estou com fome. – Liguei o motor. – Vocês não estão?

– Eu não acredito que você destruiu aquele carro. – America ainda observava a multidão se formar.

– Não fui eu, foi o trenzinho.

– Por que não bateu nela? – Anna me encarou.

– Porque eu sinto pena dela, por ser tão vazia. E eu estou feliz e nada pode mudar isso. Nem ela.

Paramos em uma lanchonete. Anna me fez comer rápido e seguimos para a casa. Olivia estava aos gritos. Fome, eu sei como é isso. America me ajudou com as sacolas e Anna a levou para o quarto comigo.

– Posso respirar Olivia? – Perguntei e ela se calou. – Boa menina.

Anna a entregou quando me vi livre de muita coisa. Ainda me pegava rindo com a história do carro, esperando alguma ligação de denúncia. Voltando as origens. Olivia dormiu no peito e com muito cuidado consegui tirá-la. Ia saindo quando Anna e Mona me prenderam no quarto.

– Agora não. Vai para o chuveiro.

– O que deu em vocês hoje? Temos um almoço, não?

– Só obedeça. – Mona mandou. Anna tirou a pequena do quarto.

Fiz o que me mandaram. America gritou para não molhar o cabelo, do jeito que sou se não tivesse avisado, seria água no cabelo. Sai pouco depois enrolada na toalha que por sinal, era de Oliver. Meu vestido estava na cama.

– Certo, perdi alguma coisa?

– Não, mas vai perder. Vem logo, Tara quer vê-la.

Mona me ajudou com o vestido. Respirei fundo e consegui me equilibrar no salto mais fino que já usei na vida. Ajeitou meu cabelo e dei de cara com Anna na porta segurando...

– Um buque? O que está acontecendo na verdade?

– Seu casamento onde há um noivo nervoso. – Sorriu.

– Meu... casamento? Hoje? Agora?

Assentiram.

– Estamos quase atrasadas. Podemos sair?

– Eu preciso respirar.

– Respira no carro. – Me arrastaram para fora.

De repente a casa estava vazia. Um tempo só meu, foi assim até o carro. Harry me abraçou quase me sufocando e dessa vez não reclamei. Tentei

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

abraçá-lo igual, mas não tinha força. Não com ele. Um filme começou a rodar em minha cabeça, desde o começo e um pouco atrás. Um dia me falaram que eu nunca acharia alguém que me quisesse, que não me encaixo no meio social... Um dia fiz da diversão minha válvula de escape para enfrentar o mundo, onde me via completamente sozinha. Tinha America, mas ela tem uma família, ela sabia para onde ir quando precisava. Eu não tinha nada. Nem direção.

As coisas nunca foram fáceis para mim, e até os últimos segundos do segundo tempo me vi perdendo. Até tudo mudar e dessa vez eu sinto, vai ser diferente. Porque achei alguém que me ama do jeito que eu sou, e não como querem que eu seja. Eu ganhei uma das joias mais preciosas da minha vida. Eu ganhei um filho. Minha vida mudou bem diante dos meus olhos e só percebi isso agora. Nunca fui de entregar os pontos, mas sei quando preciso parar. E agora vou recomeçar do zero. Com a minha família. Minha família.

– Preparada. – Harry perguntou me acordando. – Até aqui você dormindo?

– Cala a boca seu idiota.

– Agora acordou.

– Deixe ela em paz, Harry. – Edgar entrou na frente.

– Mas foi ela. – Resmungou com um sorriso brincalhão.

Edgar segurou minha mão e beijou minha testa como fez da primeira vez.

– E nós mais uma vez.

Sorri.

– Boa sorte querida.

– Obrigada.

Fechei os olhos e contei mentalmente até dez, subindo cada degrau da mesma igreja. Abri os olhos e dessa vez vi meus amigos ali, Eric, George, Bruno... Beni e Lucia, os melhores amigos do meu pai estava ali. Parei para beijá-lo no rosto, eu tinha tanta coisa para contar, o quanto eu senti sua falta. Eu sabia que trazê-los havia sido um presente de Scott, Lucia tinha lágrimas nos olhos. Estavam todos ali, dessa vez eu não estava sozinha. Mas meu coração bateu na mesma intensidade que da primeira vez quando o vi Oliver Digori parado me esperando, um sorriso mudou tudo, era algo palpável, era meu. Segurei as lágrimas ao ver minha pequena, ela sorriu para mim. E os

passos foram diminuindo, diminuindo, acabou. Oliver tocou minha mão e beijou minha testa.

– Pensei que não chegaria senhora Digori.

– Pega de surpresa senhor Digori.

Meu coração podia ser ouvido por toda igreja, alto e forte. Fechei os olhos e me controlei. Um dia não dei muito valor aos votos, hoje, ouvindo cada palavra meu coração batia forte. Eu queria que chegasse logo a parte do sim, mas esperei pacientemente. Oliver tinha lágrimas nos olhos e isso fazia com que as minhas viessem também. E quando encontrava meu olhar, me fazia esquecer o mundo. Me virei calmamente para ele. Era hora.

Quando ouvi as palavras do padre soar, um filme se passou em minha cabeça. Foi mais forte que da primeira vez, foi intenso. Agora eu não precisava esconder as sensações, eu devia deixa-las falar por si só. Quando Oliver disse seu "sim", minhas pernas fraquejaram. Era real, então foi a minha vez e pensei que as palavras não iriam sair.

– Sim, sempre. – A lágrima escapou e Oliver não esperou pelo "pode beijar a noiva".

Por algum motivo, esse foi o melhor de todos. Esse foi um voto de confiança. Amor, amizade. Que seja eterno, apenas meu. Esqueci aplausos e as piadinhas de Harry até nesse momento. Esqueci-me de tudo. Me sentia completa pela primeira vez.

– Minha. E eu que estou dizendo.

Beni estava feliz por mim. Me abraçou, era um novo capítulo. Era minha nova história.

– Vamos jogar arroz nos noivos. – Harry gritou e me virei.

– Harry, dessa vez eu acabo com você. – Gargalhou e me jogou o maldito arroz me fazendo cuspir. Oliver me puxou.

– Hoje é o melhor dia da minha vida.

– Está na minha lista. – Sussurrou.

– E qual foi o primeiro?

– Quando te conheci, e quando tive a pequena. Eles ocupam o primeiro lugar. Porque eles mudaram tudo... obrigado, por ter me aceitado.

Me beijou, me sentia sem ar, mas que se dane. Ia morrer feliz. Joguei o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

buque, America pegou. Oliver me tirou para dançar depois de todos os garotos e Harry.

– Já sei o que fez com um certo carro de luxo e estou muito chateado. – Sussurrou em meu ouvido.

O encarei.

– Por quê?

– Porque eu não estava lá para ver. – Sorriu.

– Era melhor não. Eu não a quero perto de você.

Sorriu me beijando.

– Já sei para onde vamos.

– Onde?

– Surpresa. Mas sei que irá gostar. Quando quiser, podemos ir. E vamos levar a pequena.

– Lua de mel com a Olivia?

Me beijou de leve.

– Ela nunca atrapalhou e não se preocupe, ela tem um lugar.

– Podemos ir agora?

Me puxou para mais perto.

– Com certeza.

America me ajudou com o vestido. Eu sabia que estava faltando alguma coisa, então aproveitei meu tempo a sós e liguei para ele. Daniel era uma parte importante da minha vida, ele havia sido o meu caminho mais fácil. O primeiro que me enxergou, que amou, que aceitou meus defeitos. Mesmo não dando passos longos, eu sabia que sempre foi assim. Mas eu amava outra pessoa. Eu o amava.

Anna avisou da minha chegada, nossas coisas já estavam no carro e Olivia passava pela família para se despedir. Harry acenou mostrando que teríamos de aturá-lo novamente, sempre seria o chofer, isso não era problema. O problema era suas recomendações.

– Tá Harry, eu já entendi. Ela não vai crescer uma criança traumatizada.

– E nada de chantili perto dela.

Gargalhei, o infeliz nunca ia se esquecer disso. Me abraçou quando chegamos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

no aeroporto.

– Boa viagem Melzinha e bem-vinda a família. Sem você essa família não tem graça.

– Obrigada.

Se despediu de Oliver e da pequena e então era apenas nos três. Oliver segurou Olivia e apertou minha mão seguindo para a fila de embarque. Minha barriga estava dando voltas de nervoso. Eu nunca me senti tão feliz em toda a minha vida, era estranho.

– Eu te amo, não me canso de dizer isso. – Sussurrou.

– Não me canso de ouvir.

Acho que dormi por algumas horas. Oliver me chamava pacientemente avisando que havíamos chegado e que um carro nos esperava. Olivia ressonava na cadeirinha agarrada a um urso. Ainda era cedo, Oliver guardou nossas coisas, Apolo dormia em um espaço logo atrás preso na casinha. Pegamos a estrada, apenas observava tudo com a sensação de já ter tido estado ali. Oliver tocou meu rosto e então comecei a entender onde estávamos.

– Bem-vinda ao Texas. – Não consegui segurar as lágrimas. – Não chore, eu sei que queria vir até aqui. – Afagou meu cabelo.

Os minutos foram passando, até eu ter as melhores lembranças da minha vida. Oliver saiu e abriu a porta para mim depois de soltar Apolo e pegar Olivia ainda dormindo. Meu balanço estava consertado, a casa estava pintada com as cores antigas de quando eu ainda era pequena. O jardim não parecia mais uma selva.

– Como? – Perguntei.

– Fiz amizades com uns garotos e um certo padrinho de casamento.

– Como eles não me contaram?

– Era surpresa. – Sorriu.

Mais uma vez voltei ao passado. No meu passado bom, onde fui feliz ali. Na simples casa na pequena grande Texas. Oliver abriu a porta, era difícil de acreditar. Estava tudo como eu havia deixado, sete anos atrás prometendo voltar.

– Mamãe viajou até aqui só para arrumar cada detalhe.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Segurou minha mão e me levou para o segundo andar. Meu quarto, agora um quarto de bebê, onde Olivia já dormia, o quarto do meu pai, agora era nosso. As madeiras velhas foram trocadas, eu apostava que não havia mais goteiras. Eu não conseguia acreditar.

– O que achou?

– Eu não merecia isso tudo... eu... até estava pensando em arrumar antes que isso caísse. – Sorri nervosa. – Um dos motivos por ter entrando nessa. – Divaguei.

– Você merece muito mais. – Me puxou me fazendo cair na cama. – Porque você é minha vida agora.

Senti seu toque... era mágico, era incrivelmente perfeito. Era a entrega mais doce e pura.

– Eu só preciso... nunca perdê-la.

Seus lábios se moldaram ao meu no último fio de pensamento que tive antes de começar o primeiro capítulo da minha vida. Eu havia sido e era importante para alguém. Eu era a sua vida. E tudo fazia sentido.

– Nunca. – Sussurrei.

– Para sempre?

– Para sempre.

FIM

[\[DM1\]](#)Reeavaliar cap

[\[DM2\]](#)rever a cor do cabelo dela e seus olhos

[\[DM3\]](#)Seguir a cronologia da gravidez

[\[DM4\]](#)Repensar se é trem ou carro msm, por causa da cidade

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI